



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**RENATO ÂNGELO DE ALMEIDA MOREIRA**

**O FLORESCER DA ROSA DIGITAL**  
***PERSPECTIVAS PARA A FORMAÇÃO DA CIDADANIA DIGITAL EM***  
***UM ESTUDO SOBRE A ESCOLA DE INFORMÁTICA E CIDADANIA***  
***(FORTALEZA-CE)***

**FORTALEZA - 2008**

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!



**Universidade Estadual do Ceará**  
**Renato Ângelo de Almeida Moreira**

## **O Florescer da Rosa Digital**

*Perspectivas para a formação da cidadania digital em um estudo  
sobre a Escola de Informática e Cidadania (Fortaleza-CE)*

Dissertação apresentado ao curso de Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito para a obtenção do grau de mestre em políticas públicas e sociedade.

**Orientadora: Maria Celeste Magalhães Cordeiro**

**Fortaleza – CE**  
**2008**

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Vivemos em uma sociedade profundamente dependente da ciência e da tecnologia e na qual ninguém sabe nada sobre estes temas. Isso constitui uma formula certa para o desastre.

Carl Sagan

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

## **Agradecimentos**

Foram inúmeras pessoas a quem devo agradecimento pela realização deste trabalho. Assim, correndo o risco de cometer injustiças cito aqui algumas rogando para que todos se sintam contemplados: Agradeço a minha família, Neyana Paulino, Ana Beatriz, Diana Moreira (e João Vianey , *in memoriam*), André Luis e Sueli Moreira, Maria Helena, Francisca Maria, Maria Ribeiro de Almeida (Vó Cotinha), todos os tios e tias, a minha orientadora (pela infinita paciência e dedicação altruísta), aos professores da Banca examinadora Bosco Feitosa e Germano Jr., aos professores do mestrado Horácio e Helena Frota (pela confiança em minha capacidade), Hermano Lima (pelo coleguismo e amizade), Gil Jacó e Rosemary Almeida (Grandes amigos e inspirações intelectuais), Mônica Martins (por toda a ajuda e apoio sinceros), ao revisor estilístico e gramatical professor Vianey de Mesquita, a todos os colegas do mestrado, a Maurício (digitador), a todos do CDI e da ACF que sempre me receberam tão bem (Ana Paula, Charles, Breno Lima, Wesley Loureiro) e da ACF (Jóia, D. Lobelita Cavalcante de França, assim como todas as pessoas da direção), aos alunos da EIC (pela paciência, compreensão e ajuda), a todos os amigos do CEA, aos professores Amauri e Efigênia da Silva e especialmente aos professores Ernesto Barón e esposa pela ajuda constante e dedicação irrestrita. Agradeço ainda a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste humilde trabalho.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

## Resumo

A racionalidade científica, expressa desde a aurora da era moderna, denota o inexorável avanço das tecnologias da informação e comunicação. Esse processo, entretanto, oculta a contradição silenciosa do distanciamento entre dois pólos sociais, os incluídos e excluídos digitais. O que se tem chamado de *digital divide* desafia organizações públicas e privadas em todo mundo e principalmente nos Países em desenvolvimento, onde a infraestrutura informática, pedagógica, como também as ações de políticas públicas ainda carecem de amadurecimento e definição mais precisas de seus conceitos. O Nordeste engloba as maiores taxas de exclusão digital do Brasil, o que demanda uma efetiva constituição de formas de enfrentamento a este estado de coisas. Este estudo analisa as origens da sociedade da informação, as novas formas de sociabilidade virtuais assim como as dinâmicas de luta contra o *apartheid* digital. Tomamos como objeto o CDI – Comitê para a Democratização da Informática, uma das instituições pioneiras no País de acesso às novas tecnologias a populações de baixa renda e outros grupos excluídos. Escolhemos como unidade empírica de estudo uma das EIC – Escola de Informática e Cidadania – uma das mais antigas no Estado do Ceará, chamada EIC-ACF (Associação Cristã Feminina) localizada no Bairro Luciano Cavalcante, em Fortaleza.

Palavras chave: Inclusão digital, modernidade, cidadania digital, democracia informática.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

## **Abstract**

The scientific rationality, definite from dawn of the modern era, shows the implacable advancement of the technologies of the information and communication. This process, meantime, hides the silent contradiction of the distancing between two social poles, the included ones (insiders) and the excluded ones (outsiders). What has been called of digital divide that it challenges organizations, public and deprived, in any world and principally in the Developing countries, where the infrastructure of computer science, pedagogic, like also the actions of public politics they still lack for more precise maturing and definition of his concepts. The Northeast includes the biggest taxes of digital exclusion of Brazil, which demands an effective constitution of struggling forms to face this state of things. This study analyses the origins of the information society, the new virtual forms of sociability as well as the dynamic ones of fight against digital apartheid. We take as object the CDI – Committee for the Democratization of the Computer science, one of the pioneers institutions in the Country of access to the new technologies to populations of low income and other excluded groups. We choose like empirical unity of study one of the SCC – School of Computer science and Citizenship – one of the most ancient in the State of the Ceará, called EIC-ACF (Christian Feminine Association) located in the District Luciano Cavalcante, in the city of Fortaleza.

Key words: Digital inclusion, modernity, digital citizenship, democracy computer science.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 O CULTIVO DA ROSA DIGITAL</b> .....	17
<b>1.1 Visões teóricas da modernidade</b> .....	17
<b>2.2. Entre a racionalidade e o desenvolvimento da técnica no ambiente social</b> .....	26
<b>2. 2. 1. O plano da racionalidade e as alterações socioculturais da tecnologia em sociedades simples</b> .....	28
<b>1.3. Modernidade tecnológica industrial e as Tecnologias Informáticas</b> .....	34
<b>1.4 Sociedade industrial e sociedade da informação</b> .....	41
<b>1.5 Novas formas de sociabilidade para a Sociedade da Informação</b> .....	48
<b>1.5.1. As dinâmicas excludentes circunscritas à Sociedade da Informação</b> .....	51
<b>1.5.2 Críticas às formas de sociabilidade virtual</b> .....	59
<b>3 DA JUVENTUDE, EIC e SOCIABILIDADE VIRTUAL</b> .....	72
<b>3.1 Processos de infoexclusão e urgência da inclusão digital</b> .....	72
<b>3.2 O enfrentamento conjunto do desafio da infoinclusão pela sociedade civil e poder público e o diferencial do CDI</b> .....	82
<b>3.2.1 Breve tipologia dos Centros de Inclusão Digital</b> .....	86
<b>3.3. A informática e educação popular como proposta de escape – o caso das EICs</b> .....	88
<b>3.4 Considerações acerca da juventude como objeto</b> .....	92
<b>3.4.1 Considerações históricas e culturais acerca da juventude</b> .....	93
<b>3.5 Juventude e vulnerabilidade social no contexto da inclusão digital cidadã</b> .....	97
<b>4 OS JARDINEIROS, ESPINHOS DIGITAIS E SUA PODA</b> .....	102
<b>4.1 Breve histórico do CDI na constituição da “cidadania digital”</b> .....	102
<b>4.2 Ação geral do CDI e das EICs</b> .....	105
<b>4.2.1 Administração das EICs: aspectos gerenciais e principais entraves</b> .....	113
<b>4.2.2 Proposta político pedagógica do CDI (PPP): um diferencial</b> .....	117
<b>4.3 EIC Luciano Cavalcante: unidade empírica de estudo</b> .....	122
<b>4.3.1 Dos educadores sociais de informática: dedicados jardineiros</b> .....	130
<b>4.3.1.1 Dificuldades: os espinhos do processo</b> .....	131
<b>4.3.2 Das Conquistas</b> .....	146
<b>4.3.2.1 A incorporação de novos conceitos e atitudes</b> .....	146
<b>4.3.2.2 O fortalecimento de laços culturais e vivências cidadãs</b> .....	153
<b>4.3 Educandos: de contempladores a colhedores</b> .....	158
<b>4.4 Elementos para uma cidadania digital inclusiva</b> .....	162
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	171
Referências Bibliográficas .....	176

## INTRODUÇÃO

---

Devemos advertir o leitor de que este trabalho não se dispõe ao estudo da informática sob o ponto de vista técnico, nem será útil aos expertos em computação, programação, *web design* etc, a não ser que estes se sensibilizem com o despertar de uma nova vertente desta disciplina, qual seja, uma dimensão mais sintonizada com o aspecto humano e social, voltada aos câmbios necessários para que seja mais bem aproveitada por todos.

O começo do século XXI trouxe consigo a reafirmação de que vivemos em um mundo cada vez mais interativo, virtual, dinâmico, informacional, no qual a informática parece desempenhar um papel central como técnica que a tudo isto tornou possível. O computador saiu dos distantes laboratórios científicos para se tornar quase um eletrodoméstico comum e corrente capaz de tornar a vida mais simples, e mesmo quem não o possui sente sua vida ser por ele alterada de alguma maneira.

Nestes momentos em que a candidatura e eleição de um democrata negro nos Estados Unidos foi possível tendo com um dos principais diferenciais o uso do recurso “*Web*”, amplificando a visualização de seu programa de governo em um *site* sintonizado com os novos tempos, que contemplava variadas etnias, e ainda ampliou em muito os portais de doação para sua campanha, a rede mundial de computadores confirma seu papel de protagonismo no campo político, mas não só nele.

A Internet realizou maravilhas em termos de interconectividade, acesso a conhecimento, difusão de saber, lazer etc. Mesmo ainda em princípio, a revolução da interatividade virtual já expressa seu grande potencial nos campos da política, negócios, ciências, cultura, etc.

No “dilúvio de informação” virtual democrática, entretanto, pode-se vivenciar outro efeito desta dinâmica. Quando poucas vozes se levantam, dentre os muitos que se calam, seu efeito é potencializado além da energia original, impactado pelo contraste, instigado pelo exemplo e aumentando a responsabilidade pelo que se fala. Na multidão de vozes aleatórias haveria, diminuição de atenção, pois, quando muitos gritam, procura-se escutar somente o que se quer e o diálogo real inexistente, pois este só se realiza na dialética dos discursos contraditórios. Nesta babel, virtual busca-se o que se quer ouvir, tornando turvas as concepções marginais à centralidade de opiniões prévias dos interlocutores, e, além disso, a confusão dos espíritos (SANTOS:1998) é mais propícia quanto mais diálogos vazios existem.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

O fato é que o mundo da informática possui, é verdade, além de seu lado perigoso e desregulado, sua face útil, e isso nos leva a outra questão: como incluir aqueles que por diversos motivos se encontram fora do grupo de acesso a estas tecnologias e as suas oportunidades? Como fazê-lo de forma responsável? Da inegável urgência de propiciar acesso a estas tecnologias informáticas por parte de grupos sociais vulneráveis e minoritários, nascem inúmeras iniciativas, tanto públicas quanto privadas, no sentido de equalizar um pouco mais oportunidades sociais.

Neste sentido é que nos dedicamos aqui ao estudo de uma das instituições pioneiras no Brasil no que concerne à disponibilização de acesso das novas tecnologias a populações de baixa renda e outros grupos excluídos. O **CDI** – Comitê para a Democratização da Informática – por ser uma iniciativa não governamental (ao menos na sua origem), por ter um pronunciado desenvolvimento não somente no Brasil e por propor uma abordagem diferenciada da informática, chamou-nos a atenção. Escolhemos então como unidade empírica de estudo uma das **EIC** – Escola de Informática e Cidadania – mais antigas no Estado do Ceará, chamada EIC ACF (Associação Cristã Feminina – instituição parceira) localizada no Bairro Luciano Cavalcante, a qual atende pessoas deste e de outros bairros vizinhos. Para que possamos compreender o objeto empírico já citado, sentimos urgência em compreender a ação voluntária centralizada no uso de computadores como gancho básico para uma aproximação das camadas populares aqui já descritas, atentando para os comentários críticos dos próprios jovens sobre o estudo em curso, relativizando visões, compreendendo o estabelecimento de identidades e como a pertença a vários grupos (redes, círculos sociais, etc.) proporciona uma multidimensionalidade do mundo real (SCHUTZ *in* VELHO, 2003).

Nosso objetivo geral foi analisar a “inclusão digital” propiciada pela EIC ACF como meio de fortalecimento da ação cidadã entre jovens em condição de vulnerabilidade social e entre educadores vinculados à ONG. Os objetivos específicos foram: compreender as implicações políticas da Tecnologia Informática na formação da cidadania de jovens em situação de vulnerabilidade; discutir as noções de modernidade, inclusão digital e as perspectivas para a formação de uma cidadania digital; estudar uma suposta alteração de comportamento vinculado à participação político-cidadã dos agentes sociais estudados, e analisar a consciência desta participação político-cidadã que, como corolário, emergiria supostamente deste processo de inclusão digital ligado à metodologia específica do CDI.

Dentro das questões comentadas, destacamos a necessidade de uma aproximação do

objeto, tal como propõe a pesquisa participante na visão de Thiollent (2002:15), isto é, “sum-

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

tipo de pesquisa baseado numa metodologia de observação participante na qual os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com pessoas ou grupos da situação investigada com o intuito de serem melhor aceitos”. O aproveitamento dos indivíduos em sua singularidade e a apreensão destas situações dar-se-ão por meio da perspectiva interpretativa dos pormenores culturais em Velho (2003), Geertz (1989) e Zaluar (1994).

Na busca de fugir das armadilhas dos objetos pré-constituídos, é que seguimos o indicado por Bourdieu (1989:36), investigando a história social do objeto, dos conceitos, como também dos problemas postos na pesquisa. O objetivo do trabalho de campo, como já citado, consistia em investigar o choque agônico entre o campo da informática (concebido como campo cultural<sup>1</sup>) oferecido pela didática do CDI corporificada pela experiência concreta da EIC citada, e o local social de origem dos jovens em situação de vulnerabilidade social. Ademais, foi nosso foco compreender as consequências (e impactos) que esta experiência específica provoca em termos da construção de um novo *habitus*, como também da alteração de comportamento estruturante estritamente vinculado às práticas e condutas ante a participação político-cidadã dos agentes sociais estudados e a consciência desta que, supostamente, adviria neste processo.

Tomamos como pressuposto a noção de que o homem é um ser preso a teias de significado que ele mesmo teceu<sup>2</sup> e, com isto, compreendemos que não existem verdades objetivas ou absolutas nas ciências sociais, nem também nas teias semióticas de relações estruturadas (e estruturantes) nas quais os agentes sociais atribuem os significados de suas ações e falas. Recorreremos, ainda, a Bourdieu no tocante à compreensão das redes de relações e significados por meio das categorias analíticas de *habitus* e campo. Tomaremos a noção de campo como “uma estenografia conceptual de um modo de construção do objeto que vai mudar – ou orientar – todas as opções práticas da pesquisa”. (BOURDIEU, 1989:27). Assim, as relações entre as particularidades do campo educativo da informática (como indicativos de novos capitais culturais dos agentes) e o local social dos jovens em situação de vulnerabilidade social (tomados como agentes sociais) nos outorgarão uma compreensão mais abrangente do objeto estudado, salvaguardando o conjunto de relações do qual ele retira o principal de suas propriedades.

Buscamos compreender com o uso desta categoria analítica, em outras palavras, a referência cruzada entre o campo da informática (politicizada) e o lugar social de origem dos

---

<sup>1</sup> Cf. BOURDIEU (1989)

agentes sociais, a qual proporciona mudanças no seu sistema de visão de mundo. A percepção do computador como um *bem cultural* o põe no centro de uma hierarquia cultural, isto é, torna-o capaz de reforçar, reproduzir e legitimar as hierarquias sociais mais amplas, dividindo classes, grupos e frações de classes dominantes e dominadas. Na medida em que são utilizadas para classificar os indivíduos segundo os tipos de bens culturais que os agentes sociais produzem, apreciam e consomem, estas hierarquias culturais reforçam as divisões sociais. A informática, neste processo, seja pelo preço de sua estrutura física ou pela complexidade de sua estrutura de *software*, tem um papel destacado como um bem cultural tipicamente de elite, o que reforça seu potencial segregador. Este estado de coisas aponta, impreterivelmente, para o que se convencionou chamar de *digital divide*. Como as noções sobre os elementos no mundo natural e social não podem ser absolutas, entretanto, percebemos que o computador, como objeto inerte do mundo das coisas, é passível de usos estratégicos em programas como o do CDI, buscando inverter esta lógica. Isto reforçou em nós a aquiescência da ideia de que o computador, juntamente à manutenção sistemática da *dádiva social* e da *solidariedade* de agentes sociais vinculados à O.N.G.s de inclusão digital, podem proporcionar a transfiguração deste *bem cultural* (a educação da informática) de excludente em incluyente, de divisor em construtor de redes afetivocognitivas (Cf. PELLANDA, 2005:35).

Tomamos ainda o conceito de *habitus* em Bourdieu (op. cit.) para tornar possível a saída do *opus operatum* ao *modus operandi*, da “regularidade estatística” ao “princípio de produção desta ordem observada”(1983a:60). O “princípio de produção” incorporado aos próprios agentes sociais é o que o autor denomina *habitus*: um sistema de disposições duráveis, estruturadas de acordo com o meio social dos sujeitos e predispostas a funcionar como “estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações”, (idem:61). Compreendemos, pois, que os sujeitos são portadores de falas e articuladores de formas de agir, as quais se referem aos esquemas mentais determinados pelo espaço social que ocupam. No intento de reconstruir o *habitus* dos agentes sociais estudados seus discursos e ações serão captados como fruto de representações constituídas por estes mesmos agentes acerca da realidade em seu entorno. Na medida em que estas representações são uma formulação social mediada por determinadas posições e espaços sociais dos próprios agentes, é que se tornará necessário captar tanto as falas e ações dos jovens em situação de vulnerabilidade (ainda vinculados ou mesmo *egressos* do programa da EIC de referência), como também dos monitores, professores, diretora ou qualquer agente que, no processo desta

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

pesquisa, se mostre relevante aos nossos anseios. É nesta perspectiva que, ainda, se somarão a este grupo estudado pessoas de referência na área de inclusão social e digital, personalidades políticas e participantes de outras ONGs congêneres. Os esforços, neste sentido, serão concentrados na captação e compreensão das representações sociais (referentes aos agentes sociais estudados) como também dos conceitos de informática, *cidadania*, *juventude* e *democratização da informática*.

As representações sociais serão tomadas, essencialmente, como visões de mundo, crenças, noções que fruem dos indivíduos em sua ação dinâmica sobre a sua realidade concreta, seu real vivido, sua vida cotidiana. Claro está que, como em De Certeau (1994), este *Weltanschauung* que nasce tendo as práticas e fazeres cotidianos como substrato, aponta certamente para táticas de vida e “estilos de ação”, reconfigurando os sentidos usuais dos objetos, ressignificando o mundo ao redor assim como as práticas sociais próprias da dinâmica social, pois estes agentes não são consumidores passivos de bens materiais e simbólicos. Assim,

Esses estilos de ação intervêm num campo que os regula num primeiro nível (por exemplo, o sistema da indústria), mas produzem aí uma maneira de tirar partido dele, que obedece a outras regras e constitui como que um segundo nível imbricado no primeiro (é o que acontece com a “sucata”) (...) assim, uma vez analisadas as imagens distribuídas pela TV e os tempos que se passa assistindo aos programas televisivos, resta ainda perguntar o que é que o consumidor fabrica com essas imagens e durante essas horas. (DE CERTEAU, 1994:92-93).

Então, além de uma assimilação acrítica e absolutamente passiva e subserviente dos conceitos (de cidadania, por exemplo) trabalhados com jovens nas EICs, nosso interesse é a compreensão de como este *capital cultural* específico é reconfigurado no íntimo das relações cotidianas destes agentes, tendo como estruturas mediadoras a EIC (com suas noções de informática, cidadania, e também o computador como ferramenta-chave do processo) e seu local social de origem.

Para tanto, tomamos como base para este estudo o paradigma de pesquisa qualitativa *construtivismo* com sua metodologia dialético-hermenêutica, e suas bases epistemológicas centradas nas relações próximas entre pesquisador/pesquisado assim, como no subjetivismo interpretativo e na feitura conjunta da realidade estudada. (GUBA & LINCOLN *in* DENZIN & LINCOLN, 2000:110-111). Neste sentido é que

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

A natureza variável e pessoal (útil) de construções sociais sugere que as construções individuais possam ser eliciadas e refinadas só pela interação entre e entre investigador e respondedores. As construções variantes são interpretadas usando técnicas hermenêuticas convencionais, e são comparadas e contrastadas através de uma permuta dialética. O objetivo final é destilar uma construção de consenso que é mais informada e sofisticada do que qualquer uma das construções anteriores (inclusive, naturalmente, a construção ética do investigador) (IDIBID:111)<sup>3</sup>

Alguns procedimentos foram indispensáveis para o andamento da pesquisa a fim de captar o sentido das ações e falas dos agentes sociais, assim como o citado anteriormente. Por este motivo, o passo seguinte à nossa observação participante foi a aplicação sistemática de entrevistas semi-estruturadas com as figuras de interesse relativas a EIC já citada (educandos, monitores, professores, diretores). As entrevistas se deram ao longo da pesquisa, captando, da mesma forma, a singularidade de suas falas sobre os temas centrais da pesquisa: inclusão digital e informática, juventude, cidadania e democratização da informática mediante a análise de discurso destes agentes sociais. Foram feitas oito entrevistas ao total, além de 13 meses (entre outubro de 2006 e novembro de 2007) de visitas a campo com acompanhamento das aulas e descrições etnográficas densas. Nossos respondentes foram Ana Paula (Secretaria administrativa do CDI Ceará), Fco. Charles (administrativo técnico do CDI Ceará), Breno Lima (educador da EIC-ACF), José Sobrinho (educador CDI/Integrassol), Francisco Silva (educando/educador-coordenador da EIC Alphaville-Mangabeira), Ricardo (educando EIC-ACF), João Carlos (educando EIC-ACF) e David (educando EIC-ACF).

A captação dos discursos dos jovens se deu ainda de maneira informal, por meio das pesquisas de campo e também mediante registro com diário de campo sobre a realidade das aulas no dia-a-dia de atividades da unidade empírica de referência, nunca desprezando as peculiaridades da pesquisa social. Concebemos a noção de que, segundo Da Matta (1987:187), “a forma como este material é colhido e armazenado depende de alguns fatores. O principal é, obviamente, a orientação teórica de cada um de nós”. Isto nos leva então a uma potente ferramenta de apreensão da realidade oriunda da Antropologia Social. Falamos da prática etnográfica compreendida como uma “descrição densa”, conforme indicada por Geertz (1989). Esta nos é útil em grande medida para a compreensão e interpretação da realidade

---

<sup>3</sup> Tradução livre de “*The variable and personal (instrumental) nature of social constructions suggests that individual constructions can be elicited and refined only through interaction between and among investigator and respondents. There varying constructions are interpreted using conventional hermeneutical techniques, and are compared and contrasted through a dialectical interchange. The final aim is to distill a consensus construction that is more informed and sophisticated than any of the predecessor constructions (including, of course, the etic construction of the investigator)*”.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

social, seja ela voltada à pesquisa com populações indígenas, seja dirigida ao estudo e descrição minuciosa de hábitos e costumes destes “selvagens de dentro”, dos quais nos fala Laplantine (2000:15), compreendidos como os sujeitos constituintes de grupos periféricos. De fato, a reconstituição deste mundo “exótico” depende de um esforço do pesquisador em um sentido de readequação epistemológica (mudança nas percepções do mundo, mudança no “olhar” e no “ver” o real), apontando para uma prática etnográfica adequada, pois

Todo etnólogo só poderá “enxergar” aquilo que está preparado para ver. E essa visão para além das rotinas pachorrentas e paulificantes das aldeias indígenas, onde todo dia é sempre igual a todo dia, só pode ser desenvolvida quando se está familiarizado com as teorias antropológicas correntes, adotando-se por meio delas algum ponto de vista. (Da MATTA, 1987:187).

Além destas estratégias citadas, a singularidade de nosso objeto demanda mais algumas ações: o mundo informacional é bastante mutável e esta metamorfose acontece em ritmo acelerado, demandando uma constante atualização por meio de pesquisas bibliográficas e digitais, assim como presença em congressos e eventos pertinentes aos nossos propósitos aqui descritos.

Comparamos, então, toda a temática do mundo virtual e suas promessas à figura alegórica de uma **Rosa Digital** em constante e inestancável crescimento. Parece ser o destino desta rosa florescer no ambiente mais inóspito possível, no agreste de chão, recursos e sentimentos; terreno seco onde somente abundam a privação e a vulnerabilidade em todos os seus matizes, apontando para um engendramento de terríveis espinhos em todas as direções.

Um dos principais espinhos desta rosa é justamente a exclusão digital, a qual fere caprichosamente aos que, no afã de transpor a dimensão contemplativa desta bela e hipnótica flor, ousam acariciar suas pétalas como que inebriados por sua beleza e perfume. Estes se põem a esquecer o quão ameaçadora pode ser esta rosa aos excluídos do processo do toque e das delícias da fragrância do mundo digital.

E o que se encontra neste mágico ambiente virtual e cultural cibernético? A mesma realidade sensível, mas transfigurada em signos mais atraentes e sedutores aos jovens e que são capazes de suscitar toda sorte de novas possibilidades, seja para o bem ou para o mal.

Ambos, rosa (com seus espinhos) e ervas daninhas, têm seu nascedouro propiciado pelo seu alimento, o adubo, ao mesmo tempo venenoso e nutritivo, condições sócio-ambientais que o condicionam. Nas práticas diárias mais prosaicas, todos somos convidados,

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Somente o sol da consciência pode, no transcurso destas práticas, apontar para configurações benfazejas a respeito do que envolve o mundo informáticoeletrônicovirtualcomunicativo.

Mas o sol da consciência, porém, não nasce do processo digital em si, mas é condição prévia que determina a existência do que há de melhor na rosa: suas pétalas, odor, beleza, ou seja, o acesso à verdadeira e promissora *Sociedade da Informação, Inteligência Coletiva, flexibilidade informacional, cidadania ativa virtualizada* (“*civitates activae*”), *democracia virtual, sociabilidade virtual* são produtiva, como base para a sociabilidade concreta e nos limites da vida laboral, lúdica, emotiva e do conhecimento; ou seja, tudo aquilo que na nossa visão se relaciona com o verdadeiro sentido de uma **cidadania digital** plena.

A despeito de todas as possibilidades, boas ou más (ou ambas), nenhum de nós pode fugir de um fato inegável: o surgimento desta rosa, que põe a todos na condição de contempladores – absortos alguns, integrados outros, bestificados todos – inconscientes ainda de todas as suas potencialidades, e incertos sobre onde nos levará este processo em longo prazo. O odor da rosa será tanto mais perfumado ou mais putrefato quanto nossas condições internas permitirem.

No sentido de contribuir minimamente, com o nosso pequeno grão de areia, para lançar um tímido raio de luz sobre esta temática da cidadania digital, é que apresentamos o presente trabalho, intitulado “O Florescer da Rosa Digital: perspectivas para a formação da cidadania digital em um estudo sobre a Escola de Informática e Cidadania Luciano Cavalcante em Fortaleza”.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos, todos relacionados com o crescimento desta rosa. No segundo capítulo, expusemos aquilo que compreende o substrato desta rosa: a era moderna (ou pós-moderna) com suas contradições e promessas não cumpridas; a dinâmica do capital; a racionalidade técnica, os impactos atuais e primeiros da tecnologia sobre as sociedades humanas assim como as novas formas de sociabilidade provocadas pelas tecnologias informáticas, suas dinâmicas excludentes circunscritas às *sociedades* (SIMMEL:1977) virtuais, todos estes elementos ligados ao *adubo* híbrido de bons e perniciosos elementos.

No capítulo seguinte, nos ocupamos de aprofundar aquilo que chamamos de caule e pétalas da Rosa Digital: formas de exclusão do mundo digital e seus modos de enfrentamento, além de dedicar especial atenção à categoria juventude (com o histórico do termo) e das condições de vulnerabilidade social relativas ao nosso objeto de estudo.

Os *espinhos digitais e sua poda* finalizam o trabalho. No quarto capítulo,

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

breve histórico sobre o CDI, sua ação geral e metodologia de trabalho, propalado diferencial desta forma de enfrentamento à exclusão digital. Nesta parte, ainda desenvolvemos as análises sobre as entrevistas, percepções centradas em elementos da etnografia, além de breve reflexão sobre o que consideramos ser o melhor caminho para a criação da cidadania digital efetiva e inclusiva.

O capítulo quinto encerra a trabalho com considerações finais.

Assim, pois, à medida que eliminemos os espinhos, é bem provável que apareçam os resultados frutíferos e benéficos deste mundo virtualizado que a nenhum de nós cabe impedir o avanço, mas em que todos podemos contribuir para o seu aproveitamento mais consciente.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

## 2 – O CULTIVO DA ROSA DIGITAL

Se a era moderna se instaura tendo a racionalidade como fundamento desconstrutor das bases do *ancien régime*, então o desenvolvimento tecnológico atual é a expressão por excelência de seu apogeu. É no mundo de hoje, veloz, fragmentado, interligado, globalizado, que as tecnologias demonstram seu potencial estruturante nos hábitos e pensamentos sociais. O potencial transformador da tecnologia, como a expressão viva do racionalismo, revoluciona incessantemente as feições das civilizações atuais, estabelecendo novas formas de sociabilidade, de comunicação, de ação política. O mundo das tecnologias informáticas se revela como a máxima demonstração da característica flexível, cambiante e fragmentada de uma nova era que se configura e reconfigura a cada instante.

Antes, porém, de nos enveredar sobre as amplas possibilidades que nos põe a informática nesta era conturbada, antes de um estudo mais aprofundado sobre as benesses latentes da criação de uma *cidadania digital* e de um aprofundamento no serviço do CDI<sup>4</sup>, devemos, pois, buscar uma compreensão mais expressiva sobre isso que se chama *racionalidade moderna*. Para nós esta racionalidade significa a engendradora radical<sup>5</sup> desta informatização abrangente que se observa no início do século XXI (mas não somente nele). Por isso mesmo partimos para a análise da questão informática, de suas potencialidades e impactos sobre o social vulnerável, tendo este elemento radical como premissa.

Veremos, então, como se interpreta a modernidade do ponto de vista teórico de alguns autores para em seguida aprofundar a análise das transformações socioculturais suscitadas pelo avanço da técnica e analisar a problemática da info-exclusão/inclusão em seus diversos matizes.

### 1.1 Visões teóricas da modernidade

Segundo Giddens (2000 b), há quatro dimensões básicas da modernidade as quais incluem, além do sistema capitalista, a vigilância (conceito “emprestado” de Foucault), o industrialismo como expressão da técnica racional produtiva e o poder militar.

---

<sup>4</sup> O Comitê para a Democratização da Informática é uma ONG nascida em 1995, que tem como principal marco de atuação a utilização da informática como ferramenta cidadã por comunidades de baixa renda. Adiante, nos capítulos 3 e 4, haverá um retorno a esta questão do CDI por se radicar nesta ONG o foco de pesquisa empírica deste estudo.

Para o autor,

O advento da modernidade é fruto principalmente de uma ordem econômica moderna, isto é, uma ordem econômica capitalista. Mas a sociedade moderna envolve também a formação de um tipo especial de Estado e, de modo geral, de tipos especiais de organização, os quais dependem fundamentalmente da estruturação da informação. Por isso é que uso a noção de “vigilância”(…) para aludir ao modo como se constroem sistemas de informação visando a construir novos sistemas de poder administrativo. O Estado é o melhor exemplo deste processo. (idem:75)

Na expansão do sistema capitalista, entretanto, é a principal força motriz da mudança moderna e, segundo a análise de Giddens, a dimensão da indústria pode ser separada da dimensão do capitalismo, assim como de outras dimensões da modernidade, já que ela se reflete à base tecnológica da sociedade moderna, ao desenvolvimento de uma civilização mecanizada, voltada para o progresso da ciência e da tecnologia. O autor toma estas quatro dimensões, não independentes entre si, mas conectadas sob uma mesma lógica, qual seja a lógica expansionista capitalista. Evidentemente, que esta expansão se processa não apenas no espaço físico mas também em termos de constante inovação tecnológica e aumento de produtividade, a qual sinaliza para a moderna sociedade de consumo.

Para o Sociólogo inglês, modernidade é sinônimo de sociedade moderna ou civilização industrial, isto é, está associada a: a) um conjunto de atitudes perante o mundo, como a ideia de que este é passível de transformação segundo a intenção humana; b) um complexo de instituições econômicas, em especial a produção industrial, econômica e de mercado; c) toda uma variedade de instituições políticas como se vê exemplificado pelo Estado nacional e a democracia de massa. Assim a modernidade significa uma configuração múltipla, muito mais dinâmica do que qualquer outro tipo de sociedade pré-existente. É um complexo de instituições que, a despeito de todas as culturas anteriores, vive no futuro e aponta para ele e não para o passado ou formas tradicionais de sociedade.

Com isso, para Giddens, existe uma sociedade descontínua, uma sociedade que tem a consolidação de suas instituições por volta do final do século XVIII, por meio de um processo chamado pelo autor de “desentranhamento” e “reentranhamento” de mecanismos e relações sociais. O desentranhamento de formas de vida – característica da modernidade que reflete o efeito constante e crescente que certos eventos e ações distantes exercem sobre a vida dos homens – se processa por meio de desvinculações e recombinações através do tempo e do espaço, assim como a reconstituição dos contextos a que pertenciam.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Um artesão que trabalha num contexto local e produz para um mercado local está enraizado na região local e na comunidade local. Com o desenvolvimento de uma divisão do trabalho no plano internacional, isso muda: as trocas econômicas vão-se desvinculando cada vez mais da comunidade local e se recombinao através do tempo e do espaço. O "local" passa a refletir processos muito mais amplos, que acabam por transformá-lo, às vezes drasticamente. O que acontece na economia acontece também em muitas outras esferas da vida: processos de "desenraizado" e "reenraizado" ou "desvinculação" e "retroversão". Hoje, com a globalização crescente, tais efeitos são cada vez mais pronunciados. (Giddens, 2000:75-76)

Este processo de desenraizado e reenraizado sinaliza para uma condição *sine qua non* da modernidade entendida como um pós-tradicionaismo: a situação de risco<sup>6</sup> imanente a este fenômeno global. Isto significa que as decisões da vida íntima, cotidiana afetam de maneira inaudita os resultados globais observados nas mais diversas esferas da história. Uma simples decisão de compra, uma escolha de um ou de outro produto não somente "afeta a sobrevivência de alguém que vive do outro lado do mundo, mas pode contribuir para um processo de deterioração ecológica que em si tem conseqüências potenciais para toda a humanidade" (GIDDENS, 2001:24)

Habermas (1994) remete à condição moderna do mundo ocidental e principalmente à noção inequívoca da patente falta de orientação e quebra de paradigmas instituídas pelo que a Sociologia chama de *Zeitgeist*<sup>7</sup>. Em uma palavra: o texto versa sobre a rápida transformação do mundo, a emergência do novo e a transitoriedade dos fatos históricos com a conseqüente crise explicativa dos modelos teóricos dos quais dispõe o ocidente para refletir sobre si mesmo; crise de paradigmas utópicos dada a inobservância de sua verificação no campo do real, quando contraposta à experiência histórica.

---

<sup>6</sup> O sentido atual do termo pós-fordismo (assim como o de toyotismo) aponta de maneira inconteste para fenômenos de risco. A desregulamentação nos planos nacionais e globais que frequentemente a ela se segue, dirigida a todas as esferas sociais, constitui uma condição necessária da acumulação flexível (ANTUNES, 2002), pós-fordista/toyotista, em nível planetário, produzindo um ambiente de contingência, cujos efeitos se manifestam na possibilidade ora de desastres ambientais incontroláveis, ora, no quadro da nossa reflexão, de conflito entre dois paradigmas de sociedade *a priori* incompatíveis, as democracias e os regimes fundamentalistas. Em face estas ameaças globais, que podem ambas conduzir ao aniquilamento de massas populacionais em menor ou maior escala, ou mesmo à destruição do inteiro planeta, Beck (1992) defende a necessidade de empreendimento do processo de *modernização reflexiva*, ou seja, a mobilização da reflexividade coletiva em termos da superação das insuficiências tanto da modernidade quanto da pós-modernidade. Um quadro paradigmático deste risco no ambiente natural é exemplificado pela atual preocupação dos países desenvolvidos com a temática do aquecimento global. Em recente matéria o *Financial Times* se refere ao caso do Continente Europeu: a falta de água para o suprimento de fazendeiros proporciona a perda de bilhões de euros no segundo semestre de 2006. O aumento das temperaturas médias deste continente provocou, segundo a matéria, diminuição de até 72% das chuvas usuais na Polônia, 27% no Reino Unido, 42% na Alemanha e chegou a 50% menos na Itália. Cf. *Financial Times (Europe), Europe & International Economy, August, 10, 2006. "Drought-stricken Europe Verging on 'natural disaster'"*

Há possibilidade de se conhecer o passado por meio de uma reflexão consciente dos processos históricos atuais e, com a projeção das expectativas como um devir, um vir-a-ser sempre presente e unido linear e indissociavelmente dos outros estádios da variável tempo. Diz um antigo ditado que “o tempo é um verdugo”, mas pode também ser um grande mestre. Para Habermas, tem-se o tempo como um recurso escasso para a superação prospectiva dos problemas que o passado nos legou. Neste sentido, é fácil lembrar que a modernidade impõe ao homem, sobretudo ocidental, uma tensão paradigmática entre a tradição e a inovação, intensificada pelos efeitos imperativos e inelutáveis da “compressão espaço-tempo”. A modernidade guarda em si um *Zeitgeist* (*espírito do tempo*) complexo e contraditório oscilante entre o vazio do normativo e a reinvenção do real pelo *data* possível da experiência precária, empírica e sincrônica da dinâmica histórica. O *Zeitgeist* moderno é a tensão entre o entre o pensamento histórico *versus* o pensamento utópico, entretanto, na “moderna consciência do tempo” o pensamento histórico e utópico figuram-se mesclados.

A autoconfiança da modernidade é hoje como ontem estimulada por uma consciência de atualidade na qual o pensamento histórico e o pensamento utópico fundiram-se um com o outro. Mas com conteúdos utópicos da sociedade do trabalho desaparecem duas ilusões que fetichizaram o entendimento da modernidade sobre ela mesma. A primeira ilusão resulta de uma diferenciação insuficiente. (IDEM:114)

O *ou-topos*<sup>8</sup>, como ideal de vida, expressão da esperança ou mesmo antecipação teórica daquilo que ainda não é aproxima-se cada vez mais do irrealizável, seja em Fourier, Saint-Simon, Campanella, Bacon, Morus, e até em na tentativa concreta de um Marx ou Owen e sua “*New Harmony*”. É, pois, o *ou-topos* uma concepção ideal que perscruta furtivamente a esfera do pensamento político público, tendo como vetor contrário à experiência histórica reflexiva e verossímil, a qual engendra barreiras às “energias utópicas”, cinzelando-lhe as arestas e inviabilizando suas ocorrências exitosas. O *ou-topos*, mostra Habermas, esteve presente em várias correntes políticas como munição de batalha destas, configurando-se como bandeira de luta desde a Revolução Francesa até a atualidade.

A atualidade, porém, remete ao esgotamento destas “energias utópicas”, o que sinaliza para um futuro negro exemplificado pelos dados históricos sensíveis: implosão da política de Bem-Estar Social<sup>9</sup>, o estado de guerra iminente, desemprego estrutural e miséria social,

<sup>8</sup> Do grego “nenhum lugar”.

<sup>9</sup> O chamado *Welfare State*, Estado de bem-estar social, ou intervencionista, surgido após a Segunda Guerra Mundial na Europa e nos EUA, teve seu reflexo no Brasil com a busca da garantia dos mínimos sociais, como

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

problemas com o meio ambiente<sup>10</sup> etc. Existe uma verdadeira variedade de problemas sociais transbordantes às concepções utópicas, os quais denotam uma cultura ocidental em xeque, o legado de um futuro imponderável e ininteligível, tanto quanto implacável. A crise é tamanha que, mesmo a revolução dos novos meios de comunicação, que em si guardam grande potencial para o bem da humanidade, são vistos por J. Habermas como sendo técnicas de consequências intrinsecamente ambivalentes.

Para o Filósofo alemão as utopias influenciaram as correntes políticas do século XX, desde o “comunismo” soviético – utopias baseadas no que o autor chamou de “trabalho abstrato”; passando pelo corporativismo fascista italiano e chegando ao reformismo social-democrata. Ademais, o esgotamento do *Welfare State*, ainda no anos 1970, dá-se pela razão de que este se nutria da utopia relativa a uma sociedade do trabalho, não respondendo mais às questões impostas pelo novo *Zeitgeist*, demonstrando a inoperância do projeto do Estado intervencionista e seu programa de “domesticação” do sistema econômico capitalista. Neste estado de coisas, restariam algumas esperanças, dentre as quais se destacam o equilíbrio de forças em jogo, reformulação da participação política (com a instituição, por exemplo de mecanismos de autoregulação) assim como novos vieses de solidariedade social. Segundo o autor, existe uma barreira entre o mundo da vida e o sistema, somente transponível pela manutenção de uma nova partilha de poder. Para ele não existe outro meio de escape, pois

As sociedades modernas dispõem de três recursos que podem satisfazer suas necessidades no exercício do governo: o dinheiro, o poder e a solidariedade. As esferas de influência desses recursos teriam de ser postas em um novo equilíbrio. (...) o poder de integração social da solidariedade deveria ser capaz de resistir às “forças” dos outros dois recursos, dinheiro e poder administrativo. Pois bem, os domínios da vida especializados em transmitir valores tradicionais e conhecimentos culturais, em integrar grupos e em socializar crescimentos, sempre dependeram da solidariedade. Mas desta fonte também teria de brotar uma formação política da vontade que exercesse influência sobre a demarcação de fronteiras e o intercâmbio existente entre essas áreas de vida comunicativamente estruturadas, de um lado, e Estado e economia, de outro lado. (OP.CIT.:112)

Paradoxalmente, a única certeza da modernidade é mesmo a sua “intransparência”<sup>11</sup>, sua “ininteligibilidade”, “imperspicuidade”. Em uma palavra: a única certeza da modernidade é a incerteza, o imponderável desafiante do novo *Zeitgeist* para os cientistas sociais e políticos em geral. Para as novas questões postas pelos novos tempos, não há ingenuidade utópica que

---

<sup>10</sup> A matéria de David Stipp na revista estadunidense *Fortune* (em 9 de fevereiro de 2004) e a da revista britânica *The Observer*, de 22 de fevereiro do mesmo ano, revelaram que vivemos um perigo iminente e inevitável de uma catástrofe ambiental sem precedentes no plano global. Como mostra a matéria de Stipp, “*Climate Collapse, The Pentagon’s Weather Nightmare*”, o mundo sofrerá um colapso ambiental até o ano de 2020 com uma certeza matemático-científica.

resista aos fatos, o que não nos deve impor uma atitude covarde ou omissa. Não existem mais varas de condão, e, mesmo se existissem, não seriam consideradas pertinentes ou verossímeis. O futuro não aponta para a resolução cabal dos problemas modernos. O que se configura são, pois, opções no plano microsociaL como parecem ser a idéia das “esferas públicas autônomas”(IDEM:113) e os “mecanismos de autorregulação” do Estado, como nos cita esse autor. No meio de uma correlação de forças das arenas sociais e políticas, quais sejam, arena das elites políticas; dos grupos autônomos e dos fluxos de comunicação. A compreensão destas arenas e da dinâmica de suas inter-relações parecem decisivas para Habermas, uma vez que, para ele, “todo projeto que quiser redirecionar forças em favor do exercício solidário do governo tem de mobilizar a arena inferior ante as duas de cima”(IDEM IBIDEM)<sup>12</sup>. É justamente na arena mais baixa o lugar de formação das esferas públicas autônomas, responsáveis por propiciar mecanismos de autorregulação do Estado e da economia orientados por um ideal efetivamente democrático.

Para Ianni (2001), o século XX mudou radicalmente a esfera global. O mundo não é mais uma coleção de países agrários ou industrializados e as terminologias “pobres ou ricos”, “colônias e metrópoles”, “dependentes e dominados”, “arcaicos ou modernos” não são suficientes para abarcar a sua crescente e desafiante complexidade. Para o autor,

A partir da Segunda Guerra Mundial, desenvolveu-se um amplo processo de mundialização<sup>13</sup> de relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, antagonismo e integração. Aos poucos todas as esferas vida social, coletiva e individual são alcançadas pelos problemas e dilemas da globalização. (2001:35-36)

Neste sentido, a globalização é um fenômeno natural na esteira do processo de expansão do capitalismo, no qual este sistema assume novas formas e reestrutura e reinventa suas formas de dominação e expropriação, estendendo mundialmente seus tentáculos. Após o a revolução das formas de trabalho locais, regionais, feudais etc., ocasionadas pela burguesia, a formação de um capitalismo transnacional ganha corpo. A revolução ampliada do capital, seja por meio de processos de concentração e centralização, transborda todas as fronteiras e sinaliza para uma “economia-mundo”, “sistema mundial” ou acumulação mundial. Estas transformações configuram o nascimento de uma “sociedade global” (ou uma “sociedade civil

<sup>12</sup> Cf. a denominação atribuída por *Offe, Claus. Korporatismus des Machtsteuerung, in gegeschichte und gesellschaft*, 10 jg. 1984 in Habermas (op.cit)

<sup>13</sup> O termo mundialização surge primeiramente como um estrangeirismo ianque “*globalization*” o qual, juntamente com os análogos “*mondialisation*” (do francês) e “*globalisierung*” (alemão), tentam dar conta de uma tendência dos mercados e das empresas a estenderem-se, alcançando uma dimensão mundial que ultrapassa as fronteiras nacionais. Em outras palavras, é a influência mútua e em tempo real da interpenetração dos mercados.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

global”) sob o declínio marcado dos estados nacionais sejam estes dependentes ou dominantes (IDEM:38). Todos parecem sucumbir, segundo o autor, aos centros decisórios dispersos em empresas e conglomerados, os quais são capazes de movimentos por entre países e continentes, segundo as necessidades do mercado, assim como da reprodução e ampliação do capital. Desta forma, “os movimentos do capital, tecnologia, força de trabalho, *know-how* empresarial, etc., em escala mundial, transformam as sociedades nacionais em dependências da sociedade global”. (IDEM:43)

A preocupação de Octávio Ianni se estende à formação de uma sociedade global informatizada, interpenetrada por impulsos eletrônicos, os quais potencializam as formas de alienação, exploração do trabalho em detrimento do capital. Para ele,

A revolução informática baseada nas conquistas da eletrônica coloca nas mãos dos donos do poder – outra vez dos países dominantes, mas também de outros secundários – uma capacidade excepcional de formar e informar, induzir e seduzir, talvez jamais alcançada anteriormente na mesma escala. (Op.cit.:57).

Para Santos (1997), o paradigma moderno é em si mesmo contraditório, formado por uma série de promessas, algumas não cumpridas e outras cumpridas em excesso. Esta contradição explica a situação atual de crise e vazio que toma corpo no âmbito global. Nos últimos anos do dinâmico século XX, processaram-se alterações estruturais sem precedentes: o Estado-providência entra em crise atrelado a configurações específicas no âmbito das novas conjunturas do mundo do trabalho. O desenvolvimento pronunciado do sistema capitalista se deu não sem um concomitante aumento da desigualdade social, opressão social, assim como um sem-número de assimetrias sociais, as quais desafiam os sociólogos, economistas e políticos do início deste milênio. Dada a rapidez com a qual muda a ordem social moderna por meio de suas malhas de redes planetárias de informação, é estabelecido que a realidade, como exprime o Sociólogo português, parece ter tomado a dianteira sobre a teoria, motivo pelo qual esta verte perplexidade os estudiosos deste tempo.

Paradoxalmente, entretanto, o fim daquele século também guardava outra ordem de coisas no que tange às formas de organização comunitária, assim como nos movimentos sociais. Em nenhuma época parece ter existido uma tamanha força da participação social e política de forma organizada, envolvendo cidadãos e grupos sociais de interesse. Com isso concorda Giddens (2001), quando exprime que um mercado individualismo se processa na modernidade, sendo este o substrato para os novos conteúdos das participações populares, não mais de interesses de classes sociais mas de grupos específicos, como homossexuais, idosos,

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

mulheres, sem terra etc. Isto sinaliza para uma modernidade a qual promove (com o esgotamento do estruturalismo) um retorno ao indivíduo e na qual também, paradoxalmente, o indivíduo nunca foi tão “menos individual”. Por isso afirma que

O indivíduo parece hoje menos individual do que nunca, a sua vida íntima nunca foi tão pública, a sua vida sexual nunca foi tão codificada, sua liberdade de expressão nunca foi tão inaudível e tão sujeita a critérios de correção pública, a sua liberdade de escolha nunca foi tão derivada das escolhas feitas por outros antes dele. (SANTOS, 1997:21)

Os anos 1980 foram prodigiosos em mostrar como novas configurações da relação indivíduo-sociedade se estabelecem sob a égide de tecnologias de comunicação capazes de revolucionar as formações democráticas e mesmo até as agremiações populares fortuitas. A participação popular (assim como a criatividade social) se transforma, nesta perspectiva, em um artefato midiático ou mercantil de si mesma. Isto leva a um impacto decisivo sobre um dos grandes paradigmas sociopolíticos da modernidade: a democracia, a qual analisaremos mais detidamente do terceiro capítulo.

Para o autor o projeto da modernidade está erigido sobre dois pilares: o primeiro é o da regulação seguido do pilar da emancipação. O da regulação está constituído sobre o tríptico princípio de Estado – Mercado – Comunidade, tendo como principais teóricos de articulação T. Hobbes, Locke e J.J. Rousseau. Estes três pensadores formularam os princípios citados e estes estão vinculados aos outros princípios do pilar da emancipação. O último abarca as três lógicas de racionalidade: a racionalidade estéticoexpressiva (ligada à dimensão artística e literária); a racionalidade moralprática (referente à ação do Estado) e a racionalidade cognitivoinstrumental referente à ciência e à técnica. Para o autor, existe evidente articulação entre os dois pilares por meio da interligação de suas lógicas e princípios. Esta relação interpilares é rica e suscita a influência ou inserção da lógica racional estéticoexpressiva sobre o princípio regulador da comunidade, assim como o princípio regulador do Estado relaciona-se com a lógica racional moralprática. É por meio da relação integrada entre o princípio do mercado e a lógica racional cognitivoinstrumental porém, que expressa a ideia de que a ciência e a tecnologia estão sendo empregadas de maneira instrumental pelo projeto moderno. Segundo ele,

A racionalidade cognitivo-instrumental tem uma correspondência específica com o princípio do mercado, não só porque nele se condensam as idéias da individualidade e da concorrência, centrais ao desenvolvimento da ciência e da técnica, como também porque já no século XVIII são visíveis os sinais da conversão

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Esta vinculação interpilares parece apontar para a concretização dos objetivos práticos da racionalização da vida global individual e coletiva. Este é um viés que, por um lado, unifica e globaliza o mundo (motivo pelo qual é excedente por si mesmo) e, por outro, tende ao afunilamento (vertente deficitária, antítese necessária do projeto). O projeto da modernidade, sendo complexo e ambicioso, assim como contraditório, faz nascer de seu âmago infinitas possibilidades, das quais algumas se realizaram em excesso e outras continuam permanecendo promessas incompletas. Para o autor, a modernidade está relacionada com o capitalismo e, não por outro motivo, vê atrelado seu processo de desenvolvimento ao deste. Assim as etapas de desenvolvimento do capitalismo (“liberal”, “organizado” e “desorganizado”) estão relacionadas com uma sequência histórica do conceito de modernidade, o qual se desdobra primeiramente em modernismo e, posteriormente, em modernização. Por este motivo Santos argumenta que

O primeiro período [do capitalismo] deixou claro no plano social e político que o projeto da modernidade era demasiado ambicioso e internamente contraditório e que, por isso, o excesso de promessas se saldaria historicamente num défice talvez irreparável. (...) – e *continua* – o terceiro período, que estamos a viver, representa a consciência de que esse défice, que é de fato irreparável, é maior do que se julgou anteriormente, e de tal modo que não faz sentido continuar à espera que o projeto da modernidade se cumpra no que até agora não se cumpriu. (IDEM:79-80)

Assim a dimensão racional do pilar de emancipação fica restrita à fragilidade de uma modernidade contraditória, geradora de inúmeros déficits, os quais denunciam o quão débil se configura a base de legitimação e reprodução da riqueza desta sociedade capitalista. Para o autor, mesmo que esta “racionalidade irracional” seja atualmente hegemônica, ela significa também, paradoxalmente, que está vivendo um momento de esgotamento, pois, sendo combinada com o que ele chama de “receitas neoliberais” a preeminência desta classe de racionalidade provoca uma lógica de dominação e de regulação no contexto mundial. Ao arrancar a autonomia dos processos políticos e sociais das nações em desenvolvimento, cooptando-lhes um modelo a ser seguido, os países chamados centrais subjugam os interesses daquelas nações, subsumindo sua soberania sob a égide de uma pretensa e envolvente racionalidade. É em si um processo tão contraditório que, para Santos,

A modernização científico-tecnológica e neoliberal alastra-se hoje, paradoxalmente, na mesma medida em que se alastra a sua crise, certificada por aquilo que parecem ser as suas conseqüências inevitáveis: o agravamento da injustiça social através do crescimento imparável e recíproco da concentração da

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

A modernidade globalizada produz, então, um sujeito fragmentado, cercado por uma miríade de estilos culturais os mais diversos (oriundos das mais variadas mídias) além de um processo criador e recriador de uma exclusão social virtualmente imparável, dada a manutenção irrestrita e inalterada deste *status quo* global. Além de todo este processo, e ao mesmo tempo, este sujeito moderno metropolitano (*blasé*, em Simmel; *flanêur*, em Benjamin) é ainda entrecortado pelo dilema das identidades nacionais em franca transição, oferecido pela mesma globalização/modernização. Sendo as culturas nacionais uma das principais fontes de identidade cultural (HALL, 2005), que será da autopercepção do homem neste período? Que tensões permeiam a alma dos indivíduos humanos em uma era globalizada que, ao fragmentar nações e culturas nacionais, lança este mesmo ser em um aparente e aterrador vazio simbólico de não-pertença ou de uma identidade híbrida e incoerente? A desterritorialização fomentada pela *cibercultura* serviria de vetor para intensificar ainda mais este processo? O certo é que entre os velhos populismos com nova roupagem - como o de Hugo Chávez nos anos 2000 - e a formação de bolsões de tradicionalismo radical em partes do mundo islâmico, observa-se o gradual (mas talvez irreversível) processo de esfacelamento dos Estados Nacionais. Sobre estes emergem furtivamente grandes blocos econômicos transnacionais observados de esguelha por uma cultura cibernética onipresente e pelo cidadão de silício que não tem endereço, nacionalidade, nem uma língua definida (quicá não disponha, sequer, de uma *moral* definida). Todo este processo caminha para uma plêiade de efeitos tão inauditos que as ciências sociais e políticas estão, pouco a pouco e timidamente, ainda vislumbrando desvelar.

## 2.2. Entre a racionalidade e o desenvolvimento da técnica no ambiente social

Toda a história da humanidade está pontuada por avanços tecnológicos, arrasadores para antigas concepções de mundo e estruturantes de novas. Todas as ideias são relativizadas com o advento da modernidade, “tudo que é sólido desmancha no ar”, mas há um fio condutor que, em absoluto, parece estar negado. Os tempos de agora, seja concebido como modernidade, seja pós-modernidade, são imagens inventadas e reinventadas de um mesmo paradigma racional.

De fato, a racionalidade extrema aplicada ao desenvolvimento da técnica propiciou dois importantes desdobramentos dos tempos atuais. Primeiramente o racionalismo torna possível o aparecimento dos substratos teóricos necessários à implementação de revoluções

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

possível um desenvolvimento singular das forças produtivas de um dado período, ensejando um crescimento de produtividade e aquecimento das relações comerciais. Na base destas mudanças paradigmáticas, temos uma figura como Galileu Galilei, para quem o universo é como um grande livro o qual “não se pode entender sem antes aprender a língua e conhecer os caracteres nos quais está escrito. Ele está escrito em linguagem matemática, e os caracteres são triângulos, círculos e outras figuras geométricas, de maneira que sem os quais é humanamente impossível entender qualquer palavra.”(GALILEI *apud* ROSSI 97:167) O estabelecimento deste padrão de racionalidade e a busca de uma *mathesis universalis* (isto é, uma ciência universal da ordem e da medida cujo modelo são as matemáticas) significa o abandono da busca das causas finais na explicação dos fenômenos da natureza, bastando a compreensão das leis que os regem, reduzindo a natureza aos seus elementos mensuráveis. A ciência moderna, pois, teria como o grande pilar: a concepção da natureza como portadora de uma harmonia e ordem que lhe são intrínsecas, e que sem os recursos da razão e da linguagem matemática a humanidade não faria mais do que vagar por um “labirinto escuro”. Desta época vem a noção de que tudo aquilo que faz parte do mundo material pode ser traduzido em termos quantitativos e que as relações entre os fenômenos estão regidos por leis e estas são passíveis de tradução matemática. É

por volta do século XVII, que se consolida a astronomia de Copérnico e a física de Galileu e, em sua esteira, assistiu-se à constituição de um novo padrão de racionalidade centrado nas matemáticas, marcado pela redução da natureza a seus elementos mensuráveis e pela busca das leis que a governam segundo a linguagem do número e da medida. (DOMINGUES, 1991:32)

Galileu, porém, representa apenas o primeiro passo dado pela ciência moderna da contingência para a certeza, da casualidade para a causalidade, isto é, a busca de relações causais para a explicação dos fenômenos. Mariconda & Lacey (2001) apontam para o caráter político da emancipação feita por Galileu, o que nos remete invariavelmente ao atributo de um *a priori* das revoluções científico-tecnológicas. Antes dele já estavam Descartes e Francis Bacon a promover a cisão do homem com a natureza, descolando a humanidade da condição de objeto e enquadrando-o em um novo modelo de racionalidade. Bacon, por exemplo, chega a sistematizar o estudo da natureza, justificando até a sua “tortura” para que esta revele os seus segredos. A teoria dos ídolos se insere em um horizonte mais amplo, o da emancipação humana da condição natural, apontando para uma humanidade autossuficiente, capaz de decidir pelo próprio destino, não estando mais regido pelas intempéries do ambiente ou pelas vontades inconstantes dos deuses. Descartes, no *Discurso sobre o Método*, leva a sério Michel

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

de Montaigne para quem a batalha da certeza e da incerteza do conhecimento é decidida pelo próprio sujeito, fundando um conhecimento no limiar da subjetividade. Mesmo flertando com a subjetividade (e talvez mesmo por causa dela), Montaigne não escapa de ser uma das mentes mais lúcidas de seu tempo, sendo um dos primeiros a relativizar a visão sobre os “índios” (tupinambá) do Novo Continente recém descoberto e seus hábitos “bárbaros” ante o etnocentrismo europeu incapaz à época de reconhecer suas irracionalidades. Para De Masi (2000), Bacon é a síntese de toda a sociedade industrial, depois de Bacon, depois de Descartes se inicia a grande epopeia da indústria a qual encontra seu ponto central no Iluminismo.

Temos então, nesta perspectiva, que a racionalidade é a bandeira de fundo político-ideológica da era moderna, e sob esta jazem os despojos de uma era mística, “encantada”, governada pela superstição e pelas tradições religiosas e políticas. Sua significação ganha contornos variados no decorrer do processo histórico. Para Habermas,

Inicialmente a razão fora concebida como auto-conhecimento conciliador, depois como apropriação libertadora e, finalmente, como recomendação compensatória, para que pudesse aparecer como equivalente do poder unificador da religião e superar as bipartições da modernidade a partir de suas próprias forças motrizes. Fracassou por três vezes esta tentativa de talhar o conceito de razão à medida do programa de um iluminismo em si mesmo dialético. (1990:91)

Assim, para o homem da modernidade, vazio de mitos, vivendo na “gaiola de ferro” weberiana, ou seja, em um mundo burocratizado racional assim como desencantado, resta uma existência de ações racionais, as quais redundam no mesmo sistema racionalmoderno, expresso e sustentado por uma crença em sua legitimidade autojustificável.

### 2. 2. 1. O plano da racionalidade e as alterações socioculturais da tecnologia em sociedades simples

De maneira alguma as revoluções do ambiente intelectualteóricocientífico estão desvinculadas de alterações significativas, na mesma medida, no âmbito tecnológico, prático e cotidiano. De forma correlata, certas formações de desenvolvimento tecnológico guardam com a cultura relações próximas e dinâmicas. São recorrentes os exemplos históricos nos quais a atividade científica, assim como o avanço do domínio da natureza e seus fenômenos pelo rigor racional humano, proporcionam novos e revolucionários matizes nos movimentos artísticos e culturais. Tomando-se como exemplo a transição do barroco e classicismo

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

(tomados como movimentos musicais) para o romantismo isto é claro<sup>14</sup>. Na medida em que estes primeiros não exigiam, por assim dizer, tanto dos instrumentos da época (como o cravo), é natural que as obras de W.A.Mozart e J.S. Bach não extrapolassem os limites estruturais nem da música nem dos instrumentos. Uma obra romântica como a de Ludwig van Beethoven, porém, a qual exigia dos pianos da época algo impossível para os cravos de outrora, mostra esta relação dinâmica entre o desenvolvimento da técnica racional e a técnica musical (ou mesmo artística e estética) de cada período histórico. Os microtons explorados pelos instrumentos hindus, vedas e orientais de modo geral (assim como a noção de que somente com aquela tecnologia musical se teria este tipo de semitonância tão comum em instrumentos musicais do oriente) têm relação estreita com a criação de estilos artísticos musicais, escolas de estilos específicos e escalas musicais que definem até hoje as identidades culturais de países daquela região. Em comparação com os instrumentos temperados do medievo europeu (principalmente o cravo de Bach) e o rigor de sua escala pentatônica clássica, os semitons orientais nos remetem a um tipo de harmonia musical profundamente diferente o que somente foi possível por meio de uma tecnologia musical divergente. Certamente os variados estilos artísticos sejam eles literários, musicais, plásticos etc. têm (ou parecem ter) relações dinâmicas com a técnica, ora influenciando, ora sendo por estes influenciados. Parece existir uma mútua adequação entre estas diversas estruturas (artísticas, culturais, tecnológicas, assim como políticas e econômicas) na qual os fatos históricos se apresentam como resultado concreto. A história do *rock'n'roll*, a invenção da guitarra elétrica e as modificações culturais e artísticas de Elvis Presley (assim como as peripécias pirotécnicas e performáticas de Hendrix<sup>15</sup>) podem exemplificar o acima exposto. No caso das artes plásticas, podemos nos referir às obras inovadoras de M.C. Escher<sup>16</sup>, assim como os modernismos de Piet Mondrian, obras e estilos estes impensáveis sem o desenvolvimento de uma racionalidade técnica que os dê suporte. Antes disso, se observou nos renascentistas uma tecnologia artística avançada, o que os fez superar em estética as

<sup>14</sup> Cf. Dicionário de música. Isaacs, Alan. Martin, Elizabeth. (orgs.) Rio de Janeiro: Zahar editores, 1985.

<sup>15</sup> De fato Jimi Hendrix ficou conhecido não só por seu comportamento transgressor como ressignificando as possibilidades dos instrumentos e artefatos musicais do final da década de 1960. Os pedais como o *Wah-wah*, *Fuzz* e *Overdrive*, assim como a guitarra elétrica modelo Fender Stratocaster, foram condicionantes de seu estilo, pois todo artista esbarra nas possibilidades históricas fornecidas pelos instrumentos de que dispõe para fazer sua arte.

<sup>16</sup> Obras como "*Concave and convex*" 1955, "*Relativity*" 1953, "*Belvedere*" 1958, "*Print Gallery*" (1956) e principalmente "*Waterfall*" (1961) nos levam a uma dimensão além da percepção imediata e da tridimensionalidade. Por esta distorção teradimensional (um paradoxo visual causado pela ilusão de profundidade) criada por Escher no tempo e no espaço, este artista holandês poderia ser apontado como

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

antigas pinturas dos ícones da igreja ortodoxa e medieval pré-renascentista<sup>17</sup>. Na informática, como veremos mais adiante, não parece acontecer de modo diverso.

É desde a Antiguidade dos antropóides no período Cenozóico (especificamente desde o Plioceno Inferior), entretanto, que as revoluções tecnológicas estão relacionadas a modificações cabais no *modus vivendi* das sociedades, pois se davam por necessidade de sobrevivência. Sabe-se que qualquer sociedade que deixasse de desenvolver suas formas de alimentação, mesmo que rudimentares e mínimas técnicas de subsistência, estaria condenada ao fenecimento. Segundo Hoebel e Frost (1987:106), as fontes de subsistência disponíveis para qualquer povo dependem de três fatores: ambiente natural, população e cultura. Os povos coletores dependiam quase que exclusivamente das condições do solo e tudo aquilo que o ambiente natural lhes fornecia, uma vez que sua subsistência estava ligada à coleta de raízes, bagas, insetos e sementes. Ao contrário destes, os povos que desenvolveram técnicas de plantar, cultivar, domesticação de animais e que dominaram métodos de cozimento ou que dominaram técnicas de alteração fisicoquímica de produtos naturais úteis à sua sobrevivência, aumentavam sua perspectiva de vida justamente por causa da sua modificação na condição cultural. Além disso

Cada sistema sucessivo de produção de alimentos aumentou de modo geral a energia alimentar disponível *per capita* na razão inversa à quantidade de energia de trabalho gasta na sua produção. Isto significa que os excedentes cada vez maiores de energia ficam disponíveis para outras utilizações sociais. (...) a elevação das tecnologias de subsistência dá como resultado níveis aperfeiçoados de complexidade social e integração heterogênea e a diversidade de funções especializadas, de funcionários e organização. (IDEM 1987:107)<sup>18</sup>

Neste sentido, as modificações tecnológicas, mesmo as mais incipientes e relativas a épocas mais primárias dizem respeito a alterações concretas no corpo social, estando ligadas inevitavelmente a melhores formas de superar a natureza (proteção), de dominá-la e à sobrevivência humana. É correto afirmar, entretanto, também que a racionalidade ocidental, mesmo crendo-se absoluta, seja engendrador de uma tecnologia de resultados duais, contraditórios. Por um lado têm-se os bons frutos da mudança da técnica e advindas do seu conhecimento profundo. De outro, se configuram inúmeros resultados indesejáveis e negativos, expurgos de sua racionalidade relativa. São inúmeros os casos que relatam a

---

<sup>17</sup> Lembremo-nos ainda dos casos emblemáticos dos pré-rafaelitas e do pintor italiano Paolo Veronese (1528-1588), este último criador de uma nuance de verde que ficou conhecida como “verde veronese”. São outros exemplos de quão próximo pode estar a criação dos estilos artísticos do desenvolvimento técnico disponível em cada período.

alteração tecnológica como um evento negativo para populações não ocidentais ou mesmo tribos de sociedades menos complexas. Casos em que a inserção de instrumentos ditos “mais racionais” promovia profundas disfunções sociais e mostravam-se irracionais, porquanto a facilitação das atividades técnicas e econômicas teve como desfecho a destruição completa ou parcial de civilizações indígenas (MÉTRAUX:1979); tribos como Os *Yar Yoronts*, aborígenes do norte australiano para quem a utilização dos utensílios de metal fez perder o conjunto das instituições econômicas, sociais e religiosas, ligadas à utilização, transmissão e posse dos machados de pedra. Com a maior facilidade na realização das tarefas cotidianas ligadas a estas ferramentas, sobrou tempo livre para os *Yar Yoronts*, resultando no colapso de seu sistema de trocas, abalando conseqüentemente as relações de amizade, solidariedade e, inclusive, de coesão familiar. Mulheres e jovens da horda se tornaram proprietários de machados de aço e, por meio destes, se viram no direito de gozar das mesmas prerrogativas dos homens adultos e anciãos sábios. Por fim o sistema ético tribal sucumbiu sob roubos e disputas, levando inevitavelmente ao desmembramento do grupo. De maneira semelhante, os *Sirionos* se dissolveram. O grupo recebeu novas tecnologias, as quais possibilitaram a aquisição de quantidades de mel de abelha sem precedentes. Como esta iguaria servia, no grupo, para o fabrico de uma bebida alcoólica apreciada na tribo, o alcoolismo se deu em decorrência da obtenção excedente deste bem. Com isso a intolerância intergrupar aumentou, rivalidades sociais antes controladas acirraram-se e a competição pelos escassos bens de metal tornou-se insuportável, resultando no esfacelamento do grupo.<sup>19</sup> Estas colocações contradizem as antigas teses de que o progresso humano é unilinear e inexorável, expandindo-se por todos os povos da Terra. Tais teorias, segundo Rodrigues (2003), correspondem aos ideais evolucionistas da Inglaterra vitoriana, para os quais existe uma unilinearidade das culturas humanas e os avanços tecnológicos sucessivos, e acumulativos, separariam os povos por meio de estádios evolutivos, tendo, como ápice a própria civilização européia colonialista. Contra estas teorias e contra o mito (ou teoria) da origem miserável do homem assim coloca Rodrigues:

---

<sup>19</sup> Existem ainda inúmeros exemplos de antropólogos e sociólogos sobre o tema da modificação sociocultural processada pela tecnologia em sociedades ditas simples. Destacamos, entretanto, o famoso estudo de Evans-Pritchard sobre os Nuers. Já Fernandes (1963) aponta a precariedade de desenvolvimento tecnológico dos Tupinambás (estes sabiam contar somente até 5 sem utilizar dedos, pedras e outros artifícios) expressos entre outras evidências pela precária técnica de conservação de alimentos (como a moqueação de carnes e conservas feitas com o auxílio de farinha) o que denotava uma incipiente ou inexistente lógica de acumulação, entretanto eram capazes, estes povos, de se utilizar de estrelas e constelações (“Urubu”, “Surã” e “Iapuicã”) para prever a

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Postulando a exclusividade humana na utilização e na fabricação de instrumentos – o que é falso – e a racionalidade absoluta da funcionalidade tecnológica - o que também é falso – estas teorias (mitos) não fazem mais que disseminar a ilusória convicção de que os caminhos trilhados pela sociedade industrial são sempiternos e correspondem a antiqüíssimas aspirações humanas. Dão testemunho (falso) de como progredimos desde a miséria original, de como facilitamos a tarefa de viver, de como devemos continuar na mesma direção. (RODRIGUES: 2003:92)

De fato a racionalidade absoluta se vê em xeque desde que as mazelas do industrialismo mostraram sua face. A racionalidade absoluta da funcionalidade tecnológica é improvável, mesmo porque é sabido, desde Heráclito (544-484 a.C.), que o mundo tridimensional euclidiano não abarca coisas ou fenômenos absolutos. Quer dizer, no mundo sensível, o *noumenon (a coisa- em-si)* não consta como elemento alcançável pela cognição humana. O que se processa são transformações históricas e socialmente determinadas, pontuando realidades contraditórias e suscitando inúmeros antagonismos. Justamente por isto não se pode afirmar que a tecnologia seja inequívoca ou multifacetivamente conciliatória: revoluciona-se incessantemente na história de alguns grupamentos humanos, significando ao mesmo tempo avanço e retrocesso, progresso de grupos seletos e o retrocesso de grupos marginais excluídos do processo. Em uma palavra, a tecnologia que inclui e conecta é a mesma, concomitantemente, que divide, separa e exclui. É neste sentido que não se pode pensar em uma racionalidade absoluta ou mesmo em uma funcionalidade tecnológica incondicional, a qual, estando uniformemente distribuída pelo mundo como representações de um progresso inequívoco e abarcador de toda a raça humana, desconsidera a determinante diversa das culturas assim como a historicidade imanente a este processo.

Para De Masi (2000), o desenvolvimento da tecnologia nunca se deu uniformemente no curso da história. Foram séculos de lenta incubação e depois períodos de rápido desenvolvimento. O desenvolvimento da tecnologia foi muito lento até 5000 anos antes de Cristo. Para o Sociólogo italiano, a descoberta mais importante até 30 mil anos atrás, anterior a Mesopotâmia, foi a descoberta do arco e flecha, uma “máquina esplêndida”, na qual toda força humana é aplicada num instante e num ponto, ou seja, vem potencializada ao máximo e consente um grande desenvolvimento de energia; mas é a própria tecnologia que, tendo seu desenvolvimento a impactar a realidade social tanto positiva como negativamente, em meados da baixa Idade Média, faz surgir diversas descobertas e invenções. Por volta do século XII, vêm à tona a descoberta da bússola, da pólvora, imprensa, leme e vela modernos, arreo moderno de cavalos, moinho de água etc. Com isso é inegável que se processou um contingente de desocupados que crescia inexoravelmente no mesmo sentido em que

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

aumentavam as revoluções de técnicas. De Masi destaca, entretanto, que a tecnologia em si mesma não poderia causar um impacto tão intenso se não fosse por outra invenção: uma junção entre tecnologia e capital. É essa união de grandes tecnologias e grandes capitais que se vai criar o progresso e essa também foi uma grande invenção do século XII.

Lévy (1999) considera, ao ponderar sobre a tecnologia e se esta seria determinante ou condicionante de uma sociedade, que a relação entre a tecnologia e a sociedade é muito mais complexa do que uma simples relação de determinação. Cabe aí, pois, uma relação de condicionamento. O autor considera que as técnicas são produzidas dentro dos limites de cada cultura e que cada sociedade está condicionada, mas não exclusivamente, por suas técnicas.

A invenção do estribo permitiu o desenvolvimento de uma nova forma de cavalaria pesada, a partir da qual foram constituídos o imaginário da cavalaria e as estruturas políticas e sociais do feudalismo. No entanto, o estribo, enquanto dispositivo material, não é a 'causa' do feudalismo europeu. (LEVY, 1999:25)

Desta forma, um elemento material, tecnológico engendrado no seio de uma cultura específica é um dos elementos a tornar possível determinadas estruturas sociais, mantendo com estas relações de condicionamento, assim como a agricultura irrigada em larga escala pôde condicionar as ordens políticas teocráticas do Egito faraônico, como também da China antiga e Mesopotâmia através da história cultural e tecnológica.

Para Oliveira (1993), o que está em jogo na história não é a luta pela sobrevivência nem somente a liberação das amarras naturais e sociais as quais obstaculizam o processo de personificação (um dos sentidos da modernidade). O que é pertinente apontar neste sentido é tomar este processo como uma efetivação de mundo, onde toda a instrumentalização do homem, a exteriorização do seu espírito racional<sup>20</sup> em suas obras<sup>21</sup>, sua funcionalização a algo distinto dele, sua alienação<sup>22</sup>, sejam superadas pela conquista de um sentido absoluto do mundo das obras, no qual o homem conquista seu Ser. Assim

A modernidade ocidental levantou a pretensão de, afinal, depois de longos desvios históricos, levar à efetivação o ideal de uma civilização da razão, de uma civilização que torne efetiva a conquista do sentido na vida histórica dos homens. Ora, a experiência específica de nossa epocalidade parece ser uma das experiências que apontam para um absurdo envolvente na vida humana. A crise da modernidade desembocou, nos dias de hoje, numa crise de sentido para a vida humana. Nossa

<sup>20</sup> *Geist*

<sup>21</sup> *Werken*

<sup>22</sup> Aqui se pode utilizar indistintamente dois vocábulos: *Entfremdung* assim como *Entäusserung*. Ambos são tomados no sentido atribuído por G.W.F.Hegel e posteriormente reformulado por Feuerbach e Marx. Dão conta do processo de estranhamento e externalização do homem em suas obras, no qual este estará cindido (assim como estranhado, alienado) e incompleto neste processo. Constitui aquilo que o jovem Marx considerava a perda

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

meditação sobre o sentido passa necessariamente, na atualidade, pela crítica da razão moderna. (IDIBID:71)

Na tentativa, pois, de conceituação da modernidade, se refere Oliveira (idem:72) a uma tensão fundamental: por um lado, a modernidade provoca um avanço inegável para a humanidade; por outro, sua efetivação significou grande reducionismo que aponta para além de si mesmo.

### 1.3. Modernidade tecnológica industrial e as Tecnologias Informáticas

Na busca de compreensão da modernidade e do mundo da informática, destacamos Gellner (1992), para quem o grande divisor da história humana (e talvez o mais significativo para a atualidade), dentre suas várias etapas, é justamente o industrialismo. O estudo da transição para esta sociedade complexa exige maior esforço intelectual desse autor. O impulso que direciona as ações conjuntas dos homens ao estabelecimento de uma transição (do agrário ao moderno-industrial) a qual parece ser consciente e generalizada, condiciona, porém, estes mesmos agentes sociais a um determinismo inevitável: uma transição para sociedades industriais efetuadas pelos Estados Nacionais. Seria esta uma tendência inelutável da modernidade? Por que dispõe de mais força política internacional (e legitimidade) em suas ações o Estado de Israel do que a autoridade palestina, vista pelo mundo ocidental (e talvez não somente por ele) como um conluio de terroristas fanáticos? Seria a difusão do industrialismo uma tendência generalizada, irresistível e, ademais, ritual de passagem para o poder e representação internacional?

Esta transição, entendida desde o Iluminismo (ou mesmo de figuras como Saint-Simon, o qual comentava o aparecimento de uma sociedade de transição entre a sociedade feudal e a sociedade industrial) como necessária mesmo, que agônica, tem um caráter tão profundo de significado que perscruta a tessitura do social, tanto no que este tem de institucional quanto no que tem de cotidiano, ordinário. Para esse autor, a Economia, a Política, a Cultura e mente dos homens, até a Filosofia, tudo converge para a sociedade moderna. A ciência que possibilitou a mudança de mentalidade do Feudalismo para o Iluminismo é a mesma atividade crítica intelectual que legitima as temáticas relevantes na Política, Cultura e Economia, e a própria industrialização; ou seja, o industrialismo como fenômeno possível por meio da racionalidade científica, ao expandir-se, impulsiona um novo *modus vivendi* favorecendo assim também a racionalidade que o engendrou. É que a afirmação da razão e da ciência estava baseada em uma crença sólida nos recursos intelectuais

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

do indivíduo e na independência ante a autoridade consagrada, ao “costume e ao exemplo” (DESCARTES *apud* GELLNER, 1992), ao tradicionalismo e à revelação pela religião. Constitui-se aí uma luta de classes de natureza teórica (e ideológica), uma revolução feita pelo (e para o) *self-made man*. (IDIBID). Neste sentido, Burke (2003:26) nos fala dos letrados, os “homens do saber” *docti, eruditi, savants, gelehrten*, ou “homens de letras” (*Literati, hommes de lettres*) tão importantes para a manutenção de um saber exclusivo a uma pequena elite letrada e detentora do saber oficial. Muito além da percepção, tomada por Gramsci, de que todo homem, simples ou não, é um filósofo em si mesmo e pode produzir saber, tanto Burke quanto Gellner nos relatam a existência de uma elite dos “homens das letras” e seu papel na manutenção de qualquer *status quo* vigente principalmente em uma sociedade tradicional.

Nesta óptica, dentro da lógica específica da sociedade industrial, está a concepção necessária do contínuo desenvolvimento, do ideal de progresso engendrado no pós-Iluminismo. O progresso como uma crença autojustificável, legitimada por si mesma, torna as ações da sociedade moderna baseadas em uma inquietante resposta pretensamente axiomática. Tudo pode ser questionado, menos a lógica do progresso e da expansão, mesmo que esta demonstre ser danosa ou perigosamente ambígua. É como se a lógica e a racionalidade da modernidade se justificassem em períodos de abundância do processo financeiro, produtivo e de consumo, assim como se pusesse em questionamento nos momentos de recessão (ou nem mesmo assim). Por isso mesmo, a sociedade industrial parece refém da constante necessidade de *expansão* e *inovação*, a primeira causadora dos grandes conflitos – bélicos ou não – imperialistas do século XX e a segunda contribuinte de metamorfoses na educação e no mundo trabalhista. Na base desta sociedade, se assenta uma divisão social do trabalho, a qual demanda constante adaptabilidade. Assim, segundo Santos,

A educação, que fora inicialmente transmissão da alta cultura, formação de caráter, modo de aculturação e de socialização adequado ao desempenho da direção da sociedade, passou a ser também educação para o trabalho, ensino de conhecimentos utilitários, de aptidões técnicas especializadas capazes de responder aos desafios do desenvolvimento tecnológico no espaço da produção. (1997:196).

Seria então esta racionalidade moderna determinante da mutabilidade constante do panorama destas sociedades, além de permitir a retroalimentação de si mesma? Será que a modernidade nos acostuma a perceber o momento de crise como condição “normal” e inevitável da modernidade? Ora, desde o século XIX Durkheim sentia os efeitos do “frio moral” causado pelo esfacelamento do *ancien régime* e sua estrutura monolítica secular.

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Em certa medida, pode-se entender o estado de crise perene na Idade Moderna, uma vez que, por meio das etapas fundamentais da história (sociedade agrária, pré-industrial e sociedade industrial), desembocamos em um período no qual existem muitas nações e, por conseguinte, muitos nacionalismos em potencial. Como o próprio Gellner adverte, há uma grande lacuna entre as ânsias de nacionalismo e as possibilidades de consecução dos mesmos, o que leva muitos a frustração e, quiçá, a uma constante intranqüilidade política internacional, o que parece contribuir direta e constantemente para este estado de tensão e desequilíbrio.

Para Dowbor (2002) as tecnologias são capazes de mudar radicalmente não só a dimensão temporal, mas também a dimensão espacial da reprodução social e é justamente na atualidade contemporânea que, segundo o autor, as bases tecnológicas proporcionam a mais dramática transformação da história da humanidade. Segundo ele,

Em nenhum momento, nem na imensa abertura que significou a Renascença, com gigantes como Leonardo Da Vinci, nem no explosivo final do século passado, que nos deu a energia elétrica, o motor a combustão e as bases da física moderna, houve qualquer coisa que se comparasse com a atual abertura dos nossos horizontes. Considera-se hoje que os conhecimentos novos adquiridos nos últimos vinte anos correspondem *grosso modo* ao conjunto dos conhecimentos técnicos que a humanidade acumulou durante a sua história. (DOWBOR, 2002:17)

Dowbor se utiliza de um metodologia simples para analisar as graves transformações, dividindo as revoluções da atualidade em quatro “eixos de transformação”: a) da eletrônica; b) das Telecomunicações; c) Conhecimento da Vida e d) das energias.

O primeiro eixo diz respeito principalmente às transformações no campo da informática, que, por si, está relacionado intimamente com o nosso cotidiano. No momento em que a ciência se apropria do elétron e do fóton na sua condição de instrumentos de expressão, estocagem, organização, busca inteligente e transmissão de informação, significa, segundo o Economista, que o conjunto de processos vinculados ao conhecimento passa a utilizar um meio cuja rapidez é da velocidade da luz. Ademais, o poder de difusão da informação se torna inauditamente maior por sua fluidez, criando um ambiente global de conectividade e interação.

O eixo das telecomunicações está intimamente relacionado com o primeiro eixo citado, e é corresponsável pelo envolvimento planetário em um espaço unificado de comunicações via satélites, cabos ópticos e sistemas de retransmissão. Este eixo aponta para a tendência aparentemente inelutável da mescla ou união das diversas classes de mídia em uma só. Filmes, telefones, programação de TVs e editoração estão hoje agrupados em um só sistema de distribuição. Praticamente toda atividade pode ser acessada por qualquer

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

eletricidade, um sistema binário de simbolização como palavras, números, sons e imagens. Atualmente “o entretenimento substituiu a defesa e a indústria automobilística como força motora da economia dos Estados Unidos”<sup>23</sup>, e não por outro motivo, por seu PIB, o Estado da Califórnia pode ser considerado a quinta economia do mundo.

O terceiro eixo de transformação citado por Dowbor é referente aos avanços revolucionários das descobertas do mundo da Genética. O código genético humano está sendo desvendado pelo projeto Genoma. Além disso, é possível atualmente a criação de microrganismos geneticamente manipulados para digerir poluentes químicos, revoluções no campo do agronegócio e do setor têxtil ocasionadas pelas descobertas em nanotecnologia. Este eixo vai muito além da simples reprodução de animais, pois se trata da “interferência no próprio sistema de reprodução, criando um espaço de arquitetura de seres vivos” (IDEM, *ibidem*:19)

Finalmente, o autor faz referência ao eixo das energias: células fotovoltaicas, aproveitamento da energia solar, os *leds*<sup>24</sup> e sua revolução no campo da iluminação, a demanda de fontes de energia limpas e renováveis suscitando o aparecimento dos biocombustíveis. Todas estas revoluções parecem estar apenas em seu estágio inicial e é muito verossímil que sejam o substrato de novas e maiores revoluções. Mesmo referindo-se a outros eixos mais como o dos avanços da Química e das pesquisas espaciais, o autor destaca algo ainda mais importante neste processo revolucionário sem precedentes: o patete descompasso entre o progresso tecnológico da humanidade (com seu avassalador e rápido processo de reprodução das revoluções) e seu desenvolvimento moral, assim como a capacidade desta mesma humanidade inculir freios ou regulamentações jurídicas para esta revolução inevitável.

O resultado é que, de certa forma, passamos a “conviver” com as novas tecnologias, mas não as assimilamos efetivamente, e não dominamos nem o seu potencial positivo nem os perigos que representam. De repente chegam às nossas casas as mensagens mais obscurantistas de igrejas ou de demagogos da violência, pelos meios eletrônicos mais modernos e com os mais diversos efeitos especiais, e nos damos conta de que progresso técnico e progresso cultural podem evoluir em ritmos completamente diferentes e inclusive em sentidos inversos. (...) [e completa] Quando tecnologias avançadas permitem produzir pequenos instrumentos explosivos<sup>25</sup> de efeitos mortais ao preço de pouco mais de um dólar, e a sociedade se organiza segundo a lei do mais forte, o “mercado” continuará existindo. (IDEM:21-24)

<sup>23</sup> Cf. *Business Week*, editorial, August 14, 1995: *The Expanding Entertainment Universe*.

<sup>24</sup> *Light Emitting Diodes*.

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

O autor relaciona as “resistências culturais à mudança” das estruturas empresariais, instituições de governo ou organizações da sociedade civil – como sindicatos entre outros. Juntamente a isto expõe um conjunto do que chamou de “fatores de inércia”, ou seja, elementos como interesses corporativos e lutas de poder e prestígio como elementos responsáveis por parte do descompasso entre o desenvolvimento tecnológico e o moralcultural. É justamente neste ponto em que a regulação jurídica se mostra mais inoperante, dada a lentidão, por exemplo, das formas de regulação legal a incidir sobre os mais diversos tipos de fraudes e crimes virtuais relacionados a esta revolução tecnológica. Um fato parece preciso: vivemos uma época de fragmentação moral e parecem existir vínculos entre o avanço tecnológico (especificamente o que veio desde a sociedade industrial) com este momento de indefinição e falta de paradigmas morais, assim como sua regulamentação e observância jurídico institucional.

Como comenta Gellner em uma de suas obras<sup>26</sup>, há uma moralidade específica no momento de transição permissível de analogia com o momento inusitado da metamorfose de F. Kafka. A delicada situação de Gregor (personagem do romancista tcheco), que se vê transformado em uma gigantesca barata, dá asas às nossas reflexões. Não seria Gregor Samsa um símbolo da humanidade perplexa pela sua identidade instável e sua metamorfose uma metáfora da própria condição da modernidade? Tudo nos leva a crer que, assim como com Gregor, que na metamorfose de homem para inseto não se percebe nem como ser humano nem como barata, as autopercepções nestes tempos de transição ficam suspensas em um mar etéreo de ilusivas percepções e instabilidades. Outro ponto para reflexão é a forma como a personagem era tratada com rechaço pelos seus próprios familiares, um indicativo de como são importantes as reflexões sobre as identidades culturais no mundo globalizado.<sup>27</sup>

O que é então esta era globalizada? A era da sociedade em rede? Era da informação e conhecimento? Era de crise de identidades culturais e nacionais? Era do ocaso dos estados nacionais e, por conseguinte, momento de novas transições agônicas e agonísticas? A era da junção necessária entre a *Cultura* e o *Estado* com uma finalidade específica? Uma era na qual um caldeirão de etnias está prestes a explodir ou transbordar as limitações das nacionalidades? É que o chamado “teto político” que subordina as diferenças regionais e étnicas se vê próximo de um colapso. Esta era moderna amoral em Durkheim; desencantada, racional e burocrática

---

<sup>26</sup> Gellner, E. 1964, *Thought and Change*, London, Weidenfeld and Nicolson: 1-50

<sup>27</sup> Por vezes é possível perceber as personagens de Kafka como alter-egos do mesmo autor, com seu *Angst*

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

em Weber; comprimida pelo espaço-tempo<sup>28</sup> e desterritorializada em Harvey (1992); agonística em Lyotard (2002); vigilante e disciplinar em Foucault e “carnavalizada” e hegemônica em Baudrillard (2006), se mostra eternamente em crise, fragmentação, tensão e ruptura.

Nesta época, que se segue à era da sociedade industrial-nacionalista, fica mais patente a ideia de que o arranjo nacional não é imanente à humanidade como se fez crer na modernidade. A constituição das nacionalidades parece ser uma arbitrariedade do mundo burguês, vinculado aos seus interesses e regras de jogo. A tendência das elites mundiais de impor suas visões de mundo como universais, fora denunciada desde Marx. Agora fica mais evidente que o choque entre os antigos estados nacionais e os grandes grupos de comércio transnacionais pende, talvez irremediavelmente, para o lado destes últimos, e a ideia de nação está se extinguindo por sua deslegitimidade em um processo tão arbitrário e episódico quanto o foi o de sua legitimidade. Os recentes eventos mundiais nos fazem refletir sobre a afirmação de Gellner sobre a ilusão de que um homem sem nação é tão impensável quanto um homem sem nariz e duas orelhas. Há uma íntima correlação de forças e interesses aí desenhados. A quem serviam as noções etnocêntricas do Conde de Gobineau sobre a mescla de raças no Brasil? Por que o samba é a música nacional? O que tem o Nordeste ou o Amazonas de relação com os carnavais e malandros de Da Matta? Que dizer do “caráter nacional” liberalreacionário de Oliveira Vianna? Em que medida estes pensamentos nos traduzem como um povo unificado? Novamente temos a ideia de que a nação é um construto cultural proposital em sua gênese e não uma realidade autônoma, autossuficiente e autoengendrável. A realidade é histórica como nas reflexões da alienação política de Marx, não tendo uma existência em si e por si mesma, alheia aos processos e interesses de grupos sociais de carne e osso.

Se a existência das nações, porém, a despeito de se mostrarem imanentes ao homem, inevitáveis e universais na verdade não o são, poderíamos asseverar o mesmo sobre a modernidade? Ou mesmo sobre esta racionalidade que a tornou possível?

Além destas interrogantes, há ainda outras que nos instigam, são aquelas que estão ligadas ao tema da inclusão digital. Como as ciências sociais podem lançar luz sobre a problemática da infoinclusão? Um fio condutor destas reflexões deve ser explorar as conexões

---

<sup>28</sup> Além dos conceitos de compressão espaço-tempo, surgem outros novos para tentar abarcar a modernidade virtual. Notadamente encontramos em Andrade (1997:111-124) uma das primeiras e melhores expressões do que se vem convencendo chamar “Cibertempo” ou seja, um conceito atrelado à idéia do ciberespaço o qual enseja “um o conjunto de diferentes temporalidades subjacentes às atividades humanas empreendidas nas redes de informação”.

que a educação tem com o processo de construção nacional moderna. Neste sentido, pode-se afirmar que a educação é um fator fundamental para a compreensão desta nova sociedade que se estrutura dentro de uma padronização necessária e requerida pelo novo *status quo* da modernidade industrial.

Se a idade atual é marcada pela racionalidade industrial-nacionalista (ou mesmo pós industrial), suas bases estão asseguradas por uma mútua adequação de fatores que parecem realizar entre si uma afinidade eletiva.<sup>29</sup> Segundo Gellner (op. cit.), para que tenhamos nacionalismo, é necessário antes termos uma nação, e, para que esta exista, é condição indispensável uma específica divisão social do trabalho social (em constante mudança) amparada por uma moral racional e um tipo de exoeducação e “exossocialização”.

É claro que uma sociedade agrária, na qual as classes letradas detêm para si o poder exclusivo do letramento e da erudição, não se tem as condições necessárias para o aparecimento de uma divisão social do trabalho múltipla e específica. Nesta sociedade, os grupos de parentesco são encarregados da socialização dos indivíduos, e suas perspectivas, visões de mundo, valores e adestramento dependem não de outro meio, mais destas próprias unidades nucleares familiares.

A nova configuração moderna não permite tal proximidade dos indivíduos com o seu “grupo de parentesco”, como afirma Gellner, o que produz um uma exossocialização pelo adestramento de indivíduos em centros escolares de base cultural genérica a fundamentar os seus valores, determinar-lhes os pontos de vista e o capacitarem para a vida produtiva nesta sociedade industrial. Para o autor, a sociedade industrial se organiza concomitantemente com a influência dessa educação geral e padronizada, membros passíveis de adaptação em diferentes áreas, mas portadores de um aprendizado genérico que lhes permite uma comunicação com grupos distintos. Este grupo educativo exógeno é responsável pelo “adestramento” padrão da massa de indivíduos desta dita sociedade, mas perde, *ipso facto*, a exclusividade da palavra escrita. Claro está que nos países “em desenvolvimento” (como o Brasil), o acesso à educação superior, onde se dá o salto do conhecimento padrão para o específico, a adesão ainda é muito baixa com relação a outras sociedades com o seu desenvolvimento industrial já consolidado. A exossocialização, entendida como a produção e reprodução do homem fora de sua unidade local, é o que torna possível este homem padronizado, moderno. Por isso mesmo é que, para Gellner, a homogeneidade cultural será

importante para a formação dos nacionalismos, sendo esta homogeneidade causa e não efeito do nacionalismo, como se podia especular.

#### **1.4 Sociedade industrial e sociedade da informação**

Na nova sociedade industrial, após o processo de transição tecnológica, surge um novo tipo de sociedade baseada no conhecimento na qual o fim em si mesmo é o poder. O conhecimento ganha um entorno essencialmente utilitarista. Por isso, para Lyotard, seja na contenda de Estados ou de empresas de grande capital “a única disputa confiável é o poder. Não se compram cientistas, técnicos e aparelhos para saber a verdade, mas para aumentar o poder.” (Op cit.:83) E assim o sistema mundo atual, informático técnico e também racional, engolfa as possibilidades de contra-argumentação ao seu desenvolvimento, proporcionando, ainda, uma forma de dispor do saber científico e da autoridade decisória ao mesmo tempo. É que, para o autor, desde Luhmann<sup>30</sup> que este sistema se expressa nas sociedades pós-industriais, substituindo a normatividade das leis pela eficiência mensurável dos procedimentos. Desta maneira o domínio das tecnologias permitem, no contexto social dado, reforçar a realidade empírica, assim como as chances de “ser justo” e de “ter razão”.

O poder legitima a ciência e o direito por sua eficácia, e esta por aqueles. Ele se auto-legitima como parece fazê-lo um sistema regulado sobre a otimização de suas performances. Ora, é precisamente este controle sobre o contexto que deve fornecer a informatização generalizada. A eficácia do enunciado, seja ele denotativo ou prescritivo, aumenta na proporção das informações de que se dispõe relativas ao seu referente. Assim, o crescimento do poder e sua auto-legitimação passa atualmente pela produção, a memorização, a acessibilidade e a operacionalidade das informações. (IDEM:84)

Para nós parece claro que a modernidade conta sim com uma padronização no melhor estilo unidimensional de Marcuse (1982). Refletindo sobre a atualidade, podemos perceber que a importância dada à gerência da informação vem se intensificando por meio dos processos das tecnologias informáticas e digitais; mas é justamente neste ponto onde se encontra o calcanhar-de-aquiles desta modernidade. Se a sociedade industrial necessita incessantemente se expandir e inovar (sendo esta sua imanência básica) e se esta inovação pressupõe uma alfabetização geral da população, mais uma pedra se põe no caminho do industrialismo: a emergência da infoexclusão e as formações de legiões dos chamados “analfabets”. Se o analfabetismo embargou, em parte, o processo inicial de industrialização,

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

parece ser análoga (ou mesmo ainda mais grave) a formação de pessoas desprovidas de conhecimentos básicos de informática para esta mesma sociedade que se alimenta de sua própria inovação. Por isso exprime Castells (2003:08) “de fato, ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e nossa cultura”. É por meio destas redes de informação, propiciadas pelas tecnologias informáticas, que emerge um novo padrão sócio-técnico de resultados ainda imprevisíveis.

De fato, as revoluções no campo da informática parecem sinalizar para dois caminhos diversos: um relacionado ao enorme número de possibilidades, avanços e novas formas de socializações (políticas, comerciais ou de lazer), isto é, uma oportunidade singular para o avanço da democracia e para uma mobilização da sociedade civil absolutamente sem precedentes.

A segunda face, mais cruel, são os também inumeráveis problemas criados pelo mesmo movimento de desenvolvimento sem limites das tecnologias informáticas. São crimes virtuais de toda classe, racismo, intolerância étnica e outros movimentos desenhados pela própria sociedade civil em sua face negativa, além de um brutal processo de exclusão digital e analfabetismo digital que se processa em concomitância aos fenômenos sociais já citados.

O fator principal é: como conciliar os avanços das TICs com formas eficientes de sociabilidade e educação? Os desafios são inúmeros. Como será o comportamento do Estado<sup>31</sup> ante à esta emancipação das camadas da sociedade civil (para o bem ou para o mal)? Seria a educação a distância, a *internet* e os grupos de estudo virtuais o próximo passo da exossocialização tão necessária à sociedade industrial de que nos fala Gellner? Ademais, seria verossímil pensar em um profundo redesenho de tudo o que se entende hoje por educação, participação política e cidadania? Quanto tempo levará este processo?

Podemos asseverar que o fato é que estamos em uma sociedade em mudança intensa e com processos contraditórios: Há avanço tecnológico de todas as espécies, mas os processos culturais e políticos parecem não acompanhá-lo ficando em descompasso. As finanças estão globalizadas, porém os processos de controle não são eficientes propiciando uma erosão das políticas sociais. O século XXI começa com 2,8 bilhões de pobres, sendo que destes, metade vive com menos de dois dólares por dia, e, o que é pior, sem perspectiva de melhora (DOWBOR, op.cit). Parece que estamos vivendo uma tragédia anunciada do

---

<sup>31</sup> <sup>31</sup> Imagine-se: o que um Goebbels faria com as tecnologias modernas de comunicação? (Pergunta-se Dowbor,

desenvolvimentismo como Marshall Berman fazia crer comparando o Fausto (de Goethe)<sup>32</sup> com as metamorfoses atuais, o que nos leva muito além da crença de que o progresso é um pressuposto universal.

Assim, a despeito de concepções apologéticas sobre as potencialidades do uso da tecnologia em sociedade, se oculta a noção desta como um *a priori* político ao considerar o desenvolvimento das sociedades como

um universo tecnológico, a sociedade industrial desenvolvida é um universo político, a fase mais atual da realização de um projeto histórico específico – a saber, a experiência, a transformação e a organização da natureza como mero material de dominação (...) No ambiente tecnológico, a cultura, a política e a economia se fundem num sistema onipresente que engolfa ou rejeita todas as alternativas (...) a racionalidade tecnológica ter-se-á tornado racionalidade política”. (MARCUSE, 1982:19).

Ademais, o quadro da utilização das novas tecnologias (protagonizadas prioritariamente pela informática), e o debate deste, sinalizam de maneira incontestável para sua dimensão política, uma vez que as relações de saber e poder<sup>33</sup> permanecem intrínsecas, assim como a educação, cidadania e a própria política: “o *a priori* técnico é um *a priori* político” (MARCUSE, 1982), onde discutir novas tecnologias resulta discutir formação de cidadania, reavaliação dos pressupostos tecnológicos e relações de poder daí inerentes. Neste sentido, assevera Marcuse (op.cit.:18), “a tecnologia serve para instituir formas novas, mais eficazes e mais agradáveis de controle e coesão social (...) a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e elaboração das técnicas”. Com isso o filósofo frankfurtiano põe por terra o que já estava abalado pelo marxismo: a noção de que a ciência poderia auferir uma dimensão de neutralidade axiológica. Nesta visão, não somente a tecnologia mas também a ciência como um todo é alvo de uma crítica feroz e repleta de proselitismo.

A noção de *neutralidade* essencial da ciência é também estendida à técnica. A máquina é indiferente aos usos sociais que lhe são dados, desde que tais usos permaneçam dentro de suas possibilidades técnicas. Em vista do caráter instrumentalista interno do método científico, essa interpretação parece inadequada. Uma relação mais estreita parece existir entre o pensamento científico e sua aplicação, entre o universo da locução científica e o da locução e comportamento comuns – uma relação na qual ambas se movem sob a mesma lógica e racionalidade de dominação. O meu propósito é demonstrar o caráter instrumentalista *interno* da racionalidade científica em virtude da qual ela é tecnologia apriorística, e o *a priori* de uma tecnologia *específica* – a saber, tecnologia como forma de controle e

<sup>32</sup> Quanto a isto, poder-se-ia dizer que o que não está claro é “quem” está no papel de Mefistófeles. Cf. Sachs, 2004.

dominação social. (...) O método científico que levou à dominação cada vez mais eficaz da natureza forneceu, assim, tanto os conceitos puros como os instrumentos para a dominação cada vez maior do homem pelo homem *por meio* da dominação da natureza. A razão teórica, permanecendo pura e neutra, entrou para o serviço da razão prática. A fusão resultou benéfica para ambas. Hoje, a dominação se perpetua e se estende não apenas através da tecnologia, mas *como* tecnologia, e esta garante a grande legitimação do crescente poder político que absorve todas as esferas da cultura. (IBID: 151-153).

Segundo o mesmo autor, existe uma tensão entre racionalidade e irracionalidade, interna ao projeto da era moderna, a qual dilacera o sonho de uma sociedade harmônica, guiada pela racionalidade científica segundo o Iluminismo dos séculos XVII e XVIII. Atualmente as sociedades industrializadas, nas quais a tecnologia ganha destaque, não somente no setor produtivo destas, mas também no cotidiano dos indivíduos. De forma semelhante, expressa Ianni que

A mesma ciência que abre perspectivas de emancipação individual e coletiva proporciona alienação material e espiritual de indivíduos e coletividades, devido à forma pela qual se transforma em força produtiva e técnica de controle social (...) O domínio do homem sobre a natureza é cada vez maior; mas, ao mesmo tempo, o homem se transforma em escravo de outros homens ou de sua própria infâmia. Até a própria luz da ciência parece só poder brilhar sobre o fundo tenebroso da ignorância. (OP.CIT.:65-66)

Também Castells (1999) reconhece que “a presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação de nossa sociedade.” Ademais, outros riscos se impõem sobre a forma de utilização da informática como recurso cidadão. Para Bobbio (1989), a utilização do computador no auxílio da participação democrática pode terminar em uma banalização da participação cidadã, assim como uma saturação ou embotamento do sentido da participação política.

A hipótese de uma futura computadorocracia, como tem sido chamada, permita o exercício da democracia direta, isto é, dê a cada cidadão a possibilidade de transmitir o próprio voto a um cérebro eletrônico, é uma hipótese absolutamente pueril. A julgar pelas leis promulgadas a cada ano na Itália, o bom cidadão deveria ser convocado para exprimir seu voto ao menos uma vez por dia. O excesso de participação, produto do fenômeno que Dahrendorf<sup>34</sup> chamou depreciativamente de cidadão total, pode ter como efeito a saciedade de política e o aumento da apatia eleitoral. O preço que se deve pagar pelo empenho de poucos é frequentemente a indiferença de muitos. Nada ameaça mais matar a democracia que o excesso de democracia. (BOBBIO, 1989:26)

---

<sup>34</sup> Dahrendorf, Ralf. *Il cittadino totale, Centro di ricerca e di documentazione Luigi Einaudi, Torino, 1977.*

Na perspectiva de Lyotard ao se examinar o estatuto atual dos saberes científico-tecnológicos,

Constata-se que enquanto este último parece mais subordinado do que nunca às potências e, correndo até mesmo o risco, com as novas tecnologias, de tornar-se um dos principais elementos de seus conflitos, a questão da dupla legitimação está longe de se diluir e não pode deixar de, por isso, de ser considerada com mais cuidado. Pois ela se apresenta em sua forma mais completa, a da reversão, que vem evidenciar serem saber e poder as duas faces de uma mesma questão: quem decide o que é saber, e quem sabe o que convém decidir? O problema do saber na idade da informática é mais do que nunca um problema do governo. (Lyotard, 2002:13-14)

Igualmente para autoras como Benevides (1991), o uso político das tecnologias informáticas é contraditório, pois situa ao mesmo tempo uma tendência de empuxo à iniciativa e participação popular, como também propicia uma problemática de natureza estrutural para equacionar este novo cidadão-usuário dentro dos quadros representativos da democracia brasileira. A autora aponta para a chamada síndrome do “cidadão no sofá”: um tipo de eleitor que poderá dispor de equipamentos telemáticos residenciais (como a Internet eleitoral) para dizer sim ou não às mudanças cruciais do País. O problema é que, para Benevides, além dos controles técnicos (protocolos e criptogramas especiais), esse eleitor continuará achando que votar é maçante, uma “perda de tempo”. Poderá ser uma versão mais branda do hoje recorrente “não gosto de política”, mas com o acréscimo da velocidade digital o cidadão do sofá irá dizer: continuo não gostando de política, mas voto porque é rápido e barato. É neste sentido que expressa Lévy, sintonizado com os ideais democráticos do CDI:

A verdadeira democracia eletrônica consiste em encorajar, tanto quanto possível a expressão e a elaboração dos problemas da cidade pelos próprios cidadãos, a auto-organização das comunidades locais, a participação nas deliberações por parte dos grupos diretamente afetados pelas decisões, a transparência das políticas públicas e sua avaliação pelos cidadãos (...) Colocar a inteligência coletiva no posto de comando é escolher de novo a democracia, reatualizá-la por meio da exploração das potencialidades mais positivas dos novos sistemas de comunicação. (1999, pp. 186-196).

Entre um mundo desigual, onde a pobreza avança num “contexto de prosperidade” (Banco Mundial *in* Dowbor, 2002:45.), e um mundo cibernéticovirtual, que demanda urgentes adaptações e re-desenhos infraestruturais e políticossociais, estão as camadas mais pobres do globo, excluídas, invisíveis aos incluídos e completamente absortas deste processo global. Cerca de 2,8 bilhões de pessoas vivem com menos de dois dólares de rendimento por dia e 1,2 bilhão – um quinto – vivem com menos de um dólar/dia. Apesar do incremento das conexões globais e das capacidades tecnológicas avançarem, o que se configura é uma brutal

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

concentração de renda dos ganhos globais. A renda média dos 20 países mais ricos é 37 vezes superior à média nos 20 países mais pobres, uma distancia que dobrou nos últimos 40 anos (*IDEM IBIDEM*). Além disso, panorama que globalmente parece demasiado grave, na realidade da América Latina, se configura algo ainda mais vexatório e periclitante. Mesmo com os avanços, a situação só tende a piorar: as metas do milênio configuram um desafio maior a cada dia se considerarmos que o ativo das três pessoas mais ricas do mundo é equivalente ao PIB dos 48 países mais pobres (KLINKSBERG, 2001), e o que parecia ser crescimento econômico se configura agora como apenas um *joblessgrowth* (SACHS, 2002; DAWBOR, op.cit.).

O historiador Eric Hobsbawm destaca a importância da tecnologia de informação na história. Para esse autor, existem três veículos de massa realmente revolucionários: o jornal (imprensa, reportagem: termo primeiramente usado pelo dicionário francês em 1929 e ingleses em 1931); o cinema e o rádio.

Em 1914, os veículos de comunicação de massa em escala moderna já podiam ser tidos como centros na era dos cataclismos. Foi espetacular a circulação de jornais cresceu muito mais rápido que a população, dobrando entre 1920 e 1950 (...) a imprensa atraía os alfabetizados, embora em países de escolaridade de massa fizesse o melhor possível para satisfazer os semi-alfabetizados com ilustrações e histórias em quadrinhos, ainda não admiradas por intelectuais. (HOBBSAWM, 1995:193).

O cinema não dependia de alfabetização principalmente depois de 1920, quando deixou de ser mudo, foi fundamental em países de língua inglesa

Ao contrário da imprensa, que na maioria das partes do mundo interessava apenas uma pequena elite o cinema foi quase desde o início um veículo de massa internacional (...) com o abandono do cinema mudo, o inglês passa a ser difundido como uma forma de comunicação intercultural. (Idem:193).

E o rádio, terceiro veículo de massa revolucionário, era inteiramente novo. Proporcionava uma “ruptura com Gutenberg” pois estava baseado principalmente na propriedade privada, na maquinaria sofisticada e, primeiramente, restrito aos países “desenvolvidos” com economia relativamente próspera.

Nas vésperas da Segunda Guerra, a concentração de aparelhos se deu prioritariamente nos EUA, Escandinávia, Nova Zelândia, Grã-Bretanha. Foi tão espetacular seu avanço que mesmo os pobres podiam comprá-lo, duplicando a sua expansão mesmo em plena “grande depressão”. Em 1920 – EUA 10 milhões de lares com rádio; 1939 – 27 milhões de lares. Para Hobsbawm, o rádio não alterou a forma de percepção humana da realidade tanto quanto o cinema. Lembremo-nos de que, antes do cinema, não havia uma forma de perceber o humano

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

e a corporeidade nas dimensões dadas pela *big silverscream*, os atores se assemelhavam a gigantes e isto é significativo antropológica e culturalmente para a humanidade em termos de manipulação de imagens e imaginário. Sendo assim, o rádio “não criou novos meios de estabelecer relações entre as impressões dos sentidos e as idéias. Simplesmente um veículo, não a mensagem.” (IDEM:194) A arte mais afetada pelo rádio, para Hobsbawm, foi a música, em virtude da abolição das limitações acústicas do período. Isto não quer dizer, porém, que não tenha sido uma ferramenta poderosa de informação de massa, como governantes e vendedores logo perceberam, para a propaganda política e publicidade. Vários eventos confirmam a importância deste aparelho para o desenvolvimento cultural, político, social do século XX. Em 1930: pela primeira vez ouvia-se a longa distância, por mais de cinco minutos ininterruptos, algo para um número teoricamente ilimitado de pessoas. Hitler comando suas tropas nazistas pelo rádio e, em 1961, De Gaulle apelou, com êxito, aos recrutas franceses contra o golpe militar. Os recrutas ouviram suas palavras através de rádios portáteis. As forças que dominaram as artes populares foram, assim, basicamente tecnológicas e industriais: imprensa, câmera, cinema, disco *longplay* e o rádio. (1995:196) Para o autor, a TV tem menos capilaridade do que o rádio<sup>35</sup>, entretanto, com a televisão, se processa uma domesticação da imagem em movimento, algo culturalmente relevante para as formações sociais.

“Na década de 1980, cerca de 80% de um país como o Brasil tinha acesso à televisão. Isso é mais surpreendente que o fato de nos EUA o novo veículo ter substituído tanto o rádio quanto o cinema como forma de padrão de diversão popular. Na década de 1950, e na própria Grã-Bretanha na década de 1960 sua demanda de massa era esmagadora (...) com a disseminação dos computadores domésticos, a telinha parecia na iminência de tornar-se o maior elo visual do indivíduo com o mundo externo.” (IDEM:484).

Assim, para Hobsbawm, o principal impacto da inovação na tecnologia de informação e engenharia genética se deu após a crise do petróleo de 1973. Ademais, esta inovação somente foi possível em razão da alta pesquisa na indústria civil (1995:265)

Aqui cabe, porém, um questionamento oportuno: será a televisão um exemplo de aparelho de comunicação realmente democrático, uma vez que está espalhado por todos os cantos do Planeta? Alguns dados recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicilio (PNAD) podem levar-nos a perceber a televisão como instrumento tecnológico democrático por excelência e em si mesmo, dada a sua incontestável inserção em qualquer estrato social e por ser em números absolutos e relativos o eletrodoméstico mais disponível na casa não somente

<sup>35</sup> No Brasil a TV já tem maior inflexão sobre todos os estratos sociais que o rádio, estando presente em 95,7%

dos brasileiros, como em muitos outros países “desenvolvidos” e “em desenvolvimento”. Um olhar mais arguto, mediato e rigoroso pode esfumazar esta impressão imediata e fácil sobre a percepção deste elemento tecnológico. Segundo Ribeiro (2005), a televisão é algo dual por seu imenso potencial emancipador de um lado e sua realidade sensível (como artefato político) ainda excludente e não democrática, de outro. O autor vê na televisão um veículo de certa emancipação sobretudo por seu papel pedagógico (tanto real quanto potencial) e avalia como positivo o reforço do processo de individuação e emancipação individual condicionada pela tv.

Entretanto, segundo o autor, encontramos na televisão diversas lacunas denunciadoras como as ausências religiosas (principalmente dos cultos afro-brasileiros), femininas, raciais e étnicas e de muitas outras minorias sociais que, em meio a poderes econômicos e midiáticos, vêm seu lugar de expressão negado dentro das programações, novelas, telejornais assim como sua voz silenciada. Definitivamente há no campo político uma avaliação negativa do potencial democrático e democratizante da televisão: há faixas sociais inteiras excluídas desta mídia, são os excluídos do discurso televisivo. Há ainda uma escassa discussão política sob a qual sucumbe a democracia e o potencial democrático deste veículo, na qual a política se vê reduzida à moral.

De qualquer maneira, o fato é que não somente a televisão mas o computador, e mais recentemente na história, a Internet, infiltraram-se definitivamente na vida dos cidadãos das sociedades modernas, gerando em muitos casos formas não usuais de sociabilidade.

### **1.5 Novas formas de sociabilidade para a Sociedade da Informação**

A cantora californiana Suzanne Vega parece ser a artista típica da era digital. Sua relação com as novas tecnologias e sua presença no *ciberespaço* são paradigmáticas. Ela é um dos principais representantes de uma nova linhagem de artistas multimídia, os quais estão sintonizados com a nova linguagem da *cibercultura*. Não por acaso, sua música *Tom's Diner* foi usada como o faixa de teste de referência (*benchmark test*) por ocasião do desenvolvimento do áudio *codec MP3*. Além disto, a artista dos Estados Unidos foi uma das primeiras cantoras a criar um *avatar*, uma espécie de ater-ego necessário para transitar em um dos mais populares programas de metarrelacionamento e realidade virtual da atualidade, o *Seconde Life*. Desde meados de 1987, porém, Vega já indicava a tendência de um novo *ethos* digital ou indicativos de uma metarrealidade, como se vê na letra de uma de suas músicas

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

mais populares da época, *language*<sup>36</sup>. Ali ela pondera sobre os limites de uma “linguagem sólida” e as possibilidades de relações e metarrelações (ou relações virtuais) como pontos de fuga destes limites tridimensionais das relações e linguagem formais.

*If language were liquid  
It would be rushing in  
Instead here we are  
In a silence more eloquent  
Than any word could ever be*

*These words are too solid  
They don't move fast enough  
To catch the blur in the brain  
That flies by and is gone*

Neste trecho, a cantora expõe sua interpretação para os limites da linguagem formal e aponta para um outro tipo de comunicação fluida com a metáfora de uma "linguagem líquida". As possibilidades de comunicação entre desconhecidos de uma metrópole como Nova Iorque esbarram em limites de uma linguagem formal e tridimensional condicionada a todo o tipo de censuras e formalidades de uma conversa em ambiente real ou mesmo de um flerte fortuito em ambiente público, sujeito a toda classe de constrangimentos. Por isso ela aponta para um novo tipo de relação, mais fluída, etérea, virtual:

*I'd like to meet you  
In a timeless, placeless place  
Somewhere out of context  
And beyond all consequences*<sup>37</sup>

Claro está que esta nova relação (ou metarrelação virtual), sem as amarras da formalidade e os limites da realidade cotidiana, se expande para um novo terreno, a *placeless place*, um lugar não-lugar, onde talvez por isto mesmo seja o terreno acolhedor de todos os tipos de possibilidades e além de todas as consequências, isto é, uma relação além da ética e da moral estabelecida. A relação de Vega com as novas tecnologias vem do berço, pois sua mãe (Pat Vega) era uma analista de sistemas de computador de origem germânico-sueca

<sup>36</sup> Language – (album: Solitude Standing) Release date: 1987 Label: A&M Records. Inc.

<sup>37</sup> Se a linguagem fora líquida / Ela estaria apressando-se / Em vez disso aqui estamos nós / Em um silêncio mais eloquente / Do que qualquer palavra jamais poderia ser / Essas palavras são demasiado sólidas / Eles não se movem rápido o bastante / Para capturar a falta de clareza no cérebro / A qual voa por aí e se vai / Eu gostaria de encontrá-lo / Em um lugar não-lugar, fora do tempo / Em algum lugar fora de contexto / E além de todas as

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

deportada para os Estados Unidos (como atesta sua biografia em seu *website*<sup>38</sup> oficial). Na atualidade, a cantora e letrista transita de forma pioneira pelo *ciberespaço* onde concedeu até uma entrevista realizada em 3 agosto de 2006 no programa de auditório virtual chamado *The Infinite Mind* ao jornalista virtual John Hockenburry no *Seconde Life*. Assim Vega vem tornando-se um protótipo do artista moderno, cibernético. Seu exemplo foi seguido por outros artistas, por personalidades da mídia mundial, por empresas que vêm no *Seconde Life* a possibilidade de uma aproximação com os seus clientes do mundo real. Obviamente este *ciberespaço* está repleto de pessoas “comuns” do “mundo real” os quais se vêm da forma que quiserem e são vistos como clientes em potencial.

Assim, o que se segue na Era moderna é o surgimento de formas de sociabilidade associadas ao desenvolvimento de uma metassociedade mais veloz e interconectada: a Sociedade da Informação. Tomamos aqui os conceitos de sociabilidade e de sociação na acepção atribuída por Simmel (1977; 1983), para quem a sociedade se dá tendo por base as interações sociais dos indivíduos. Estar em sociedade é estar um com o outro, um pelo outro e um contra o outro. Nesta teia de relações, desenvolvem-se formas e conteúdos de naturezas diversas materiais e imateriais. Para esse autor, a sociabilidade é um jogo no qual se faz como se todos fossem iguais e, ao mesmo tempo, como se todos fossem honrados em particular. A sociabilidade emerge como formação de forças éticas na sociedade concreta, envolvendo tensões constantes entre o indivíduo e a totalidade. Já os conceitos de sociação<sup>39</sup> referem-se aos processos nos quais a sociedade se constitui e se atualiza. Estes processos por sua vez assumem formas estruturalmente diferentes para cada tipo social, sendo chamadas de “formas sociais”.

Isto posto, consideremos, pois, que na atualidade é possível tecer conjecturas por meio de senso comum acerca das inúmeras possibilidades desta sociedade baseada na informação ou da falta de segurança a qual estão submetidos, de uma maneira ou de outra, todos aqueles incluídos no mundo digital. A atual “era da informática” engendra as perspectivas da formação de uma Sociedade da Informação com numerosas promessas, dilemas e tensões ainda não equacionadas, seja pela sociedade civil, pelo segundo setor ou pelo Estado. É bem verdade que uma enxurrada de possibilidades benfazejas se instaura sob os auspícios de uma tecnologia triunfante e irresistível que engloba a muitos, mas que engolfa outros tantos do

---

<sup>38</sup> <[www.suzannevega.com](http://www.suzannevega.com)> (acesso em janeiro de 2008)

<sup>39</sup> Há variações possíveis para o termo original utilizado por Georg Simmel “*Vergesellschaftung*” como socialização e associação, mas para evitar confusões metodológicas com termos usados por outros autores, em

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

processo de digitalização e virtualização do mundo (fenômeno que ficou conhecido como *Digital Divide*). Esta “Divisão Digital” (ou exclusão digital) pode ser definida como uma forte desigualdade que emerge nas sociedades modernas em virtude das diferenças entre aqueles que têm acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC (e as usam em suas vidas diárias), e aquelas que não o fazem ou não sabem como o fazer. Tal desigualdade moderna pode ser produzida entre diferentes estratos sociais, raças, gêneros, idades ou mesmo entre países de diferentes níveis sócio-econômicos. Esta nova forma de desigualdade se soma às causadas pelas diferenças puramente econômicas, deteriorando ainda mais a exclusão social de certos estratos da sociedade.

A despeito disto múltiplos negócios virtuais estão em processo: *e-business*, *e-commerce*, Transferência Eletrônica Disponível – TED (assim como o próprio SPB – Sistema de pagamentos Brasileiro), “governança eletrônica”, acompanhados de uma gama quase inexaurível de produtos de acesso ao mundo digital que, além de serem cada vez mais indispensáveis para um número crescente de pessoas no mundo, configura-se como um negócio rentável pela característica *sui generis* de sua obsolescência programada, a qual supera qualquer outra linha de eletrodomésticos tradicionais.

A Internet torna-se um fenômeno tecnológico que transforma as relações sociais, culturais, políticas, psicológicas e econômicas, como também estabelece novos comportamentos no campo do entretenimento e, sem sombra de dúvida, aproxima gerações e muda radicalmente o olhar sobre a realidade. (GUERREIRO, 2006:149)

A revolução processada pela informática, entretanto, representa o que a eletricidade representou para as primeiras fases da Revolução Industrial. Nesta sociedade, o instrumento de poder é a informação assim como seus fluxos, possibilidades de acesso e usos. O crescimento vertiginoso do número de usuários da internet, assim como das tecnologias de informação e comunicação (TICs) em geral, abrem espaço para dúvidas sobre sua segurança e estabilidade normativa, além de ocultar certas dinâmicas excludentes circunscritas a este processo.

### 1.5.1. As dinâmicas excludentes circunscritas à Sociedade da Informação

Em 2007 havia, segundo a ONU<sup>40</sup>, 1,2 bilhão de pessoas com acesso à rede em todo o mundo. Isso significa que pouco mais de um sexto da população do Planeta conta com um

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

acesso regular a esta tecnologia informática, e que ainda existe uma distribuição desigual. O aumento de usuários da rede mundial de computadores, entretanto, é vertiginoso. Se considerarmos que em 1997 existiam apenas 70 milhões de usuários no mundo, então houve um aumento de 1,113 bilhão de usuários em 10 anos, o que significa um grande avanço no número de conectados e incluídos. Apenas parte deste número, entretanto, é devido a ações de grupos internacionais para o desenvolvimento da inclusão digital. Pode-se atribuir este avanço também às próprias dinâmicas de expansão naturais às novas tecnologias. Como vimos no capítulo anterior, o desenvolvimento da televisão e do rádio em meados do século XX também assumiu contornos de rápida ampliação.

**Quadro 2.1**

<b>Usuários de Internet no mundo por milhão - 2007</b>		
<b>Colocação</b>	<b>País</b>	<b>Usuários</b>
1°	Estados Unidos	210
2°	China	162
3°	Japão	86
4°	Alemanha	50
5°	Índia	42
<b>6°</b>	<b>Brasil</b>	<b>39</b>

Fonte: ONU

Este quantitativo de 1,2 bilhão de internautas transita dentro do ambiente virtual sem um controle técnico ou jurídico plenamente confiável. Atualmente a administração da rede e as decisões políticas sobre o controle da Internet se limitam a uma entidade estadunidense (ICANN - *Internet Corporation for Assigned Names and Numbers*), a qual ainda não tem sido hábil para cercear ou estabelecer limites aos usos criminosos da rede. Isto está gerando preocupações de vários setores sociais acerca do que se está chamando o “risco digital” Scudere (2006). O que mais preocupa é que no Brasil o acesso está crescendo de maneira muito veloz, concentrada e polarizada. Mesmo que o País seja o sexto em acesso mundial à rede de computadores (em novembro de 2007 o Brasil estava na frente de países como Itália, França, Grã Bretanha, Austrália e Noruega), ainda existe uma desigualdade de acesso entre regiões e estados do País. Lembremo-nos de que, segundo a ONU, apenas 21% da população brasileira está conectada, e nos Estados Unidos, por exemplo, esta conta está em 69% da

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

população. Obviamente, a dinâmica destas alterações técnicas não passaria deixando incólumes os padrões da sociedade, da cultura e do direito.

Concomitante a este processo de fascínio que o mundo virtual ocasionam por suas infinitas possibilidades acompanha uma multiplicidade de graves tensões e problemas que têm no mundo virtual sua expressão principal. São questões atuais: como incluir os excluídos digitais (sob pena de emperrar o crescimento econômico de vários setores sociais cada vez mais imersos na era cibernética)? Como harmonizar as tensões entre as liberdades individuais dos cidadãos do Estado democrático liberal com a regulamentação necessária dos espaços virtuais, evitando, por um lado, uma anarquia digital mãe de todas as aberrações dos *cybercrimes*, e do outro, uma hiper-regulamentação cerceadora das liberdades fundamentais da cidadania moderna? Como criar limites morais, técnicos e também legais ao mundo fragmentado e descentralizado da internet, o metafórico espaço onde se projeta a sociedade física acompanhada de todas as suas virtudes e vícios mais terríveis? Como combater ou mitigar os efeitos perniciosos da modernidade sobre a moral e os novos processos de sociação virtual?

A Sociedade da Informação significa para o mundo ocidental o destino natural que se segue ao curso das ações racionais de uma origem bem antiga. Deste as rupturas ideológicas ocorridas no Século das Luzes, e posteriormente com as rupturas políticas e tecnológicas das Revoluções Industrial e Francesa, ocorre no mundo ocidental uma direção inequívoca dos avanços do saber social sobre a técnica.

É um fenômeno global, com elevado potencial transformador das atividades sociais e econômicas, uma vez que a estrutura e a dinâmica dessas atividades inevitavelmente serão, em alguma medida, afetadas pela infra-estrutura de informações disponível. É também acentuada sua dimensão político-econômica, decorrente da contribuição da infra-estrutura de informações para que as regiões sejam mais ou menos atraentes em relação aos negócios e empreendimentos. (SOCIEDADE da Informação no Brasil: Livro verde 2000:5).

Esta nova sociedade, como novo padrão sociotécnico, constituída de uma acentuada dimensão politicoeconômica é também marcada por uma revolução sem precedentes na moral e nos costumes, pois estes são engendrados em um processo socioeconômico dinâmico complexo e muito veloz. A velocidade com que mudam as técnicas e a moral parecem ser uma determinante desta nova forma de sociedade baseada na geração, acumulação, transmissão, codificação e decodificação de informações. Ademais, esta sociedade não é fruto de um processo fortuito ou passageiro. De fato este novo estado de coisas veio trazendo

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Para Neves(2007), há um novo processo social de enfrentamento de gerações, refletindo as modificações causadas pela nova “renascença digital”.

As crianças do século XXI talvez digam de forma sumária que a renascença digital foi o período em que tudo foi migrado para dentro do ciberespaço. Para o bem ou para o mal, tudo: serviços, produção, consumo, interação profissional ou social, lazer, relações pessoais e também atitudes ilícitas, ilegais e anti-sociais como o crime, o terrorismo, o vandalismo. Tudo mesmo será transposto para as fabulosas avenidas digitais do ciberespaço. (2007:24).

Na esteira das transformações macro e microculturais, econômicas, políticas e sociais, o autor comenta a existência de uma dualidade reveladora. Para ele atualmente se verificam dois caminhos possíveis, tendo em vista as novas transformações do real pelo *ciberespaço*: ou ascendemos, de fato, a uma sociedade do conhecimento sustentada pelos ditames de uma emergente renascença digital a qual lhe delimita as arestas; ou ingressamos em uma perigosa e imprevisivelmente sombria era de Barbaria Digital Global. Nesta última, apenas uma pequena parcela da população mundial, fato que acontece hoje, poderá se beneficiar, de maneira constante, consciente e eficaz, se transformando em uma ciber-elite alheia às demandas das multidões de analfabetos e inadaptados do mundo digital. Mead (*apud* NEVES 2007:27) nos alerta para que “nunca [se] duvide de um pequeno grupo de cidadãos consciente e comprometido possa mudar o mundo, De fato, é só o que o tem mudado”. Em realidade que rota será tomada? Segundo Neves (op.cit.), mesmo com todas as evidências em contrário e considerando o tamanho e influência com a qual se dá o *digital divide*, não se pode afirmar ainda qual rota será tomada, efetivamente. Pode ser que apenas uma parcela da humanidade consiga ascender à sociedade da informação e do conhecimento.

Neste caso podemos ter um mundo bipolar onde haverá de um lado aqueles que tiveram êxito em ganhar acesso à sociedade do conhecimento e dos outros, separado por um abismo profundo, um grupo excluído, fortemente contrastante. (2007:25).

Tais divisões bipolares não existiram de maneira constante na história da humanidade: impérios e colônias, países desenvolvidos e subdesenvolvidos, burgueses e proletários, senhores e escravo etc. (Vide figura 1.1)

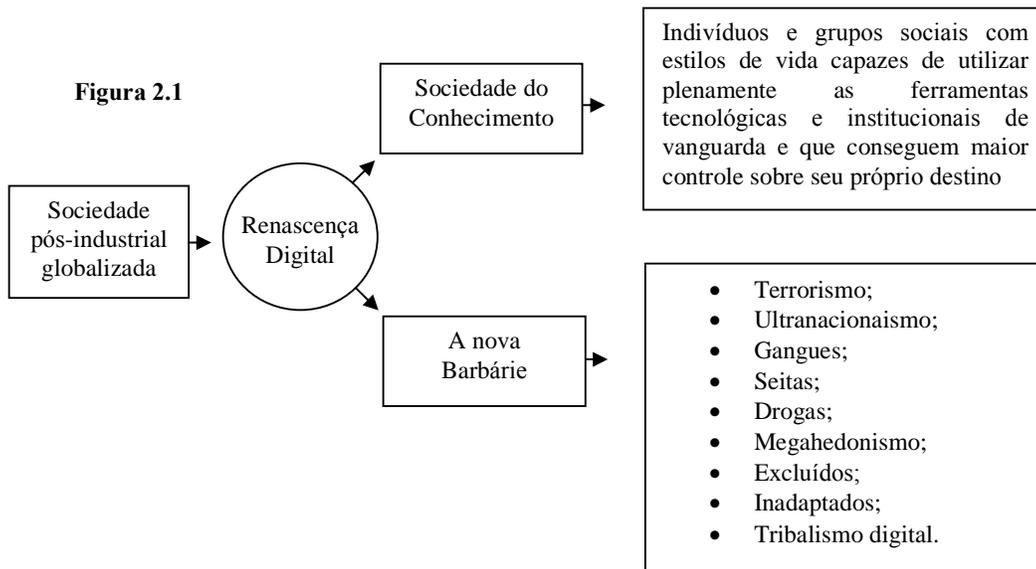
O fato é que, para Neves, quanto mais segregacionista é uma sociedade, mais decadência, caos, descontrole social e revoltas tomam corpo e conferem à humanidade um *status quo* de instabilidade constante, assim como uma falta de eixo social, econômico-político e cultural. Neste sentido, o maior desafio seria evitar que nasça, das entranhas da sociedade do conhecimento, um bloco dos condenados à nova barbaria, a “Barbárie Digital Global”.

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!



Fonte: Adaptado de Neves (2007:27) pelo autor.

O autor pondera ainda sobre a condição dos jovens nesta nova era da informação tomada como era de transição.

Os jovens dos tempos da transição para a sociedade do digital sofrem sobretudo por falta de referência receitas prontas do que deve ser feito para ganhar qualificação e atingir a plenitude da vida adulta. Sofrimento agravado fundamentalmente pela falta de perspectiva de disponibilidade de empregos que eram tradicionais no século XX. Porém, por sua vez, os adultos com mais de 30 anos sofrem com a sobrecarga cognitiva e vai se tornando cada vez mais epidêmica e pelas suas dificuldades de manter o passo atualizado com as mudanças em especial as de natureza tecnológica. (2007:91).

Por isso mesmo, para Neves

Continuamos a encarar a juventude como o movimento da plenitude da capacidade cognitiva sem que isto corresponda à capacidade que realmente temos. O acontecimento da renascença digital impõe mudanças nesta perspectiva. (Idem:95).

Há, porém, um movimento inevitável de mudança destas perspectivas que vão se exaurir nas próximas décadas, abrindo então o desafio a equacionar: a educação não é mais uma mera escolaridade para jovens, mas um processo cotidiano, universal, entrando no cotidiano do trabalho dos adultos de forma contínua. Podemos citar os exemplos do BNB e

**pdfMachine**  
**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**  
 Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.  
 Get yours now!

concursos públicos da década de 1970 e 1980, nos quais as condições necessárias para estas atividades e instituições não compreendiam uma urgência de atualização e continuidade de estudos como se vê hoje na sociedade do conhecimento.

Para Dupas (2001), o progresso contém contradições que põem em questão a inovação tecnológica e lança os principais desafios éticos da sociedade da informação. A tecnologia, porém, pode e deve ser submetida a uma ética que seja libertadora, a fim de a *digital divide* e a neo barbaria digital sejam capazes de contemplar, ao invés, o bem-estar da sociedade de forma bem mais plural e irrestrita, seja ela presente ou futura, anacrônica, sincrônica ou diacrônica, evitando o posse exclusiva das TICs a serviço de minorias e/ou atendendo a necessidades imediatas.

Para Lévy (1996), enquanto tal, a virtualização não é boa, nem má, nem neutra. Esta nova forma que assumem as relações humanas no plano mundial representa um processo de hominização da inteligência e potencialidades.

Uma técnica não é boa, nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e do outro fecha o espectro de possibilidades). Não se trata de avaliar os ‘impactos’, mas de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer com ela. (2000:26).

O autor realiza uma desconstrução da oposição fácil entre o real e o virtual. Para ele a metáfora do impacto para representar as implicações sociais de toda classe causadas pela tecnologia é inadequada. Considerar tal metáfora seria entender a tecnologia como um autor autônomo e externo, distinto e cindido da sociedade e de sua cultura. Ora, como separar do mundo artificial tecnológico as ideias que são deste o substrato? Lévy inclui no mesmo rol as tecnologias, as ideias que as engendram e os seres humanos que os inventam, utilizam e produzem. As ações humanas abrangeriam interações entre (a) pessoas vivas e pensantes, (b) entidades materiais naturais e artificiais (c) idéias e representações.

De fato, para Lévy (2000) há uma rede de interesses por trás da Internet, o que envolve projetos diversos, lutas econômicas, estratégias de poder etc. Por isto existe uma dualidade envolvente no mundo digital. Uma “ambivalência” ou multiplicidade de significações e dos projetos que envolvem as técnicas são muito evidentes no caso de tudo o que envolve o *ciberespaço*.

O desenvolvimento das *cibertecnologias* é encorajado por Estados que perseguem a potência, em geral, e a supremacia militar, em particular. É também

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

uma das grandes questões da competição econômica mundial entre as firmas gigantes da eletrônica e do software, entre os grandes conjuntos geopolíticos. Mas também responde aos propósitos de desenvolvedores e usuários que procuram aumentar a autonomia dos indivíduos e multiplicar suas faculdades cognitivas. (2000:24).

Isto significa dizer que Lévy se afasta das críticas feitas pelos estudiosos da Escola de Frankfurt e sua ideia de racionalidade instrumental. Conceito este que entende a tecnologia, e o desenvolvimento do conjunto de técnicas sociais, como tendo uma dimensão de poder necessária e prevista por classes dominantes a fim de efetuarem seu domínio sobre os menos poderosos. Nesta visão, a técnica se vê utilizada pelo desenvolvimento e manutenção da grande indústria e sua lógica envolve produção e consumo. Para Ianni,

A sociedade global está cada vez mais articulada pelo utilitarismo, pragmatismo, behaviorismo, positivismo. As malhas científicas e tecnológicas, materiais e espirituais, que tecem as instituições, organizações, agências, empresas, mercados, regiões e nações, organizam-se segundo os requisitos da razão instrumental. (2001:118)

Para o autor, a própria mundialização tecnológica é, sob vários aspectos, um produto da concretização de objetivos e organizações tomadas pela razão instrumental como estratégia de grupos de elite em escala mundial. Esta modernidade é eminentemente tecnológica porque, para ele, sem a dinamização da informática e de sua “parafernália eletrônica” (op. cit.:119) a qual elimina fronteiras e vai além de regimes políticos, soberanias e cidadanias. Ela se propaga em meio a fábricas, escritórios, fazendas, poderes republicanos, sindicatos e partidos, igrejas e escolas, meios de comunicação de massa e indústria cultural. Assim até “os produtos da ciência transforma-se em técnicas, signos, emblemas, fetiches, ao mesmo tempo que organizam a atividade e a imaginação em toda parte e no íntimo de cada indivíduo”. (IDIBID).

Lévy também se distancia de Heidegger e as ideias seminais sobre *O sentido da técnica*, para quem se poderia falar dos efeitos socioculturais ou do sentido da técnica em geral. De fato, Lévy percebe a tecnologia informática pelo viés filosóficoantropológico criticado por M. Heidegger. Considera a técnica como fruto do homem e um meio para uma finalidade racional e potencialmente libertadora (vide o conceito de inteligência coletiva). Esta noção (por excelência) democrática da técnica é criticada por seguidores de M. Heidegger, e atualmente por nomes de peso da atualidade, como J. Baudrillard e P. Virílio (1999). O segundo, um dos mais contundentes críticos da *Internet*, ciente de perigo que este ambiente provoca: uma dependência massiva. Para Virílio, um mundo interconectado é um

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

mundo frágil, o ponto de entrar em colapso, seja financeiro ou cultural, a qualquer momento. Ademais é uma outra forma de domínio do capitalismo sobre a vida dos cidadãos, já que com suas artimanhas e pseudodemocracia propaga uma pretensa sensação de liberdade por meio da rede. Para estes críticos da sociedade informática, da *internet* e do uso da técnica tida de forma jactanciosa, assim como para os autores da Escola de Frankfurt, o mundo moderno está sob a orientação prévia da razão instrumental ou subjetiva. Esta razão instrumental, segundo Horkheimer (1976:11-12),

Relaciona-se essencialmente com meios e fins, com a adequação de procedimentos a propósitos mais ou menos tidos como certos e que se presumem auto-explicativos. Concede pouca importância à indagação de se os propósitos como tais são racionais. (*Apud* Ianni, 2001:119).

Portanto a percepção desses autores, críticos de Lévy e de sua visão otimista da informática, o mundo informacional moderno realmente não é neutro, mas recheado de uma tendência monopolizadora, tendo o grande capital como seu ponto de apoio assim como sua finalidade precípua. Neste sentido, mesmo Lévy admite a dificuldade de se estudar e prever os desdobramentos do ambiente *cibercultural*, fluido, cambiante e com uma “ausência radical de estabilidade”. (2000:24).

Em outra esfera de raciocínio, podemos tomar como parâmetro dos “impactos” gerados pela Sociedade da Informação a transformação na criação, manipulação e no papel das imagens no mundo moderno. Para Gruzinski (2006), os nativos pré-mexicanos à época da invasão espanhola achavam que Hernán Cortés, invasor espanhol deste território, era o deus Quetzalcoatl, não somente pela condição tecnológica, como também por todo aparato de imagens e signos manipulados pelos invasores. Montezuma, imperador dos astecas nesta época, ficou convencido de que Cortés era realmente a encarnação de Quetzalcoatl disposto a reclamar o controle da região, pois o invasor chegou na data precisa indicada pelo calendário Maia (tanto o *Tzolk'in* como o *Haab*) em 1519. Este controle imagético, porém, respeitava os limites de difusão e a quantidade de imagens manipuladas pelos espanhóis. Para Gruzinski (op. cit.), a imagem contemporânea instaura uma presença que satura o cotidiano e impõe-se como única e obsessiva realidade. Tal como a imagem barroca, renascentista ou muralista, ela retransmite uma ordem visual e social, infunde modelos de comportamentos e crenças, antecipa no campo visual certas evoluções que ainda nem sequer deram lugar a elaborações conceituais ou discursivas. (2006:301) Para o autor, na atualidade, a imagem é homogeneizadora e sua força obsessiva universalizante, além disso a Era moderna, com sua instauração de uma relação circular com a imagem e torna o conceito de uma “superioridade”

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

na qual se abismava o olhar”. (2006:306). A imagem na televisão é expressa como um “religioso difuso” dissolvido no consumo de massa e as tecnologias da imagem na pós-modernidade: se multiplicam os canais de comunicação, inovação, o espectador pode compor as próprias imagens. É o “Neo Barroco”, uma era de sincretismos de imagens. Neste contexto agônico, a América Latina deve buscar no passado o embasamento necessário para suportar o gigantesco “entreposto de resíduos” (2006:306) no qual se amontoam as imagens da Era pós-moderna.

### 1.5.2 Críticas às formas de sociabilidade virtual

Desta sociedade informatizada, emergem, pois, diversas novas formas ou possibilidades de sociabilidades até hoje inauditas. A modernidade e suas formas de sociação levaram a humanidade a uma relação virtual onde o infinitamente distante (fisicamente) torna-se infinitamente próximo (virtualmente): o medo da exposição da alma<sup>41</sup> (mas um medo carregado de dualidade pela necessidade de expor-se para diferenciar-se da massa), das relações diretas leva ao segredo<sup>42</sup>, para que, com suas máscaras sociais, se possa proteger o indivíduo, a sua identidade, sua posição de *status*, etc; mas no mundo virtual surge uma identidade paralela que aproxima (e re-aproxima – vide “Orkut”) pessoas dentro de uma nova forma de sociação, desvinculadas das identidades e posições de *status* ordinárias.

O computador pessoal, PC, é individualizante desde sua denominação e está sendo utilizado, cada vez mais, como “apoiador” de relações humanas. O contato físico, o “face-a-face”, as expressões propriamente humanas estão agora separadas e transfiguradas pela máquina. O PC se estabelece até como mediador entre o homem e sua própria linguagem (vide modelos mais recentes do “Windows XP”) e cria um mundo que atinge o real e parece ser refratário a este. Semelhante ao dinheiro, a informática, como fenômeno sociocultural, parece guardar aos usuários certa impessoalidade. A máquina deixa de ser um meio e passa a ser um fim, separando e unindo pessoas – separa-as, ligando-as, exigindo que estas se adaptem a ele e não o contrário. Há a emergência de uma relação despersonalizada, despersonificada, mas “egolatrizada” no sentido de possibilitar e justificar os excessos e vícios hedonísticos desaprovados pela moral estabelecida do mundo real, mas também possibilitando avanços comunicativos sem precedentes. A Sociologia estuda as formas de

<sup>41</sup> “*Seele*” na acepção atribuída por Simmel (1986:357-386)

<sup>42</sup> Como forma de sociação, isto é, o segredo como fundamento das relações que têm os homens uns com os

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

sociação que os grupos humanos desenvolvem, livremente, para viverem unidos uns aos outros (pelos outros e contra os outros).

Segundo Simmel, todas as formas de sociação conservavam em si certo grau de dominação, antagonismo (ou luta - *kampf*) subordinação e criação de hierarquias e competições. Neste sentido, o mundo virtual aparece como metáfora do mundo chamado real – uma transfiguração de tudo o que acontece no mundo tridimensional ocorre também no digital com a criação (ou reinvenção) da linguagem, das identidades sociais, hierarquias, crimes e fraudes, cidadania e manifestação política, *otium e neg-otium*.

Como já visto no capítulo anterior, para DOWBOR (2002), a diversidade de ritmos de evolução das instâncias técnicas e também legais de uma sociedade é cada vez mais gritante, pois o universo jurídico (que de certa forma codifica o contexto das próprias mudanças institucionais) se mostra em estágio ainda incipiente se considerado o poder de regulamentação dos movimentos digitais e crimes virtuais ou *cybercrimes*<sup>43</sup>. Nos Estados Unidos, 81% da população acham que as leis federais deveriam ser mais duras contra a obscenidade virtual (WIRTHLIN SURVEY, 2002). De fato, a ausência de leis mais duras, nos EUA ou no Brasil, parece ser determinante para o aumento de casos deste tipo de *cybercrime*. A *Internet* e os *chat rooms* parecem ser, de fato, os “*playgrounds*” dos pedófilos modernos. Segundo o FBI, houve uma significativa explosão de casos de pedofilia virtual (de apenas 133 casos em 1996 para 1497 em 1999). Além disso, 25 milhões de estadunidenses visitam *sites* de *cyber-sexo* entre 1 e 10 horas por semana e outros 4,7 milhões além de 11 horas por semana. (MSNBC/Stanford/Duquesne Study, 2000.) Na Grã-Bretanha, o crime de pedofilia com auxílio da web cresceu 1.500% em oito anos, tornando-se verdadeira “epidemia” sociomoral. Existe, pois, um grave descompasso entre o contexto socioeconômico virtual e o contexto legal que deveria regulamentá-lo. É que a velocidade absolutamente arrasadora daquele suplanta em muito as possibilidades deste o solapar ou mesmo acompanhar de maneira mais pertinente.

A sociedade brasileira passa por importantes inovações legais na busca de soluções urgentes para a melhor regulamentação do universo virtual, a fim de cercear de maneira mais

---

<sup>43</sup> É comum na literatura a este respeito ver o prefixo “cyber” ser representado indistintamente, às vezes com “i” outras com “y”. De fato este vocábulo parece ser notado ora como neologismo, ora como um prefixo escrito em

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

eficiente o que ficou conhecido como o *cybercrime*, evitando que o espaço virtual se transforme em uma “zona sem lei”. Entende-se por *cybercrime*<sup>44</sup> uma conduta que,

utilizando-se da Internet para sua consecução, ferem direitos de terceiros ou vão de encontro ao interesse comum, considerado em uma acepção ampla que engloba tudo aquilo que perturba preceitos éticos e morais vigentes, bem como demais bens e direitos juridicamente tutelados. (COLARES, 2002).

Como exemplos de crimes vinculados por meio da internet ou mesmo de qualquer outra tecnologia informática, tem-se: jogos de azar, favorecimento da prostituição, ato obsceno, escrito ou objeto obsceno, preconceito ou discriminação expressa de raça-cor-etnia-etc.<sup>45</sup> (como é comum em *sites* de relacionamento como o “Orkut”<sup>46</sup>), pedofilia, apropriação indébita, estelionato, lavagem de dinheiro, pirataria de *software*, violação ao direito autoral, escárnio por motivação espiritual-religiosa, incitação ao crime, apologia de crime ou de criminosos, falsa identidade, inserção de dados falsos (ou adulteração de dados) em sistema de informações, calúnia, difamação, injúria, ameaça, divulgação de segredo, furto, dano, falso testemunho, exercício arbitrário das próprias razões, crime contra a segurança nacional, crime contra a propriedade industrial, interceptação de comunicações de informática etc.<sup>47</sup> São especialmente reveladores os inúmeros casos de pedofilia virtual, *cyber paedophilie*, que significa basicamente ver ou enviar fotos de crianças nuas *online*<sup>48</sup>. Esta modalidade de cybercrime é um dos mais recorrentes na rede e tem ganhado muita atenção das autoridades jurídicas estrangeiras. Na Comunidade Européia se estuda meios de combate uma vez que esta ação ilícita cresce em quase todo o Continente. Até mesmo o *Seconde Life* (programa que recria a realidade em ambiente virtual) está invadido pelos cybercrimes. O *site* de relacionamento e comunidades virtuais [www.orkut.com](http://www.orkut.com), por exemplo, tem presença massiva de brasileiros. Estes chegam a contabilizar mais de 70% de todos os usuários no mundo. São 26 milhões de brasileiros na *Internet*, 31 milhões de usuários no Orkut em todo o mundo, sendo 19 milhões de usuários brasileiros deste *site*, ou seja, 76% dos brasileiros têm conta no

---

<sup>44</sup> Note-se, porém, que existe diferença entre os *cybercrimes* e os crimes informáticos. Estes últimos, ainda sem tipificação em nosso ordenamento jurídico, se referem à ação a qual lesa “o direito a bens ou dados de informática” Cf. Colares, 2002.

<sup>45</sup> Art.20 da Lei 7.716/89

<sup>46</sup> [www.orkut.com/](http://www.orkut.com/)

<sup>47</sup> Cf. DADALTI, Adolpho. Atribuições da Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática, in <<http://policiacivil.rj.gov.br/artigos/ARTIGOS/drci.htm>> *Site* da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro. Acesso em agosto de 2007.

Orkut. O maior desses espaços é o *MySpace*<sup>49</sup>, com 70 milhões de pessoas cadastradas no mundo<sup>50</sup>.

É certo que se a sociedade civil de maneira geral já está envolvida com o mundo digital, seguem-se a ela, inequivocamente, as condutas desviantes e os crimes virtuais. Se as sociações criminosas<sup>51</sup> já entraram na era da informação por que não o fazem as instituições jurídicas? Somos levados a pensar: uma vez que as condutas desviantes são as mesmas, neste mundo ou no virtual, e o que difere nos dois casos é apenas o *modus operandi* criminal, o que impediria uma regulação mais precisa do Direito? É apenas a barreira técnica a ser transposta? Ou será necessário que nossa classe jurídica tenha que se desfazer de um *habitus* imanente à área de atuação profissional destes, adquirido através de anos de atividade, a fim de expurgar esta inércia a qual promove este *gap* entre o *cybercrime* e a sua possibilidade de regulamentação jurídica? O Direito emana, principalmente, dos costumes morais de uma dada sociedade. Claro está que nenhuma sociedade é estática, estando sujeita a modificações substanciais em seu *modus vivendi* atribuídas pelo próprio *Zeitgeist* que é, por si só, essencialmente histórico. A era que passamos, pois, é depositária de uma moralidade difusa e por vezes contraditória, sintonizada com o próprio espírito do tempo moderno, ou seja, fragmentado, descentralizado, contraditório e esquizóide.

Para Simmel (1983:46), somente responderemos satisfatoriamente à pergunta “o que é uma sociedade?”, quando pudermos afirmar sobre o significado (*sinn*) psicológico das variadas formas de sociação. Portanto, para a compreensão integral desta sociedade moderna, parece urgente um estudo sobre esta forma de sociação que lhe é peculiar, só a ela e a nenhum outro período da história humana: a “sociação virtual”. O fenômeno social das sociações virtuais reinventa o sentido das ações dos homens em reciprocidade no sentido em que esta dilui distâncias geográficas e comprime a variável temporal – tal como exprime Harvey sobre o fenômeno da compressão espaço-tempo da pós-modernidade. Note-se que a ação social como conceito migrou de Weber – *Sozials Handeln*. Este termo *Handeln* pode significar ação, atividade, mas também negócio ou comércio. A ação social, portanto, é uma atividade mútua entre agentes que estabelecem uma troca mesmo, que uma das partes domine a relação. Sempre há troca (comércio) em uma ação social. Para Goethe, porém, esta troca estará submetida às leis das afinidades eletivas na qual se verifica uma mútua adequação dos fatores equacionados na atividade social. A *internet* parece mesmo ser uma entidade em si e para si

<sup>49</sup> www.myspace.com

<sup>50</sup>Cf. Revista Veja <[http://veja.abril.com.br/especiais/tecnologia\\_2007/p\\_012.html](http://veja.abril.com.br/especiais/tecnologia_2007/p_012.html)> acesso em agosto de 2007.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

mesma, um ser autônomo que obedece a leis próprias, objetivas, e que parece levar a uma vida independente daquela de seus membros. Como a sociedade realfísica e a criada virtualmente, os produtos humanos têm uma realidade fora dos próprios homens (seja ela material, ou seja de caráter espiritual, isto é, na inteligência dos homens). Bem se sabe que, em Simmel (Idem:50), “a união espiritual dos homens triunfa sobre a sua separação no espaço”, o que reafirma a capacidade associativa (ou sociativa) das uniões espirituais em grupos virtuais como os “chats”, “e-mails”, “blogs”, “orkut”, “e-commerce”. Logicamente esta sociação espiritual não é instaurada com o surgimento dos sociações virtuais. Uma prova disso é a ligação íntima que têm os membros de A.A. estejam estes próximos ou separados fisicamente. O mundo virtual desperta, porém, como veremos em seguida, algumas variações para a configuração de um *Geistlichverbindung*<sup>52</sup> *sui generis*. Logo, um uma forma qualquer de sociação, é a unidade psíquica que verdadeiramente constitui a unidade territorial. Na modernidade dos espaços físicogeográficos desterritorializados (IANNI:2001:91-106, SANTOS: 2006) e descentralizados (CASTELLS:2003:170-202) desterritorializam-se ainda mais as ações recíprocas dos agentes entre si em uma autonomia espaço-temporal que descola as intenções (ou instintos) entre os membros das amarras convencionais simbolizadas pelas formas de sociação anteriores. Existe para isso um contato em tempo real, imediato, *online*. Neste novo contato, o fundamento fisiológico da continuidade social é substituído por um fundamento psicológico, uma geração que se une e se reconhece como tal por meio da conexão virtual.

Como em todas as formas de sociação de Simmel, temos na sociação virtual<sup>53</sup> um tipo de “cimento” estruturante especial, a despeito das demais concepções baseadas na corrente sociológica do equilíbrio. De fato, “a luta” concorre furtivamente dentro das ações recíprocas dos agentes, reforçando, unindo e reunindo uns com os outros, pelos outros e contra os outros, agregando e desagregando indivíduos, sem contar, necessariamente com a consciência destes sobre a função socioestruturante do conflito.

Analogamente, como na sociedade de carne e osso, a sociedade dos *bytes* parece também fundamentar-se no antagonismo dos seus agentes, configurando e rearranjando os usos desta tecnologia comunicativa; formando grupos rivais, dentro e fora do mundo virtual,

---

<sup>52</sup> Esta curiosa palavra utilizada por Simmel remete a um grande número de traduções possíveis e por este motivo a mantivemos em seu formato original. Tomando os seus dois vocábulos formadores em separado teremos: *Geistlich* (espiritual, teológico, relativa à psique) e *Verbindung* (aliança, assembléia, união, combinação, conexão ou interconexão, fusão, relação), de onde podemos traduzi-lo como sendo *uma união espiritual no sentido de pessoas que estão interligadas através de suas mentes e corações com vínculos para além do físico*. Cf. *Universal-Wörterbuch Brasilianisches Portugiesisch*. Langenscheidt Berlin-Shönneberg, 2000.

mas sempre relativos a este último para onde migram transfiguradas suas identidades revigoradas pela característica onírica de uma sociação baseada em um *ou-topos*<sup>54</sup> permanente. Uma vez que todo grupo social contém as mesmas relações formais de dominação, competição, imitação, segredo, união e exclusão, não é de se admirar que a sociação virtual produza o que os psicólogos chamam de “coesão afetiva excludente”, em que os grupos (principalmente os jovens) se valem da apropriação de um espaço comum, desenvolvendo a percepção de serem os “senhores” daquele espaço, excluindo sumariamente os intrusos, e até os neófitos, por termos próprios (gírias), sanções específicas e até por violência física.

Nos *blogs* pessoais, os indivíduos se agregam por afinidades psicotemáticas dos seus grupos, incluindo seus afins e rechaçando seus contrários. Para manterem-se unidos, necessitam os indivíduos de se oporem inevitavelmente, pois, como exprime Simmel (1977:266), “é da luta que nasce a unidade”.

A ideia da “Aldeia global”, da sociedade em rede, *Network society* (CASTELLS 1998; 2000; 2003) e Ianni (2001), é em si mesma um engodo se considerada a noção de uma unidade ou totalidade global estruturada e autossuficiente. Mais do que nunca, atualmente, o mundo é considerado unidade por causa da grande (e rápida) interação de suas partes constituintes. Este mesmo mundo, porém, nunca esteve tão fragmentado pelas etnias, fundamentalismos, etnocentrismos e pelos variados usos que se fazem de uma mesma cultura, como relata Geertz (2001:191-229). Claro está que, mesmo que as sociações virtuais e os serviços *online* estejam integrados intimamente neste processo global e fundamentando muitas de suas ações, nada impede seu uso de maneira abusiva e conflituosa. Os criminosos encontraram no “terreno” virtual o espaço perfeito para suas ações: pornografia virtual<sup>55</sup>, pedofilia, crimes financeiros de toda espécie, pirataria, atividades de *hackers*, *crakers*, proliferaram quase totalmente livres, uma vez que a legislação sobre crimes desta natureza (por exemplo) é tibia e ainda avança com indolência.

Parece certo crer que a sociação virtual por meio da *internet* mantém uma “identidade coletiva” característica de grandes grupos humanos, como anota Simmel em (1969:118-44)<sup>56</sup> e os padrões no agir vigoram sempre que dois ou mais indivíduos interagem, seja face a face ou virtualmente.

---

<sup>54</sup> Do grego “nenhum lugar”.

<sup>55</sup> Os crimes pela internet estão entre os mais rentáveis e seguros do mundo. Especula-se que cerca de 200 bilhões de dólares circulem anualmente por meio de negócios espúrios baseados nas sociações virtuais.

<sup>56</sup> “*The isolated individual and the dyad*” in Wolff, Kurt. *The sociology of George Simmel 4a printing. The free*

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

A sociação virtual é uma forma de sociabilidade para a qual aponta uma miríade de conteúdos. E na ponta diametralmente oposta desta forma ergue-se outra, mais dramática, referente à exclusão digital. De uma perspectiva dialética, não pode haver uma sociação digital sem que concorra concomitante uma exclusão de pessoas deste processo.<sup>57</sup> Toda a argumentação sobre a existência de excluídos do processo de sociação digital (ou, ainda mais, de uma pretensa cidadania digital daí transbordante) nos remete inelutavelmente à questão da pobreza e à figura do pobre. Para Simmel, a pobreza é uma questão problemática, pois se insere de maneira arbitrária dentro dos moldes metodológicos de forma e conteúdo sociais. De todo modo, incluídos e excluídos se unem uns contra os outros, criando e recriando o poder do segredo de suas práticas e linguagens<sup>58</sup>, aumentando o hiato entre seus mundos.

Mesmo precariamente começam a aparecer opções de inclusão digital (seja por meio do Estado ou pelas ONGs). Sob os cuidados de Ongs de “inclusão digital”, como o CDI (Comitê para Democratização da Informática), jovens e crianças aprendem, supostamente, o fazer e fazer-se em uma complexa gênese ontológica que engloba os usos e práticas resignificadas da linguagem e a reinvenção dos espaços (tanto no que toca à “espacialidade” do “espaço antropológico” de Merleau-Ponty, quanto à nova “espacialidade” do lugar-nenhum/*ou-topos* que é a rede WWW). Atentamos agora para a peculiaridade de uma didática adequada aos jovens em situação de risco: a criança escolarizada aprende paralelamente a ler, desvendando o sentido dos textos e hipertextos, assim como decodificando os signos e símbolos que são as letras. Para Certeau, “somente uma memória cultural adquirida de ouvido, por tradição oral, permite e enriquece aos poucos as estratégias de interrogação semântica cujas expectativas a decifração de um escrito afina, precisa ou corrige”. Esta é a alternativa para a sentença do mesmo autor: “às massas só restaria a liberdade de pastar a ração de simulacros que o sistema distribui a cada um”. (CERTEAU, 1994:63). Percebemos este “espaço antropológico”, sua experiência, elaboração e invenção, desde que nos inserimos na sala de aula da EIC-Luciano Cavalcante pela primeira vez em agosto de 2006.

Para os casos estritos das iniciativas governamentais sobre os desvalidos digitais (ou “analfabets”), percebe-se um problema referente ao choque do formalismo salvacionista de propagandas inclusivas desta natureza. Tais iniciativas, com as práticas reinventadoras de sentidos das redes de fazer populares, isto é, a ordem efetiva das coisas é justamente aquilo

---

<sup>57</sup> No Ceará, segundo o IBGE/PNAD 2006 apenas 4,5% dos lares tinham acesso à Internet.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

que as táticas “populares” desviam para fins próprios, sem a ilusão de que sua situação mude proximamente.<sup>59</sup>.

Tal como o dinheiro, o mundo digital confere um caráter impessoal aos usuários (ocultando suas identidades e forjando paralelas) assim como dá-lhes uma autonomia da personalidade tão própria dos tempos modernos. Em comunidades de *lan-houses* e *cybercafés*, encontra-se uma multidão de jovens *blasé* entre si, nas configurações dos espaços formais<sup>60</sup>. De forma surpreendente se dão, no entanto, intermediadas pelo computador, sociações virtuais (díades, círculos sociais e sociedades inteiras), relações específicas que ativam gatilhos emocionais vetados anteriormente. Pessoas se cruzam na metrópole<sup>61</sup> sem se dirigirem os olhares mas orientam suas ações<sup>62</sup> umas às outras pela internet e são capazes de revelar os mais profundos segredos, de travar namoros virtuais, relações estáveis no *ou-topos*, vetando sua “alma” aos seres de carne e osso e entregando-a a seres imaginários em uma relação de silício.

Abrimos espaço para uma rápida digressão: o segredo (como uma forma de sociação) mescla-se com a sociação virtual. Nesta fala-se o que se quer (a verdade inclusive), o mais, o subjetivo, espontâneo e confidencial, sem, no entanto, contar necessariamente com “*una selección de aquel todo anímico real*” e sem, por isso mesmo, sofrer o perigo de parar no manicômio. A lógica do virtual é a lógica do real às avessas. Nela são permitidos os maiores devaneios com os menores custos para a imagem da pessoa social real diante dos demais. É um pouco do carnaval de Da Matta, mas com maior perenidade e menos extravagância.

Há, entretanto, uma atitude “*voyeur*” nos “internautas”. A própria estrutura do hipertexto, a dinâmica dos *pop ups*, programas de “amizade” como o Orkut e os “*blogs*”, onde as pessoas se mostram a quem queiram através de fotos e relatos sobre a personalidade, é uma reafirmação desta atitude, é por onde se dá seu *feedback*.<sup>63</sup> Hewitt (2007:118) comenta como os meios tradicionais de informação jornalísticas são suplantados pela inovação dos “*blogueiros*”, espaços virtuais que reverberam as ações das vidas individuais em dimensões inauditas e imprevisíveis. De fato, uns querem se expressar e outros estão prontos para

---

<sup>59</sup> Certeau (op.cit: 88)

<sup>60</sup> No sentido de espaço como um “lugar praticado” – “o efeito produzido pelas operações que o orientam, circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidades polivalentes de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (idem:89)

<sup>61</sup> *Weltstadt*, traduzido para o português como ‘metrópole’ significa ao pé da letra cidade-mundo. Isto já nos remete a Ítalo Calvino e às cidades invisíveis.

<sup>62</sup> Ou atividades sociais – *sozials Handeln*, no sentido supracitado: comércio, troca mútua de influências, uma relação multilateral.

<sup>63</sup> Tenha-se em conta que o próprio verbo inglês *to browse* – “recolher” mas também “dar uma olhada” refere-se tanto aos programas pelos quais se “navega” em ambiente de rede como também aos curiosos que viajam pelo

bisbilhotar, pois nem sempre se vai a um *blog* com o intuito de obter crescimento de consciência política, cultural ou científica.

Como expressa, porém, Simmel, “a quem tenha um fino ouvido psicológico, os homens delatarão incontáveis vezes seus pensamentos e qualidades mais secretos, não só a pesar de esforçarem-se em ocultar-los, mas justamente por isso”<sup>64</sup> (1977:372). Este jogo lúdico de relações, do expor-se e resignar-se, se desenha livre e constantemente por meio dos “*chats*” temáticos mais variados. A criação de comunidades virtuais configura-se como um fenômeno urbano moderno no qual a sensibilidade se inclina às amizades diferenciadas (selecionadas) em relações afetivas, que se limitam a um dos aspectos da personalidade e deixam outros de “fora do jogo” lúdico de relações, propositadamente.<sup>65</sup>

Nisto a *multidimensionalidade* do real de que nos fala Gilberto Velho(2004) ocasiona grandes desafios epistemológicos e metodológicos. Simmel revela a importância do olho, para que se percebam as sutilezas do real na metrópole, mas a existência de um mundo virtual requer um olho diferente, também virtual. Para o autor em questão, quando estamos na metrópole, é essencial o jogo de olhares entre os habitantes desta cidade-mundo. O jogo do mostrar-se no mundo real é um jogo lúdico de ser extravagante para tornar-se inigualável e preservar a personalidade dos constantes estímulos que sofre o *blasé* na *Weltstadt*. Na modernidade, o apelo do visual se tornou hiperdesenvolvido. Neste sentido, o desenvolvimento tecnológico das mídias tem papel fundamental nesta exacerbação da informação visual, segundo Classen (1996).

No embate entre o homem *blasé* de Simmel, saturado de tantas informações visuais e resistente a elas; e o homem *flâneur* de Walter Benjamin, aquele homem citadino que se expõe nas galerias e ruas de Paris do final do século XIX aos olhares dos transeuntes como uma mercadoria, parece nascer nas metrópoles modernas um homem virtual, anunciando uma verdadeira tragédia. Um homem que se expõe nos *sites* de namoro como mercadoria a ser tomada ao som de um clique; um homem que, com todos os saberes e capacidades que tem, não desenvolve a “centralidade anímica” da plenitude de seu espírito. É que este homem moderno, que busca na relação sujeito objeto uma síntese, acha-se ora como sujeito, ora como objeto do próprio mecanismo de comunicação. Em seu nascedouro, o mundo virtual surgia como um instinto natural de comunicação, mas que começa a ser sentido como uma realidade que nos tolhe, mutila nossas exteriorizações e tendências mais interiores, das camadas mais

---

<sup>64</sup> Tradução livre de “*a quien tenga un fino oído psicológico, los hombres le delatarán incontables veces sus pensamientos y cualidades más secretos, no sólo a pesar de esforzarse en ocultarlos, sino justamente por ello*”. (op.cit.)

fundas da nossa alma. Tem-se na *internet*, com todo o seu avanço e transformações velozes, como um conteúdo cultural que significa um complexo objetivado, criado por sujeitos e destinado a outros tantos, mas que se distancia de sua origem tanto quanto de sua finalidade dentro da lógica cultural simmeliana dos objetos. O computador como obra cultural do homem o vê transformado em um “mero portador de constrangimentos” por terem os objetos humanos uma lógica imanente de configuração cultural. Os caminhos de desenvolvimento dos sujeitos e dos objetos estão cindidos. Trilhar o caminho do desenvolvimento dos objetos autônomos seria estar fadado ao esvaziamento da vida interior e essencial própria ao homem, pois o objeto criado pelo espírito, o qual deveria conduzir o sujeito de si mesmo para si mesmo, não o faz e, ao contrário, o distancia dele mesmo.

Para Johnson (2001), as comunidades virtuais, assim como a *Internet*, estão permitindo que estranhos interajam novamente, embora desta vez sem a labuta e a violência da Revolução Industrial. Assim como na última revolução tecnológica, a qual contava com o destróador de algodão e suas variantes industriais “responsáveis” pela imigração de milhões de trabalhadores europeus nos EUA e na Inglaterra e os apinhou em cortiços de Manchester e Lowell (2003:51). Para compreender o mundo virtual das *ciberrelações*, o autor se utiliza de uma metáfora do *surf* na rede (Idem:53) e do zigzague que remete à metáfora do pedestre: *flâneur* de Baudelaire, o “homem da multidão” atraído pelo tumulto de algum *boulevard* no século XIX, atraído pelo “caleidoscópio de consciência”, presente no meio da vasta turba que vagueia nas ruas das metrópoles. Apesar das inúmeras possibilidades e potencialidades presentes nas sociações virtuais, Johnson se vê decepcionado com o nível das conversas digitais tomadas como um intercâmbio representativo. Para o autor, *softwares* como o *The Space* são “orbes flutuantes” cuja interação é rica ao primeiro olhar, vibrantes como aquelas que estranhos desfrutavam nas ruas das cidades-mundo antigas (*Weltstadt*). Seria este o mesmo efeito das comunidades virtuais: avenidas virtuais do *ciberespaço*?

Neste sentido, a criatividade do homem em sociação virtual em uma realidade cultural, ou mesmo *cibercultural*, subsume-se à adesão incontestada dos consumos tentadores da vida moderna. Para Simmel, a cultura, que se define como um processo entre a vida interior do indivíduo e as criações objetivas do espírito, está em crise na modernidade. A crise se estabelece justamente porque há cada vez menos sintonia entre finalidades e meios por onde este processo acontece. A lástima é que o homem moderno, mesmo não sendo capaz de assimilar os conteúdos de seu tempo interiormente, se vê incapaz de descartá-los, uma vez que estes fazem parte da sua vida cotidiana e potencialmente à esfera de seu desenvolvimento

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

materiais ou intelectuais, de práticas, de atitudes, modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o desenvolvimento inelutável do *ciberespaço*. E este

o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humano que navegam e alimentam esse universo. (Idem:17).

A modernidade engendra uma *cibercultura* “automizada” que em si é o oposto à própria ideia de cultura para Simmel, onde há uma proximidade entre a “alma subjetiva” e o “produto espiritual objetivo”. A sociação virtual inscreve-se dentro neste âmbito como uma forma atual de relações humanas emergentes de uma mesma época e de um *Zeitgeist* habermasiano. O pensamento de Simmel (assim como o de Heidegger, Virílio ou Baudrillard) nos auxilia, entretanto, a olhar nossa época e nossos prodígios com uma atenção crítica, ao mesmo tempo em que compreende que existem formas de sociação que se repetem e se renovam dentro de variados conteúdos. A despeito das elucubrações filosóficas mais profundas, é desejável examinar a época e a cultura, antiga e hodierna, para a mais profunda compreensão do sentido social das ações humanas. Os usos do computador remetem a um infinito número de opções para o futuro e seu desenvolvimento expressivo torna o devir ainda mais insondável. Este é então um “devir coletivo complexo” a cristalizar-se em volta dos computadores e das inúmeras novas formas de comunicação telemática modernas. Mesmo que se tenha perdido as rédeas deste processo, faz-se mister, agora mesmo, nos interrogar a respeito de que, ou quais, usos e produtos queremos deste aparelho, o qual está passando, dia-a-dia, a se tornar imprescindível em nossas vidas. Uma real tragédia é este (o computador) se tornar um fim e não realmente um meio, mas é precisamente neste ponto que Lévy defende o seu conceito de inteligência coletiva, isto é, um novo tipo pensamento sustentado por conexões sociais viáveis com a utilização das redes abertas de computação da *Internet* (1998). Para o autor, quanto mais rapidamente se derem os processos de transformação tecnológica, como os que observamos atualmente nas dinâmicas do *ciberespaço*, mais se dará a sensação de prevalência de um estranhamento, pois que parecem vir do exterior e não do próprio homem. Assim, o que poderia evitar uma tragédia da cultura (nos moldes simmelianos) seria precisamente a capacidade imanente de um dos grandes motores da *cibercultura*, ou seja, a inteligência coletiva. A interatividade, as comunidades virtuais, os fóruns eletrônicos, dos *weblogs*, *wikis*, *chats* e seus congêneres seriam determinantes para construir e disseminar os saberes globais, baseados no acesso à informação democratizada e sua constante atualização.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Esta dita inteligência coletiva, juntamente às TICs (as novas formas de comunicação como uma forma social inédita), permitiriam aos grupos humanos pôr em comum seu saber e seu imaginário. O coletivo inteligente poderia suscitar uma “democracia em tempo real”, uma ética da hospitalidade, uma estética da invenção, assim como uma economia das qualidades humanas. Com o processo da inteligência no plano coletivo, tomado enquanto fenômeno antropológico diacrônico, existe a possibilidade, absolutamente sem precedentes, de uma gestação de identidades individuais a expandir-se no intercâmbio de conhecimentos, dados os constantes e irreversíveis vínculos sociais da nova era da informação (LÉVY 1998, 2000). Este processo compreende uma nova sinergia entre competências, cooperações fluidas e flexíveis, assim como a criação e desenvolvimento constante de alguma forma de memória coletiva mundial.

Mesmo quando cita as formas de exclusão, Lévy é otimista e vê na própria inteligência coletiva uma saída para os excluídos. Notadamente o processo de aceleração das inovações técnicas tem um potencial destruidor. É que, para os profissionais que tiveram suas atividades laborais e *savoir-faire* solapados por este processo de mudança sociotécnica ou mesmo os diversos grupos socialmente excluídos do contato com o mundo digital, este lhes parece algo mortal e ameaçador, entretanto, além de toda obsolescência gerada pelas inovações técnicas aqui citadas,

Quanto mais os processos de inteligência coletiva se desenvolvem – o que pressupõe, obviamente, o questionamento de diversos poderes – melhor é a apropriação, por indivíduos e por grupos, das alterações técnicas, e menores são os efeitos de exclusão ou de destruição humana resultantes da aceleração do movimento tecno-social. (2000:29).

Deste modo, nas salas de informática do CDI, nas EICs espalhadas pelo País estão grupos solidários de “excluídos digitais” lutando por algo desta utopia lévyniana, assim como aqueles usuários da educação a distância, diversos órgãos de formação profissionalizante. O *ciberespaço* se apresenta então como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva.

Somente compreendemos os intensos vínculos proporcionados pelas redes afetivo-cognitivas depois de um certo período de inserção no objeto estudado. Para fazer parte deste novo mundo, tivemos de me desfazer de nossas concepções prontas a respeito das novas formas de sociabilidade digital e seus perigos. Tivemos de evitar julgamentos prévios, maniqueístas, de reduzir a questão do virtual a uma oposição simplista de bem ou mal.

Somente assim pudemos divisar, mesmo que de forma tênue, as inúmeras teias de relações

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

que estes jovens em condição de vulnerabilidade social mantinham e mantêm. É em meio a um emaranhado de jogos lúdicos e despreziosos que estes jovens me revelaram as reais possibilidades, para eles próprios, das promessas desta nova era digital.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

### 3 – DA JUVENTUDE, EIC e SOCIABILIDADE VIRTUAL

#### 3.1 Processos de infoexclusão e urgência da inclusão digital

O grande alcance da informática na vida urbana se torna cada vez mais notável. O fenômeno da globalização proporciona o incremento das interconexões de várias classes, dentre elas as mediadas pela experiência informática. Este fato pode representar uma

intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção inversa às relações muito distanciadas que o modelam. A transformação local é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e espaço. (GIDDENS 1991: 69-70).

Para Castells (1998), podem ser consideradas como Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) todos os conjuntos de tecnologia em microeletrônica, computação (abrangendo *hardware* e *software*), telecomunicações/radiofusão e optoeletrônica considerados de forma convergente. Dentro das ações mais fundamentais dos indivíduos em sociedade, como também das mais prosaicas, o vínculo com as chamadas novas TICs se torna mais forte e aparentemente indissolúvel. Esta influência dos computadores transborda fronteiras de nações desenvolvidas economicamente e impactam com sua presença até países como o Brasil, refutando posições teóricas contrárias à percepção da tecnologia como um elemento preponderante, dotada de uma dimensão inegavelmente política, assim como necessária, dominante e impositiva, na vida moderna.

Para Rheinhold (1996), a tecnologia possibilita aos cidadãos poderes de cunho social, intelectual, comercial e político, proporcionando o que chamou de potencial libertador. Esse autor considera ainda que, com o advento das comunicações assistidas por computador abre-se um novo tipo de espaço social no qual o computador é a ferramenta principal do processo, que pode revitalizar a esfera pública e apontar para a constituição de uma “ágora eletrônica”.

O acelerado desenvolvimento da tecnologia da informática, entretanto, fundamentou a manutenção da globalização e é a ferramenta com a qual se põe em prática as mudanças requeridas pela reestruturação econômica e pela sociedade (CASTELLS, 1998; 2000; 2003; DOWBOR, *op. cit.*). Dessa forma, a capacidade tecnológica das sociedades e de seus indivíduos define aspectos capitais, como poder, economia, cultura e *cibercultura*

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

(LÉVY,1999), o que pode significar que a exclusão social já existente seja transformada em exclusão digital.

Para Castells (1998), todos deveriam ter direito a utilizar a Internet e ninguém deveria ser apenado por questões de geografia ou de dinheiro, porém, a “rapidez” na *Internet* e a maneira como os que estão nela conectados moldam-na à sua imagem constituem elementos que proporcionam a “divisão digital”. Quanto mais demorar a “democratização da Internet”, mais esta se desenvolverá em torno de valores que não os do conjunto da sociedade. A difusão da *web* sobre o conjunto do Planeta exigiria então uma forte ação dos Estados, com ações públicas nacionais e internacionais. As diferenças culturais, financeiras e infra-estruturais na atualidade são tais que é possível ter um terço do Planeta estruturado pela conexão e dois terços excluídos, com tudo o que isso significa em termos de acesso à informação e a conseguinte exclusão política.

No momento em que o Governo federal, por meio do Ministério da Ciência e Tecnologia, se prepara para definir as ações estratégicas acerca da estruturação da “sociedade do conhecimento”, intensifica-se a necessidade de análise e debates dos pontos de interesses coletivos referentes, não somente às tecnologias informáticas, como também às tecnologias digitais de comunicação e informação (TDCIs).

Assim, como não podemos deixar de considerar as demais formas de exclusão social, política, econômica, é certo que não podemos deixar de lado o grave fenômeno social da exclusão digital, a qual exacerba ainda mais a apartação brasileira com a “brecha digital”.

A democratização do acesso às TDCIs, ou o acesso equitativo, ou ainda a info-inclusão, é um problema fundamental a ser discutido amplamente, e não apenas no âmbito restrito de ministérios federais ou da academia. Essa democratização passa pela resolução de problemas de infra-estrutura, capacitação, capilarização de serviços, participação na tomada de decisões e acesso amplo e igualitário aos conteúdos disponíveis ou que possam ser oferecidos via Internet. Tal como todos os outros recursos brasileiros, a infra-estrutura básica para a disseminação da Internet é restrita aos principais municípios e prioriza as camadas mais abastadas da sociedade, tendo como paradigma de utilização o acesso individual que reproduz nossa política de transportes. Tal como esta é feita para quem tem carros, nossas ‘autopistas da informação’ são feitas para quem tem microcomputador, linha telefônica e dinheiro para pagar o acesso à Internet – ou seja, para os ricos. (AFONSO, 2000).

O que se convencionou se chamar de infoexclusão traduz em números alarmantes uma realidade segregadora. O alto custo para o acesso à Internet deixou quase metade dos ianques excluídos da era digital. No Brasil, em que as conexões são dez vezes mais caras, a exclusão

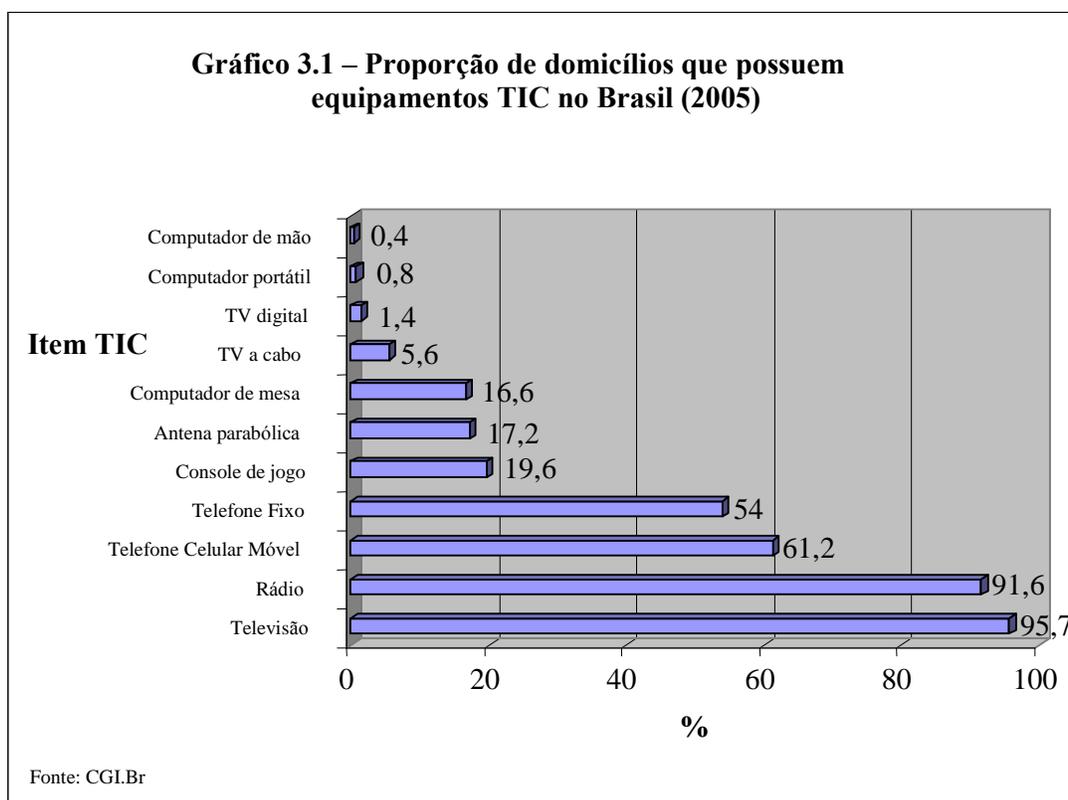
**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

digital tende a ser maior e mais elitista.<sup>66</sup> No País, a infraestrutura digital é uma das mais caras do mundo. Segundo os dados da PNAD 2005<sup>67</sup>, vivemos um momento em que, paradoxalmente, o número de telefones celulares ultrapassou a quantidade de aparelhos fixos. O acesso às TICs e TDICs, entretanto, ainda se processa bastante difícil, pois, pela mesma pesquisa, apenas 18,6% dos domicílios tinham microcomputadores, caindo este percentual para 13,7% quando o critério é acesso à Internet. Mesmo com o aumento do número de computadores domiciliares variando em média 16% ano-a-ano esta ferramenta continua sendo um bem durável bastante escasso à maioria dos brasileiros. O gráfico 3.1 mostra uma pequena variação com relação aos números da PNAD/2005, mas confirmam a escassez do computador de mesa (tradicional) e a TV e rádio como os recursos mais verificados em lares brasileiros.



Em Fortaleza, por exemplo, a infoexclusão aufere contornos ainda mais drásticos ante os dados de outras grandes regiões do País. No Ceará, segundo o IBGE/PNAD, 2006, apenas 4,5% dos lares tinham acesso à Internet. A televisão ainda continuava sendo o aparelho de comunicação mais comum nos lares cearenses. Segundo a mesma pesquisa, 86,2% dos domicílios no Estado (ou seja, 1.839.451 de casas) possuíam pelo menos um televisor em 2005. De uma população total de 6,577 milhões de pessoas com dez anos ou mais de idade no

<sup>66</sup> O acesso à Internet no Brasil é ainda muito cara: uma conexão discada local de 2mega por segundo (2MB) custa no Brasil cerca de US\$14 mil. Uma conexão similar nos EUA não passa de US\$1.200.

Ceará, somente 851.567 pessoas acessaram pelo menos uma vez a Internet em algum local no Estado em 2005. De maneira diferente, se apresentavam o rádio e a TV. Em 2006, o rádio estava presente em 87,9% dos domicílios brasileiros e a televisão em 93,0%. A posse desses bens mostrava menores diferenças entre as regiões, entretanto, a existência de computador em **22,1%** dos domicílios no País, assim como o acesso à Internet em **16,9%**, indicava expressivas desigualdades regionais, sendo que os percentuais alcançados no Sudeste (29,2% e 23,1% respectivamente) eram quase três vezes maiores do que os percentuais observados nas regiões Norte (9,8% e 6,0%) e Nordeste (**9,7%** e **6,9%**).

Não somente o computador, no entanto, enseja estas discrepâncias estatísticas. Dados da Anatel e do IBGE revelam as excludentes disparidades no caso das telecomunicações em geral. Por exemplo, a curva de expansão da infraestrutura de telefonia celular no Brasil tornou-se horizontal pouco depois de a cobertura alcançar metade dos 5560 municípios. Mais de 2.441 municípios em 2006 permanecem sem serviço local de telefonia celular. Nesses municípios, há mais de 21 milhões de habitantes e, segundo as operadoras, se depender do mercado, estes brasileiros estarão condenados a nunca ter acesso ao serviço. No caso dos telefones celulares, a estimativa é de que essas áreas agregariam “apenas” 1,4 milhões de novos usuários aos 88 milhões existentes, não justificando o investimento. (AFONSO *in* CGI.br, 2005:27)

Segundo Afonso.

(...)cerca de 2.430 os municípios brasileiros que não contam com acesso local à Internet - o que significa que as pessoas têm que fazer uma chamada interurbana para conseguir utilizar a rede. Os números são similares, já que pelos mesmos argumentos as operadoras não instalam extensões de suas espinhas dorsais Internet nesses municípios. (*in* CGI.br 2005:27).

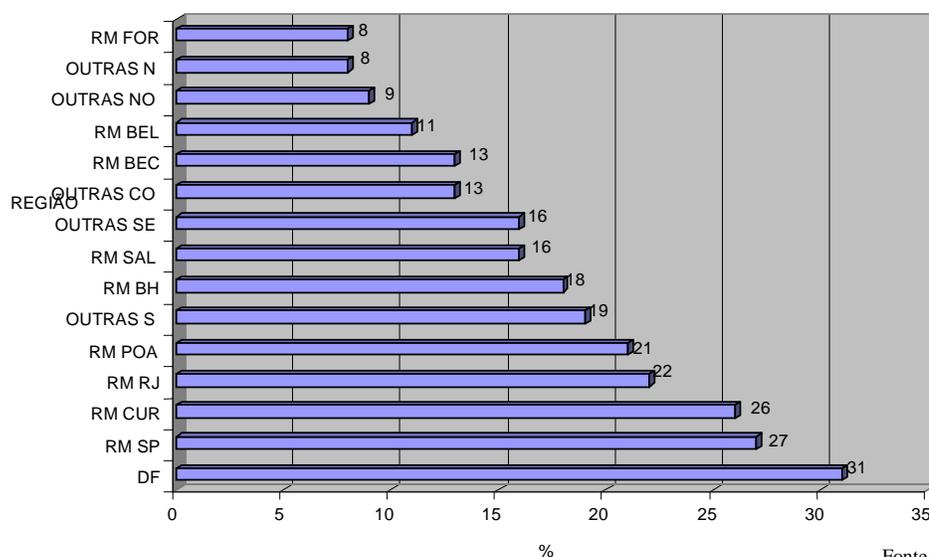
**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

**Gráfico 3.2 – Percentual de domicílios que possuem computador, conforme a região. (2005)**



Legenda - RM: Região Metropolitana; SP: São Paulo; RJ Rio de Janeiro; BH: Belo Horizonte; SE: Sudeste; Sal: Salvador; Rec: Recife; For: Fortaleza; NO: Nordeste; Bel: Belém; N: Norte; Cur: Curitiba; Poa: Porto Alegre; S:sul; DF: Distrito Federal; CO: Centro-Oeste.

Fonte: CGI.br

O acompanhamento da dimensão política que envolve as TCIs e TDCIs é indispensável, ainda mais no momento em que chegam ao conhecimento da sociedade civil as discussões sobre a instalação da TV digital no País, assim como os debates sobre a utilização dos recursos do Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (FUST)<sup>68</sup>, um imposto de 2% sobre o valor das contas de telefone, tirado da receita das empresas de telefonia, para ser usado na informatização das escolas, e que já extrapolava o valor de 50 bilhões de reais em dezembro de 2005.<sup>69</sup>

A sociedade brasileira, assolada pelo definhamento progressivo e unilateral da política do bem-estar-social pela manutenção irrestrita ao neoliberalismo, assim como pela crescente onda de “desregulamentação” ou “precarização” do trabalho, propicia um quadro de desemprego e sua consequência imediata, desigualdade social sem precedentes na história do país. O retrato de uma má distribuição de renda se aclara com Lesbaupin (2000:9), quando se refere à condição brasileira nestes termos: “a renda de um indivíduo entre os 10% mais ricos é, em média, quase 30 vezes maior do que a renda de um indivíduo entre os 40% mais pobres”. Além desta desigualdade, existe ainda uma crise estrutural do sistema capitalista

68 LEI Nº 9.998, DE 17 DE AGOSTO DE 2000.

destacada por esse autor (op. cit.p.15.), onde três fatores formam um conjunto determinante no processo de exclusão: (a) a reestruturação produtiva do sistema capitalista<sup>70</sup>; (b) o neoliberalismo; (c) a globalização.

Destacam-se neste processo as profundas transformações nas relações de trabalho oriundas de inovações tecnológicas que puseram em xeque a estabilidade do trabalhador, sobretudo fabril. A automação, a robótica, a microeletrônica e a informática vieram afetar de forma profunda a produção de mercadorias, as relações de trabalho e toda uma face de interações sociais. A formação dos desempregados ou superpopulação flutuante é verificável e cada vez mais numerosa.

Toda esta conjuntura torna o quadro da pobreza mais intenso e a situação dos chamados excluídos excessivamente dramática. O quadro fica ainda mais drástico quando constatamos que, concomitante a estas transformações econômicas e tecnológicas, surgem novos *modus vivendi* e *modus operandi* (CASTELLS, op. cit.). Em outras palavras, a tecnologia muda a face das condições de trabalho, afeta as relações de poder, potencializa os ganhos do capital monopolista e ainda recria uma condição social. A informatização, e seu dinâmico processo de metamorfose social, engendra uma nova sociedade que pode ser compreendida como a “Sociedade Informática” de Bell (*in* KUMAR 1997:13) e Schaff (1995), entre outros, com sua rapidez peculiar movida pela onda tecnológica:

As revoluções foram habitualmente pontos culminantes e momentos de ruptura numa longa evolução. Agora o ritmo dos acontecimentos será diferente, algumas décadas representarão muitos séculos, o que poderá ocorrer desde que a sociedade desenvolva a este respeito um papel ativo. (IDEM:83)

Da mesma maneira que o rádio e a televisão revolucionaram a comunicação mundial do século XX, é aceitável a ideia de que a informática seja a usurpadora deste papel no século XXI e, ainda mais, seja ela o pivô de uma sequência de revoluções sociais, trabalhistas e educacionais, entre outras, de forma cada vez mais intensa. Além da categoria tempo, no entanto, a informática muda a sociedade de modo ainda mais incisivo. O chamado mundo virtual cria modelos de “soluções digitais” tão inovadores quanto excludentes. O mundo da informática, disseminado em sociedade, possibilita a conveniência de cartões de crédito, compras digitais, correios eletrônicos, lazer virtual de toda espécie, mas existe um custo. Para

---

<sup>70</sup> Esta reestruturação permite que as relações nos contratos de trabalho mudem de forma acelerada a partir de 1973, com a crise do capital do EEUU, data esta destacada por David Harvey (1992) como o ponto-chave da mudança do “fordismo” para o “toyotismo”. Em suma, esta transformação desintegra o contrato de trabalho integral e por tempo indeterminado, tornando-o, paulatinamente, temporário e ou subcontratado. O aumento do

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

a utilização destes recursos é necessário acesso material (computador, linha telefônica, etc.) e também intelectual e humano.

O mundo pós-moderno (HARVEY, 1992; HALL, 2005; LYOTARD, 2002) possibilita a rapidez do voto eletrônico, a tecnologia do acesso a programas como o Bolsa Escola, o cartão do cidadão etc.<sup>71</sup>. Mesmo, porém, que o exercício da cidadania, traduzido nestas simples situações, esteja de forma aparente tão democraticamente disponível, tal conceito de democracia desconsidera uma questão fundamental: quem tem acesso à alfabetização digital no País?

Os números do analfabetismo, cerca de 20 milhões de brasileiros (BAGGIO,2000), são preocupantes, assim como os índices relacionados à exclusão digital (analfabetos digitais) também o são. O analfabeto digital é para as tecnologias digitais o que o analfabeto é para as letras. Poderíamos tomar por analfabeto digital aquele que se encontra em estado de inaptidão, imperícia ou despreparo para o uso, assimilação, decodificação e interpretação das potencialidades proporcionadas pelas tecnologias digitais. Assim o indivíduo analfabeto digitalmente se encontra em estado de exclusão digital pela ausências (física, cognitiva e de consciência social) da infraestrutura necessária ao acesso a estas tecnologias digitais.

Historicamente um dos estudos pioneiros na área de exclusão digital no País foi o Mapa da Exclusão Digital(2003). Segundo dados desse estudo, (Idem:05), os números relativos à inclusão digital no Estado do Ceará se expressavam em apenas 4,51%<sup>72</sup>. Esta realidade se tornam ainda mais preocupante quando se analisava o mapa social do Brasil relativo a esta questão.

**Tabela 2.1 – Mapa de Incluídos/excluídos digitais no Brasil por sexo, educação, idade e renda**

Mapa social						
Universo	População Total	Homens %	Educação*	Idade*	PIA **	Renda*
<b>Incluídos</b>	16209223.00	48.89	8.72	31.14	462826.66	1677.15
<b>Excluídos</b>	153663627.00	49.25	4.40	27.95	529046.90	452.44
<b>Brasil - Total</b>	169872850.00	49.21	4.81	28.26	522728.18	569.30

Fonte: CPS/FGV a partir dos dados do Censo 2000/IBGE

\* Os valores referentes a essas variáveis são médias. A variável educação refere-se aos anos médios de estudo, jornada refere-se à jornada de trabalho semanal e a renda do trabalho principal referente à população ocupada \*\* População em idade ativa (PIA) refere-se às pessoas entre 15 e 65 anos

<sup>71</sup> A este respeito, podemos levar em consideração evolução da entrega de declarações de imposto de renda efetuadas pela Internet, as quais tiveram um avanço substancial: segundo a Receita Federal, o número de declarações feitas via *web* que em 1997 não chegava a 6,0%, e em 1999 já representava 62,0% do total, entre pessoas físicas e jurídicas.

<sup>72</sup> Resultado obtido pela proporção moradores com acesso a computador/ total de moradores, com dados do Censo IBGE 2000.

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Neste mapa se observa que a escolaridade média dos incluídos digitais é de 8,72 anos completos de estudo, praticamente o dobro daquela observada entre os excluídos digitais. Este dado torna claro outro ponto importante. Existem no mínimo quatro graves problemas sociais em curso e que demandam ações de políticas públicas e cidadãs: (1) como resgatar o grande número de analfabetos brasileiros?; (2) De que modo agir para a inclusão digital da população menos favorecida?; (3) Como fazer com que, além do conhecimento técnico do computador, exista efetivamente acesso democrático às informações, isto é, o erro consiste em democratizar a informática somente e não também a informação, uma vez que, segundo Kumar (op.cit), “para muitos trabalhadores, a nova tecnologia da informação implica em redução, e não aumento, de controle”; e (4) como lidar com a dimensão política dos usos e acessos a tecnologias, uma vez que estas não são imparciais nem neutras, isto é, se democratizar tecnologia significa democratizar poder (MARTINEZ:1997)?

O ingresso das sociedades na chamada Era da Informação guarda ainda uma dicotomia inquietante:

(...) o que está em curso é um processo em que o capitalismo engendra condições que possibilitam tanto o surgimento de uma nova forma de barbárie, crescimento de narcotráfico, prostituição, violência de assaltos, roubos, seqüestros, banalização da morte, conflitos com população migrante, degradação ambiental, aumento da fome e da miséria por toda parte, ou o surgimento de novas relações de produção centradas na colaboração solidária que possibilitam um movimento virtuoso de geração e distribuição social de riqueza, com a concomitante ampliação do tempo livre para o bem-viver de todos e para a ampliação das liberdades públicas e privadas (MANCE,1999:38)

A colocação de Mance pode soar com demasiado otimismo, mas claro está que a informática guarda em si um grande poder revolucionário. Em termos político-pedagógicos, está claro o alcance das tecnologias da informação. Senão vejamos:

(...) a relação entre desempenho escolar e ter computador é positiva em todas as faixas em questão e é maior na faixa que compreende os alunos de 13 a 18 anos que freqüentam a 8ª série. Tanto na prova de Português quanto na prova de matemática essa foi a faixa que mostrou maior impacto. Na prova de língua portuguesa, o fato de ter computador se relaciona com um desempenho escolar 13.05% maior do que quando o aluno não possui computador, nas outras faixas, as estatísticas ficam em 6.49 % quando consideramos os alunos de 9 a 14 anos que freqüentam a 4ª série e 8.35% na faixa de 16 a 21 anos que freqüentam a 3ª série do ensino médio. Os resultados para o desempenho na prova de matemática são respectivamente: 17.68 % para 8ª série, 10.96 % para 4ª série e 17.08% para 3ª série. (Mapa, 2003:31)

A diferença gritante entre o desempenho de alunos sem acesso à informática e os chamados “informatizados” é simplesmente a confirmação do *potencial* benéfico dos

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

computadores no auxílio educacional; no entanto, além dos alunos, os professores também têm que ser informatizados, o que é outro problema citado pela LDB 9394/96, a respeito das novas competências<sup>73</sup> do profissional de educação. Estudos do Ministério da Educação, contudo, revelaram que o uso da informática pode ser contraproducente. Segundo o SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), o uso do computador (associado ao uso da internet) fora dos horários de aula pode ter um efeito de distração e piorar os rendimentos em Matemática e em Português. Ainda segundo o mesmo estudo, as médias referentes à disciplina Matemática em escolas públicas ou privadas não difere significativamente das médias dos alunos com o mesmo perfil socioeconômico com acesso às citadas tecnologias informáticas. Isto indica que as políticas de inclusão digital, que estimulam o uso de computadores nas escolas, podem estar gravemente equivocadas, pois, de acordo com outro estudo realizado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A pesquisa mostra que o uso de computadores para fazer tarefas escolares está relacionado ao pior desempenho dos alunos - principalmente entre os mais pobres e mais jovens. (DWYER; WAINER; DUTRA; COVIC; MAGALHAES; FERREIRA; PIMENTA; CLAUDIO 2007:1303-1328). Segundo esses autores

O uso de computador (seja na escola, em casa, no trabalho ou em outro local) não é associado a uma melhoria uniforme do desempenho do aluno no sistema escolar. Pelo contrário, aqueles que sempre usam o computador têm pior desempenho que outros usuários da mesma classe social. Não há na bibliografia científica nacional (...) nenhum reconhecimento da existência desta situação. Por esta razão qualquer hipótese explicativa será necessariamente especulativa. (IDEM: 1324)

Enquanto seguem as controvérsias acerca da condição produtora ou contraproducente da inclusão da informática e internet, conjuntamente a estratégias de ensino, observa-se concomitantemente um fervilhar social pela democratização da informática tomado como um direito indiscutível. É desta ideia que parecem surgir iniciativas como a do CDI, que busca democratizar o acesso ao computador para populações de baixa renda e fazendo-o com respeito à cidadania dos envolvidos neste processo.

O CDI se baseia na constatação de uma nova realidade mundial. Por um lado, o crescimento da miséria (ponto de partida para vários problemas sociais) e, de outro, as inúmeras possibilidades das tecnologias de informação. O Comitê tem como princípio o uso da informática como ferramenta no processo de articulação, manutenção e educação das EICs

<sup>73</sup> Tome-se o conceito de competência na concepção de Perrenoud (2000), ou seja, a educação é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos – como saberes, habilidades e informações – para solucionar com

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

(Escolas de Informática e Cidadania) nas comunidades menos favorecidas e em grupos que trabalham com portadores de necessidades especiais, objetivando a chamada “inclusão social”. Sua missão destaca claramente a intenção da ONG: “Promover a inclusão social de populações menos favorecidas, utilizando as tecnologias da informação e comunicação como um instrumento para a construção e o exercício da cidadania.” (CDI-*on line*).

Em suma, a “infoexclusão” ou “*apartheid* digital” (BAGGIO,op.cit.) é um problema atual de graves implicações sociais, o qual é confrontado não só pela iniciativa cidadã como por políticas públicas<sup>74</sup>, e constituído não só da questão do acesso às novas tecnologias da informação, numa dinâmica de maximização do aprendizado, como também do acesso aos dados e informações úteis neste processo. É necessário alfabetizar, alfabetizar digitalmente, disponibilizar informações, *softwares e hardware*, para que os bons frutos da Era da informática se verifiquem dentro de uma sociedade desigual. Note-se que, para muitos trabalhadores assalariados, o computador e a Internet ainda são categorizados como bem de luxo, pois o preço médio desse equipamento correspondia a cerca de um terço da renda média anual *per capita* do Brasil (SOCIEDADE,2000:37). Mesmo com todas as facilidades provocadas pela alteração no macroambiente político legal, um computador de mesa ainda custa mais (quase o dobro) do que o salário mínimo; além disso, mesmo que o número de moradias brasileiras com pelo menos um microcomputador tenha subido 15,1% em 2002 na comparação com 2001, e 16,4% em 2005 relativo a 2004.<sup>75</sup> Além do ostensivo entrave ao crescimento econômico que nos outorga o déficit infraestrutural das tecnologias informáticas no Brasil, preocupa-nos o fato de que um enorme problema sociológico se configure com a exclusão das massas à informática. Se pensarmos no conceito de desenvolvimento em vez de crescimento econômico, teremos que a infoexclusão é ainda mais perigosa. O desenvolvimento sustentável, assim como o compreende Sachs (2004:14-15), considera a dimensão da sustentabilidade social com seus cinco pilares, os quais envolvem (a)desenvolvimento social; (b) ambiental; (c) territorial; (d) econômico e (e) político. Ora, para o estabelecimento de uma democracia vigorosa, é necessário que o Estado conte com as mais modernas ferramentas de participação política de sua população e que esteja apto para lidar com estas de forma ágil. O que se configura, entretanto, é a elitização tanto do acesso às

---

<sup>74</sup> O Governo do Estado do Ceará, na gestão Lúcio Alcântara, parece pôr como diretriz básica de sua atuação a preocupação com a questão da “inclusão digital”. Nossa abordagem focalizará esforços para o estudo comparativo entre a iniciativa cidadã (orientado pelas EICs citadas) e a ação política do projeto “Internet nas escolas” como representante de iniciativa genuinamente governamental.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

tais ferramentas (tecnologias informáticas) quanto à capacitação ao seu uso, a alfabetização digital. Por isso conclui-se que

(...) pelo desejo das empresas de telecomunicações e de Internet, mais de 20 milhões de brasileiros estão e continuarão excluídos do acesso aos serviços que a telefonia celular e a Internet podem oferecer - serviços hoje essenciais, incluindo o acesso às crescentes facilidades de e-governo federais e estaduais, a integração de escolas e das atividades administrativas dos municípios à Internet etc. Se incluirmos as áreas empobrecidas das cidades maiores, esse número de condenados à desconexão eterna eleva-se em várias vezes (mesmo que nas áreas urbanas mais desenvolvidas haja grande abrangência da telefonia celular). (CGI.br, 2005:28).

A apropriação das tecnologias informáticas pela totalidade da população é um dos componentes essenciais para alcançar as Metas do Milênio da ONU, porém atualmente a realidade da inclusão digital no Brasil é bastante complexa, sem vistas a uma resolução rápida, abrangente e centralizada, mesmo com todos os esforços do Governo Federal, para quem a inclusão digital parece ser uma prioridade.

### **3.2 O enfrentamento conjunto do desafio da infoinclusão pela sociedade civil e poder público e o diferencial do CDI**

A inclusão dos brasileiros no ambiente digital significa um grande desafio, demandando ações urgentes tanto do Estado, em suas instâncias municipais, distrital, estaduais e federal, assim como da sociedade civil. Nesta óptica, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT/MCT), em estudo iniciado em 2006 sobre as opções de luta contra a exclusão digital no País detectou a existência de 108 diferentes iniciativas, tanto do Governo federal, estaduais e terceiro setor, tendo sido cadastrados 16.722 projetos que representam potenciais pontos de inclusão digital (PID). O IBICT busca a formação de um inédito Mapa da Inclusão Digital no Brasil, a fim de traçar estratégias e engendrar ações conjuntas e estruturadas entre ambos os setores citados<sup>76</sup>.

As ações governamentais de inclusão digital não são isoladas ou exclusivas, porém, contabilizam 80% de todas as ações de inclusão digital registradas no País até o momento segundo o IBICT. A história da *Internet* no Brasil pode ser traçada desde 1988 quando se iniciaram as primeiras investidas no setor<sup>77</sup> restritas principalmente à comunidade acadêmica,

<sup>76</sup> Cf. Ibiect/Ministério de Ciência e Tecnologia. Disponível em < <http://inclusao.ibict.br/> >

<sup>77</sup> Cf. ITU - *international telecommunication union*. *Creating trust in critical network infrastructures: the case of brazil*. Geneva, Switzerland, 2002

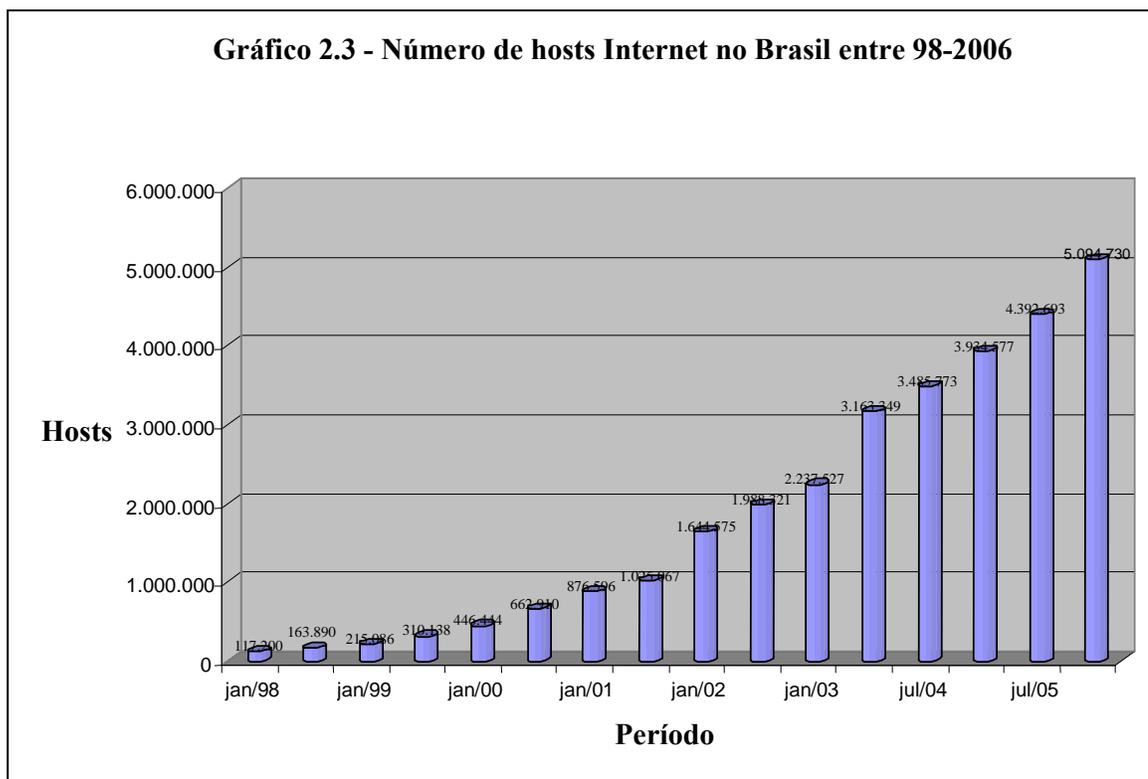
**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

isto é, ainda não disseminada socialmente de maneira significativa.<sup>78</sup> Coube, entretanto, à Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), em 1989, a missão de estruturar a “espinha dorsal”<sup>79</sup> da *Internet* brasileira, configurando os meios técnicos necessários à formação de redes de instituições de ensino e pesquisa e outras agências governamentais. O intenso crescimento do número de *hosts* no País se processa, como se vê no gráfico 3, a partir de 1998 sem, no entanto, mitigar o processo de criação de hiatos digitais e desigualdades de acesso em todo o Território Brasileiro.



Fonte: Network Wizards.

Por este motivo, principalmente após o ano 2000, o tema da inclusão digital auferiu cada vez mais destaque dentro das políticas públicas. Uma das ações mais importantes do Governo brasileiro no sentido de combater a exclusão digital foi certamente a criação, em 2003, do GESAC<sup>80</sup> (Programa Governo Eletrônico – Serviço de Atendimento ao Cidadão) por

<sup>78</sup> Especificamente a ligação de 9600 bps (*Bitnet Link*) entre o Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC) no Rio de Janeiro e a *University of Maryland* nos Estados Unidos, iniciativa seguida pela FAPESP entre outras.

<sup>79</sup> *Backbone Network*

<sup>80</sup> No Estado do Ceará, o programa começou também em 2003, sendo em Belmiro Soares seu primeiro ponto de instalação. (On line) <[http://www.idbrasil.gov.br/noticias/news\\_item.2006-09-14.3812644477](http://www.idbrasil.gov.br/noticias/news_item.2006-09-14.3812644477)> acesso em

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

intermédio do Ministério das Comunicações. O GESAC é um programa de inclusão digital destinado às camadas C, D e E da sociedade. Disponibiliza um conjunto de serviços avançados de inclusão digital, com acesso à Internet banda larga, a vários setores da sociedade excluídos do acesso e dos serviços vinculados à rede mundial de computadores<sup>81</sup>. Além do sistema GESAC, o Governo Federal está à frente de inúmeras iniciativas como a Casa Brasil, Computador para Todos, Telecentros de Informação e Negócios, Programa Nacional de Informática na Educação. Em 2007, o Governo Federal lançou o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), que inclui, entre outras metas, a informatização de todas as escolas públicas até 2010 e o projeto um computador por aluno (UCA).

Dado o tamanho e a abrangência deste hiato digital, porém, a sociedade civil se organiza de forma aparentemente autônoma no sentido de criar estratégias de enfrentamento desta temática. Tal emancipação ganha significados específicos na constituição da consciência cidadã destes agentes e grupos sociais, assim como se fragmenta e capilariza em inúmeras estratégias para dar conta da inserção (ou reinserção) dos excluídos digitais de maneira conjugada (em redes sociais solidárias) ou até contraditória. Pululam pelo País ações genuinamente cidadãs (ou mesmo mescladas entre setores da sociedade civil e do próprio estado) atribuindo à inclusão digital um caráter de esforço mais universal e inequivocamente democrático.

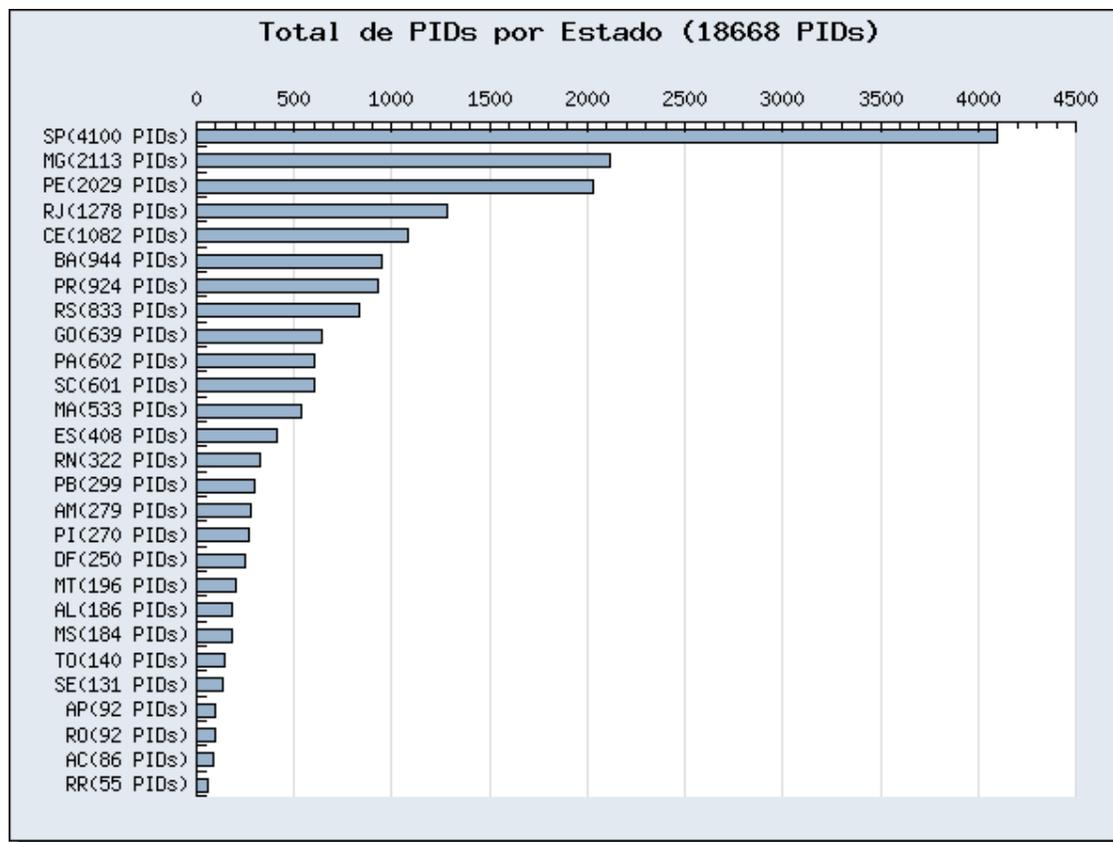
No Estado do Ceará, havia até 2008 (vide quadro 3.1) 1082 PIDs (“pontos de inclusão digital”) distribuídos entre escolas estaduais, telecentros federais e ONGs de inclusão digital. Usamos aqui o termo “telecentro” dentro de ampla acepção. Tal vocábulo é utilizado genericamente para denominar as instalações que prestam serviços de comunicações eletrônicas para camadas menos favorecidas, especialmente nas periferias dos grandes centros urbanos ou mesmo em áreas mais distantes. Essa experiência tem sido utilizada em iniciativas que vão desde a prestação de serviços de telefonia e fac-símile em escritórios espalhados em países em desenvolvimento até centros associados a projetos de telecomunicação e teletrabalho na Europa e Austrália. Outras palavras usadas como sinônimos ou como designações em outros idiomas são: *telecottage*, centro comunitário de tecnologia, *teletienda*, oficina comunitária de comunicação, centro de aprendizagem em rede, telecentro comunitário de uso

---

<sup>81</sup> O Programa contava, em 2006, com uma rede de 3.200 unidades de comunicação (antenas VSAT e *modems* que permitem a conexão à *Internet* via satélite, com média de sete computadores em cada ponto) instaladas e funcionando em escolas, unidades militares e telecentros. Estima-se que uma população superior a quatro milhões de pessoas esteja sendo atendida, pelo programa GESAC, por meio de 22 mil terminais conectados

múltiplo, clube digital, cabine pública, infocentro, *espace numérisé*, *Telestuben*, centros de acesso comunitário, entre outros<sup>82</sup>.

### Quadro 3.1



Fonte: IBICT/2008.

Nosso objeto empírico de estudo se encontra nesta cifra juntamente a outras EICs, as quais totalizam 48 unidades do CDI no Estado do Ceará. Seja de forma independente ou mesmo mediante parcerias com o setor público, as redes de inclusão ligadas ao CDI representam a alternativa tanto significativa ante o número total de iniciativas quanto inovadora no trato da temática da inclusão digital. Perante as variadas opções de acesso à informação por meio da tecnologia digital, as EICs mantêm uma premissa básica de aliar ao método de capacitação técnica imanente ao processo de inclusão digital uma constituição cidadã do indivíduo (e seu consequente impacto social no desenvolvimento comunitário); ou seja, a informática não é um fim em si mesma, mas é um meio para incluir-se socialmente, solidariamente, sustentável e conscientemente.

<sup>82</sup> Cf. *Sociedade da informação no Brasil: livro verde* / (org) Tadao Takahashi. – Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

### 3.2.1 Breve tipologia dos Centros de Inclusão Digital

Podemos, por meio de uma pesquisa não exaustiva, caracterizar alguns tipos de iniciativas de inclusão digital comuns no Brasil e no Ceará. Tal tipologia torna mais claras as diferenciações básicas destas estratégias de enfrentamento da questão digital. Evidentemente, dada a natureza do objeto social estudado, é inviável a criação de tipos puros uma vez que existe uma ampla gama de parcerias<sup>83</sup>, as quais, à parte de serem variadas quanto ao estilo de pedagogia aplicada no processo de inclusão digital, são variáveis quanto a sua origem economicoideológica. Falamos de parcerias nem sempre precisas entre o poder público, a sociedade civil e iniciativas do segundo setor da economia. Desta feita, nos ativemos à seguinte classificação, adotando critérios que, embora nos sirvam de apoio metodológico quanto à aproximação do fenômeno, ainda se configuram como falha, dada a volatilidade das experiências reais e casos concretos de projetos e/ou opções na área de inclusão às TIC no Brasil.

#### **(a) – Centros de formação tecnológica**

Aqui se enquadram todas as iniciativas genuinamente governamentais, sejam elas federais, distrital, estaduais ou municipais. São projetos sociais vinculados à políticas públicas voltadas para a capacitação e/ou qualificação técnica de populações excluídas (ou não) do universo das novas tecnologias telemáticas em geral. São exemplos típicos os programas de telecentros de informação, o Programa Internet nas Escolas, programas universitários públicos etc. É importante lembrar que somente este tipo de iniciativa pode conjugar as estratégias viáveis de infoinclusão buscando disseminar o acesso a agentes sociais tanto individuais quanto institucionais.

#### **(b) – Centros digitais de responsabilidade social corporativa**

São iniciativas privadas de inclusão digital centralizadas na perspectiva de ajustamento da imagem das grandes corporações ante a pressões da sociedade civil, mais especificamente do mercado do qual fazem parte. Constitui-se, efetivamente, de estratégias corporativas de diferenciação no mercado por meio de ações de cunho "filantrópico" em que se busca a utilização de tais iniciativas como diferencial competitivo e elemento de melhoria dos ativos intangíveis das corporações como marcas e cultura corporativa. Embora algumas destas iniciativas só se tornem possíveis com incentivos ou mesmo parcerias estratégicas com

o Poder Público, a postura metodológica de seus programas curriculares e o foco mercadológico as excluem do tipo citado anteriormente.

**(c) – Centros comerciais de acesso ao computador e à Internet**

Todas as *lan houses*, *cibercafés* e escolas privadas que disponibilizam o acesso aos seus alunos-clientes e estabelecimentos de acesso comercial às tecnologias telemáticas que, embora sejam pagos e voltados para um uso instrumental destas ferramentas, caracterizam-se por serem espaços de uma relativa democratização quanto ao conhecimento destas e sua fruição. Cumprem um papel de paliativo àquelas populações de estudantes e profissionais não possuidores de computador e/ou possuem acesso à *Internet*, assim como outorgam a estes agentes novas e inauditas formas de sociabilidade às quais não teriam acesso em seu domicílio ou mesmo na escola ou emprego.

**(d) – Centros de Inclusão digital não governamentais<sup>84</sup>**

São iniciativas do chamado terceiro setor direcionadas à resolução restrita do problema infoinclusivo centralizado em ações locais, conferindo a populações específicas o acesso irrestrito às TICs. São iniciativas que contam com a maior capilaridade e capacidade de inserção em populações de baixa renda. São basicamente de dois tipos fundamentais quanto à sua sustentabilidade: dependentes e autosustentáveis. Geralmente, no entanto, estas opções não são excludentes entre si. Muitas podem buscar a autossustentação e ainda assim contar com diversos incentivos por meios públicos ou até privados, o que, na maioria das vezes, não interfere significativamente na autonomia do projeto de inclusão.

Neste sentido, mesmo fazendo parte do universo das iniciativas de inclusão digital não governamental, o CDI se caracteriza pela utilização de uma metodologia e enfoque social que o diferencia significativamente das opções dos outros tipos. Ainda assim, o desafio à universalização do acesso às TIC parece somente ser viável se as iniciativas formarem redes solidárias de inclusão, sendo assim, também, universais.

Com efeito segundo Afonso,

O processo de infoinclusão requer uma cadeia de eventos que poderia ser resumida assim: o acesso precisa estar disponível (comunitária ou individualmente); se estiver disponível, precisa ter um custo viável para os usuários finais, levando em conta as disparidades de renda; existindo a baixo custo, precisa ser irrestrito (igualdade de oportunidade); ainda mais, tem que ser útil à comunidade (para justificá-lo como prioridade de gasto social); precisa ainda ser sustentável em longo prazo; e finalmente, pode também ser usado para o lazer (já que o direito ao lazer é um componente fundamental do desenvolvimento humano). (2000:11)

<sup>84</sup> Tome-se aqui em conta um fator relevante quanto a esta classificação: as ONGs e entidades do terceiro setor em geral existem dispostas em inúmeros tipos. Aqui estão todas as classes de fundações, institutos, Oscips (organizações da sociedade civil de interesse público), instituições filantrópicas. Desta forma tomamos de forma

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

A inclusão só será universal se os esforços também o forem. Isto em absoluto significa dizer que devam ser estratégias de uma mesma orientação filosófico-metodológica, mas que possam, dentro da sua abordagem diversa do tema, pensar o problema da inclusão digital de maneira sistêmica, integrada e com sinergia, tanto como emergente e necessária do ponto de vista econômico, social e humano.

### **3.3. A informática e educação popular como proposta de escape – o caso das EICs**

É neste sentido que as EICs, juntamente com as associações de bairro em parceria, se apresentam como unidades pedagógicas viáveis dentro de uma conjuntura de insuficiência das ações estatais e de um momento propício de busca pelos direitos cidadãos refletidos no grande aparecimento de ONGs em todo o País. A concepção do CDI e EICs como iniciativa social denota a alternativa possível à realidade socioeconômica quando age abordando, no ensino dos programas de computadores, os temas que servirão para a vida dos alunos. Por exemplo, quando os alunos utilizam um programa de pintura em computador, pode-se pedir que façam um desenho sobre a sua comunidade, e que depois debatam os resultados. Numa instrução sobre planilhas eletrônicas, é possível exercitar dados estatísticos que retratem a realidade da própria comunidade (índice de mortalidade, de violência, de natalidade). Ao trabalhar com um editor de textos, pode-se produzir um jornal que conte a história da comunidade e seus sonhos. Em um banco de dados, é possível veicular informações sobre os problemas da comunidade ou telefones úteis para esta. A metodologia pedagógica da ONG tem uma orientação claramente freireana, ou seja, busca a conscientização e transformação da sociedade em um ambiente mais justo e fraterno, utilizando a informática para fomentar a formação de cidadãos críticos, a igualdade de oportunidades, a democracia, a cidadania.

Dentro da relação de elaborar o conhecimento, que tem por sujeitos o professor e o educando, não poderá haver apenas uma transferência do conhecimento. Mesmo diante de uma relação de equiparação, onde todos aprendem e ensinam, o professor não pode agir ingenuamente, ou seja, não pode pensar igual ao educando. Ensinar, mesmo numa relação construtiva, exige o uso de técnicas, de materiais, de métodos. Para Freire (1996:68) é destacar a necessidade de conhecer a natureza imanente da prática educativa, refletir e tomar consciência da “inconclusão do ser humano”. (vide esquema do quadro 2.2).

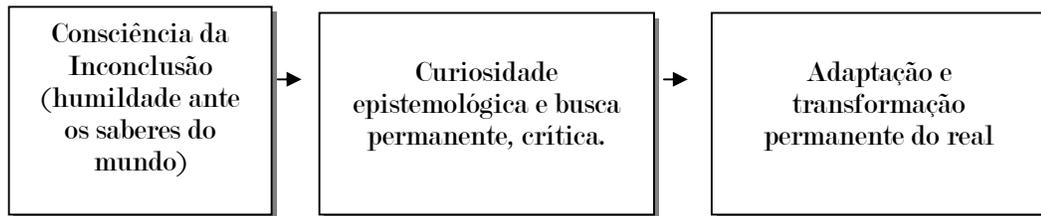
**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

## Quadro 2.2



Fonte: adaptado de Freire (1996).

Na memorização da educação bancária, o educando existe como paciente, isto é, como objeto da relação cognoscente, inerte como no *behaviorismo*. Daí a necessidade de apreensão crítica dos conteúdos munidos da curiosidade epistemológica onde o *a-lumus* (aquele desprovido da luz do conhecimento) se veja como educando e deixe de ser predicado para ser sujeito do fazer o mundo, do fazer no mundo e fazer-se no mundo. Para o autor, aprender é essencialmente construir: constatar para mudar, por isso mesmo envolve risco, aventura e ruptura.

Nesta perspectiva, a prática educativa consiste em um *a priori* político, dado que não é neutra e demanda mudanças, decisõesrupturas. Esta tem dimensões gnosiológicas, políticas, estéticas, morais. Estética, pois vai além das técnicas, chegando ao subjetivo, aos medos, desejos, sonhos. O discurso de Paulo Freire lembra os três níveis da instância normativa humana: anomia, heteronomia e autonomia, e da autonomiademocracia como uma práxis que se estabelece, fazendo-se de dentro para fora constantemente e não algo pronto no final do processo educativo. Aí se insere o estímulo à assunção do direito de decidir, romper constante na relação educador educando. A este respeito exprime Imbert

*A poiésis* realiza-se em uma obra (*érgon*) exterior ao agente. Neste caso, a atividade cessa quanto sua finalidade é alcançada: quando a casa está terminada, deixa-se de construir, quando se conseguiu o ‘emagrecimento’, ‘deixa-se de emagrecer’, ‘quando se aprendeu a lição’, deixa-se de aprender. Esses fazeres dependem de ação transitiva e fabricadora; representam meios e não fins que permaneceriam imanentes à ação (...) Pelo contrário a *práxis* é uma ação cujo único fim é ela mesma, que aperfeiçoa o agente e não tende para a realização de uma obra fora desse agente: seu fim último não é senão o uso do próprio exercício. Como tal, a *práxis* é um ato (...) o ato não se esgota em numa produção (...) essas ações não acabam, mas duram enquanto o sujeito viver. (IMBERT, 2001:29-30).

Neste sentido, a autonomia dos duplamente excluídos, do mundo real e digital, depende de uma ação constante, consciente e crítica, uma práxis da formação de sua inclusão, de sua cidadania, de seu caráter e de si mesmo. Este ponto é relevante para nossos intentos com este trabalho; o fato de que a cidadania, e mesmo a democracia, sejam consideradas

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

como *poiésis*, isto é, como algo externo aos agentes que se realiza no ato de votar, por exemplo. Parece-nos revelador é que, para os autores que norteiam o trabalho do CDI, esta perspectiva se vê incoerente, uma vez que o ato de estudar (assim como o ato da construção coletiva da cidadania) é um contínuo, um constante “estar sendo” no mundo, uma práxis, portanto. Para Freire, o ato de se autonomizar é sobremaneira uma conquista, não é dada mas alcançada.

Ainda para a linha freireana, o homem é naturalmente um ser esperançoso. Daí por que deve existir na sala de aula de uma EIC sempre o sentimento de esperança de que o conhecimento será apreendido, sendo suplantados os obstáculos que se formarem diante disso. Junto com a esperança, o processo de aprendizagem deve ser pautado, ainda, na alegria, para que os sujeitos envolvidos se identifiquem realmente com o conhecimento que está sendo elaborado. Há uma necessidade de resistência conjunta aos obstáculos da alegria comum e de resgate da importância da natureza humana, inacabada e consciente disso, portadora de ímpetos e influências sobre o fazer-se histórico humano. Inferimos que, para o autor, há duas dimensões da natureza humana:

- (1) – dimensão natural e apriorística (que envolve entre outras coisas alegria e esperança como estímulos ou ímpulsos inatos);
- (2) – dimensão histórica (dimensão do “estar sendo” que é influenciada pelos ímpetos da dimensão natural da natureza humana enquanto estes não lhe são abortados)

Fonte: adaptado de Freire (1996)

A visão desproblematizada do futuro (fatalista e mecanicista) significa desesperança e aborto dos ímpetos genuínos nascentes das áreas mais profundas da natureza humana, que é por isso mesmo negada sua existência. A realidade não é, está sendo, isto é, pode ser alterada pois é formada e não dada. Daí temos duas posições: a) fatalismo - discurso cínico, morno, acomodado, farisaico e destacador da inexorabilidade do real; b) esperança - luta, transformação, posição politicocrítica, reflexão e ação política transformadora, dimensão da decisão e ruptura, com a qual está sintonizada abertamente a proposta do CDI.

O projeto politicopedagógico do CDI (CDI:2005a, CDI 2005b) considera imprescindibilidade de uma consciência da necessidade de intervir na realidade, pois o mundo não é, está sendo, onde os homens e mulheres são sujeitos e objetos da história. Por isso mesmo estudar não é um fato neutro, ninguém estuda por estudar. O ato de estudar se configuraria por um *a priori* político, pois é então um ato político por excelência, assim como a tecnologia em Marcuse (1982).

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

As resistências físicas e culturais dos oprimidos são manhas e estratégias de sobrevivência (como no exemplo do sincretismo religioso afro-lusitano). Mudar é difícil mas possível e isto baliza os projetos politicopedagógicos a despeito das limitações e incongruências programaticamente. O erro das políticas assistencialistas consiste exatamente em um anestesiamiento das consciências oprimidas. Assim também é como os programas militares autoritários e messiânicos salvacionista-ufanistas se equivocam em desconsiderar a necessidade da “leitura do mundo” prévia à “leitura da palavra” (CERTEAU 1994:263), motivo pelo qual estes impõem e não propõem. É por esta via que o oprimido inculca uma culpa pelo seu fracasso, esquecendo-se da influência do sistema, segundo Freire. Sem curiosidade não há ensino nem aprendizado, mas uma “curiosidade domesticada” que engendra uma memorização mecânica, embotando e feneando a reflexão crítico-transformadora.

Há, no pensamento de Freire, destaque dado para o papel das tecnologias (computadores em especial) como estímulo latente a esta curiosidade. A tecnologia não é um bem ou um mal em si mesma, mas guarda em si possibilidades de usos. O próprio autor argumenta:

Nunca fui ingênuo apreciador da tecnologia: não divinizo, de um lado, nem diabolizo, de outro. Por isso mesmo sempre estive em paz para lidar com ela. Não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes das classes sociais chamadas favorecidas. Não foi por outra razão que, enquanto secretário de Educação da cidade de São Paulo, fia chegar à rede das escolas municipais o computador.(...) o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto achado de sua razão de ser. (FREIRE, 1996:87-88).

Freire tece ainda comentários sobre possibilidades de sair da dualidade entre a curiosidade espontânea e a epistemológica. O bom relacionamento pedagógico é aquele que permite que o educando esteja sempre em elaboração do conhecimento em razão de sua liberdade e de sua curiosidade, sabendo que estas têm limites, mas que devem ser exercitadas. A curiosidade deve ser, portanto, arma tanto dos educandos, quanto dos professores de EICs, pois estes sem a curiosidade ficam impossibilitados de aprender e ensinar. Em resumo, os principais objetivos da proposta politicopedagógica do CDI (CDI:2005b) são os seguintes:

- (a) oferecer capacitação de qualidade para o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs), permitindo sua apropriação social pelas comunidades;
- (b) fomentar um processo de conscientização dos indivíduos e sua reflexão sobre a

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

(c) favorecer a criação de um espaço físico para discussão, participação e ação comunitária;e

(d) possibilitar a construção de conhecimento útil, a fim de que indivíduos e comunidades exerçam sua cidadania e garantam seu desenvolvimento social, político e econômico.

Antes, porém, de nos aprofundar no estudo do CDI no Brasil e no Ceará, assim como nos diferenciais sociopolíticos de sua metodologia pedagógica, entendemos ser necessário estabelecer, previamente, as categorias de alicerce deste estudo. Neste sentido, veremos a seguir algumas considerações relativas ao estudo dos jovens e da juventude como categoria sociológica.

### 3.4 Considerações acerca da juventude como objeto

Fascínio foi o que percebemos nos olhos dos jovens ao depararem pela primeira vez a tela brilhante de um computador em uma escola de informática e cidadania. Por vezes temerosos, por vezes absortos, estes estavam sempre à espera do que aquela caixinha de segredos virtuais lhes poderia proporcionar. Sua atitude era sempre de quem está curioso e que, pela primeira vez, não está de frente com algo inatingível. O computador, em uma sala de informática social, não é mais um elemento distante e ameaçador. Pela primeira vez, via-se nos olhos daqueles jovens a esperança de ficarem de frente para aquela máquina em uma posição de dominação e não de dominado. Não por acaso exprime Lévy que

(...) o crescimento do ciberespaço resulta de uma movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. (...) estamos vivendo a abertura de uma novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. (2000:11) .

A questão é: quem é este “nós” de que nos fala Lévy, a quem cabe explorar as potencialidades deste terreno cibernético? Quantos estratos sociais podem estar excluídos deste “nós” que, à primeira vista, parece uma sujeito homogêneo e universal. É neste sentido que nosso trabalho aqui proposto se dedicou ao estudo da utilização da informática como recurso formador de cidadania de jovens em bairros carentes de Fortaleza e região metropolitana. O ponto de partida foi a investigação da influência de projetos sociais que se utilizam do computador como recurso no processo de capacitação dessas pessoas e como uma

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

interface pela qual é possível perceber a si mesmo e a sua comunidade por meio de programas específicos, sintonizado com o valor político do uso (e usos) da tecnologia informática.

O estudo de caso centralizou esforços no bairro Luciano Cavalcante, tendo como amostra empírica os jovens participantes da EIC (Escola de Informática e Cidadania) desta região, tomado como representante típico destas unidades do CDI. As EICs são, de forma bem geral e sintética, espaços educacionais informais que levam conhecimentos sobre informática, conjugadas a cidadania, para crianças, jovens e adultos de comunidades carentes e outros indivíduos com vulnerabilidades (CUNEGUNDES,2004; FRANCH,2004; FILGUEIRA,2001), como portadores de necessidades especiais, famílias de pescadores, jovens portadores de necessidades especiais, homossexuais, prostitutas, presidiários, população indígena, entre muitas outras minorias excluídas.

A escolha desta localidade envolve alguns pontos básicos: ela engloba uma grande concentração de moradores na faixa etária a ser pesquisada<sup>85</sup>, assim como representa a noção de periferia<sup>86</sup> e situação de vulnerabilidade pretendidas. Além disso, esta unidade específica é a mais antiga de Fortaleza, o que facilitará a captação do *habitus*<sup>87</sup> de seus educandos e participantes, conceito essencial para esta pesquisa.

#### 3.4.1 Considerações históricas e culturais acerca da juventude

Tomando-se o contexto histórico brasileiro, percebe-se que os jovens estão suscetíveis a processos de fragmentação provocados tanto por falta de políticas públicas como pelo desemprego. Segundo Abramo, “...com relação às políticas públicas, é necessário notar que, no Brasil, diferentemente de outros países, nunca existiu uma tradição de políticas especialmente destinadas aos jovens, como alvo diferenciados das crianças, para além da educação formal”. (1997:25-26). Além disto, é notório que a categoria juventude é demasiado complexa. Por jovem entendemos aquele grupo etário específico, com os hormônios à flor da pele, ambíguo, fugaz e de natureza fugidia, impregnada de simbolismos, potencialidades (assim como fragilidades) e repleta de inextrincáveis ambigüidades (LEVI & SCHMITT,1996). Por este mesmo motivo se lança uma diversidade de perspectivas sobre este grupo social especial, muitas vezes olhares estes repletos de mitos e associações baseadas em representações sem fundamento empírico e científico. De toda maneira, quando se fala de

85 Tomamos a juventude como categoria representativa de indivíduos de 15 a 24 anos baliza por Souza(2003); Cassad (2001) entre outras.

86 Além da noção de áreas geográficas próximas dos grandes centros urbanos, mas não diretamente inseridas, tomamos a periferia como áreas socialmente pouco desenvolvidas.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

juventude, se está falando, sob a óptica dos indivíduos, de um período transitório e, por isso mesmo, um momento de inconsistência e mesmo de crise. A invenção do conceito de juventude está relacionada ao surgimento da sociedade industrial e da era moderna, quando lentamente este elo entre a infância e a idade adulta vai se tornando merecedor de visibilidade sociológica. Antes disso, porém, no seu *Emílio*, Rousseau descreve o jovem como um ser em metamorfose, um ser que está processando um renascimento e o faz por meio de uma renovação total dramática. Este seria o momento em que a índole terna e amorosa do jovem seria tragada pela sociedade adulta e, inelutavelmente, corrupta. Tornou-se célebre a frase "o homem é naturalmente bom" e má a educação dada pela sociedade, na qual, o autor do *Contrato Social* desfere sua crítica à sociedade do seu período. O autor compara ainda as etapas da vida dos homens ao ciclo infundável das estações da natureza: o nascimento seria o verão da existência humana; na juventude floresceria a primavera, com o esplendor vigoroso das contradições e possibilidades inauditas; a maturidade viria como o outono, um soturno declinar apontando para a frieza do inverno e morte, isto é, o cambio derradeiro e radical da vida dos homens.

Os pensamentos ou metáforas bucólicas de Rousseau feneceram paulatinamente à proximidade da conversão radical de uma nova era nascente. Na transição entre a sociedade feudal e a sociedade industrial, esta parcela da população sofreu, juntamente com os adultos e crianças, as agruras do mundo do trabalho que se transformava. Em meados do século XIX, quando não existia uma identidade intensivamente estabelecida destes indivíduos, os jovens participavam atuamente da atividade industrial como operários em condições de trabalho bastante adversas. A atribuição dos pagamentos aos funcionários das fábricas era comumente dividida em: um salário integral para adultos, 1/2 para as mulheres e 1/4 para as crianças. Engels relata a situação da classe trabalhadora na Inglaterra, submetida à desestruturação familiar, más condições de saúde, inclusive com estímulo tentador ao consumo de substâncias tóxicas como o álcool.

Todas as tentações possíveis se juntam para levar os trabalhadores ao alcoolismo. Para elas, a aguardente é praticamente a única fonte de alegria e tudo concorre para a terem à mão. O trabalhador volta para casa esgotado e fatigado; encontra a casa sem o mínimo conforto, pouco hospitaleira e suja; tem uma necessidade urgente de se divertir; precisa de qualquer coisa que faça o ser trabalho valer a pena, que torne suportável a perspectiva amarga do dia seguinte. [*e continua*] Já não falando das condições físicas que incitam o trabalhador a beber, o exemplo da maioria, a educação descuidada, a impossibilidade de proteger os novos contra esta tentação, a freqüente influência direta dos pais alcoólatras, os quais dão aguardente aos seus filhos, a certeza de esquecer, na embriaguez, pelo menos por algumas horas, a miséria e o fardo da vida, e cem outros fatores têm um efeito tão poderoso

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

que não podemos acusar os trabalhadores de sua inclinação pela aguardente. (ENGELS,1988:123).

O autor fala ainda de remédios derivados do ópio, como o *láudanum* (vendido com o nome de *Cordial Godfrey*), os quais eram administrados por mulheres que trabalhavam em domicílio e tomavam conta de seus filhos e de filhos dos outros, no sentido de manter as crianças e jovens “tranquilos”, saudáveis e produtivos. Elas começavam a dar-lhes estes remédios e por estas razões “o organismo enfraquecido não tem possibilidades de resistir à doença, que os vitima a qualquer momento. É por isso que envelhecem prematuramente e morrem jovens. As estatísticas de mortalidade constituem uma prova irrefutável disso”(IBIDEM, 125). Estas condições insalubres da industrialização inglesa levou uma geração de trabalhadores jovens ao vício, às doenças e à quase ausência do sonho, da perspectiva de vida. Neste sentido, as transgressões juvenis, ou o “desvio social” (expressão que apareceu pouco depois), se davam dentro da própria família como decorrência de uma situação histórica específica. Foi no século XX, porém, que a juventude, e todo complexo que envolve o advento e efervescência juvenil, ganhou fôlego. No início do século XX, mais precisamente no ano de 1904, o psicólogo ianque Stanley G. Hall publica seu famoso trabalho *Adolescence* as novas bases para a compreensão do fenômeno. Sua análise, centrada no amadurecimento biológico do adolescente, compreendia este período como um estado emocional turbulento e propenso à revoltas constantes. Esta naturalização das instabilidades juvenis proporcionou intensa polêmica no meio acadêmico da época. Mead (1967), com seu estudo clássico sobre os adolescentes de Samoa (na Polinésia), contradiz a hipótese levantada por Stanley Hall sobre a “biologização” da natureza inconstante dos jovens, segundo a qual as manifestações radicais dos grupos jovens da sociedade dos EUA fariam parte de um processo normal de crescimento. Os estudos de Mead levaram-na à conclusão de que Hall estava errado porque os distúrbios sofridos pelos jovens dos EUA e Europa Ocidental eram uma reação psicológica às tensões específicas que se formavam dentro destes sistemas culturais.

As mudanças de olhares se processam rapidamente, e palco mundial desta transformação é a Europa Ocidental das décadas de 1950 e 1960 quando, logo após as duas grandes guerras mundiais, as populações de jovens europeus e dos Estado Unidos começaram a engendrar seus estilos de vida, arte, sociações, assim como formas de diferenciação do todo por meio de símbolos específicos (roupas, músicas, gestos, adornos, chiclete, gírias e ídolos

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

do cinema<sup>88</sup>); tudo isto vindo a reboque de um mundo que se polarizava e tecnoburocratizava, tornando a percepção da vida, pela óptica jovem, como algo essencialmente efêmero. Levemos em conta o contexto político internacional (no sentido de efetuar uma imaginação sociológica, conforme aponta Mills) da época quando, pela guerra fria, o medo da morte prematura apressasse a busca intensa pelos prazeres do mundo, colorido pelas benesses e bens tangíveis da nova sociedade de consumo, sem a preocupação necessária do ônus desta busca, fosse para o corpo, fosse para a alma. Não é por acaso que esta nova sociedade configura uma cultura de consumo, a qual identifica a liberdade com a escolha privada e a vida privada, o que atinge em cheio os modos de agir e mundo de valores juvenis da época. Neste sentido, exprime Slater,

a relação entre liberdade e privacidade é fundamental para a idéia do indivíduo moderno: a razão, por exemplo, foi conceitualizada por grande parte do Iluminismo como um recurso privado, encontrado dentro do indivíduo, com o qual ele (...) poderia resistir à autoridade social irracional da tradição, da religião, das elites políticas, da superstição. (2002:35).

Por isso mesmo, o ímpeto transformador, transgressor e subversivo do jovem ganha novos contornos na recente cultura da modernidade, propiciando uma organização de jovens que tencionam reformar a sociedade de acordo com suas “predileções ideológicas” (MATZA, 1968:88). As análises sociológicas desta época, entretanto, enfatizam o caráter de “dessociabilização” dos valores centrais da sociedade efetuado pelos jovens. A ação juvenil é tomada como algo anômico, expressa as interpretações funcionalistas então vigentes, nas quais a noção de desvio é tomada como premissa básica.

Para Abramo (1994), os estudos da Sociologia estadunidense associavam o comportamento jovem a criminalidade, violência e marginalidade, sempre reforçando a ideia de desvio e da anomia. Já há muito tempo, a juventude é associada a um estado de turbulenta transição, uma verdadeira metamorfose entre duas idades sociais bem distintas, com identidades mais sólidas, como a infância e a idade adulta. Esta temática, quase sempre, leva os pesquisadores dos aspectos sociais da juventude (psicólogos e sociólogos, essencialmente) a considerar como fundamental para a compreensão desta conjunção de problemas a existência de uma crise de identidade imanente à idade. Neste contexto coexistem em conflito inúmeras visões sobre os jovens no Brasil contemporâneo, visões as quais podem dificultar a

---

<sup>88</sup> Lembremo-nos de James Dean e sua *Juventude Transviada*, assim como o movimento brasileiro da “Jovem

elaboração de políticas públicas ou mesmo ações de inclusão para jovens em situação de pobreza e vulnerabilidade social.

### 3.5 Juventude e vulnerabilidade social no contexto da inclusão digital cidadã

A violência social, tanto física quanto simbólica, toma justamente os jovens como o grupamento social mais atingido por esta mazela (ABRAMOVAY: 2002). Malgrado as considerações há pouco expostas, acrescentamos o fato de que estes jovens em idade de constante ebulição psicosocial, independentemente da classe ou estrato social do qual provêm, estão expostos de forma incontestável às novas (?) dinâmicas e formas de violência social que envolvem toda classe de crimes (físicos, virtuais), transgressões, entre outras ameaças. No campo teórico, os pesquisadores sociais, assim como os especialistas em políticas públicas, apontam para um novo conceito, na tentativa de conferir ao problema uma maior profundidade epistemológica e heurística. Tal conceito se pretende capaz de suscitar novas opções de mensuração das ameaças sociais pertinentes ao desenvolvimento promissor dos jovens do chamado Terceiro Mundo, traçando matrizes explicativas e orientando entidades e personalidades (como também a própria sociedade civil) comprometidas com a resolução ou pelo menos o enfrentamento das atuais condições sociais.

Apesar do fato de a violência não estar mais limitada a estratos sociais, econômicos, raciais ou geográficos, levantamentos estatísticos demonstram que ela atinge com maior intensidade a grupos específicos como, por exemplo, os jovens do sexo masculino. Uma explicação desta incidência está ligada à questão da *vulnerabilidade social*<sup>89</sup>. (ABRAMOVAY, 2002:28)

É, pois, por meio deste referencial teórico que se orientam muitas das atuais iniciativas de enfrentamento da pobreza econômica e cultural das populações da América Latina.

Os jovens de regiões pobres da América Latina, mesmo possuindo “ativos potenciais” (VIGNOLI 2001) têm seu desenvolvimento pleno restrito pelas ameaças causadas pela vulnerabilidade social presente neste Continente. A rede de ensino, as condições de saúde pública, o acesso a serviços de segurança dispostos de forma precária e exclusiva propõem um desenho negativo do futuro desta faixa populacional embotando suas possibilidades de ascensão social.

Entende-se vulnerabilidade social

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

(...) como o resultado negativo da relação entre disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. (ABRAMOVAY 2002:29).

Assim, antigas políticas públicas focadas no plano econômico se mostraram ineficazes para traçar novas estratégias de redução de pobreza. O que influenciaram o grau de vulnerabilidade social das populações seria, além da posse de bens materiais, todo um conjunto de configurações de “ativos familiares”<sup>90</sup> destes grupos vulneráveis.

Os principais elementos inibidores dos índices de vulnerabilidade social foram os *ativos* (ou recursos) materiais e simbólicos, o conjunto das *oportunidades* oferecidas ou conquistadas por estes grupos e as *estratégias* de apropriação e utilização destes ativos. Segundo Abramovay (Idem), os ativos materiais dizem respeito à posse ou ao controle de recursos materiais ou simbólicos que permitem suscitar variadas classes de desenvolvimento nos grupos de agentes sociais fragilizados. Tais ativos significam não somente elementos concretos (aquisição, manutenção e correta utilização de tais elementos) como também bens ou ativos simbólicos necessários à manutenção e utilização dos recursos precedentes. O exemplo paradigmático destes bens ou ativos simbólicos é precisamente a educação, na qual se enquadra parte da inclusão digital em suas diversas facetas. Dizemos em parte pois outros elementos também contribuem de forma decisiva para o enfrentamento da vulnerabilidade social.

Além dos ativos materiais e simbólicos, de sua posse ou disposição em grupos vulneráveis, outro elemento fundamental de emancipação percebido pelos novos teóricos de políticas públicas e pobreza existem também as oportunidades. Estas se referem às diversas classes de alternativas criadas pelo conjunto da sociedade civil, do Estado e pelas empresas de maneira geral.

Por fim, juntamente aos ativos materiais (e simbólicos) e das oportunidades criadas pelo Estado, mercado e sociedade civil (ou pelo conjunto destas esferas), existe outro elemento relevante de oposição às vulnerabilidades sociais - aquele referente às estratégias de uso e manutenção dos recursos anteriores, sem as quais estes não se sustentam ou se tornam inviáveis. Desta forma, identificamos previamente a ação do CDI com suas EICs como uma mobilização tipicamente antivulnerabilidade social, no sentido em que essa organização não governamental propõe a utilização de vários recursos e estratégias como também disponibiliza diversas oportunidades à populações residentes nos bairros em que se instala.

Com a utilização de ferramentas da informática, dentro de comunidades de baixa renda de uma maneira peculiar (sintonizada com a noção de dádiva<sup>91</sup>) e auxiliada por um processo pedagógico popular, estas Escolas de Informática e Cidadania do CDI têm como fim, em seu conjunto, uma proposição construtiva dos sujeitos socialmente vulneráveis. O caminho pretendido, assim como seu enfoque, propõem uma tentativa de investigar a função política da informática em núcleos de educação voltados a crianças carentes dentro da perspectiva destas. Como citado anteriormente, a essência de nosso trabalho sinaliza para a captação dos indivíduos em sua singularidade, como matéria de estudo socioantropológico, percebidos como sujeitos de uma ação social constituída com base em redes de significados, enfatizando-os como intérpretes de mapas e códigos culturais (VELHO,2003; GEERTZ,1989; ZALUAR, 1994). Neste sentido, a percepção de que o trabalho da ONG reflete o enfrentamento direto das vulnerabilidades e que suas ações mobilizam saberes, oportunidades e estratégias, somente se torna possível com o auxílio desta metodologia de inserção no objeto empírico, tão própria dos elementos de etnografia do qual somos partidário.

A utilização de novas tecnologias somadas a uma ação não governamental multiplicadora de uma consciência cidadã é a tônica de trabalho pretendida pelo CDI. O sucesso desta ONG vem despertando a atenção de órgãos nacionais e internacionais como denotam os prêmios<sup>92</sup> conferidos a este programa e o seu criador (o professor de informática Rodrigo Baggio).

Dentro das transformações curriculares em todo o País<sup>93</sup>, da crescente onda de organizações não governamentais instaurada na sociedade e da crescente onda tecnológica (SCHAFF,1995; KUMAR,1997; CASTELLS,1998, 2000; LÉVY, 1996, 1998, 1999, 2003), pensamos ser necessário e conveniente um estudo mais aprofundado dos jovens em situação de pobreza (FRANCH, 2004; ABRAMOVAY, 1999; ABRAMO, 2000), integrados em EICs, compreendendo os aspectos qualitativos da mudança de vida destes, após sua inserção nestes

---

<sup>91</sup> A teoria de Mauss atenta para a existência da dádiva em todos os tipos e graus de civilização. Para Mauss (1999:365), “essas trocas e esses dons de coisas que ligam as pessoas se efetuam a partir de um fundo comum de idéias: a coisa recebida como dom, a coisa recebida compromete, liga mágica, religiosa, moral e juridicamente o doador e o donatário”.

<sup>92</sup> Prêmio Internacional - O Comitê para Democratização da Informática e suas EICs receberam o World Technology Award concedido pela World Technology Network, uma academia que reúne mais de 700 cientistas, jornalistas, financiadores e pesquisadores da área de tecnologia. O prêmio reconhece anualmente pessoas e projetos cuja aplicação da tecnologia tenha contribuído para o desenvolvimento econômico e social. Nacionalmente o CDI recebeu da Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil - ADVB o prêmio Top Social na categoria destaque social. Há oito anos, o “Top Social ADVB” premia iniciativas de organizações e empresas, reconhecendo o exemplo e a transformação promovida por seus programas da chamada “responsabilidade social”.

<sup>93</sup> Como os componentes dos Projetos Político Pedagógicos Institucionais os quais conferem uma série de competências esperadas dos professores, citadas pela LDB 9394/96, dentre elas a sintonia com os novos

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

grupos, sinalizando para as percepções acerca do embate de culturas daí transbordante (VELHO,op.cit), como também a pertinência da utilização da tecnologia (informática) neste processo.

Decisivamente, para o enfrentamento das vulnerabilidades sociais, são necessárias não somente ações do terceiro setor, mas também muitas outras circunstâncias, como vimos anteriormente. Assim, segundo Vignoli (2001), mesmo que as taxas de natalidade das populações de menor poder aquisitivo estejam decrescendo, somente isto não é suficiente para combater de maneira eficiente as diversas ameaças da vulnerabilidade. Segundo este teórico, para que seja atingido um novo padrão social, sintonizado com as possibilidades de ascensão social, será necessária uma mudança cultural de elementos que sustentem esta estabilidade tais como a educação, regulamentação, efetivas possibilidades de ascensão social, visão estratégica e meios de controle social mais eficientes. Para o autor, há três passos para alcançar a superação, ou pelo menos para se enfrentar a crescente vulnerabilidade social nos países da América Latina. Primeiramente se deve abrir espaços para a participação destes jovens. Seguramente, as políticas públicas voltadas para os jovens ainda são poucas ou não estão focadas corretamente no sentido de atribuir a estes agentes sociais os espaços necessários a sua participação efetiva.

Segundo, não seria possível lutar contra a vulnerabilidade sem antes atuar de maneira setorial em sintonia com as dimensões do processo de integração social que estes jovens experimentam, ou seja, encaminhar ações em Educação Saúde, inserção no mercado de trabalho e habitação. O terceiro passo é avançar para políticas e programas transsetoriais, os quais são determinantes para o enfrentamento de alguns dos principais riscos destes jovens vulneráveis.

O autor ainda sinaliza para alterações basilares nas orientações das políticas públicas de enfrentamento da vulnerabilidade social de jovens na América Latina. Segundo Vignoli, as políticas públicas para jovens deveriam estar orientadas para, além do já exposto, a inserção e concentração de ações por parte dos agentes relevantes de ambas as esferas, pública e privada; modificação do foco de ação dos organismos especializados dos setores de políticas públicas, no sentido de se transformarem em articuladores e promovedores de ações (escapando das funções de ação direta). Crê assim, esse autor, que a mobilização da sociedade civil poderá se efetivar tendo os governos locais, as agencias e os órgãos do setor de políticas da juventude como parceiros e não como mantenedores paternalistas.

Do próximo capítulo em diante nos debruçaremos sobre a resposta encontrada pela

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Informática (CDI), na esteira destas mazelas sociais citadas até então. Da comunhão de esforços entre setores da sociedade e do poder público instituído, emergem possibilidades de enfrentamento à problemática da exclusão digital no Brasil e no mundo.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

## 4 – OS JARDINEIROS, ESPINHOS DIGITAIS E SUA PODA

### 4.1 Breve histórico do CDI na constituição da “cidadania digital”

O CDI como agente social de enfrentamento da exclusão digital encontrou espaço de atuação no Brasil em 1995, quando seu idealizador, o empresário carioca Rodrigo Baggio, associado à Ashoka, fundou a primeira Escola de Informática e Cidadania no morro do Macaco, periferia do Rio de Janeiro. A Ashoka é uma organização mundial, sem fins lucrativos, criada em 1983 (e no Brasil desde 1986) pelo ianque Bill Drayton. Esta instituição desenvolve um trabalho de apoio aos chamados “empreendedores sociais”, visando transformações com impacto social. A Ashoka teve seu primeiro foco de atuação na Índia, de onde veio a ideia de seu nome, que em sânscrito significa "ausência de sofrimento", e foi pioneira na criação do conceito de empreendedorismo social como campo de trabalho. Somente após a criação da primeira EIC, impelido pela incessante demanda de setores da imprensa e da própria sociedade civil, seria formado em março de 1995 o CDI, a primeira organização não governamental brasileira de inclusão digital. Somente quando Baggio se tornou *fellow* da Ashoka em 1996, porém, os caminhos do CDI se tornaram mais abertos e pronunciados (CDI, 2005a), sendo possível conquistar a adesão de líderes internacionais, como Enrique Iglesias, do BID, e ensinar informática a populações de baixa renda que engrossavam as fileiras do *apartheid* digital.

O amadurecimento das ideias empreendedoras e pedagógicas para enfrentar o abismo digital no Brasil, entretanto, teve várias etapas. Para que se tivesse, até 2005, mais de 600 mil pessoas capacitadas pelas EIC (op.cit.), Baggio teve de ganhar experiência em vários projetos anteriores. Segundo palavras do próprio empresário, “Na IBM fui gerente do ‘Reinventando a Educação’, um projeto criado pela IBM Foundation. Esse projeto tinha como objetivo a inserção de tecnologia em escolas públicas, através de todo um processo pedagógico”. (Op.cit.: 22).

Neste período, Baggio criou uma tecnologia batizada por ele mesmo de “informática holística”, a qual permitia aos jovens aprenderem a usar a tecnologia mediante o conhecimento do mundo em que eles viviam, por meio de jogos educativos com temáticas que variavam do corpo humano ao conhecimento dos planetas<sup>94</sup>. Em meados de 1993, ele criou um BBS (*bulletin board system*), um sistema informático que permite uma conexão e

<sup>94</sup> Não confundir com o que seria chamado, anos depois, de *Game-based learning* (aprendizado baseado em jogos eletrônicos, depois chamado de *digital game-based learning*) o qual tem como expoentes Mark

interação via telefone a um sistema via computador, semelhante à internet, chamado *jovemlink*. A idéia inicial, entretanto, de que este BBS fosse um “um espaço onde se discute cidadania” e que permitisse interação de jovens de classes sociais diferentes, abastadas e não abastadas, não vingou. Percebeu-se que somente os jovens mais favorecidos estavam desfrutando do serviço. O futuro criador do CDI então se viu incumbido de iniciar uma ação para aproximar os excluídos do mundo da informática, tarefa que se iniciou em 1994, com o lançamento de uma campanha no *jovemlink* chamada “Informática para todos”, centrada na doação de computadores e a reboque das fortes iniciativas cidadãos do período como a Ação da Cidadania e as campanhas contra a fome e pela vida. Segundo Baggio,

Particularmente, era muito claro que, se a gente não levasse o novo conhecimento às camadas menos favorecidas da sociedade, nós estaríamos colaborando pra (sic) criação de um novo apartheid, o apartheid digital. Começamos a receber cada vez mais computadores e tínhamos que administrar estoque, cuidar de manutenção, decidir como selecionar as organizações que seriam beneficiadas. Tivemos que ser mais eficientes no processo de reciclagem de tecnologia. (2005a:26).

A despeito de todo o esforço altruísta de Baggio, as comunidades, ainda assim, se revelaram muito incipientes e despreparadas para a inserção na nova tecnologia. Isto principalmente porque, para ele, as ditas comunidades não dispunham ainda de uma cultura tecnológica. Foi esta ausência que deflagrou a formação das Escolas de Informática e Cidadania. Assim,

Olhando pro contexto do terceiro setor, dos movimentos sociais da época, logo percebi que os projetos sociais em desenvolvimento tinham um forte caráter assistencialista. Aquelas campanhas de doação de comida, de agasalhos... Eram importantes, relevantes, mas ainda não existia de uma forma disseminada, a idéia de que deveríamos atuar nas comunidades de baixa renda pra ajudar as pessoas a ajudarem a si mesmas, criando projetos sociais que, na verdade, funcionassem como empreendimentos sociais. Essa nova visão era muito embrionária na época. (Op.cit:26-27).

Para o empreendedor social, as Escolas de Informática e Cidadania num contexto de favela deveriam funcionar de forma articulada com a comunidade, de maneira sustentável, refletindo sobre os problemas locais, sobre a cidadania daquelas populações. Desta forma aquele vínculo assistencialista poderia ser sublimado por uma nova posição tanto da O.N.G. quanto da própria comunidade. Baggio, entretanto, encontrou ainda muita força opositora. Segundo ele, 99% das pessoas para quem falava de seu sonho digital em favelas do Rio o

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

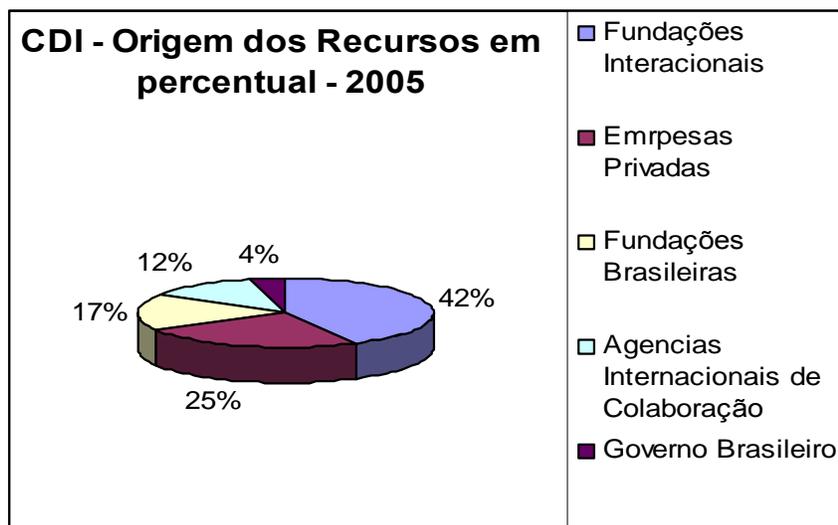
Get yours now!

desencorajavam – “Rodrigo, você está ficando louco. Pobre tem mente de gente pobre, nunca vai saber usar computador. Pobre precisa é de comida.” Sobre isso ele comenta

Na verdade, a gente começou a perceber que nas cidades grandes e médias as pessoas não morrem de fome, morrem de falta de oportunidade, e isso é que leva à criminalidade, à violência, ao tráfico e à morte. A falta de oportunidade é um dos maiores desafios da atualidade. Ou seja, emprego é uma questão estrutural. O problema é saber como fazer pra oferecer oportunidades para os jovens menos favorecidos. Eu sempre dizia o seguinte pra essas pessoas, parodiando a música dos Titãs: “a gente não quer só comida. A gente quer comida, diversão, arte e tecnologia.” (Op.cit.:27-28).

Desde então, foram muitos os parceiros do CDI, inicialmente no Rio de Janeiro e depois no Brasil inteiro e no mundo. Igrejas, escolas, empresas transnacionais, como a C&A e organismos internacionais, fazem parte do grande grupo de apoiadores, colaboradores e parceiros da ONG. É notória, entretanto, certa dependência do CDI com relação aos recursos de origem internacional, assim como a pouca participação de verbas de procedência federal.

Gráfico 4.1



Fonte: CDI 2005a.

Conforme cresceu o CDI, espalhando-se pelo Brasil, com o auxílio das mais diversas fontes, cresceram também os desafios de origens mais diversas. Partindo de uma iniciativa tão particular (como o sonho de um empreendedor “solitário”), mas de apelo tão universal, seria de se esperar que a inserção desta O.N.G. em culturas tão diferentes quanto as que eram inicialmente visadas não se daria de maneira óbvia ou desproblematizada, demandando uma adaptação cultural e redesenhos em sua estrutura inicial.

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Como é comum no jargão administrativo-mercadológico, é necessário sempre “focar no cliente”, adaptar seus produtos e/ou serviços ao público alvo visado em um nicho de mercado previamente estabelecido. Sob pena de ser um grupo empresarial etnocêntrico e perder espaço para a concorrência, uma conduta normal no mundo corporativo é a adequação específica às realidades socioculturais de seus clientes. Por isso mesmo, uma ONG, enquanto unidade sem fins lucrativos explícitos, não poderia se furtar a desconsiderar tais desideratos pétreos orientadores das condutas empresariais ordinárias. Não por outro motivo, “a história do CDI é como a história de um rio: ele tem o objetivo de chegar ao mar e vai se adaptando ao terreno, ao solo, contornando obstáculos, mas sempre focando naquela missão que é a de chegar ao mar”.(Op. cit.: 34).

Esta adaptação às realidades locais nos pareceu clara desde que nos inserimos nas salas de aula da EIC ACF. Ficou evidente que a realidade dos morros cariocas tinha condições infraestruturais e humanas irreproduzíveis no contexto cearense. Queremos nos referir de modo mais enfática ao material didático proposto pelo CDI, assim como sua utilização e orientação dos monitores no Estado do Ceará. Mais adiante nos aprofundaremos mais nesta questão, pois percebemos desde muito cedo que as escolas de informática e cidadania gozavam de certa autonomia ante ao projeto geral da ONG geral, o que se verificou muito significativo para nosso estudo.

#### 4.2 Ação geral do CDI e das EICs

O rápido crescimento do Comitê para a Democratização da Informática tem relação com a trajetória pessoal de seu idealizador, Rodrigo Baggio, e este exprimiu seu caminho com muito empreendedorismo, assunção de riscos e uma boa dose de idealismo e sonho. Mesmo que a carência social proporcionada pelo *digital divide* (o qual já se avolumava em meados de 1995, quando foi fundada a ONG) se mostrasse uma realidade no Brasil, o estímulo que direcionou e determinou a formação do CDI parece ter sido muito mais personalista do que fruto de um frio cálculo de demanda social reprimida.

O CDI nasceu muito mais de uma visão do que da demanda manifestada pela sociedade. Ele obedeceu muito mais às leis da Física, de ação e reação, do que a um trabalho de planejamento estratégico. Foi uma coisa intuitiva. Fomos abrindo caminho na floresta. (Op.cit: 34).

O crescimento assombroso da rede CDI pode ser acompanhado no gráfico a seguir

(vide gráfico 4.2) mas como uma organização criada de zero a 062 EIC em dez anos

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

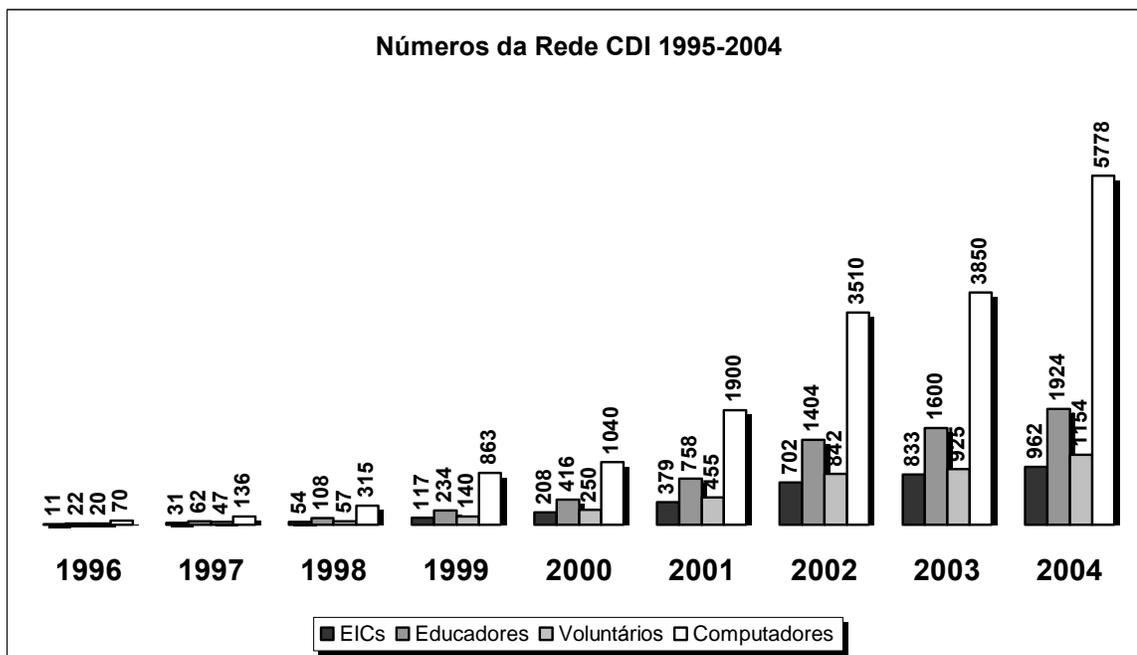
orientada por intuição e boa vontade? Os números do CDI guardam um indicativo desta charada. É evidente que um crescimento tão pronunciado em tão curto período não poderia ser explicado apenas pela intuição de um visionário abnegado. Na realidade, existe uma confluência de vários fatores que singularizam o CDI como uma ONG *sui generis*. Além de uma figura central que ancora o rótulo de “jovem prodígio” (Rodrigo Baggio) e que cresce como um mito a cada evolução da instituição em infraestrutura e resultados, pode-se mencionar mais: um número substancial de voluntários (guiados ou não pela liderança carismática<sup>95</sup> de Baggio); uma demanda social real; o trabalho com uma área (informática) a qual, no início do novo milênio (mas não somente nele), ganha contorno de interesse universal e implacável; e, por fim, uma gama de parceiros, mantenedores e apoiadores de alto bordo. São mantenedores do CDI: a Fundação da Cia. Vale do Rio Doce, Philips, Accenture, Skol Fundation, USAID, Microsoft, Avina, W.K. Kellogg Foundation, BID, Esso, Light, BNDES, Carrefour Internationale Foundation, UNESCO, Cisco Systems e ABN-AMRO. Estas são empresas, fundações, institutos ou órgãos públicos os quais “alocam recursos financeiros para o custeio de projetos e programas específicos ou para a cobertura de custos operacionais e administrativos do CDI Matriz”. (CDI *on line* – acesso em Maio/2008).

Além destas instituições, a ONG conta ainda com a ajuda dos apoiadores tais como: a Rede Globo de Televisão, UNICEF, Ashoka, IBM e a Brasil Telecom. Até agora não estamos nos referindo às parcerias no plano microambiental: escolas e mesmo a ACF em Fortaleza (raiz de nosso estudo).

Além destes elementos, outra característica pode acoimar o diferencial do CDI como instituição de ação social, uma ONG que nasceu não por luta popular, mas por ações contingentes e iniciativas particulares atreladas pelo respaldo de fortíssimos organismos, empresas e grupos internacionais, tudo isso com o “molho” irresistível da pedagogia freireana insistentemente citada por todos da instituição, independentemente do cargo ali exercido ou nível hierárquico.

No Brasil existe uma tradição recente de movimentos populares de ação incisiva sobre aquilo que Gohn (2001a, 2001b) chama de *cidadania coletiva*. Segundo a autora, os movimentos sociais têm forte dimensão educativa no sentido de resgate de posição ativa dos elementos constitutivos das camadas populares. Neste contexto, o que poderia ser caracterizado como “esferas públicas” começa a ser desenvolvido em um processo lento.

Gráfico 4.2



Fonte: CDI 2005a

Segundo Holanda (1995:73-92), até meados do século XVIII no Brasil, o comércio era hipertrofiado dada a pouca importância que faziam deste os donos de engenho e senhores da elite rural. Sem dúvida, os engenhos eram organismos autossuficientes, o que propiciou um vínculo personalista, centrado em um paternalismo “aterrador” no qual o sufoco das relações da esfera pública, ainda incipiente (ou mesmo inexistente), pela esfera do privado se fazia possível.

No Maranhão, em 1735, queixava-se um governador de que não vivia a gente em comum, mas em particular, sendo a casa de cada habitante ou de cada régulo uma verdadeira república, por que tinha os ofícios que a compõem, como pedreiros, carpinteiros, barbeiros, sangrador, pescador, etc. Com pouca mudança tal situação prolongou-se, aliás, até bem depois da Independência... (HOLANDA, 1995:81)

Assim, as esferas públicas, os espaços dedicados à vida pública no Brasil tiveram seu fortalecimento por meio de um processo demorado, com certo avanço somente após a vinda da família real portuguesa para o País em 1808.

Não é de espantar que o desenvolvimento da noção de cidadania e de participação popular ganhasse contornos, desde cedo, de uma tutela verticalizada seja por um viés paternalista-privado, seja paternalistaestatal. No caso do CDI, parecem atrelar-se empreendedorismos ultramodernos a estas mesmas velhas estruturas patriarcais envernizadas

**pdfMachine**  
**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**  
 Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.  
 Get yours now!

processo de absorção, reelaboração e transformação da cultura existente, gerando a cultura política de uma nação.” (2001a:174) Esta transformação soa como quimera aos estudiosos do sistema educativo brasileiro, seja ele o oficial ou mesmo o fomentado pelas organizações e associações populares em geral. O contorno que ganhou a revolucionária pedagogia freireana nos ares da cultura cearense parece ter fugido ao planejamento dos coordenadores da instituição de Rodrigo Baggio. Como resultado muitos estudantes repetiram na sala da EIC, enquanto a visitei, alguns dos velhos vícios daquela conhecida “educação bancária” e, mesmo com esforços hercúleos dos monitores, o sucesso da empreitada da formação da cidadania pela informática se viu eclipsada, ou limitada por estes aspectos culturais e históricos aqui citados. O pior dos vícios nos pareceu a postura de espectador assumida pela maioria dos estudantes, não adequada aos preceitos da pedagogia pretendida pelo C.D.I. e de alguma maneira reforçada inconscientemente pelos monitores.

Gohn (2001a) estabelece uma tipologia de formas educativas no País que nos ajuda a pensar a questão. Segundo a autora, existe uma distinção entre a educação formal e a não-formal. A educação formal (ou educação escolar-formal-oficial) é aquela desenvolvida nas escolas e ministrada por entidades públicas ou privadas. Este tipo de educação se caracteriza por um modelo rígido, dotado de uma pedagogia consciente e planejada, na qual os espaços de aprendizado são tão previsíveis quanto mensuráveis.

Por educação não formal entende-se um conjunto de processos que envolvem: a “*aprendizagem política*” dos direitos dos indivíduos tomados em sua dimensão cidadã; a “*conscientização*” destes indivíduos por meio da participação em atividades grupais, em relação ao entendimento e luta pelos seus interesses individuais e coletivos; a “*capacitação*” dos indivíduos para o trabalho por meio da aprendizagem de habilidades, desenvolvimento de potencialidades; aprendizagem e prática por meio de exercícios que capacitam os indivíduos a “*organizarem-se com objetivos comunitários*” com vias de solução a problemas coletivos partícipes do seu cotidiano.

Os espaços da dita educação não formal, segundo a autora, envolvem: os domicílios (lugar das relações familiares pais-filhos, “*casa-família*”); as associações de bairro; as igrejas e seus diversos movimentos de tendência popular; os sindicatos e partidos políticos (com seu processo de divisão de poderes e militância); e as organizações não governamentais, para citar os mais importantes. As formas de mobilização popular e ação associativa da cena urbana brasileira são historicamente as sociedades amigos de bairros (SABs – com papel relevante principalmente após 1945), e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Segundo a autora,

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

porém, existe uma diferença capital entre os espaços público e privado dentro da noção de cidadania e de sua descoberta, pois

A consciência destas diferenças e a vontade de apropriação de espaços públicos, para atividades grupais ou mero exercício de manifestação individual, como uma praça para a prática de esportes, constitui um aprendizado que contribui para o desenvolvimento da consciência da cidadania no sentido do uso da coisa pública. (GOHN, 2001b:21)

Assim, para essa autora, o espaço público é um discurso expresso por meio de zonas de controle e se constitui menos por intermédio de uma efetiva apropriação coletiva dos espaços e das práticas instituídas do que por zonas de controle e disciplinamento.

Neste sentido, o CDI se configura como um espaço de educação não formal, potencialmente portador dos elementos constitutivos deste tipo de educação, mas totalmente desvinculado, no seu nascedouro, da tradição dos processos de organização popular e movimentos sociais deflagrados no País a partir do ocaso da ditadura militar nos anos 80. “Os anos 80 de nosso século trouxeram de volta os processos de mobilização e de organização da população e com eles a Educação Não-Formal voltou ao cenário nacional com grande relevância”. (Op.cit.: 175).

De fato o CDI expandiu suas EICs com muito sucesso desde sua criação em 1995 e, independentemente do País, estado ou município com as mais diversas (e adversas) condições climáticas, geográficas, socioculturais e econômicas. O apelo ou necessidade da informática e da inclusão se mostrava imperioso.

Em pouco tempo, as EICs passaram a ser encontradas nas mais diversas paisagens sociais, como à beira de um rio no Estado do Pará; no sertão nordestino; em favelas e periferias das grandes metrópoles brasileiras, nas comunas de Santiago do Chile ou em comunidades indígenas do México e do coração do Acre. Elas surgiam em parceria com os mais variados tipos de organização, como associações comunitárias, movimentos de mulheres, empresas privadas, centros para dependentes de drogas, presídios, escolas e órgãos públicos, igrejas, hospitais psiquiátricos e instituições para portadores de necessidades especiais, entre outras. (CDI, 2005a.: 42).

De maneira geral, o trabalho das Escolas de Informática e Cidadania não difere em método ou diretrizes dos fundamentos da central regida por Baggio. O nascimento do Comitê para Democratização da Informática – CDI no Ceará está atrelado à sintonia com o seu diretório nacional, contando também com a mesma política de parcerias, patrocínios e apoios de grandes empresas multinacionais. Neste sentido, o CDI Ceará contou, em sua história local, com a ajuda da Fundação Kellogg e da Philips. Fundado em setembro de 2000,

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

desenvolve, por meio das Escolas de Informática e Cidadania (EIC), o trabalho contra a exclusão digital, permitindo o acesso da informática às populações “menos favorecidas”.

Tabela 4.1

<b>NÚMEROS DO CDI CEARÁ</b>	
EICs em Fortaleza	29
EICs no Interior	07
Total de EICs	36
Nº. de alunos Formados	7.589

<b>TIPO DE ENTIDADES PARCEIRAS</b>	
ONGs	7
Associação de Classe	3
Religiosa	6
Movimento Social	2
Fundação	2

<b>PÚBLICO ATENDIDO</b>	
Crianças	20%
Adolescentes	29,40%
Jovens	29,23%
Adultos	18,30%
Melhor Idade	2,10%
Pessoas com necessidades especiais	0%
Detentos	0,97%

Fonte: CDI CE 2008

A principal atividade do CDI Ceará é a implantação de EICs em comunidades de baixa renda e risco social, oferecendo gratuitamente às comunidades assessoria técnica, capacitação de instrutores e auxílio no desenvolvimento de metodologia e currículos específicos para diferentes grupos sociais. Para isso, O CDI Ceará recebe doações de *hardware* e *software* diversos, em média cinco computadores e uma impressora, e os cede em regime de comodato para as EICs e, uma vez criada a EIC, o CDI Ceará é responsável por acompanhar seu desenvolvimento pedagógico e organizacional.

Os membros de comunidades pobres, crianças em situação de rua, jovens com necessidades especiais, deficientes físicos e auditivos, pessoas portadoras do vírus HIV e minorias sociais, como pessoas da terceira idade, homossexuais em situação de “risco social” e prostitutas, constituem o foco de ação da ONG no Estado e engrossam as fileiras do que se pode chamar de população excluída digitalmente.

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Segundo dados do próprio *site* da ONG no Ceará<sup>96</sup> existem 36 Escolas de Informática e Cidadania (EIC), autônomas e autossustentáveis, que desenvolvem atividades. Isto significa que, segundo os dados do IBICT/2008, já exposto no terceiro capítulo deste trabalho, as EICs representam no Ceará cerca de 3,33% da força de enfrentamento da exclusão digital do Estado, se tomarmos em conta as unidades “autônomas e autossustentáveis”. No período pesquisado, sua atuação no Ceará contava com 29 EICs em Fortaleza e Região Metropolitana e sete no restante do Estado. As EIC’s funcionavam com um total de aproximadamente 1080 alunos e já haviam capacitado 7.589 crianças e jovens. (vide tabela 4.1)

Sua ação compreende principalmente programas “educacionais”, “profissionalizantes” e de “intervenção social”. Por meio de seus programas de combate à exclusão digital, o CDI Ceará advoga em próprio favor, afirmando promover também a “cidadania”, “alfabetização”, “ecologia”, “saúde”, “direitos humanos” e “não-violência”.

Isto significa afirmar que o CDI, no que se refere a abertura e acompanhamento de suas EIC, se mostra bastante criterioso. A iniciativa federal de inclusão digital “Casa Brasil” e os telecentros têm uma dinâmica diferente com relação, tanto ao que diz respeito ao projeto de acompanhamento pedagógico, como também à expansão de suas unidades. O relato a seguir reflete esta diferença de atitude percebida por ocasião de uma possível parceria entre estes projetos:

a proposta, nós tínhamos, como ainda hoje temos uma equipe bem reduzida, de funcionários e na época o Banco do Brasil queria abrir, acho que 70 telecentros. Nós não tínhamos condição de acompanhar. Ninguém vai abrir por abrir! Porque o projeto se não tiver um acompanhamento, a proposta não funciona né? Nós não tínhamos condição de acompanhar assumir 70 telecentros. E aí a gente ficou com uma pequena parte na época. E aí eles abriram individualmente, foram buscar parcerias com as Universidades pra completar com a gente. (ENTREVISTA ANA PAULA).

Isto revela indícios de disparidades conceituais na raiz do enfrentamento do que se chama atualmente de exclusão digital. O que pode estar em jogo é a divergência capital sobre a própria idéia de exclusão/inclusão, assim como os anseios impingidos nos jogos de interesses que serpenteiam ocultamente nas estruturas de ações, sejam estas públicas, privadas ou mistas. O afastamento dos ideais inicialmente propostos pelo CDI não foi verificado no discurso dos entrevistados, os quais permaneceram fiéis, em geral, às concepções defendidas pela O.N.G. como também apegados às suas aspirações idealistas de transformação social por meio de ações específicas e criteriosas.

O CDI foi pioneiro na inclusão digital no mundo, no Brasil né? E aí o governo não tinha nenhuma ação direcionada pra inclusão digital e assim foi, a gente foi muito procurado no início... né? Buscando parcerias, buscando conhecer o projeto, buscando saber como é que o CDI trabalha. E hoje, projeto de inclusão digital tem é assim às milhas né? Porque projeto do governo, de ilha digital, que não tem né? Não tem embasamento pedagógico, não tem um acompanhamento. (ENTREVISTA ANA PAULA).

A necessidade da informática tornou-se demasiado expressiva na pós-modernidade globalizada. A velocidade com a qual se expandiu o CDI está relacionada tanto com a urgência que tem o mundo não informatizado em informatizar-se quanto na qualidade destes “novos tempos” nos quais o “desentranhamento” e o “reentranhamento” de mecanismos e relações sociais se torna de *per se* mais fluídos e absorventes. Referimo-nos às articulações de vários organismos não governamentais e sua peculiar capacidade de se capilarizar, se infiltrar socialmente e que, ligadas ou não com grandes empresas do capital mundial, tendem a expandir-se por meio de suas parcerias estratégicas e *joint-ventures* habituais. Eis a receita ponderada pelos próprios partícipes do CDI: oferecer ao mundo um apelo universal (o acesso de pessoas de baixa renda e minorias sociais à informática), e fazê-lo por meio de uma visão empresarial tão competente e sintonizada com as pós-modernas articulações capitalistas que, mesmo transitando ou meio às mais diversas (e por vezes antagônicas) tendências político-ideológicas, grupos com os mais diversos interesses de classe, se torna cada vez mais indispensável. Tanto indispensável do ponto de vista individual, pois que para aqueles sem condições financeiras o acesso à informática seria impensável sem ONGs como esta, como sob o prisma macroestrutural. Ao citarmos o macroestrutural, referimo-nos tanto ao sistema capitalista global, que necessita cada vez mais de mão-de-obra minimamente instruída em termos das TI, como do Estado, que solicita cada vez mais intensamente de parcerias para buscar responder às demandas da sociedade e das empresas de materiais de informática, as quais se beneficiam desta condição de maneira irrestrita.

Sobre a atuação do CDI, assinala Ana Paula (coordenadora do CDI Ceará):

O CDI, como você deve convir né, que é uma ONG de inclusão digital né, que atua no Brasil desde 95 e a nossa missão é promover a inclusão digital e social através das ferramentas computacionais, das tecnologias de informação e de comunicação e aí como é que a gente desenvolve isso? Como é que é nosso trabalho? A gente faz parceria com as associações, Ongs, estes órgãos, a gente não tem nenhuma parceria ainda com o governo e aí implanta a escola de informática e cidadania. O CDI ele entra com a formação né, prática e teórica da equipe de educadores e coordenador e faz a doação dos equipamentos. A entidade, a contrapartida da entidade é oferecer espaço físico e garantir a auto-sustentabilidade desta escola de informática e cidadania. Daí pra gente implantar, a gente faz um estudo de caso né, a entidade manda um projetozinho. A gente tem algumas coisas

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

associação, da entidade dentro da comunidade. Trabalho de responsabilidade social desenvolvido na comunidade. (ENTREVISTA ANA PAULA)

Conforme for detectada a lisura da entidade interessada, começa então uma associação entre a ONG e a tal entidade. Com a doação das máquinas e a instalação feita por técnicos da própria instituição, a EIC pode começar suas atividades com a vinda de um educador que tenha o perfil sintonizado com a Pedagogia freireana. Os custos de divulgação costumam ser módicos, quando existem, pois muitas vezes o conhecimento das atividades da escola se dá por meios informais, o que não desmerece sua eficácia em atingir o seu público alvo: na maioria, jovens excluídos do mundo da informática. A vocação do CDI, segundo os próprios representantes estaduais, é o trabalho de “inclusão” entendido como “responsabilidade social”.

Esse trabalho já executado pela associação dentro da comunidade, esse trabalho de responsabilidade social e aí, começa-se o processo de implantação né, a gente pede que a entidade selecione, indique pra gente: educador, a gente precisa no mínimo de um coordenador e de um educador pra ficar à frente dessa EIC, e aí ele seleciona e manda pra gente e a gente vai capacitar esse pessoal dentro da metodologia do CDI tá. Uma vez capacitado pela CDI, a gente faz a doação do equipamento de informática, no mínimo pra abrir uma escola são 10 computadores, impressora, um scanner, caso a gente tenha no momento. E aí a gente faz todo o trabalho de acompanhamento. Uma vez aberto uma EIC, a gente fica acompanhando com visitas bimestrais, com encontros mensais e tem uma série de atividades durante todo o ano. Como é esta sustentabilidade? A gente sugere que a entidade cobre uma mensalidade simbólica, que essa mensalidade varia até R\$ 18,00. Não é para ultrapassar esse valor, que é pra atender a comunidade carente. (ENTREVISTA ANA PAULA).

Este valor de R\$ 18,00 é um limite nacional que não pode ser ultrapassado. É um valor teto estipulado pela própria ONG para viabilizar o trabalho em “comunidades carentes”.

#### **4.2.1 Administração das EICs: aspectos gerenciais e principais entraves**

Basicamente, o trabalho administrativo do CDI Ceará não está ligado diretamente à gestão das EICs que, em si, gozam de relativa autonomia. Com efeito, acentua Ana Paula

Nós como uma ONG né? Terceiro setor, que a gente sobrevive de doações. Captação de recursos aqui no Ceará é muito escasso. A gente sente muita dificuldade né? Assim essa, essa responsabilidade social aqui no Ceará ainda, ainda tá assim bem aquém né? Questão de doação de equipamento, também. A gente tem muita dificuldade na arrecadação. Quando a gente recebe doação é, são máquinas bem sucateadas, na maioria das vezes a gente não consegue reaproveitar. E agora a gente tá com a problemática aí desse lixo tecnológico, o que fazer com tanto lixo né? A gente vê aí o prejuízo que tá causando ao meio ambiente, de produtos tóxicos dentro deles, dos componentes. E aí sim, os nossos recursos tão vindo de fora, tão

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

nível nacional né? Que distribui com as regionais tá. As doações vêm da matriz, São Paulo. Uma campanha que eles fazem de arrecadação de equipamentos que eles fazem todos os anos. Uma campanha grande da ‘megajuda’. É assim o trabalho, é um trabalho árduo né? (...) Como a EIC precisa se auto-sustentar, então assim, a entidade parceira precisa dar subsídios para o educador exerça as atividades pertinentes ao curso de informática. Boneco de fantoche tem custo, né? Em [termos] materiais. E isso faz parte da gestão da própria entidade. O CDI não injeta recursos dentro da entidade. O trabalho da gente é de capacitar, é de orientar, de acompanhar durante todo o ano o processo dentro da metodologia... A gente não injeta dinheiro, a gente não subsidia nenhuma EIC pra executar nenhum projeto, nenhuma ação. (ENTREVISTA ANA PAULA)

Quiçá esta ausência de vínculo financeiro fortaleça a gestão independente das unidades e inibam iniciativas de ingerência por parte da administração geral do CDI. Assim, este trabalho de orientar e capacitar é associado com momentos cíclicos de avaliação, ocorrentes por meio de relatórios feitos pelos educadores sobre os resultados das turmas. Charles, integrante no núcleo administrativo regional do CDI, explica melhor como acontece a avaliação destas EICs monitoradas pelas três ferramentas específicas do CDI central, além do encontro estadual anual.

nós temos três ferramentas que é o **relatório** que é de quatro em quatro meses. E uma **fichinha** que a gente faz nas visitas que é um instrumento de acompanhamento. A gente vê em que nível está a EIC através dos indicadores de acompanhamento. A gente vê em que nível está, se ela ocupa o espaço, como é que ela tá. São vistos quatro eixos né? Que é o **espaço**, a **proposta pedagógica**, a **metodologia** e **Tecnológico**, como é que tão usando as ferramentas. E são três, três ferramentas de avaliação que a gente utiliza. (ENTREVISTA FCO. CHARLES)

Deste modo, com a análise de **relatórios quadrimestrais**, exame das **fichas de visitação** e **vistoria presencial** dos avaliadores, a administração procura garantir a sintonia com os elementos essenciais da proposta do CDI e a razão “social” de seus propósitos.

A visita do avaliador é primordial no processo, uma vez que perscruta intensamente os quatro eixos da unidade: (a) espaço físico e suas condições concretas para o desenvolvimento de um trabalho correto, (b) proposta pedagógica, o grande diferencial do CDI e uma de suas maiores preocupações de acompanhamento, (c) metodologia própria do educador para desenvolver as ideias do eixo anterior e (d) tecnológico, isto é, a condição das máquinas, sua obsolescência e manutenção, elementos infraestruturais para o funcionamento das escolas.

Sobre o encontro estadual, relatou a gestora:

Um encontro estadual no final do ano, onde a gente tem um momento de fazer uma retrospectiva, apresentação dos trabalhos mais relevantes desenvolvidos nas escolas de informática. É uma apresentação plenária e aí num segundo momento seria uma avaliação de todo o trabalho que a gente desenvolveu durante o ano e o

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

planejamento, a preparação pra planejar o ano de 2008. (ENTREVISTA ANA PAULA)

Além disso, é difícil pensar o trabalho dos educadores sem algum tipo de incentivo específico, o prêmio **Educador Padrão**, mais bem expresso neste trecho de nossa entrevista com Fco. Charles.

Charles: É a gente dá essa liberdade para que o educador faça isso, crie né. Aí vai de acordo com a criatividade dele, com o jeito dele, do próprio educador.

Renato: Ele teria algum estímulo pra fazer isso? Estímulo financeiro? Estímulo de algum tipo de reconhecimento institucional?

Charles: A entidade já paga o salário dele. Paga o salário dele e o CDI criou um premio '**Educador Padrão**' né. Geralmente nós temos um encontro anual com as escolas. Encontro estadual, aí é quando é premiado o educador, que tenha desenvolvimento. A idéia é estimular os outros a entrar no...

Renato: Qual o premio?

Charles: É... é tá sendo um troféu e a gente tá pensando em um 'PC', um computador. Pra estimular o educador a fazer...

Ainda assim existem alguns entraves-chave que obstaculizam o desenvolvimento do trabalho de informática e cidadania. Uma análise superficial elenca a precariedade dos computadores como um fator decisivo mas

Tem alguns que questionam muito "ah, os computadores do CDI não prestam, são K6 2". É uma questão de cidadania. Eu tô reciclando o material pra dá pro pessoal que tem lá! Porque se você faz o curso básico nesse computador, você opera qualquer outro. O sistema não muda, é o mesmo, só muda a aparência. A própria, a própria ferramenta que pra alguns tá ultrapassada, é lição de cidadania, tem que usar ele, enquanto ele pode. Pra não ser, pra não ficar no lixo. A idéia também é essa parte das maquinas, né? (ENTREVISTA FCO. CHARLES)

Esta relação entre os instrumentos e a cidadania foi essencial para compreender o "movimento cidadão" das EICs. Sua percepção de que aproveitar o que "os outros" chamam de lixo, além de proporcionar educação digital a alguns, beneficia a todos por questões de consciência ambiental e certo grau de comprometimento, menos com o mercado e consumo do que com o que podemos chamar *difusão* da cultura informática. E mesmo que as máquinas sejam muitas vezes lentas ou consideradas obsoletas e a escassez de recursos e doações seja uma realidade diária e tangível, o principal problema enfrentado pela administração é, segundo eles próprios,

(...) o alinhamento da proposta! É o alinhamento da proposta pedagógica. Tem muitos casos que é questão de custos, de refinanciamento pra continuidade do projeto certo? A maioria dos casos é o alinhamento. A entidade na maioria das vezes

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

não tem, não tem interesse. Porque assim, a gente precisa de um apoio da entidade, pra que essa proposta, ela seja executada. Porque você viu aí, o educador, ele precisa de autonomia dentro da sala de aula pra desenvolver a proposta e aí... (ENTREVISTA ANA PAULA).

Este alinhamento não depende, entretanto, somente da adequação dos parceiros do CDI mas em grande medida, está ligado ao ajuste dos próprios monitores. Este trecho da entrevista com Ana Paula revela como é delicada a adequação da proposta pedagógica da instituição.

Renato: Já existiu algum caso aqui de algum desvio grave dentro da metodologia que vocês tiveram que: não! Vamos fechar essa unidade porque vocês não tão...?

Ana Paula: Várias vezes...

Renato: Várias? Tanto assim? Você tem um numero, assim... Vocês entraram em 2000, 2001 aqui no Ceará?

Ana Paula: A gente já foi descredenciar... Já descredenciou... Nós temos umas 40 escolas. Hoje nós estamos com umas 25, 26, 26 escolas, então assim... 14 né?

Assim, notamos que a PPP do CDI é não somente o seu principal diferencial dentre as muitas formas de combate à exclusão digital no Brasil, mas fundamentalmente é o seu maior desafio.

[A manutenção] das pessoas, com certeza. Acompanhar o trabalho... Por que assim, o CDI desenvolve a proposta pedagógica, porque ela é baseada nos princípios de Paulo Freire. E assim, o computador é uma ferramenta, a gente utiliza o computador como uma ferramenta pra atrair esses jovens, essas crianças, esse público pra dentro da escola de forma a... E aí a gente vai trabalhar a cidadania. E como é feito esse trabalho de cidadania? Através de debates, a gente faz, a gente chama, a gente tem assim um eixo da proposta que é um *mergulho na comunidade*, a gente convida os alunos pra fazer uma imersão na comunidade. Aí, esse questionário, que é a gente querendo buscar dentro da comunidade. Ele é construído coletivamente com os alunos e o educador orientando se constrói esse questionário pra gente investigar a comunidade, o que eles querem saber da comunidade dele. Aí vai pra comunidade, faz toda a investigação, traz de volta o resultado pra dentro da informática. Aí sim vai usar as ferramentas pra trabalhar Word, Excel, fazer levantamento de dados né, e, registrar todas as informações coletadas dentro das... usando as ferramentas computacionais. E é assim que a gente desenvolve o nosso trabalho. E aí geração de debates, de discussão e tem várias maneiras de trabalhar, Fórum, é oferecido fórum nas escolas. (ENTREVISTA ANA PAULA).

Portanto, de todas as dificuldades de instalação e manutenção de uma EIC, das físico-estruturais às de relacionamento com a instituição receptora, as mais complexas e que demandam maior tempo de dedicação dos gestores, é justamente a capacitação de pessoas. O acompanhamento mais difícil é o das pessoas e de sua adequação à proposta revolucionária (complexa e difícil) do pedagogo brasileiro Paulo Freire. Com efeito, o processo avaliativo

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

com suas ferramentas e eixos citados ajuda a criar critérios de proteção para que o trabalho das unidades não se desvie do ideal proposto, e por isso exprime Ana Paula:

A gente não vai mais implantar escolas enquanto... Como a gente cresceu desordenadamente e a gente não se preocupou na qualidade desse alinhamento, dessas parcerias. E desde 2006 a gente vem intensificando nesse acompanhamento, nesse fortalecimento e no alinhamento da proposta, discutindo as parcerias, formando novos critérios de acompanhamento e a gente tem percebido uma, uma, avançada bem significativa. Hoje a gente tem vários projetos, a gente vê bem autônomas. Elas estão bem maduras, com o trabalho dessa proposta. Mas assim é difícil, a gente encontra muita dificuldade ainda.

Ainda que estes problemas sejam bastante pungentes e revelem efeitos contra-producentes em termos de desempenho de monitores em sala, os coordenadores saem em defesa da instituição e de sua relevância no serviço social de democratização da informática

...é necessário o acompanhamento diário, semanal, mensal e aí... Eu conheço algumas Estações Digitais, aqui no Ceará que fecharam porque num... Inclusive o problema do Governo Federal, é depender das Prefeituras. E como o CDI não depende disso, quer dizer, algumas Prefeituras usaram esse projeto pra fins eleitoreiros né? Aí, hoje tão fechado, hoje fecharam, porque a maiorias das Estações Digitais aqui no Ceará, é de Prefeituras, e aí, como não tem aquele acompanhamento... A Casa Brasil, no Araturí, Caucaia, tá quase fechando. Porque depende de Prefeitura. Então não se trabalha. Sabe, eu acho que o diferencial é isso! É ter uma proposta pedagógica e ter aquele acompanhamento, que é vital. (ENTREVISTA FCO. CHARLES).

Eu acho que o CDI, ele tem, ele tem um grande papel nessa formação aí. (...) Como nós temos uma metodologia voltada pra cidadania, dentro da informática. Eu acho que a gente tem um papel fundamental, dando subsídios pra que aquele educador possa desenvolver as propostas pedagógicas dentro da sala de aula. (ENTREVISTA ANA PAULA).

#### 4.2.2 Proposta político pedagógica do CDI (PPP): um diferencial

A proposta pedagógica do CDI aparece no discurso dos entrevistados como o maior e principal diferencial desta para as outras ações de enfrentamento da exclusão digital. Com efeito, o diferencial é

A proposta pedagógica. Porque eu tive em vários encontros, inclusive do Banco do Brasil. Eu fui pra dois encontros, o do Banco do Brasil e da Fundação Banco do Brasil, em Brasília, todas elas não tinham uma proposta pedagógica, elas tavam criando ainda, sistematizando as informações. Então eles têm recursos, mas a proposta eles não tinham. Aquela proposta pedagógica, como acompanhar, eles não tinham ainda. (ENTREVISTA FCO. CHARLES).

Curiosamente, a diferença expressa na concepção pedagógica entre os vários

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

estritamente conceituais, imiscuindo-nos em jogos de palavras, porquanto a dimensão efetivamente praxiológica pode se ver rechaçada por não encontrar eco no *habitus* daqueles diretamente ligados ao processo, como nos fez crer a entrevista a seguir

No caso não, eu... a gente tem que tá sempre trabalhando com os educadores né, mudou só os alunos que não sabem nada e os educadores que sabem um pouquinho mais, num mudou muito não. (...) antes do CDI eu trabalhava há dez anos como professor de informática, porque a gente chama de educador social, não chama de professor ou instrutor, como professor de informática como em algumas escolas, uma delas não era do CDI aí eu passei para escolas que tinham parcerias com o CDI, bem anterior a isso eu sempre trabalhei com serigrafia que é a minha profissão é, é designer gráfico trabalho com serigrafia, desenho, aí apareceu esta oportunidade e eu não costume deixar passar não, tem que pegar. (...) eu achei interessante o trabalho... e vim, gostei e tô aqui até hoje, também, trabalhando no acompanhamento das escolas, dos sistemas de informações, a gente faz de tudo um pouco, né? (ENTREVISTA FCO. CHARLES).

A proposta pedagógica do CDI seria, então, capaz de promover experiências exitosas, mas isto depende da convergência de uma gama de fatores citados anteriormente, dos quais destacamos agora a trajetória pessoal do educador e sua sensibilidade para incorporar a pedagogia proposta.

Eu sempre tive vontade de ser voluntário. E no meu bairro surgiu essa, essa ONG, né? Com o nome Celita. Surgiu a oportunidade de cursos profissionalizantes ehhh, então ao concluir... A gente sempre sonha, quando terminar o ensino médio ter logo um emprego, a gente pensa que vai ter logo um emprego, mas realmente a gente quebra a cara e vê que é difícil mesmo. Que ter o ensino médio, praticamente a gente não faz quase nada. Aí eu conheci essa ONG por alguns primos, no caso uma prima minha que trabalhava lá, aí me informou desses cursos, eu fui, fiz curso, não somente de... Entrei lá fazendo curso de oficina de, oficina de leitura, que eu freqüentava muito a biblioteca, sou um leitor assíduo, gosto muito de ler, freqüentava a biblioteca e depois surgiu a oportunidade e fui logo que o CDI implantou a parceria com o Centro Cultural Celita. Eu fiz, fui praticamente das primeiras turmas, parte da 1ª turma junto com o CDI e... Eu passei a me envolver de uma tal forma nessa ONG que de aluno eu tornei-me voluntário, eu concluí o curso e tornei-me voluntário, não somente na área da informática, mas também na área de... Trabalho com criança, trabalho com adolescente, dando também oficina de leitura, como também já não era mero freqüentador da biblioteca, já era o atendente da biblioteca. Aí a D. Maria Nobre. Dra. Maria Nobre, é uma pessoa que é professora da UFC, mestrado, doutorado, PhD lá da UFC, ela sempre incentivava a gente tá procurando crescimento, crescimento pessoal e nos incentivou a fazer uma faculdade, inclusive no espaço de voluntário. (...) Ela foi uma porta aberta, né? Aí a partir de então quando eu passei a ser o educador e o coordenador geral do curso lá do CDI, lá no Centro Cultural Celita... Eu saí né? Saí porque já tava com quatro anos. Passei quatro anos lá dentro e saí. (...) O método Paulo Freire, né? Que eu aprendi com Dra. Maria Nobre, que é doutora em educação e também o CDI já traz essa proposta, aí reforçou bastante isso, certo? E hoje faz, fez um ano agora em Março que eu tô lá na Mangabeira. É também com projeto e tem sido um projeto bastante reconhecido sabe? Porque as pessoas da comunidade reconhecem. Porque o principal objetivo é esse, as pessoas verem a EIC não somente como local de curso, mas um local de discussão, um local de transformação e mudança. Pegar pessoas da

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

comunidade, formar ehhh, cidadãos, formar protagonistas! (EDUCADOR FCO. SILVA)

Em que consiste, porém, o método Paulo Freire e como este pode ser utilizado por Escolas de Informática? Como expusemos na parte 3.3 do terceiro capítulo, o projeto politicopedagógico (PPP) do CDI engloba objetivos ligados ao *oferecimento de capacitação* para o uso das “tecnologias de informação e comunicação” com apropriação social pelas comunidades, desenvolvimento de um processo de “*conscientização*” dos indivíduos e sua reflexão sobre a sociedade em que vivem, favorecimento da criação de um *espaço físico* para discussão, participação e “ação comunitária”, e a contribuição para a constituição de “*conhecimento útil*”, a fim de que indivíduos e comunidades exerçam sua cidadania e garantam seu desenvolvimento social, político e econômico.

Isto significa, teoricamente, a aproximação com os ideais de Freire, principalmente no que diz respeito à passagem da consciência ingênua para a consciência transitivo-ingênua e, posteriormente, à consciência crítica. Para Freire, uma sociedade de economia periférica como a brasileira, ainda dependente de vários produtos manufaturados (computadores inclusive), assim como de ideias e técnicas estrangeiras, reafirma sua condição de subserviência, na medida em que não rompe modelos criados fora de si.

Na medida em que, em grande parte, para solucionar seus problemas, importam técnicas e tecnologias sem a devida ‘redução sociológica’ destas às suas condições objetivas (não necessariamente idênticas às das sociedades metropolitanas, onde se desenvolvem estas tecnologias importadas), não podem proporcionar as condições para o compromisso autêntico. [assim] Não há técnicas neutras que possam ser transplantadas de um contexto a outro. (FREIRE, 2006:24)

O compromisso o que o autor se refere é de profissionais de ensino e de toda uma sociedade com a mudança. Esta pode ser entendida como um processo dialético histórico de longuíssima duração, o qual tem bases no ganho de consciência crítica pelos elementos desta sociedade “oprimida”, uma vez que “a verdade do opressor reside na consciência do oprimido”. (Freire, 1987:05).

Para o próprio pedagogo, entretanto, uma sociedade é inconclusa pois o próprio homem, determinação mais profunda e fundamento mediato de sua existência, também o é, e assim necessita perceber-se inconcluso, saber-se capaz de, ao relacionar-se com o mundo e consigo mesmo, ser o vetor que torna possível a transformação de ambos.

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem-realidade. Esta relação homem-realidade, homem-mundo, ao contrário do contato animal com o mundo (...) implica a transformação do mundo, cujo produto, por sua vez, condiciona ambas. É portanto, através de sua experiência nestas relações que o homem desenvolve sua ação-reflexão, como também pode tê-las atrofiadas. (IDEM: 17-18).

Esta matriz conceitual permaneceu viva por toda a pesquisa, pois o movimento de transformação, ou ao menos de sua busca, orientava significativamente as ações de várias partes envolvidas no trabalho da O.N.G. Além da concepção mais filosófica da Pedagogia freireana e da dialética homem-mundo, está a tomada de consciência destes homens no mundo, ponto crucial e maior obstáculo ao trabalho profícuo da instituição, a despeito daquilo anteriormente exposto.

É que o opressor sabe muito bem que esta “inserção crítica” das massas oprimidas, na realidade opressora, em nada pode a ele interessar. O que lhe interessa, pelo contrário, é a permanência delas em seu estado de imersão em que, de modo geral, se encontram impotentes em face da realidade opressora, como “situação limite”, que lhes parece intransponível. (FREIRE, 1987:22)

Mesmo se desprezarmos certas terminologias extemporâneas de Freire, principalmente no que tange ao marxismo radical, não resta claro de que opressão e contra qual opressor se luta nas aulas de uma escola de informática e cidadania. Ali, não nos pareceu em absoluto haver uso de uma conceituação profunda e sociologicamente sustentável que pudesse subsidiar os diálogos sobre tal temática.

Quando se fala de opressor, de quem exatamente se está falando? Da situação vulnerável das populações alvo da ONG? Do governo que não é hábil para enfrentar as exclusões, seja social, seja digital? Dos grandes empresários e multinacionais que subsidiam o próprio trabalho das EICs e ao mesmo tempo produzem consumidores em potencial talvez mais do que cidadãos? Ou talvez do desemprego, violência, crime? De *quem* ou do *que* se fala de fato? Percebemos, pois, que o “opressor” não aparece no discurso das aulas de forma clara e bem definida, mas com uma nomenclatura diferente: “Eles”, os “outros”, a “burguesia”, os “políticos” etc., palavras vagas e sem o menor rigor sociológico que lhes atribuam suporte.

A pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes aí [no diálogo com as massas]. E tem que ter, nos próprios oprimidos que se saibam ou comecem criticamente a saber-se oprimidos, um de seus sujeitos. Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos, quer dizer, pode fazer deles seres desditados, objetos de um ‘tratamento’ humanitarista, para tentar, através de exemplos retirados de entre os opressores, modelos para a sua ‘promoção’. Os oprimidos não de ser o exemplo para si mesmos, na luta por sua redenção. (IDIBID:22)

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Como se verá mais adiante, entretanto, muitos (ou quase a maioria) dos educandos estudados não buscavam desenvolver sua consciência crítica ou desenvolver-se como cidadão nas das aulas de informática: “quero me preparar para o mercado de trabalho, né?” foi a resposta mais recorrente.

Algo nos faz crer, ante os apelos da nova civilização tecnológica, informatizada e complexa, surgem batalhões de jovens mais sintonizados e preocupados com a busca de se fazerem empregados qualificados, e posteriormente consumidores das sedutoras “benesses” que lhes outorga (mesmo que de forma mitigada) a grande indústria tecnológica de PCs, *laptops*, *Ipods*, *mp3 players*, do que preocupados com a quimera de se fazerem cidadãos de fato.

A Pedagogia freireana prevê a intensa articulação com a realidade, pois

É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática de liberdade. É no momento em que se realiza a investigação do que chamamos de universo temático<sup>97</sup> do povo ou o conjunto de seus geradores. (IDIBID:50).

Para que se possa, segundo Freire, desvendar o “*universo mínimo temático*”, é indispensável compreender o conceito e a dinâmica dos temas geradores. Situação-limite é aquela que leva à negação e à superação da realidade dada e significa o contrário da aceitação dócil e passiva da realidade, o que leva a uma experimentação da liberdade. Poderíamos considerar, então, o fato de se estudar informática com todos os “contras” sociais e em condição de vulnerabilidade como um legítimo ato-limite. Os temas geradores são, ao mesmo tempo, envolventes e envolvidos pelas situações-limite e se chamam “geradores”, pois, “qualquer que seja a natureza de sua compreensão como a ação por eles provocada, contém em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam novas tarefas a serem cumpridas.” (IDIBID: 51).

Para o autor, cada “período epocal” - além de ser histórico, pois os homens têm a condição de tridimensiona o tempo (passado, presente e futuro) - é também preenchido com valores, idéias e dúvidas, visando a uma plenitude a ser alcançada no devir de um longo processo dialético de embate entre contrários.

A luta da Pedagogia freireana significa uma busca de liberdade, a qual desafia opressores e oprimidos; para estes, ela é o “inédito viável” que deve ser concretizado e, para aqueles, uma “situação-limite” que buscam evitar a qualquer custo. No caso específico da EIC

estudada, esta pedagogia, com sua implementação mais profícua, se vê obstaculizada pelos motivos expostos há pouco e também por uma imprecisão acerca do que se entende por inclusão digital. A fragilidade deste conceito, sua vaguidão, contribui de forma grave para que o alcance nos propósitos pedagógicos (e sociais) seja alcançado com propriedade.

O relato de Francisco da Silva nos ajuda a compreender mais profundamente esta temática da metodologia assim como a problemática a seu respeito.

(...) uma coisa que é comum, qualquer CDI, tanto do Ceará ou do Rio de Janeiro, às vezes a própria, digamos assim, dificuldade do monitor assimilar a PPP, que é Proposta Político Pedagógica. Às vezes o... A gente tenta procurar desenvolver um trabalho, no caso aqui do CDI, pra ajudar a EIC, às vezes o monitor em si, o educador, ele, sente também um pouco... fora, vamos dizer fora desse padrão, porque todo monitor passa por capacitação, passa por questão de preparações pra tá exercendo a metodologia dentro da sala de aula dentro da EIC. Mas muitas vezes ele mesmo fica perdido, muitas vezes alguns educadores, eles acabam não dando, digamos assim, a metodologia como deve ser, utilizando os quatro eixos da PPP, da Proposta Político Pedagógica. Mas todo monitor ele vê realmente a importância de trabalhar, quando ele compreende a PPP, ele torna-se um ícone dentro da comunidade.

Por fim, notamos que a Pedagogia engajada de Paulo Freire, assim como seus conceitos-chave, ganham na EIC ACF Fortaleza nuances mais tênues no que diz respeito ao conteúdo de mudança radical e revolucionária do mundo. É que o sonho de justiça social desse autor por meio de suas técnicas pedagógicas, corre o risco de ser, se não tergiversado, ao menos mitigado em seus efeitos mais profundos. Isto sucede em parte pela instrumentalização da técnica freireana, parte pelos limites de alcance dos educandos e parte pela diferença de adaptação e entrega a que estão dispostos os educadores.

#### **4.3 EIC Luciano Cavalcante: unidade empírica de estudo**

Em seu caso específico, a EIC Luciano Cavalcante esteve sempre vinculada à Associação Cristã Feminina. A ACF, por sua vez, está vinculada historicamente à ação do Estado na área de capacitação profissional e assistência social. O Centro de Iniciação Profissional Luiza Távora (que abriga a EIC) foi criado em março de 1981 (época do governo Virgílio Távora) por meio da FUNSESCE (Fundação de Serviços Sociais do Estado do Ceará).

Visitamos pela primeira vez a EIC do bairro Luciano Cavalcante em outubro de 2006. A Escola de Informática e Cidadania está situada à av. Rogaciano Leite nº. 1140 - Bairro Luciano Cavalcante – Fone/Fax: (85) 3273-1092. A existência desta unidade do CDI só é

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

possível mediante de uma parceria com a Associação Feminina Cristã de Fortaleza (ACF), fundada em 28 de junho de 1968, com a finalidade de “*promover, através da mulher, o bem de todos os seres humanos, sem distinção de sexo, raça, cor, nacionalidade, idade, crença religiosa, política e qualquer outra forma de discriminação.*” A ACF se propõe oferecer assistência nos setores de educação, saúde e bem-estar, promovendo assim seu “desenvolvimento físico, moral e intelectual”. A EIC - ACF propriamente dita foi inaugurada dia 12 de março de 2001. Nosso contato com a instituição se deu inicialmente com a senhora Lobelita Cavalcante de França, sua presidente à época de nosso ingresso.

Foto 1



EIC-ACF fachada – fonte: autor, jan/2007

Ao entrarmos na AFC, sentimos um misto de paz e desolação: num espaço amplo onde antes existia uma escola infantil, de creche à alfabetização, agora se espalham três blocos com várias salas, das quais muitas desocupadas. D. Lobelita nos revelou que existe uma estrutura para atender várias crianças, mas que a legislação atual não permite que o Estado pague as pessoas que trabalham na escola sem manter um vínculo empregatício formal (carteira assinada), motivo do cancelamento das atividades de creche à alfabetização.

Quando chegamos pela primeira vez, fomos recebido em uma biblioteca onde D. Lobelita e mais duas voluntárias cadastravam e organizavam a chegada de mais de mil obras recém-doadas. Fui levado para um escritório ao lado onde se deu a conversa.

A ACF conta atualmente com o serviço voluntário de 70 mulheres, 20 delas associadas da diretoria. Os serviços pagos são: o dos funcionários de limpeza e do monitor de informática, responsável pelos cursos oferecidos pela EIC.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

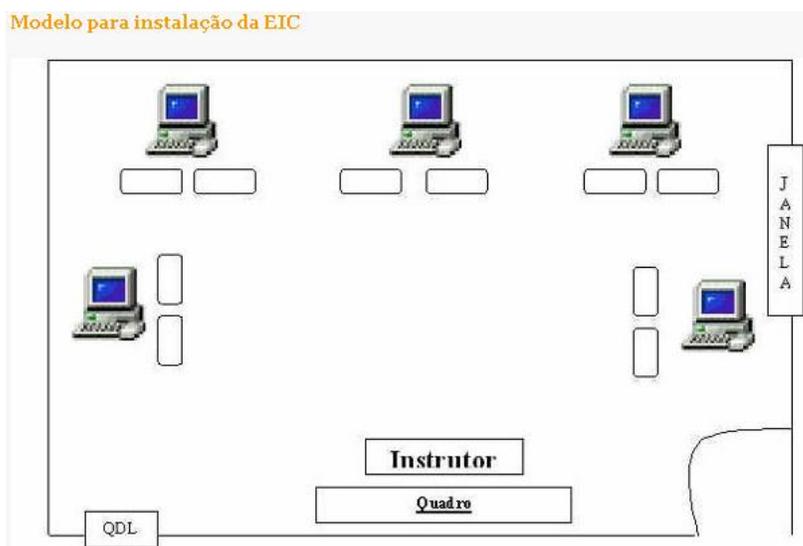
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

O que notamos no discurso de D. Lobelita foi uma grande força de vontade de quem trabalha voluntariamente há 40 anos. Seu relato é repleto de otimismo para vencer as dificuldades desde a fundação da EIC em 2001. Ela contou que, no início, houve uma ajuda da unidade de São Paulo (CDI-SP) com a doação de material (computadores e componentes correlatos) e de formadores, mas que já trabalhou com apenas 2 PCs, número inferior ao necessário para uma sala de EIC nos moldes determinados pela matriz. Mesmo sendo uma das primeiras EIC de Fortaleza (atualmente, segundo o *site* da ONG, existem 29 unidades em funcionamento), a EIC-AFC quase foi à falência no final de 2005. Os recursos financeiros não constituem, propriamente, um problema fundamental, já que a associação goza de isenção fiscal como constituinte do terceiro setor. O maior problema é a falta de material de trabalho pois, como se sabe, qualquer material de informática é dispendioso e tem uma obsolescência muito prematura. Um dado nos chamou a atenção: até o ano passado a EIC trabalhava com os computadores doados desde 2001 (!), data de sua inauguração, motivo pelo qual o oferecimento de cursos mais avançados (como o de Internet, por exemplo) continuam inviáveis. Muitas vezes não há novas doações por falta de dinheiro para pagar o transporte da mercadoria.

A EIC AFC, que já estruturava a **15ª turma**, contava com **423 alunos formados** em quatro cursos básicos oferecidos pelo CDI com duração média de três meses (48 horas/aula). As aulas são dadas pelo monitor, ou educador (na época em que começamos a pesquisa era Breno Freire Lima e posteriormente Wesley Loureiro) em uma sala nos moldes pré-estabelecidos pelo CDI (ver figura 4.1).

Figura 4.1



pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

A escola de informática, que já funcionou nos três turnos, atualmente só pode trabalhar pela manhã, das 8h às 12h, em virtude da violência na região e da manutenção dispendiosa de mais de um monitor de informática. Por estas razões, a EIC atualmente conta somente com um monitor, trabalhando de segunda a sexta. O público atendido vai de adolescentes a idosos, sempre de bairros próximos: Edson Queiroz, Jardim das Oliveiras e Luciano Cavalcante.

Sentimo-nos, particularmente, bem acolhido na EIC-AFC, seja nos contatos por telefone, seja ao vivo. As pessoas com as quais lidamos pareceram prestativas e com amor ao que fazem: “eu mesma já fiz o curso e me emocionava toda vez que iniciavam as aulas de informática, pois os 10 primeiros minutos são exclusivamente de cidadania”, conta D. Lobelita em tom emotivo e admirado.

Apesar de ser Cristã, a associação não discrimina nenhuma raça, sexo ou mesmo religião. Pelo menos é o que expõe Lobelita França e reafirma o estatuto da ONG. Este é um forte indicativo de que a democratização não se dá apenas no discurso da EIC, mas também no próprio ideário de suas parceiras, o que se confirmou no fim de nosso trabalho, quando não percebemos qualquer influência significativa da religião sobre o processo de inclusão, suas instalações físicas, materiais e suas práticas.

Os relatos da presidente revelaram que muitos alunos conseguem empregos ainda no decorrer do curso, o que reafirma ao mesmo tempo a eficiência e a fragilidade deste, pois muitos jovens, mesmo formados, não retornam à EIC nem para receber o certificado de conclusão. Este caráter inconcluso dos cursos por parte significativa de seus alunos nos preocupava, entretanto a evasão nas turmas acompanhadas até a conclusão desta pesquisa não foi relevante.

A primeira visita foi em novembro de 2006. Chegamos à EIC-AFC por volta de 7h40min da manhã chuvosa de uma quarta-feira (08/11/2006) e ainda não havia movimento de chegada de alunos, instrutor da EIC ou mesmo do pessoal voluntário da Associação. Reparando na fachada do estabelecimento, notamos que não havia qualquer referência ao grupo de informática e cidadania. Havia uma placa indicativa da AFC e, há pouco tempo, fora colocada uma faixa anunciante de um curso para formação de organizadores de evento, com um destaque para a palavra grátis. O apelo ostensivo ao curso de organizador de eventos parece ter contribuído para o seu aparente sucesso.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Foto 2



ACF – frente (publicidade da EIC) Fonte: autor, nov 2006

Depois de entrar, percebemos que, além de chegarem mais cedo para as aulas, os alunos do curso de organizador de eventos – organizado pela AFC e não pelo CDI - se mostravam com maior interesse, expectativa e dinamismo - algo misto da maturidade inerente à idade de seu público-alvo (o grupo do curso de informática e cidadania é prioritariamente jovem) com o apelo evidente de um retorno financeiro rápido, pragmático e utilitarista, o qual vislumbra, *ipso facto*, as variantes sazonais em voga (em novembro há um aquecimento de atividades correlatas às festas de fim de ano). O fato é que o curso grátis de organizadores de eventos ganhou em número e em interesse o público-alvo da Associação. Neste dia D. Lobelita não esteve presente, mas a sua ajudante Josineide (conhecida como “Jóia”) foi sempre muito solícita comigo.

Entramos e esperamos a chegada dos alunos da EIC. Quando estes chegaram, aos poucos e desconfiados, foram se juntando num total de sete neste dia. Por último, chegou Breno (monitor). Chamou-me muita atenção a natureza peculiar dos vínculos entre este e seus educandos. Nossa surpresa decorreu de que não se cumprimentaram... nada além de um seco “podem entrar”. Pareciam existir ali relações de poder não ditas que se expressam somente com olhares e silêncios.

A sala de aula da EIC em questão pode ter a sua estrutura questionada pelos peritos da didática inclusiva digital. Sua estrutura compreende aproximadamente 7m x 5m de área, com uma bancada de alvenaria que ladeia as paredes e serve de amparo para os computadores, no total de cinco, como manda o projeto do CDI. Esta estrutura não flexível dificulta ou desestimula a interação dos educandos e, além disso, algumas posições ficam literalmente de

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

com o educador ou com a máquina. É comum encontrar a opinião de que a melhor disposição das mesas seria em formato de ilhas que proporcionam uma melhor interação entre educandos e educadores, fundamental para os propósitos incluídos e democráticos da organização em questão (PELLANDA,2005). Com isso, podemos afirmar que a disposição das cadeiras, das máquinas e as formas pelas quais estes recursos são apropriados pelos educandos na sala de aula da EIC ACF (mas possivelmente não só nesta unidade) já se configura um processo de exclusão. Se formos bem rigoroso, a disposição das máquinas em si produz exclusão, porquanto aquele que resta à esquerda da máquina fica sem acesso fácil ao teclado, ao *mouse* e até ao monitor.

Foto 3



Sala de aula EIC-ACF – Fonte: autor, jan 2007.

Percebe-se, portanto, uma relação de poder na qual um dos educandos da dupla sempre sobressai, dominando o tempo de uso, o acesso ao saber e as iniciativas de manipulação da máquina. Uma vez que a permuta de usuários não ocorre sempre, e não raro depende da intervenção expressa do educador, deixados à própria consciência, não percebemos a iniciativa de compartilhamento equitativo dos recursos disponíveis na sala. Por isto mesmo, a exclusão digital é reproduzida mesmo dentro do local que se diz ter como função combatê-la. O que se pretende com esta afirmação não é executar a atividade da instituição em foco, já que esta possui importante papel no sentido de democratizar a informática no Brasil e no mundo; porém nossa metodologia de pesquisa e o nível de detalhamento proposto pela descrição do ambiente de campo torna inevitáveis esses comentários, sob pena de faltarmos com a honestidade acadêmica, sem a qual não se faz ciência.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Foto 4



Sala de aula EIC-ACF – Fonte: autor, jan 2007

A aula começa aos poucos, repleta de discursos não ditos e silêncios eloquentes, enriquecidos por olhares periféricos. Os educandos entram primeiro e depois o monitor, tudo absolutamente sem pressa, num ritmo pachorrento, profundamente rico de significados. Os jovens (desta turma) são silenciosos, alguns indolentes como o atestam o lento e significativo arrastar de cadeiras e a postura prostrada dos ombros.

Dos sete educandos (quatro moças e três rapazes com idade que não ultrapassa 18 anos), apenas uma dupla se recordara de trazer a apostila com a qual se tem referência dos conceitos e exercícios. O interesse destes jovens, dado estes indicativos preliminares, nos pareceu flutuante e difuso, misto de curiosidade, medo e uma vontade não expressa em palavras em subverter o encaminhamento pedagógico do monitor. A fome de informática e o fascínio desta tela brilhante em movimento parecia despertar uma curiosidade muito particular nestes jovens, que os faz, eventualmente (mas não raro), tomar desvios ante as tônicas das aulas.

Por opção de Breno, não existe um momento de cidadania separado da práxis educativa – como afirmara D. Lobelita em outra oportunidade – o que não nos pareceu muito claro. A cidadania ainda era, para nós, um conceito vago e de instrumentalização duvidosa nas aulas desta EIC.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Foto 5



Sala EIC-ACF entrada – Fonte: autor, jan 2007

A comunicação entre educandos é comedida, assim como o são seus gestos. Nossa presença não foi comentada (pensamos não ter causado muito incômodo ou mesmo alteração no comportamento dos educandos, como nos confirmou Breno). Dos cinco computadores da sala (doravante PCs) apenas três funcionavam a contento, juntando por isso mas de duas pessoas por PC, como indicado pela administração central do CDI. Como é de praxe nas escolas, o que o professor fala não necessariamente é tomado em conta e apreço pelos educandos, a ponto de dois alunos estarem em sala totalmente alheios ao conteúdo efetivo da aula. O único momento de dinamismo nos pareceu a ocasião em que os conteúdos são passados: quase sem interação professor aluno, no melhor estilo tradicional ou bancário.

A orientação de Breno se deu efetivamente entre 8h10mim e 8h:36mim. Neste ínterim, somente dois educandos se dispuseram a cumprir o programa estabelecido pela apostila do curso, quando deixados à prática livre. Mesmo repreendido pelo monitor, um educando continuou a jogar paciência no seu PC. Com isso, Breno nos revelou que é muito difícil trabalhar a parte de cidadania, pois os jovens estão muito mais interessados na parte técnica e instrumental do curso.

Em separado conversamos com Breno. Ele nos falou que naquela semana (de 06/11/06 a 10/11/06) cursaria uma capacitação em educação de inclusão digital para telecentros oferecida pela Fundação Banco do Brasil, e fomos convidado por ele para participar do evento. Com a saída de Breno a sala foi confiada à sua suplente (uma ex-aluna do próprio curso) chamada Diana. Fomos recebido com reserva, desconfiança, reticência por ela. Sentimo-nos avaliado. Saímos então, nós e Breno, para o local onde se daria a sua capacitação. Fomos convidado para participar e aproveitamos a oportunidade. Seguimos de carro para o local do evento.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Pouco depois desta época, Breno recebeu uma proposta de emprego e deixou o trabalho na EIC para outro monitor: Wesley Loureiro - o qual permaneceu até o final de nossa pesquisa em meados de 2008.

#### 4.3.1 Dos educadores sociais de informática: dedicados jardineiros

O trabalho de uma ONG tem como um dos pilares a atuação, dedicação, criatividade do educador, o qual concentra grande parte do potencial transformador. Ele é um catalisador de potencialidades sociais e, além de ser um exemplo para os jovens carentes, é dele a incumbência de aprofundar-se na pedagogia de Paulo Freire na prática, enfrentando limitações ambientais e de sua própria capacidade como professor.

Embora a possibilidade do serviço voluntário seja constante e até desejado nas EICs, um educador de informática social do CDI pode ganhar até 420 reais por mês, trabalhando em um turno por dia nas unidades de educação informática e cidadania. Seu trabalho oscila entre sala de aula, procedimentos burocráticos de administração das turmas e momentos de qualificação. Geralmente o tempo de serviço de um professor de informática do CDI está definido por sua condição de trabalho fora dela e muitas vezes o motivo de seu desligamento é justamente a existência de uma oportunidade de trabalho mais vantajosa.

Pessoalmente participamos de um dos treinamentos e qualificações de monitores oferecidos pela Fundação Banco do Brasil junto com o monitor da EIC-ACF à época, Breno. Neste período percebemos algo significativo para a pesquisa. A metodologia usada pelos professores da qualificação deixou claro que o conceito de inclusão digital, assim como as práticas associadas à temática dispostas em uma instituição de inclusão, não estão definidas, prontas ou irrefutáveis. Vimo-nos sentado junto aos monitores que supostamente iriam nos revelar o que era afinal isto que se chamava “inclusão digital”, e fomos convidado a compartilhar opiniões, saberes e práticas. Percebemos, ali mesmo, a dimensão do desafio da inclusão digital em um país como o Brasil. Nem mesmo os professores responsáveis pela qualificação de monitores dos telecentros e EICs do CDI se arrogavam a tarefa de propalar um conceito absorvente e definitivo sobre o tema “inclusão”. Isto porque, fundamentalmente, a temática é tecnicamente complexa, o público alvo exige muita atenção e adaptabilidade de procedimentos pedagógicos e inexistente modelo único considerado como inquestionável. A inclusão digital está sendo feita a várias mãos, diversos estilos e muitas índoles.

A qualificação durou três dias, divididos em dois turnos de quatro horas na unidade

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

congrega diversas outras entidades, também sem fins lucrativos, que desenvolvem projetos nas áreas espiritual, social, educacional e cultural, localizada a avenida Alberto Craveiro nº. 222.

Os temas fluíram em várias direções. Juntamente com educadores de outras EICs da Cidade, assistimos a palestras sobre a Pedagogia freireana, acerca da utilização da internet para consultas em órgãos governamentais, entre outros termos; porém a essência do treinamento era prática e, em vários momentos, fomos convidado a participar ativamente, como se fossemos um educador social. Um dos principais eventos foi a divisão do grupo em equipes que se encarregariam de criar uma rotina de trabalho semanal na sua EIC, criando horário a horário, os temas, objetivos, métodos e atividades que seriam desenvolvidas nestas unidades. Ao final deste treinamento, compreendemos um pouco mais a dimensão do trabalho de um monitor de informática e cidadania. São cavaleiros errantes, espada em punho, enveredando-se por terrenos tanto inóspitos quanto desconhecidos, e que carregam sobre seus ombros a tarefa difícil de estar na linha de frente de um processo complexo (chamemos precariamente de inclusão digital) e que ainda precisam seguir à rica as orientações da administração, além se ajustarem constantemente às circunstâncias locais de cada turma. Este trabalho, como se verá adiante, pode ser muito complexo e delicado, mas o que parece ser apenas mais uma oportunidade de trabalho para os professores de informática pode significar algo mais

Bom na verdade não foi bem uma decisão foi mais uma **boa oportunidade** que surgiu e eu resolvi abraçar e conhecer a idéia, e foi uma experiência muito enriquecedora, foram dois anos trabalhando lá, nesse tempo eu tinha 19 anos e eu estava lá como orientador e educador social pois tínhamos que trabalhar a informática e também o social. (ENTREVISTA BRENO)

#### 4.3.1.1 Dificuldades: os espinhos do processo

Na trajetória de enfrentamento da exclusão digital de jovens em situação de vulnerabilidade, os diligentes educadores de informática encontram uma série de dificuldades pessoais, processuais e ambientais. Delinearemos na sequência as principais dificuldades encontradas por estes agentes em suas atividades, discutindo em seguida a essência destes pontos.

Dentre as principais dificuldades e limitações, enfrentadas pelo educador, podemos citar:

- A. a precariedade das máquinas utilizadas;**
- B. o espaço físico inadequado;**
- C. tempo insuficiente para o desenvolvimento integral do trabalho;**
- D. possíveis déficits cognitivos dos educandos causados pela condição de vulnerabilidade social severa presente em alguns casos;**
- E. dificuldades de adaptação de educandos e educadores ao método Paulo Freire;**
- F. divergências de compreensão sobre a proposta pedagógica entre os agentes envolvidos;**
- G. a heterogeneidade etária das turmas;**
- H. a rotatividade dos monitores**

*a) Precariedade das máquinas*

Nem sempre é possível ter computadores compatíveis com os utilizados no mercado de trabalho. O CDI trabalha com doações e muitas vezes este sistema de dádiva não acompanha o ritmo intenso da obsolescência programada do mercado informático. Isto é delicado porque, mesmo que as máquinas sejam usuais para o aprendizado, podem causar um estranhamento nos alunos que entrarem em contato com máquinas mais avançadas em seus empregos, por exemplo.

*b) O espaço físico inadequado*

O espaço físico de uma sala de EIC conta com dez computadores dispostos em uma bancada que, geralmente, circunda o perímetro da sala. Esta disposição enfrenta críticas de alguns pedagogos, pois tal arranjo não estimularia a interação e, além de não permitir a percepção cruzada dos outros educandos, faz com que somente alguns deles estejam aptos a observar a fala dos monitores.

*c) Tempo insuficiente para o desenvolvimento integral do trabalho*

Na pedagogia freireana, o homem na condição de educando ocupa papel de enorme relevância, não ficando relegado a uma função passiva e apenas receptiva tão característica da conhecida “educação bancária” (FREIRE 1975, 1996; 2006). O próprio tempo exíguo de duração de um curso inicial do CDI (em geral cerca de três meses) pode também ser compreendido como um entrave institucional ao desenvolvimento pleno do trabalho de

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

“dialógica” requer muito tempo disponível, para a pergunta, para o estímulo da busca coletiva da resposta.

*d) Possíveis deficits cognitivos e vulnerabilidades sociais dos educandos*

Existem ainda alguns deficits cognitivos dos educandos causados pela condição de vulnerabilidade social severa presente em alguns casos. Além destas dificuldades físicas e estruturais retrocitadas se somam outras tantas dificuldades relacionadas com a vulnerabilidade social do público-alvo desta ONG. Isto, porém, não parece ser encarado como entrave para alguns monitores, sendo em muitos casos um estimulante para o trabalho de sala de aula, pois

É bem mais fácil porque eles querem ser ajudados. Às vezes falta só a oportunidade, são pessoas que querem realmente alguma coisa na vida. Se você sentar e conversar com eles, que algumas pessoas rotulam que vêm jovens de brinco, boné, com a roupa frouxa, é marginal sabe? Às vezes nem é, a pessoa tá ali por causa da moda né? Usa aquilo por causa da moda. Às vezes fuma por que vê o pai e mãe fumar, às vezes bebe por que não viu diferença dentro de casa, o pai é viciado a mãe também é ele vai crescer achando aquilo natural. Mas se você for conversar com ele, você vai ver que eles são pessoas que tem um desejo na vida. Nessas conversas que a gente tem em grupo, às vezes algum jovem que mora nessas áreas de risco eles dizem mesmo: olha, uma coisa que eu acho difícil é eu conseguir um emprego. Aí, por que é difícil arrumar um emprego? Por que primeiramente eu não tenho nenhum curso, nunca tive experiência e depois as pessoas olham pra mim e já acham que eu sou marginal. Aí, a gente vê o quê? Pela forma que ele vai procurar emprego, da mesma forma que ele tá dentro da comunidade, brinco, boné, etc. Aí também essa questão de trabalhar a aparência né? A gente trabalha muito com essa questão, mas também se a gente pegar alguém que tá lá fora, às vezes no horário de curso eu passo, dou uma olhada ali fora e tem uns jovens ali, tal, aí eu vou lá, digo assim: Oi, prazer, tudo bem? Tá tendo curso de informática, tu já fez curso? A pessoa: Não! Fiz não. Pois vai ter inscrição mês que vem, se você se interessar, procura a gente. Pra pegar essas pessoas que justamente tá nesse perigo da marginalização. (ENTREVISTA FRANCISCO SILVA)

Isso é muito importante, pois, como já vimos em Neves (2007), há um perigo da criação de uma barbárie digital global se privarmos a população de baixa renda do acesso à informação por meio do mundo digital. Esta disposição restrita da informática e o fortalecimento de uma “ciber-elite” é igualmente perigoso.

Assim, para o mesmo monitor, as implicações políticas do trabalho de “informática social” não estão ligadas ao aspecto de assimilação temático-conceitual, mas a algumas modificações no comportamento e posição diante de determinadas ocasiões na vida.

Só no sentido de tirar alguém da ociosidade... Já faz uma grande diferença na vida de alguém, porque a gente vê essa questão de pegar jovens. Uma coisa que a gente acha bem interessante é somente não trabalhar com jovens de... digamos assim

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

que já tenha uma formação ou então jovens que estejam um pouco desenvolvidos, não tem o perigo da marginalidade. A gente procura ver, quem foi que viu? Algumas pessoas que realmente moram em área de risco por exemplo nós temos lá uma favela , perto, que já é tão visada, já é um pouco afastada, pessoal do ‘Beco da Bomba’... Chama ‘Beco da Bomba’ por que todo dia tem tiroteio lá né? Aí a gente pega algumas pessoas desse grupo principalmente, pra tá trabalhando sabe? Não somente aquela forma de... Tá dentro do curso, pra não tá fora, também isso contribui muito, mas também a questão de trabalhar a educação e a mentalidade desse jovem. (ENTREVISTA FRANCISCO SILVA).

De fato há uma riqueza significativa imensurável dentro do conjunto de sociações dispostas em uma sala de aula de uma EIC. O espaço moral de uma sala como esta é altamente significativo, recheado de pequenos ritos, olhares, medos (do desconhecido ou da vergonha de ser vencido pela máquina desafiadora) e de alegrias. Os movimentos, olhares, atenções, desatenções, risos burlescos, risos de autocrítica ou de felicidade coletiva, a tensão própria de quem tem medo de um grande desafio são, por si, elementos de complexidade ambiental que permearam esta pesquisa desde seu início.

Nesta tarefa, é de tal relevância o trabalho dos monitores que, sem dúvidas, a identificação visual, étnica, cultural e linguística do educador com seus educandos viabiliza o processo de aprendizagem, eliminando barreiras (etárias inclusive) entre eles, fato amplamente comentado pelos criticoreprodutivistas franceses Baudelot-Establet (1971). Além disso, o monitor é sempre muito exigido, tem muito trabalho e é requisitado constantemente, geralmente demonstrando uma grande paciência. Quando está ajudando alguém, adequa-se ao seu ritmo e nunca deixa sem resposta qualquer dos educandos.

#### e) *Dificuldades de adaptação dos educandos e educadores ao método Paulo Freire*

As dificuldades de adaptação dos educandos *ao método Paulo Freire* é expressa principalmente na inabilidade de ajustar-se à condição de protagonista de seu próprio saber. Acompanhamos o trabalho, por vezes infrutífero, dos monitores em sala de aula. Certa vez, com o intuito de trabalhar conceitos, Wealey explicava os elementos de informática para depois ingressar na “parte cidadã” da aula e percebemos que, curiosamente, nós éramos o único a copiar o que ele dizia e anotar os conceitos de informática. Isto foi marcante pois, em muitos outros momentos do curso, nos vimos vivendo exatamente a mesma contradição: ser o mais interessado no conteúdo em uma sala onde não era o estudante.

Em várias aulas observadas pudemos presenciar esta dificuldade de transformação. Muito é necessário para que pessoas formadas como “alunos” pelo ensino formal de onde vieram (como também com suas outras experiências educativas extra-EIC), não estimulados ao diálogo e à descoberta, se transformem rapidamente em educandos com posição crítica e

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

questionadora. A situação que descrevemos a seguir se deu em uma das aulas de um dos cursos da EIC ACF por nós acompanhada. O educador tentava estimular os educandos a responderem, participarem, fazia perguntas seguidas de longos intervalos de silêncio entre os jovens. Após uma das muitas perguntas, aconteceu o diálogo que se segue:

Aluno a: A aula já acabou! Já são 11 horas...(baixinho)  
Aluno b: A aula já acabou! (para a sala e o professor)  
Educador: vamos pessoal, vocês sabem a resposta... qual é a interpretação deste texto? (segue-se um tempo em silêncio)  
Aluna c: Vamos professor, nos ensine! Dê logo a resposta!

Este momento emblemático significa a distância em que estes educandos estavam, naquele momento, do método propalado pela EIC, pois, por método Paulo Freire, deve se entender uma atitude dialógica entre os polos do saber em sala e não uma conduta “bancária”(FREIRE:1987). Além disso, ficou claro também que este significativo diálogo expressa toda a carga de anos de educação formal no sistema de ensino contrário aos diálogos e à posição crítica. O que este trecho explicita é justamente um sintoma grave, que de nenhuma maneira se esgota em uma sala de aula de EIC, tampouco pode ser diretamente associada a esta. Seguramente, contudo, este *habitus* advindo das séries escolares do ensino formal, ao qual fazemos menção aqui, se configura como um dos maiores entraves ao trabalho dos educadores, expressando a inaptidão à metodologia do CDI, pois este representa um choque ou ruptura com aquilo que os jovens tinha experimentado até então.

Mesmo assim, contra esta adversidade ambiental, a esperança dos educadores não parece fenecer, uma vez que são cientes das inúmeras potencialidades latentes nos corações e mentes dos jovens com os quais lidam e aprendem muitíssimo, como demonstra o relato de Francisco da Silva, de 26 anos, educador e coordenador na EIC Alphaville no bairro Mangabeira.

Logo no início eles tiveram a dificuldade, eles tem na verdade, sempre tem a dificuldade muito grande de compreender a metodologia do curso, mas depois que eles estão lá, depois que eles entram, eles entendem realmente que era algo que não... havia sido feito por ninguém ainda. Essa questão da preocupação que eles passam a perceber. Essa história de saber... olhar pro outro e ver um ser humano que também tá precisando de ajuda, porque hoje ele, eles acham assim, que se você não tem um curso de informática e realmente é verdade, você acaba sendo pisado pelos demais, né? Aí eles sempre vêem a sociedade como a sociedade esmagadora, todo mundo querendo pisar em todo mundo, né? Eles sabem muito bem da concorrência, sabem muito bem disso. Aí depois a gente passa, inclusive nas aulas, a gente nunca chega e coloca na hora de frente ao computador, todo dia a gente tem aquele momento de conversa. Tem uma mesa, a gente senta em volta aí passa, por exemplo, às vezes eu dou um texto pra eles refletirem, passam a refletir. Mas no início é difícil

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

têm dificuldade muito grande, porque são pessoas que não tem acesso a... informação, né? A única coisa que eles sabem é novela e violência, 'Barra Pesada', essas coisas. (ENTREVISTA FCO. SILVA).

Por este motivo, o *habitus* inicial dos alunos associados a uma gama de fatores específicos da trajetória pessoal (constituição familiar, econômica e outros) pode ser um dos entraves ou maiores espinhos com os quais lidam os educadores sociais no seu dia-a-dia. O próprio termo usado pelos educandos para se referirem ao educador denota a associação deste com a figura cultural do professor e não do *monitor* ou *educador social*.

Eu escolhi aqui por causa do dinheiro mesmo. É o custo, é mais barato mesmo e por informações de outras pessoas que disseram que era bom e eu vim pra cá, estudar aqui. O diferencial... Professor... professor, conteúdo, professor e o que ele tentava passar pra gente, entendeu? Dá uma luz pra gente se reerguer, sei lá entendeu? (ENTREVISTA RICARDO)

Mesmo com esta associação entre monitores e professores, o que sutilmente encobre uma diferença básica de atitude em sala e de visão do ensino aprendizagem, notamos que os vínculos entre estes e os jovens das EIC podem ser intensos e contribuir em grande medida para uma alteração de atitude assumida após longos períodos.

O choque no contato entre estes dois mundos, educador e educandos (ainda ligados à identidade social de "alunos"), pode, entretanto, ir além dos estereótipos sociais, e o estranhamento entre ambos pode ceder lugar a sinceros anseios de compreensão mútua:

As pessoas olham pra ele e vêem alguém completamente diferente de tudo que eles já tinham visto, aí não somente, inclusive ele nem chamam de professor, eles chamam de educador, uma coisa que a gente sempre procura colocar na mente das pessoas né? Por que, aquela questão de deter o conhecimento. Eu sempre digo: Eu vou aprender com vocês e vocês vão aprender comigo. A gente vai ter toda aquela troca de experiência, inclusive acontece mesmo, sabe? Eles sempre aprendem, cada turma tem a sua característica, cada turma traz algo novo pro grupo em si e também pra mim. Quando o educador procura, ele tá conscientizado da importância dele dentro da comunidade... Ele faz um mover muito grande, ele faz algo que faz tornar-se diferente, inclusive as pessoas lá, na minha EIC, olham pro curso e não vêem somente um curso de informática, eles vêem a preparação, sabe? Porque um dos objetivos é esse, fazer com que a EIC seja reconhecida dentro da comunidade. A EIC só é reconhecida quando ela sai das quatro paredes. Uma coisa que a gente procura fazer sempre, sair daquelas quatro paredes, ouvir as pessoas mais perto, trabalhar com as pessoas. Uma coisa que a gente viu, logo no começo dessa 3ª turma, que é a 3ª turma que eu trabalho lá... Uma coisa que a gente viu foi a facilidade das inscrições, porque só bastava, eu fiz assim, terminando um curso eu disse assim: Dia 15, por exemplo, começa as inscrições pro curso. Chovia de gente, chove de gente, mas por quê? Por causa da propaganda boca-a-boca, né? As pessoas vão lá e chegam: Olha tá tendo curso tal? Eu vim aqui me inscrever, tal. Quem foi que informou? Um ex-aluno. Tá certo. Como é que você soube? Tem até a pergunta lá na ficha: Como é que você ficou sabendo do curso? Ah! Foi por um amigo do primo, do irmão que fez o curso aqui, curso bem distante. As pessoas acabam

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

trabalho dentro da comunidade realmente ele torna-se um referencial.  
(ENTREVISTA FCO. SILVA)

É assim, pois, que, de alguma maneira, as EICs legitimam sua entrada nas comunidades, mediante o reconhecimento sincero de educandos egressos. Este reconhecimento parece representar um dos combustíveis da esperança dos educadores de informática na lida com os entraves e espinhos ambientais. Cada novo educando que chega, repleto de esperanças de mudança motivadas pelo *marketing one-by-one* dos egressos satisfeitos, parece sinalizar uma “luz no fim do túnel” da aridez educacional. De certa forma, para os educadores, este *feedback* representa um signo de que sua ação é pertinente, que tem resultados efetivos e que, por piores que sejam as condições ambientais, os resultados podem ser promissores.

Não são somente, no entanto, os educandos que sentem esta dificuldade de adequação ao método freireano. Existem também as limitações do próprio educador. Em alguns casos observados, houve limitação do próprio educador na busca de adequação à Pedagogia de Paulo Freire. O trabalho é tão desafiador que alguns educadores simplesmente não desenvolvem as competências necessárias para a aplicação do projeto politicopedagógico da EIC, o que pode então, em último caso, ser motivo do desligamento deste educador.

Devido a carência da comunidade, do público que a gente trabalha, a gente percebe uma rejeição pra desenvolver essa proposta. Quando essa rejeição não é através da comunidade, é uma, é uma dificuldade que a gente encontra nos educadores. Porque assim, todo, tudo é trabalhado com muita dificuldade, né? A entidade, ela é um a entidade super-carente, associação super-carente. Na maioria das vezes, não generalizando e aí a gente precisa muitas vezes na entidade de se trabalhar com voluntários, que não querem ter mais compromisso. Até porque é uma questão de sobrevivência mesmo, né? E aí a gente encontra essas dificuldades. Aí pega o educador que não tem uma formação legal e não tem essa facilidade de captar essa proposta. O educador ele precisa, ele precisa se interessar, ele precisa, precisa estudar, ele precisa pesquisar ele precisa... ter criatividade pra desenvolver essa proposta dentro da informática, né? E aí quando, quando isso não acontece, a gente tem todo o trabalho de formação, a gente busca formar dentro das necessidades dele. Mas a questão prática é que às vezes torna difícil, mas a gente tá buscando, a gente tá, a gente tá fortalecendo. Esse ano principalmente, desde 2006, a gente vem fortalecendo muito no alinhamento dessa proposta. (ENTREVISTA ANA PAULA).

Mesmo com o compromisso dos educadores e de figuras da estrutura administrativa da instituição (também evidenciado na análise de seus discursos), existem “disposições de ação” estruturadas e estruturantes (BOURDIEU, 1983) capazes de obstaculizar o trabalho efetivo de desenvolvimento cidadão daquelas populações vulneráveis digital e socialmente. Assim como

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

pode ser indiferenciado segundo o nível dos estudantes e segundo a prática real docente dos ditos educadores.

Isto aponta para uma significação incontestável: há desafios postos ao CDI, como também às suas EICs, muito além (ou quiçá muito antes) da luta contra a exclusão digital, e o seu maior diferencial significa para a instituição talvez o seu principal desafio. O diferencial é a proposta pedagógica freireana em seu nível teórico-conceitual, mas não necessariamente expresso em disposições de ações incorporadas pelos agentes dos mais diversos níveis da estrutura educativa em foco.

Por outro lado, há um gargalo processual refletido pela dificuldade de transformar estes mesmos conceitos freireanos dispostos na proposta pedagógica em ações efetivas. Este entrave tem raízes imediatas na inaptidão ora dos educadores, ora dos educandos. Tal gargalo, entretanto, pode ser superado (ao menos parcialmente) como comprovamos em entrevistas, mas tal evento depende de uma *mútua adequação* de fatores, dentre os quais se destacam a sensibilização dos educandos (seduzidos por interesses muito particulares) e a condução criativa, sinérgica<sup>98</sup> e também personalista de alguns educadores. As ações citadas a seguir se mostraram ilustrativas neste sentido

O papel do monitor é importante quando o monitor se dispõe a aprender né? E também do educando, quando o educando se dispõe a aprender. Por que se ele se dispõe a ensinar e o outro não se dispõe a aprender fica totalmente divergente, você vai tá ali. Se for o caso, os educandos não quiserem aprender, o educador vai tá passando conhecimento, mas os educandos, eles querem! Tem que ver isso. E é muito legal quando a gente, quando o educador passa aquele conhecimento e o educando tá ali recebendo, eles entendem, captam aquela informação e transformam pra si. (ENTREVISTA EDUCADOR JOSÉ SOBRINHO)

Além disso, a ação dos educadores se mostrou livre, isto é, como elementos experimentais próprios daqueles que aprendem na prática a desenvolver as concepções teóricas. É certo que a iniciativa depende em grande medida da disposição do educador, associando criatividade, arcabouço teórico da sua formação e de sua trajetória pessoal com a predisposição dos educandos em contextos singulares.

A campanha da dengue, epidemia de dengue aqui no Brasil... A gente pensou como é que a gente poderia trabalhar isso... Aí primeiramente a gente tinha

---

<sup>98</sup> Tomamos aqui o termo baseado na acepção administrativa segundo a qual **sinergia** (do grego *syn* (cooperação) e *érgon* (obra ou trabalho)) é definida como o efeito ativo e retroativo do trabalho ou esforço coordenado de vários subsistemas na realização de uma tarefa complexa ou função, isto é, o efeito multiplicador da combinação dos recursos que, utilizados conjuntamente, produzem um efeito resultante maior do que simplesmente a sua adição. Cf. Chiavenato, 1994: 44, 259-261. A razão de pô-lo aqui é ilustrativa uma vez que no CDI em geral as

que descobrir, tinha que pesquisar, tá? A questão da pesquisa, nós tínhamos que pesquisar sobre o que a gente tava tratando, utilizando a Internet, eles pesquisaram, dengue, algumas experiências de comunidades pra combater a dengue e o que é o vírus, como o vírus se prolifera, toda essa questão, sabe? Fizeram a pesquisa na Internet sobre isso, das pesquisas eles fizeram discussões em grupo pra ver o que cada um descobriu, o que foi achado em comum, etc. aí nós pensamos como incentivar a comunidade a se prevenir, como a gente faria isso. Quando a gente chegava nas casas, as pessoas sabia de cor e salteado que não pode deixar água parada, não pode deixar pneu ali, não pode deixar garrafa, tava sabendo tudo isso, mas a gente passou a fazer de uma maneira engraçada, fizemos uma oficina de fantoche, utilizando material reciclado, inclusive até na forma de recolher, era garrafas que estava no meio da rua né? Inclusive plástico né? Tivemos essa oficina de cordel, de fantoche, que eu já fiz arte-educação né? Aí ficou uma coisa bem mais fácil. (EDUCADOR FCO. SILVA)

Este caso se mostrou ilustrativo porque refletiu exatamente a interdependência de educadores e educandos, de suas trajetórias individuais e disposições singulares, para que a pedagogia transformadora se realizasse ao menos parcialmente. Ademais, a integração entre educandos e educadores, entre computadores e os educandos, e destes entre si, se mostrou ao longo do processo de pesquisa uma parte significativa, mas não a totalidade de relações pertinentes no desenvolvimento cidadão daqueles jovens. O que ainda se ressaltou desta gama de relações é aquilo que não percebêramos quando do nosso ingresso em salas de aula da EIC: que o processo cidadão-digital acontece principalmente além dos muros da sala de aula, por entre as vielas da comunidade dos próprios educandos em momentos de inserção social.

Os computadores, neste processo, são potentes ímãs para sensibilização dos jovens em condição de vulnerabilidade, mas não são nem a meta, nem o elemento central deste processo, mas um meio, *uma ponte*. Assim, não há sentido em ficar na ponte a se deslumbrar com sua arquitetura, há sim de cruzá-la, superando o fascínio inicial a que são submetidos seus transeuntes, em direção ao sentido social desta ferramenta cultural humana.

E o relato continua

...nessa oficina de fantoche eles produziram seus próprios personagens tal, utilizando novamente o computador, eles pesquisaram algumas peças já produzidas e acabaram adaptando. O que eles não gostaram, eles criaram utilizando a ferramenta computacional, utilizando o computador lá, criaram no Word, a gente imprimia tal, uma peça que falasse claramente a todos os públicos: pra criança, jovens e adolescentes. Aí nós desenvolvemos a peça, passamos a apresentar nas escolas e na comunidade. Esse foi um trabalho de grande êxito que a gente fez né? Inclusive, eles mesmos desenvolveram um *folder* do trabalho da dengue. Tudo que eles aprendem no curso eles utilizam como a forma prática. (EDUCADOR FCO. SILVA).

Em certa aula, o monitor apresentou um texto de Gregório de Matos e Guerra com breve introdução sobre o autor. O texto *epilogos* é recheado de críticas cáusticas sobre a sociedade brasileira de época, críticas sobre as elites, interpretações e formalizações sobre

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

miséria, a depravação e a decadência moral da sociedade baiana do século XVII. O texto é disponibilizado para todos, o que não acontece com as apostilas do curso que, em uma turma de oito, apenas três são disponibilizadas para compartilhamento. Mesmo tendo de comprar as apostilas, foi comum observar que muitos não costumavam trazer o material para sala de aula de forma disciplinada. Observamos ainda que durante os debates sobre consciência social era comum os jovens dispersarem sua atenção com conversas paralelas. O que mais chamava a atenção dos jovens eram a *internet*, a técnica de cópia de mídias e todos os demais elementos práticos de como operar o computador dentro de expectativas próprias, subjetivas, e não de usos cidadãos que seriam assimilados no decorrer do curso, muitas vezes repleto de uma retórica moralista e impregnada de senso comum reducionista. Quando perguntados, em um momento de debate, o que vinha à cabeça quando se falava a palavra política, a resposta coletiva era imediata: corrupção. Além disso, a condução do monitor é óbvia sobre as temáticas e mesmo a opinião dos alunos, o que, de certa forma, encaminha os rumos do debate que oscila entre indignação e apatia expressas em frases como: “é isso mesmo”, “não tem jeito não!”.

Quando o monitor adverte sobre pirataria, acerca do desperdício, *ciberpornografia*, ou a respeito dos perigos viciantes do mundo da informática, a mensagem é apropriada e reformulada pelos alunos. Certa vez Wesley advertia seus educandos, dizendo: “o PC funciona como um aparelho hipnótico (...) aqui nós queremos que vocês interajam com a internet mas não desse jeito, pessoal”. Mesmo depois de inúmeros apelos e avisos de que a informática para eles somente seria plenamente útil se envolvida de contornos e práticas cidadãos, foi possível ouvir de um dos alunos: “quando sair daqui vou montar uma *lan house*”, em uma alusão clara ao dinheiro que se pode ganhar em centros de informática que funcionam de 22h às 7h e cobram 10 reais por hora. Ora, *lan house* é o lugar por excelência da informática como mercadoria, e dificilmente está associada com preocupações sociopolíticas, pois consideramos que os anseios do mercado e da cidadania são por muitas vezes refratários.

Sobre os perigos da informática assim se expressaram os monitores

Nos dias de hoje, onde a tecnologia vem tomando conta de tudo, a informática é muito importante e quem não está se atualizando fica para trás praticamente tudo exige que se tenha o mínimo de conhecimento sobre informática. E com isso vêm os perigos que não são poucos quem não já ouviu falar de aliciadores de menores, pornografia de prostituição infantil, de pedofilia, tudo isso tem na rede mundial de computadores, crimes na informática existem demais além de muitos outros perigos que se pode ter para os jovens, coisas que são proibidas e que despertam muito a curiosidade e a atenção. Bom eu acho que me deparei mais com o problema dos jovens não terem a consciência da importância da informática

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

como fonte de lazer e diversão. E perigos mais em relação a influência dos mais velhos na questão da pornografia. (ENTREVISTA BRENO)

Hoje, hoje em dia o que eu vejo mais são os jovens em lan houses jogando 'control strike', esses jogos de violência e de guerra, e de Orkut, né? Eles não tão buscando tanto informação. Mas eu vejo que dos meus alunos, lá dentro da sala já; eu procuro conviver com eles, vou na escola, vejo eles no bairro né? Eu também moro lá e eu conheço, eu procuro ver onde eles estão. E eu vejo que eles não estão tão vidrados em jogos de violência. Eles procuram jogos mais educativos tipo; minhas crianças, eles vão pra lan house, vão! Mas eles vão jogar no jogo chamado Igame, que é um jogo no site da IG, que tem jogos educativos muito bom. Os meus educandos, os pequeninim, eles gostam demais. (ENTREVISTA JOSÉ SOBRINHO)

*f) Divergências de compreensão sobre a proposta pedagógica entre os agentes envolvidos*

A principal motivação deste trabalho é justamente se dedicar à investigação das modificações no *habitus* dos assistidos pelo CDI e a percepção que os entrevistados tinham de conceitos centrais para esta dissertação, como cidadania, inclusão digital e democracia, esta última referente à maior abertura de acesso aos elementos fundamentais do mundo da informática.

As diferenças de percepções dos entrevistados, principalmente com relação aos conceitos de **cidadania** e **democratização**, apresentam-se sumamente significativas para nossos propósitos. Uma vez que a variação entre o que pensam os monitores, os educandos e as figuras ligadas ao administrativo da ONG tomam formas às vezes tão disparees que são capazes de revelar algo que está no cerne dos resultados deste estudo: a informática é essencialmente fluída e metamórfica, mostrando-se refratária aos esforços infrutíferos que despendem certos órgãos institucionais no sentido de unificá-la nos seus usos e nos contornos políticos que se imputa a esta pela sociedade em geral.

Isto não significa, em absoluto, que estas disparidades sejam indicativas de erros ou contra-sensos afeitos ao desdouro dos esmeros praticados pelos partidários da inclusão digital por nós estudados. Nada mais longe dos nossos intuitos. Dizemos aqui é que, no mesmo sentido em que aumentam as divergências de percepções possíveis a tudo aquilo que se relaciona com o mundo da informática social, na mesma medida, também é ascendente a riqueza das temáticas e das respostas possíveis à mesma problemática. Não encontramos, e é pouco provável que alguém se encontre, uma unificação de perspectivas ou direções ao mundo da inclusão digital, pois é certo que tudo o que é necessário no sentido teórico desta matéria ainda encontra-se em estado embrionário. Os usos políticos do computador, as políticas de acesso, a democratização irrestrita e suas formas possíveis não estão prontos e,

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

mesmo se estivessem, é bem provável que não servissem de modelos aos variados exemplos singulares das demandas atuais.

As diferenças podem ser percebidas primeiramente nas noções de **cidadania** que encontramos nos discursos dos entrevistados. Por exemplo, um monitor aprendiz de 20 anos (recente ex-aluno da IEC ACF Fortaleza) assim se expressou

Cidadania...É eu tomar conscientização... Conscientização... É conhecimento sobre informática. Sobre... Ou posso dizer assim: A minha meta... Num sei... Meta pessoal. Cidadania é... Me auto-beneficiar e ajudar outras pessoas também, entendeu? (ENTREVISTA RICARDO)

Para ele a informática está inicialmente relacionada ao campo do saber, da qualificação, pois o que mais o atraía na informática era o

Conhecimento! Mas, o trabalho também. Por que hoje em dia o computador tá em quase todas as áreas de trabalho, entre aspas né? E por curiosidade. Todo mundo sabe mexer no computador e só eu não, entendeu? Tinha vergonha também. Por quê? Eu chegava num canto, uma pessoa: - vem cá, fica ali no computador. E eu não sabia, entendeu? Eu sentia vergonha de dizer: - ah, eu não sei! Entendeu? Muito mais fácil dizer: ah, eu não sei, do que dizer: eu sei, eu sei e num fazer nada. Então eu vim atrás do curso e tentar aprender e não só aprender o curso básico, mas aprimorar e aprender mais, entendeu. Pra depois usufruir dos meus conhecimentos em áreas de trabalho diferenciadas. (...) Cidadania... É eu tomar conscientização... Conscientização... É conhecimento sobre informática. Sobre... Ou posso dizer assim: A minha meta pessoal. (ENTREVISTA RICARDO)

Como se percebe, a ausência de conhecimento em informática põe em xeque as aspirações de inserção social e aceitação em grupos, assim como está relacionada a uma complexa teia de posições de status referentes à posse deste capital cultural. (BOURDIEU, 1983) Nota-se nos discursos é que a busca do “uso cidadão da informática” ainda está muito desvinculada do uso habitual no qual se emprega este conceito político.

Sobre as experiências do que chamam de cidadania, expõe Francisco dos Santos,

Primeiramente, primeiramente o primeiro trabalho que eu desenvolvi lá foi buscar uma valorização pela comunidade, certo? Às vezes as pessoas tavam lá e não sabiam ... É porque a comunidade era daquele jeito, o que tinha acontecido com a comunidade, tal. Aí o trabalho que eu achei interessante fazer foi um resgate primeiramente da historia da comunidade, por exemplo, a comunidade lá se chama Mangabeira aí, eu conversando com os alunos, meus educandos, aí eu sempre perguntava: gente é, eu tô chegando aqui na Mangabeira, tava vindo de outro bairro, eu queria que vocês falassem também um pouco do bairro. Porque que o bairro tem esse nome? Aí eles ficaram assim me olhando; ‘Não a gente não sabe; Vai ver que é por que tem muita manga né?’ Aí eu disse: não, manga, mangueira é uma coisa, mangabeira é outra. Aí eu disse: ‘gente vamo fazer uma pesquisa. Quem aqui sabe qual é a pessoa mais velha da comunidade?’ ‘Ah, a minha avó! A minha avó tem oitenta e poucos!’; ‘Ah a minha avó não sei o quê!’; ‘A minha bisavó tem noventa e não sei quanto!’ Aí nós elaboramos uma ficha de pesquisa, ehhh pra elas

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

pesquisarem junto com as pessoas mais velhas e também os líderes da comunidade, pessoal da igreja, é pessoal de outras instituições. Eles saíram em campo né? Aí trouxeram... Interessante que eles encontraram duas versões né? Uma versão que a gente utilizou, digamos assim como verdadeira, porque foi o que as pessoas mais falaram, que quando as primeiras pessoas que iam morar lá, chegaram pra morar lá, é encontraram muito pé de mangaba, que até é uma fruta difícil de ser encontrada, (...) Aí outros disseram que foi por causa da família, que tinha por sobrenome mangaba, que veio, foram os primeiros a se instalar na comunidade né? Mas essa segunda versão foi digamos assim a menos ouvida, a gente ouviu duas pessoas somente, mas essa questão, no caso da árvore, assim a gente ouviu praticamente 90% da população, os mais velhos. Aí com as informações em mãos nós pensamos: como a gente poderia passar isso para a comunidade? De que maneira? Surgiu a idéia de utilizar o cordel né? Literatura de cordel; olha só que bonito! Uma ex-aluna minha do tempo do Celita ela é escritora, gosta de poesia e fez vários cursos, escreveu cordéis, aí eu pensei: vou convidar a Patrícia pra dá uma oficina de cordel. Ela foi durante três semanas, ensinou a metrificação, ensinou toda regra, toda questão da... Ah, pratica enfim né? Eu dei a teoria depois com eles ela fez a pratica.

Neste relato, é possível identificar outro viés da chamada cidadania pretendida pelos educadores das EICs, isto é, a memória social das comunidades, o resgate histórico de suas origens e o trabalho com a arte como desenvolvimento de potencialidades latentes no grupo dos educandos, todos estes elementos circunscritos à recorrente temática central da qualificação.

Rapaz, a cidadania é uma das parte que eu acho mais importante. Eu sei que eu não estou tão apto a repassar cidadania, mas eu passo, eu tento passar o melhor possível, por quê? Por que através da pessoa ser um bom cidadão, né? Não ser cidadão por cidadão, por que cidadão todos nós somos, basta apenas que nós sabemos exercer os nossos direitos e saber os nossos deveres também, que é muito importante. Eu procuro ressaltar isso muito com eles: Saibam, conheçam os direitos de vocês e deveres, isso é muito importante, através disso vocês vão buscar melhorias de vida pra vocês e pra família de vocês... Cidadania é uma coisa muito importante para a vida deles, por que lá no nosso bairro eles se sentem desvalorizados, não se sentem cidadãos (sic). Foi devido ser um bairro que não seja com uma classe muito alta, eles se sentem um pouquinho desvalorizados. (Entrevista JOSÉ SOBRINHO).

E é por isso mesmo que o computador, segundo eles, pode servir como ferramenta para reaver a cidadania

No espaço da EIC, utilizando o computador como ferramenta. Por exemplo, escreviam as sextilhas né? Utilizando o Word aí, "*Meu povo preste atenção, a historia é verdadeira, nesses versos vou contar, a saga da mangabeira, teu nome é engraçado, que parece verdadeiro*". Eu me lembro mais ou menos assim que eles começaram, que trabalharam toda questão da metrificação, aí com esses cordéis ficaram tão orgulhosos que eles produziram. (ENTREVISTA FCO. DOS SANTOS)

Mais uma vez se reforça a ideia de que o trabalho com as temáticas em cada EIC depende de singularidades tanto do público atendido, como dos educadores e da própria

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

outra temática ligada ao tema de cidadania. José é educador social da Integrasol, que é o “Conselho de Integração Social do Planalto Ayrton Senna. É uma Ong que tem patrocinador junto com o CDI e da Visão Mundial, que é o nosso, é um dos nossos maiores apoios”.

O momento que mais me marcou foi quando eu dei a minha 1ª aula de informática. Não tinha me formado ainda em informática, no tempo eu fazia parte de um conselho jovem lá, um grupo de adolescentes. Nesse grupo a gente tinha acabado de ter uma capacitação sobre doenças sexualmente transmissíveis e gênero, né? E os jovens no qual foi dá aula, por que o Alexandre tinha faltado, eles tavam precisando, que eles tavam, um tava longe do outro, não tava conversando, não tinha aquela valorização da turma. Ai eu comecei logo falando com eles, mostrando pra eles que não era aquilo, mostrando o que o computador podia trazer de informação pra gente. (Entrevista José Sobrinho)

Para os monitores, entretanto, a ideia da democratização pode ganhar outros contornos

No nosso bairro muitos dos jovens pensam que como o CDI surgiu pra democratizar a informática, não pra aquela classe média, alta, mas pra classe menos favorecida né? Muitos assim no nosso bairro infelizmente, muitos não tem essa consciência, que aquela pessoa que não tem uma renda boa, ele pode conhecer informática e através daquela informação um emprego bom. Esses daí acham: ‘Bom se eu tenho uma condiçõzinha; eu tenho um curso de informática, eu consigo um emprego; aquele que não tem nada, tem pouca coisa, não tem uma casa boa, ele não vai conseguir nada!’ Assim isso vem transformando né? Muitos hoje pensam assim: ‘Aquele ‘caba’ ali pode ser melhor que eu’. Por que assim se ele tiver um curso de informática, vem procurar informação, ele vai encontrar e vai ser melhor do que eu, basta querer. E isso vem transformando e assim se vai levando.

Quando eles falam em democratização é não deixar a informática (...) só pra aquela classe, mas botar informática pra todo mundo, pra que todo mundo tenha acesso mesmo. Não seja... Você procure democratizar a informática para, aquela criança que não tem uma qualidade de vida boa, não tem uma casa boa, tem uma família desestruturada. Dar informática pra aquela criança pra que ela procure assim, ter um conhecimento e que também através da informática ela possa ir aprendendo, mudando, buscando conhecimento. (ENTREVISTA JOSÉ SOBRINHO)

Bom democratizar para mim, é tornar viável a todos participar de algo, e o projeto do CDI é isso trazer para aqueles que não tem acesso a informática a oportunidade de participar, de conhecer e aprender e acho que isso é de suma importância para o mundo que vivemos hoje onde tudo é informatizado. (ENTREVISTA BRENO)

Nota-se, então, a relação íntima entre os conceitos de cidadania e democratização compreendidos pelos partícipes ou mesmo educandos do CDI. Além disso, a ideia de conflito figura sutilmente nos discursos dos entrevistados, o que nos suscita que a informática poderia protagonizar uma tensão interclasses sociais.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

*g) A heterogeneidade etária das turmas*

Nas turmas que acompanhamos ficou evidente ainda que a heterogeneidade da turma no critério etário foi um dos elementos mais obstaculizadores do sucesso nas dinâmicas em sala. É que as temáticas, os textos, a linguagem usada são inequivocamente jovens, o que distancia a participação dos mais velhos. Percebemos inúmeras vezes que os alunos mais velhos não se empenhavam ou simplesmente não compreendiam algumas atividades centradas em elementos da cultura juvenil, causando então uma quebra no ritmo das aulas. Acompanhamos o trabalho feito pelo professor Wesley com um texto que trazia a letra da música “Perfeição”, do grupo de *rock* brasileiro “Legião Urbana”. A letra se refere de forma irônica a vários problemas da sociedade brasileira, porém, quando foi perguntada pelo professor sobre a interpretação da letra (que deveria ter sido feita na aula passada), uma das alunas, já fora da faixa de estudo aqui pretendida, respondeu com forte tom de desdém: “eu não analisei foi nada!”. E continuou falando sobre problemas pessoais como um problema em um computador pessoal em sua casa. Enquanto isso, um dos jovens pergunta se a música em questão era música de igreja. Estes comentários desfocados impeliam o professor a expressar a sua interpretação do texto, como muitas vezes se repetiu no curso, quase sempre redundando em um veredicto implacável sobre os problemas nacionais: a culpa dos políticos brasileiros.

*h) A rotatividade dos monitores*

Ao relatar sobre os problemas administrativos da condição específica do trabalho de qualificação de monitores, Ana Paula refere-se ao problema da elevada rotatividade dos educadores

A gente tem todo um trabalho de capacitação, de formação. Aí o educador passa 2 meses, 3 meses, termina o curso e vai embora né? Aí nem sempre quando a gente precisa ocupar o espaço, as aulas precisam continuar na maioria das vezes as turmas ficam em andamento no meio do caminho. A gente precisa tapar o buraco propriamente dito né? E aí muitas vezes a gente não tem condição de formar o educador antes dele ir pra sala de aula. (...) Outra coisa que a gente vê também é a questão da disponibilidade de tempo desse educador, é a entidade ele, ela... Sufoca muito o educador. A gente tá vendo muito isso né? Ela sufoca, toma o tempo pra se aprimorar, pra se formar grupo de estudos, pra tá buscando inovação pra esses cursos pra, pra, pra os cursos de informática que a gente tem percebido nas visitas né? Tem um papel fundamental né? Na formação.

(ENTREVISTA ANA PAULA)

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

### 4.3.2 Das Conquistas

Toda a luta contra as dificuldades citadas anteriormente têm como síntese a produção de conquistas coletivas de grande significado politicossociológico como também pedagógico. De maneira geral, podemos afirmar que as principais conquistas deste árduo trabalho de cooperação entre educadores e educandos são justamente:

- A) a incorporação de novos conceitos e atitudes (por parte dos educandos) e**
- B) o fortalecimento de laços culturais e vivências cidadãs**

#### 4.3.2.1 A incorporação de novos conceitos e atitudes

Mesmo com todas as adversidades com as quais se deparam os monitores no decurso de suas aulas, na tentativa de se adequarem à metodologia do CDI e de lidarem com as inúmeras variáveis presentes em sala de aula, na percepção destes, o trabalho de **mudança de conduta política dos jovens** se verifica profícuo, sendo uma grande conquista.

Hoje em dia os jovens são mais conscientes, jovens determinados. Que são determinados mesmo, mostram que querem, o que vão conseguir, conseguem, né? Jovens que procuram informações. Hoje em dia temos, são quatro jovens na instituição que nos ajudam voluntariando, né? E eles dia de sexta-feira que é dia do planejamento, eles vão pra Internet lá na sala, procuram informações de como fazer um plano de aula, de como procurar informações pra tentar passar para as crianças. Eu acho muito interessante, né? Por que eles tão procurando informações. Eles tão procurando se aprimorar, isso eu acho bastante legal da parte deles. Eles tão buscando informação pra passar pros educandos, não dão aula chata, tão lá fazendo seu plano de aula, tão se esforçando, tão mostrando que querem e que sabem fazer. Esses dias mesmo foi um grupo de jovens lá na sala de informática pedir pra fazer um ofício para (risos), para a saída de um dos professores duma das escolas de lá; por que o professor não tava ensinando, ele estavam conversando em sala de aula. Isso numa escola pública. Eles foram mostrar que queriam fazer o ofício. Eu, rapaz, pode fazer! Esteja à vontade! Separei uma máquina pra eles irem lá fazendo. Aí construíram o ofício. (...) Aí eles mandaram pra secretaria, pra Seduc. Pra mostrar que eles têm uma coisinha. (ENTREVISTA JOSÉ SOBRINHO)

Ah você ver e conviver com situações onde existem problemas socioeconômicos é muito interessante e enriquecedor, até existe uma valorização do seu trabalho, do ser e da vida. Grandes êxitos é quando conseguimos trazer os alunos e os fazemos abraçar a idéia e falhas quando perdemos alunos, quando eles não tem motivação e não a buscam. Ah, um grande momento foi quando pude desenvolver bastante uma turma e que eles participaram ativamente nas discussões e atividades propostas, outro grande momento foi as capacitações, uma que teve em Caucaia onde trabalhamos bastante, visitamos comunidades veio uma equipe do CDI do Rio de Janeiro e foi muito educativo e bom e foi onde aprendemos mais sobre a pedagogia de Paulo Freire. (ENTREVISTA BRENO)

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Assim, o sucesso ou fracasso do trabalho das Eics não pode ser medido apenas por um procedimento formal, uma prova escrita que cubra a dimensão conceitual dos conteúdos dispostos nas aulas. Além disso, nem nossa metodologia nem o foco do nosso trabalho, tampouco nosso paradigma orientador, têm a preocupação de comparar os conceitos “corretos” e “errados” sobre o que os educandos e educadores sabem sobre cidadania, democracia etc. O enriquecedor deste trabalho é justamente crescer com as formulações e conceitos produzidos pelos agentes, que estão impregnados do *modi operandi* e *modi vivendi* relativos aos seus locais sociais que têm por base os conceitos inicialmente trabalhados em sala pelo CDI. Entre os exemplos mais notáveis nos ganhos em cidadania suscitados pelos educadores, destacamos a criação do fórum de cidadania de Fco. Silva

Inclusive eu sempre convidava pessoas pra tá trabalhando temas diferentes sabe? Eu digo que não sou detentor do conhecimento, sabe? Eu sempre convido amigos meus, pessoas que eu conheci em outras instituições pra tá trabalhando esses temas. inclusive eles mesmos, eles discutem entre si. Uma coisa que a gente chamou... Nós tivemos um tempo de reuniões que a gente chamava de fórum, **fórum da cidadania**. Eles colocaram o nome: Fórum da cidadania e eu estava constantemente discutindo o tema voltado pra essa área, era política. (ENTREVISTA FCO. SILVA)

Nestes fóruns de cidadania, o diálogo é o elemento fundamental e as temáticas são escolhidas pelos próprios educadores. Interessante neste exemplo é que o conceito de cidadania sai da sala de aula e ganha vida não somente com a mudança de posição dos educandos, mas também na conduta pro ativa e compromissada de alguns educadores. Esta liberdade, própria da iniciativa do CDI, parece promover o desenvolvimento de ideias criativas e iniciativas práticas, nas quais se ressaltam a consciência do papel social e a condição de assumir o compromisso com a mudança comunitária e pessoal, tanto por parte dos educandos como dos educadores. Por isso a cidadania é

Uma via de mão dupla tá? Eu vejo dessa maneira. O CDI ele já vê essa questão de educar as pessoas, eu vejo dessa maneira, porque tudo que a gente faz é trabalhar realmente a educação das pessoas sob determinado sistema, por exemplo, as pessoas jogam lixo na rua por que não tem uma educação pra isso tá? Às vezes as pessoas não sabem ouvir as outras porque não foram educadas pra aprender a ouvir as outras. No grupo, no grupo que a gente trabalha lá, uma coisa que eu sempre incentivo, quando alguém tá falando as pessoas devem procurar ouvir, sabe? Eles já vão aprendendo a ouvir desde aí. Aí quando termina o curso eles saem completamente transformados. Quando vão falar, levantam a mão. Eu sempre digo isso, às vezes na discussão, quando pega fogo, sabe, aí todo mundo quer falar ao mesmo tempo, aí logo no início eu sempre digo, olha gente quando você for falar, você se inscreve, levante a mão, eu anoto seu nome aí pronto, eu vou dando a ordem. (ENTREVISTA FCO. SILVA)

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Além disso, outras experiências como a visita a escolas da comunidade e a incitação aos debates sobre temáticas de interesse comum refletem esta mesma tendência democrática assumida aos poucos pelos educandos e relacionada com as iniciativas dos educadores

Nós fizemos um trabalho... Agente chama de **mergulho**, na escola de ensino médio lá da Mangabeira, nós fizemos um debate jovem, sob três níveis, pegamos alunos do 1º, 2º e 3º ano. Nós fizemos um trabalho dentro da Escola Manuel Ferreira, pegamos aluno do ensino médio. Aí o tema que eles escolheram foi essa questão de jovens, o que é ser jovem, tal. Aí nós escolhemos a música do Charlie Brown Jr. [Não é sério] Não sei se você conhece, "... Eu vejo na TV que o que eles falam sobre o jovem não é sério, o jovem no..." Nós usamos essa música pra iniciar eles ouviam a música, daí eles iam pegando aquelas partes que eles concordavam, que eles discordavam e etc. isso num grupo grande, sabe? Eu iniciei a questão da discussão, passei a bola pros educandos, eles assumiram toda discussão, tudo o que eles aprenderam dentro da sala de aula eles utilizaram lá, sabe por que às vezes quando o assunto era polêmico, sexualidade, drogas e religião, pegava fogo. Aí eles; olha gente, por favor... Uma coisa que a gente tinha aprendido no curso, quando você quer falar levanta a mão. A forma, até a forma dura deles falarem, mas pela questão mesmo de hábito, você sabe que o cearense fala um pouco, às vezes acha que é ignorante né? Mas é questão de falar alto mesmo né? Eles mesmos já tavam passando o que aprenderam sobre a questão de trabalhar em grupo. (ENTREVISTA FCO. SILVA).

O esforço de todos que trabalham na ONG é grande e sério, mas escapa às suas mãos a garantia de uma modificação na forma de ver o mundo por parte destes jovens, uma vez que não se pode ultrapassar a linha tênue que existe entre instrução ou encorajamento e a perda do livre arbítrio; ou seja, a metodologia estimula uma mudança de comportamento, ensina uma alteração na atitude cotidiana, mas não pode garanti-la ou forçá-la. Ainda assim os resultados são mais expressivos se houver uma adequação mútua entre a comunidade, os monitores e os educandos, como citado antes, especialmente se o foco principal é o protagonismo juvenil.

Acho que o que é mais importante realmente é a formação das pessoas. Pessoas que teve aquela formação cidadã realmente. Uma coisa de preocupação com a comunidade, uma coisa de tornar eles protagonistas, que eles saiam do 'status' de, lance estático né? Alguém parado, que ficava observando os problemas se acumularem na frente. Torna-se alguém que vai fazer a diferença ali dentro. Somente em ser protagonista é uma grande diferença. (ENTREVISTA FCO. SILVA).

Por este motivo, para os monitores de maneira geral, as principais transformações propiciadas pela metodologia das EICs não se expressam, necessariamente, na sala de aula, pois se verifica como uma espécie de bagagem cultural de que os jovens mais inquietos podem dispor caso sejam avessos a indolência e apatia.

Um dos elementos mais instáveis da realidade prática da sala de aula da EIC estudada, mas que não é uma realidade exclusiva desta - podendo facilmente ser comprovada no próprio

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

sistema do ensino médio - é referente à real assimilação dos conceitos trabalhados. Neste sentido, com João Carlos, a definição de cidadania escapa e assume contornos vagos:

o tipo de cidadania que a gente aprendeu? Ih, a gente aqui pode, aqui a gente pode ajudar os que vem de fora, né? Ensinando o que a gente aprendeu. Passando os nossos conhecimentos pra eles, né? Várias outras coisas que eu num tô lembrando agora... Me ajuda aí! Me ajuda aí! Tem que falar...? Eu não tive a oportunidade de fazer uma boa ação com a ajuda do computador, né. (ENTREVISTA JOÃO CARLOS)

Com um pouco mais de insistência na entrevista, foi possível colher uma experiência marcante do que João chamava de cidadania por meio da informática.

Eu agora tô me lembrando; Na minha escola, eu já fiz um negócio no computador falando sobre drogas. As drogas, é como a gente pode pará um pouco, eh, as violências no negócio de drogas dando... Eu ia em outros colégios perguntando o que achava sobre drogas; Se eles já tinham experimentado drogas; Se alguém tinha oferecido, é isso. Já fiz isso mas, agora que eu lembrei, né? Foi do colégio, colégio mesmo, colégio. Foi um professor; Até gravado, botaram lá pra gente vê a gente mesmo falando, perguntando, vendo depoimento de outras escolas. É isso aí! (ENTREVISTA JOÃO CARLOS)

Notemos, pois, que o exemplo mais marcante de experiência cidadã com o computador não estava relacionada com a EIC ou mesmo o projeto do CDI. Isso ficou mais claro, quando perguntamos de que maneira o PC poderia ser usado de forma cidadã. Além disso, fica evidente que os lapsos de memória do educando sobre as vivências cidadãs na O.N.G. se dão porque estas não foram marcantes ou significativas para ele mas, de qualquer maneira, J. Carlos se refere aos colegas da comunidade e às possibilidades oferecidas pela informática cidadã?

Um espaço grande, poderia servir pra muitos cursos, por que varia gente, vários jovens que não, não conhece aqui, né? Vários amigos meus que não fazia cursos, eles, eles achavam que a vida era só rua, rua. Aí eles não, não tinham a capacidade de ver que tinha outros cantos pra eles se ocupar em fazer alguma coisa. Aí vários deles entraram para o mundo das drogas né? Por que eles achava que não, não tinha nada pra eles. Não tinha uma responsabilidade pra vir né? fazer curso, ocupar alguma coisa na vida. Só queria saber de rua, brincadeira, num tinha responsabilidade com nada. Aí muitos deles entraram no mundo da droga, roubando... (ENTREVISTA JOÃO CARLOS)

Como pesquisador, tínhamos uma percepção clara, no início deste trabalho, de que o fato de a EIC-ACF se localizar a menos de cem metros da Câmara dos Vereadores de Fortaleza seria um fator essencial para a participação política dos educandos, assim como uma fonte de inspiração para visitas, diálogos ou reclamações físicas ou virtuais. Quando

comunidade, de usar esse conhecimento para se fazer ouvir pelos políticos, a resposta foi negativa em todos os sentidos. Ainda assim, porém, o educando se posicionava sobre as possibilidades de transformação social suscitadas pelo uso da informática nos moldes propostos pela ONG.

Também a democracia é alvo das temáticas principais no trabalho do CDI, sendo um dos seus alicerces, já que a própria razão de ser da ONG é democratizar o acesso a uma tecnologia influente, fundamental, mas ainda segregadora e elitizada. A fixação de conceitos, no entanto, às vezes parece não lograr os resultados esperados.

Eu também não conheço muito nível de democracia, né? Foi passado, percebia no momento, outros não percebia. Eu, eu não tenho muito conhecimento, negócio de democracia. Esqueci de algumas coisas que ele falou que é importante. Que no momento eu não tô lembrado né, sobre democracia. É isso aí... (risos)  
(ENTREVISTA JOÃO CARLOS)

a noção de democracia é o quê, pra mim, eu não tô achando no exato momento. Pelo, pelo fato de você aprender, deve ser isso. Ehhh, eu, antes não sabia de nada, certo e, eu passei a fazer esse curso e já tô sabendo mais alguma coisa até que eu não sabia. Acho que é, sei lá. Mais ou menos isso. É ligado ao conhecimento. A informação, você pode mexer no computador e saber notícias do mundo, saber notícias de pessoas de fora... (ENTREVISTA RICARDO)

Além disso, outras dificuldades se somam à incorporação de uma cultura política e democrática nos jovens:

Realmente tem uma, uma dificuldade muito grande porque, acho que de cultura né? Não nem aí pro que tá acontecendo. Eles querem tá num curso de informática né? E assim existe uma parte que realmente incorpora assim, com bastante tenacidade e a gente vê isso naquela galera que é engajada em movimentos sociais da igreja. Aquele povo ali, ele realmente incorpora com mais garra, com mais vontade. Aquele que fica ali, baseado em nada, que fica inerte, dá mais um pouco de trabalho pro educador, mas ele consegue. (ENTREVISTA CHARLES)

Eu vejo uma aceitação também muito boa quando a entidade oferece esses cursos gratuitos. Quando são entidades que já trabalham com vários projetos, desenvolvem vários projetos dentro da entidade e oferecem gratuitos pra comunidade. Até porque eles já estão no ritmo da entidade, das regras. E assim nesse tipo de parceria a gente vê assim uma aceitação 100% , com frutos muito bons. Agora pras comunidades que precisam se sustentar através das mensalidades é que a gente encontra uma certa rejeição pela comunidade. (ENTREVISTA ANA PAULA)

Há um elemento decisivo, todavia que deve ser levado em consideração: a assimilação dos conceitos políticos por parte dos jovens do CDI (e talvez isto não se limite somente a estes) não deve ser medida nem pela capacidade de guardar definições na memória tampouco de fazer menções a intelectuais consagrados da Ciência Política. Compreendemos, a duras

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

penas, que havia muito no discurso dos jovens que deveria ser considerado como êxito da metodologia do CDI, mesmo que em aparência os resultados se apresentassem insuficientes.

Todo problema radica na capacidade de perceber de que forma estes conceitos são incorporados, o que, em suma, difere totalmente da forma como na Academia se costuma considerar certo conhecimento assimilado e o saber de alguém legitimado incontestavelmente.

Percebemos, então, que se deveria procurar os conceitos de democracia e cidadania diluídos em práticas e atitudes extrassala que tiveram seu gatilho nas aulas da EIC. Como Freire (*op.cit*) exprime, o saber é justificado e legitimado não por discursos repletos de arrogância farisaica, mas por meio da “corporeificação” da palavra pela ação.

Muitos não acreditam neles mesmos, mas com o trabalho que o Integrassol vem desenvolvendo a gente já vai sentindo a mudança. Essa mudança tá mostrando outra realidade e já agora tão confiante. As crianças de antigamente são os jovens de hoje e esses jovens de hoje já mostram que tem capacidade: “Eu posso fazer concurso público e passar!” Eles querem correr atrás. (ENTREVISTA JOSÉ SOBRINHO)

A cidadania, então, efetivamente expressa nas aulas de informática e cidadania, e que surge como resultado destas, deve ser buscada mais em detalhes cotidianos, às vezes mínimos, do que em grandes questões de participação em esferas formais do poder ou nas questões mais profundas dos direitos e deveres. Apesar de o computador ser um trampolim neste processo, em algumas experiências, ele é o meio principal de expressão destes elementos de cidadania dos jovens em condição de vulnerabilidade

hoje em dia, nós temos um mundo digital né? Um *site* muito conhecido é o Orkut né? E esse *site* a gente procura não trabalhar muito em cima dele. Procura trabalhar essa questão dele trabalhar o *marketing* deles [educandos], tipo: um *blog*, né? Fazer um *blog* pessoal; eu já fiz um, o meu. Mostrei pra eles como é que seria um *blog* né? Mostrar sonhos, fatos. Até mesmo a Ana Paula exigiu; foi semana passada ela me falou que ia lançar um *blog* contra a violência, né? A criança e adolescente e eu tava dando uma olhadinha e mostrei pros educandos e acharam muito interessante. E eles viram que é simples. “- Se eles podem fazer eu também posso!” É claro que surge aqueles empencilhozinho, mas eles: “- Não! Dá pra fazer!” (ENTREVISTA JOSÉ SOBRINHO).

Esta riqueza de conteúdos constante nas relações monitor/educando pode migrar para o mundo digital e proporcionar uma série de possibilidades que poderíamos chamar de genuinamente cidadãs. Isto ocorre ainda com o auxílio de um número cada vez maior de recursos disponíveis pelo mundo digital como *blogs*, fotografias em *pixels*, discussões e palestras gravadas em vídeo ou em áudio mp3.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Mais uma vez, o trabalho do monitor é essencial, e para esta mudança de conduta nos educandos sua aproximação e empatia são determinantes.

Isso foi uma experiência que me marcou por que no final um deles disse assim: “- Cara, tua aula foi muito boa! Foi massa; Gostei do jeito que tu ensinou! Agora a turma ficou mais entrosada, começou mais a se falar, começaram a brincar!” Isso eu me senti bem, né? Por que a primeira experiência, a minha primeira experiência pra dá aula e deu certo. Eles gostaram da aula por que eu não dei aula de informática por informática, isso é muito, fácil, qualquer um pode fazer tendo um pouco conhecimento. *Agora tu dar informática e transformar a vida de uma pessoa é que é difícil.* E quando você consegue fazer nem que seja um pedacinho, você fica com o coração mais leve, você se enche de alegria, né? Eu acho...! Eu gostei! (ENTREVISTA JOSÉ SOBRINHO)

E, mesmo com as inúmeras adversidades vividas pelos educadores citadas anteriormente, todos parecem acreditar no êxito e funcionamento da metodologia

Olha não só os jovens como também os adultos, melhor idade e até crianças estão envolvidos nessa “democratização”, pois fazem parte... eles são o público desse projeto. E eles adoram porque tudo hoje envolve a informática tanto o lazer como o trabalho e é bom porque diante disso, dessa oportunidade que eles têm vemos o esforço e a dedicação. Sim nós conseguimos perceber um certo amadurecimento a medida que vamos desenvolvendo o projeto e principalmente nos trabalhos e discussões levantadas sobre atualização e aspectos da nossa sociedade. (ENTREVISTA BRENO).

Como, porém, os educandos se percebem ao sair do curso de informática fornecido pela EIC? Quais seriam as modificações na conduta e na noção que eles tinham sobre a informática e as temáticas expressas nas aulas durante os três meses do módulo? Quais as modificações efetivas de conduta?

As mudanças é... Você tem a necessidade de conversar com alguém... Só que pelo computador. É pelo MSN, entendeu, a trabalho ou a namoro ou queira saber dos amigos. É... Também o quê... Conhecimento em si, o que você vai utilizar. Pra quê? Você entra num, num, numa sala de informática tem um objetivo: Ah, eu vou estudar pra isso! Ah, eu vou estudar, né, entendeu? O meu objetivo foi o quê? Conhecer, somar, aprender, talvez num tinha na minha, na minha concepção que eu ia ser professor, mas passar pras pessoas e... Aprimorar, pra quê? Pra, pro trabalho, pra área de emprego... Por que, na minha casa necessita muito disso. Então desde o início que eu tento fazer cursos e cursos pra tá mais apto ao emprego. Acho que é isso. (ENTREVISTA RICARDO).

Desta forma, percebe-se que uma das mudanças mais evidentes é justamente aquela ligada ao cotidiano dos educandos no que diz respeito ao crescimento ou ao despertar de uma *sociabilidade virtual* sem fronteiras ou amarras. Nesta dita sociabilidade, em aparência, os conteúdos estão muito mais próximos do entretenimento e das conversas amenas do que da

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

articulação política, mobilização por interesses comunitários ou de qualquer outra maneira mais aguda de expressão prática de um ganho na consciência por ocasião do que oportuniza a ONG. O *software* de troca de mensagens instantâneas MSN e o programa de relacionamentos ORKUT são uma verdadeira febre quase irresistível para os adolescentes que adentram o mundo da informática. Estes elementos constituem poderosas ferramentas de sociabilidade postas nas mãos de jovens sedentos por interatividade, autoexpressão, formulação de suas identidades sociais ligadas à socialização secundária etc. Geralmente a visão que se tem destes programas é negativa por parte dos monitores

Particularmente não gosto do Orkut. Por quê? Porque o Orkut, eu acho que a pessoa fica muito impregnada naquele, naquela coisinha, vai ali não expande conhecimento, pensa que se comunica, mas... Digitar palavras erradas, qualquer um digita. Você tem que digitar palavras corretas, porque no mercado de trabalho quer que você digite palavras corretas. Você digitar 'você', digita 'vc', aí como é que vai botar numa redação, 'vc'. Não dá! E, ainda mais o Orkut, assim eu acho que atrapalha muito na questão do 'enxerimento' das pessoas, você invade a privacidade, manda mensagens que num tem nada a ver né?E também tem a questãozinha muito dos vírus né? Que hoje em dia tá demais no mercado. O mundo digital hoje, basicamente setenta, eu vou dá uma porcentagem, no meu ver 75% dessas mensagens que eles mandam contém vírus. (ENTREVISTA JOSÉ SOBRINHO)

Não por outro motivo, trabalhamos esta temática de sociabilidade digital no segundo capítulo deste trabalho, compreendendo que seu aprofundamento apontam para uma descoberta significativa e interpretativa daquilo com o qual nos deparamos quando dentro das salas de aulas de informática.

#### 4.2.2.2 O fortalecimento de laços culturais e vivências cidadãs

O acréscimo de interatividade e a forma lúdica com a qual certos jovens se apropriam desta deixa encoberto um desenvolvimento expressivo de *autoconfiança* e *autopercção* que em sua essência está ligado com o mundo da cidadania. Em atividades simples, com o uso do computador, pode haver um desenvolvimento de várias potencialidades humanas naqueles jovens, como no exemplo do cordel desenvolvido por alunos da EIC Mangabeira.

o cordel em si, ele se eu não me engano, ele tem que ter no mínimo trinta, trinta sextilhas né? Não ser além disso, mas por regra tem que ter trinta sextilhas né? A gente dividiu em duplas onde cada dupla ia escrever uma parte do cordel certo. Um exemplo, esse pessoal, vocês aqui vai escrever a primeira parte, aí dividiu também o início, meio e fim. Vocês vão falar o início da Mangabeira, e aí essa parte aqui ele vai dizer por que recebeu o nome e tal, o quê é que acha do nome e o quê que a comunidade acha disso, mas o interessante disso tudo é que além da **pesquisa da história**, nós também fizemos uma **pesquisa socioeconômica** da comunidade.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

quantas desempregadas, quê que as pessoas acham que poderia melhorar no bairro e tudo isso a gente colocou dentro do cordel, sabe? (ENTREVISTA FCO. SILVA)

Nesta busca pela cidadania vale de tudo: pesquisas sobre a história da comunidade, gravação de relatos dos mais idosos, pesquisas socioeconômicas que ajudam o jovem a ter contato com os problemas de sua comunidade de maneira mais ampla e, o que talvez seja o mais importante, mais ativa.

Aí ficou descoberto que realmente o grande problema da comunidade é a questão da empregabilidade, principalmente entre os jovens, né? O famoso sonhado primeiro emprego, que é difícil, né? Aí a gente fez, pegou todas as informações com o grupo lá, uma média de quarenta alunos, a gente dividiu, né? E ficou o cordel. Aí ficou o cordel como a gente atende a duas comunidade, aí uma ficou enciumada, porque era... A gente atende na EIC o pessoal da Mangabeira e o pessoal da Precabura... Aí nós pensamos, então vamos fazer também o cordel com a história da Precabura. E Funcionou! Inclusive ficou, achei mais interessante, porque a Precabura a gente descobriu é de origem indígena e que os índios habitaram aquela região. Inclusive ficou bem interessante uma parte que eles escreveram assim, diz assim: Mais ou menos que falava sobre... *“Quem nunca ouviu falar, da índia Iracema, o amor ou... Seu povo era o seu dilema...”* Ou seja, eles pegaram uma parte do livro de José de Alencar e retiraram mais ou menos a vida do índio ali dentro da Precabura e ficou muito legal, ficou muito bom... (ENTREVISTA FCO. SILVA)

O que em aparência seria uma escola de informática se transforma em escola com os contornos de cidadania, e matérias como História, Matemática, Português assumem nuances mais atraentes, propiciando sua assimilação. Além disso, a aproximação que se tem do mundo em que se vive reflete um processo de desalienação que vem à tona em meio destas atividades aparentemente inocentes e lúdicas entre educadores e os jovens.

Eles ficaram com tanto orgulho da comunidade, por causa do nome, eles descobriram coisas que eles ao sabiam, sabe? Aí teve que percorrer todas as escolas, pessoas ficaram conhecendo, ficaram sabendo inclusive, fomos nas escolas, distribuimos, pros alunos o nosso, o nosso cordel. Ficou bem legal ou seja, uma **valorização da história da comunidade**, coisa que não tinha sido feita ainda. Inclusive utilizando uma coisa que é tão popular que é o cordel, né? Coisa nossa. Foram feitos dois mil exemplares! Com dinheiro da Fundação Alphaville. (ENTREVISTA FCO. SILVA)

É neste sentido que há um ganho efetivo em cidadania e em modificação da conduta por meio das atividades desenvolvidas no CDI:

(...) só eles se conscientizando, aprendendo a manusear o computador, se valorizando, buscando essa valorização como pessoa. Acho que pesa muito. Um pouco de cada. As duas partes iguais. O técnico e o cidadão. Aí faz a diferença. Acho que as pessoas já têm, pensam diferente, claro. Na minha visão, eu vejo a cidadania como uma via de mão dupla... Porque quando nós seres humanos pensamos somente em nós mesmos, aí nos tornamos muito egoístas né? Querendo ser melhor que todos. Eu que, eu que me dando bem, é o que importa resto que se dane! Muitas pessoas até pensam assim, e quando eu fazia um trabalho voluntário às

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

peessoas diziam assim: Rapaz deixa de ser besta, tá trabalhando de graça pro outros, aí eu dizia, ah, mas eu não tô trabalhando pros outros, eu tô trabalhando pra comunidade. Aí as pessoas diziam, e a comunidade vai te dar de comer? Vai te dar o que vestir? Mas eu vejo da seguinte forma... Ouvi isso de pessoas próximo à mim, até mesmo de pessoas da comunidade, sabe? Tinham essa crítica... Quando eu procuro fazer algo, pra o crescimento da comunidade... Isso vai ter retorno, com certeza. As pessoas também vão, vão se conscientizar, vão aprender que eles fazendo um trabalho que venha beneficiar, não somente eles, mas beneficiar a todos, há um desenvolvimento positivo. As pessoas verem... que trabalhando em prol de todos, com certeza daquele todo ali, **embora muitos não retribuam, mas escapando 2 ou 3 já é uma grande diferença, eu vejo isso.**

Em uma das situações de dificuldades, como alunos usuários de drogas, Francisco relata como agiu

(...) nessa turma eu tenho um rapaz que é usuário, certo? Mas uma coisa que ele nunca precisou dizer sabe? Agente vê na cara, agente vê estampado na cara. Às vezes pela maneira que ele chega na sala de aula, mas isso é discutido. Nós temos temas voltados com isso, temas sobre drogas, sabe? Inclusive numa discussão disseram que a droga é um ponto de fuga, pra alguns deles né? Os jovens, né? Eles nem ligam pra gente né? Os jovens usam drogas, às vezes por que realmente é como um ponto de fuga, sabe? Por que às vezes são **discriminados pela sociedade**, ninguém dá **oportunidade** e etc. E sabe que é errado. Também já peguei alunos que já participaram de roubo, inclusive alguém chegou pra mim e disse assim: Francisco, toma cuidado com fulano que ele tem a fama de ladrão. Aí eu digo assim: Olha ele tá ali dentro, ele é um educando, ele tá ali! Principalmente a gente dá um voto de confiança, dá uma oportunidade pra ele vê o quê que ele vai sentir diferente. Inclusive eu não via perigo nenhum, às vezes, por exemplo, às vezes eu ia atender alguém lá fora, deixava meu celular, deixava às vezes minha carteira em cima da mesa, só que os alunos quando a gente saía, eles... Eu, eu deixava por confiança. Por que se eu não confiar nos meus alunos, nos meus educandos, que tipo de educador eu vou tá sendo? eles percebem sabe? O pessoal diz: Professor aí é a maior limpeza! Às vezes eu vou passando, aí é a maior limpeza! (ENTREVISTA FCO. SILVA)

Mediante o exemplo e da confiança, com grandes doses de dedicação e coragem, os monitores podem usar a metodologia e pôr em prática discussões sobre questões problemáticas reais. Nesse caso, os jovens usuários ou em outras condições de conflito com a lei podem ponderar sobre a própria situação, menos como acusado, mais como ser que reflete sobre si. A oportunidade é dada.

Até eles perceberem a mudança e inclusive todo dia eles pedem, faz discussão, aí sempre alguém diz assim: “- **Ah professor (chama de professor né? Igual a gente educador né?), Ah professor uma coisa que eu nunca pensei que eu fosse fazer, fosse falar em público, sabe? A gente fala aqui, tal e tal... Às vezes lá na sala o professor fazia uma pergunta lá no colégio, eu sabia a resposta, mas ficava com vergonha, hoje não, hoje eu falo, debato, discuto, às vezes até mesmo eu fico interrogando o professor. Eu não sabia que eu era capaz disso não!**” Eu disse, “ - olha, isso mostra que realmente vocês tem capacidade, só tá falando, isso”. (Grifo nosso - ENTREVISTA FCO. SILVA)

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Por isto mesmo é que, na percepção dos monitores, a conduta dos educandos muda efetivamente com o trabalho do CDI e das EICs

Muda, muda com certeza, por que inclusive a gente discute muito sobre isso, sabe? Eles vêem a comunidade de uma maneira que eles passam a compreender que eles são responsáveis também por aquilo. Sabe eles passam a valorizar, inclusive eles mudam, que fazem, que falam mal do prefeito, outros que fazem apologia ao prefeito atual, mas eles dizem assim, olha a responsabilidade é nossa, está nas nossas mãos e num fez nada agora. A gente vai lá, vamos pelear, vamos buscar, vamos batalhar por isso. Por que é um direito nosso. Essa questão de querer, bater de frente com quem tá no poder, de maneira nenhuma. **Eles dizem que eles que tem o poder nas mãos, eles podem transformar a comunidade.** (FCO. SILVA)

Esta modificação de conduta também é expressa em casos como os que se seguem, relativos à limpeza urbana, prevenção de doenças etc.

Teve casos em que eles não só mandaram *e-mail* como foram lá! Foram lá. Esses rapazes do projeto da limpeza de rua, Prefeitura... Que fizeram o projeto de limpar a rua... Eles fizeram um *projeto de limpeza de rua*; - **“Francisco, vamo fazer um projeto pra limpar a rua tal, certo?” Pediram permissão, - “a gente vai faltar aula por que dia tal a gente vai lá na Secretaria, Secretaria de Obras”**, eu acho fizeram um ofício né? E foram lá, exigiram que a Prefeitura mandasse alguém pra limpar a rua, por que eles já tinham começado. Eram todos garotos de 16 aos 20 anos. Fizeram um...[ofício] Inclusive pediram até ajuda né? Como fazer ofício, sabe? Utilizaram o Word. **“-Francisco, aqui são quantos espaços? O que é que eu uso, se eu uso ilustríssimo senhor”** Se eu falo não sei o quê, sabe? Eles foram lá, inclusive também as meninas, as meninas fizeram lá uma... Um projeto de... Num vô nem dizer educação sexual, mas de **prevenção**, realmente a doenças sexualmente transmissíveis. Por que duas alunas nossas engravidaram né? ‘Bichinha’, 15, 16 anos engravidaram. Disseram assim, **“- professor vamo fazer um trabalho de conscientização, essas meninas bem novinha, tudo grávida! Vamo começar, como é que seria? Vamo falar de prevenção, tal.”** Aí fizeram um outro ofício; **“- Vamo na Secretaria de Saúde...”** Aí eles fizeram o ofício, **“- a gente queria ir lá na Secretaria de Saúde pedir o material pra ajudar na nossa campanha”** **“- claro, com certeza!”** **“Vamo fazer um ofício?”** **“Vamos!”** Aí foram a Secretaria de Saúde, aí lá vem eles com uma caixa de preservativo, com panfleto e tudo mais sabe?” **“- E aí, aonde é que a gente vai? Vamo na escola.”** Aí pegou o pessoal lá do 3º e 2º ano, fizeram a palestra, pesquisaram, claro né? Arrumaram vídeo, conseguiram documentário, um bocado de coisa e fizeram lá. Foi bem legal. As pessoas, eles eram completamente ingênuas, né? Não tinham uma perspectiva em nada, tanto na questão da perspectiva social, quanto na perspectiva pessoal, não viam nada disso. Com esse trabalho desenvolvido, usando a... Essa questão digital pra ter uma formação cidadã, foi feita realmente uma diferença muito grande na vida deles. Eu vejo isso, não que seja demagogo, hipócrita, mas tudo que eu falo é somente um pouco. Se você pegar... A gente tá falando aqui da formação do homem, Deus criando o homem. Você pegar o barro cru, do jeito que tá ali sabe? E dá uma forma bonita, se formando. Depois eles mesmos vão moldando uns aos outros, fazendo todo esse trabalho. Que quando eles passam a ver que o, a comunidade é formada somente, digamos assim, por umas pessoas, mas sim formada por todos. A diferença fica bem melhor. Por que é uma coisa que se espalha como epidemia. (ENTREVISTA FCO. SILVA)

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Além destes exemplos, há também relatos referentes à perda do medo de enfrentar desafios como o vestibular:

Eles dizem assim: Francisco, eu vou fazer o vestibular; Francisco se eu conseguir emprego; Se eu não conseguir passar na UFC, Vou fazer UECE, Vou fazer UVA, Faculdade Ateneu. Mas eu vejo que uma coisa que dá, que é importante é a gente ter o nível superior. É um incentivo né? (ENTREVISTA FCO. SILVA)

Assim como ocorreram casos efetivos de mudança de nível intelectual e qualificação

Uma pessoa sem oportunidade e dá uma oportunidade a essa pessoa. Inclusive dois aluno, dois alunos meus, que eram praticamente pessoas **analfabeta digital** né? Hoje eles são bolsistas né? Terminaram o curso, tornaram-se voluntários, aí lá nós conseguimos junto à prefeitura dar uma bolsa, uma bolsa simbólica de R\$ 350,00 pra cada um, pra que eles dêem continuidade a isso. Hoje eles fazem curso de manutenção em computadores, começaram mês passado e tão tornando-se, digamos assim pessoas capacitadas, ou seja, a gente pegou pessoas que realmente tavam sem nenhuma perspectiva de vida, sem perspectiva de ser alguém no futuro e tamos fazendo essa transformação. Hoje eles já sabem o que querem o que eles querem ser: Técnicos em hardware.

Mesmo que a qualificação pura e simples seja considerada menos importante do que o trabalho de “cidadania” e que a função das EICs aponte preferencialmente para além das buscas de emprego, não se pode negar que o trabalho é uma expressão clara de cidadania em estado essencial, elemento contemplado pelo curso, como comprovam os relatos aqui expostos. Em adição, temos ainda uma modificação no pensar sobre a própria comunidade, elemento fundamental para a mudança, uma vez que incorpora a ideia de não esperar pelo governo ou apenas atribuir a este o motivo de suas penúrias.

as pessoas elas, olhando agora pra comunidade e aqueles problemas deixam de ser, digamos naturais. Por exemplo, as pessoas lá têm esgoto correndo na porta de casa né? Isso já é normal, é natural, tornou-se banal, problema era banal. Aí com o trabalho de conscientização que a gente vê, que a gente faz dentro da EIC, trabalho pela discussão, eles passam a perceber que realmente não é correto, eles passam a ter uma noção de transformação, eles mesmos passam a trabalhar pra eles. Um grupo de jovens, da comunidade, que eram educandos, eles perceberam que a rua deles tava se transformando num lixão, por quê? As pessoas tavam achando normal jogar lixo lá no meio da rua e eles mesmos chegaram e fizeram: ‘vamo fazer o projeto de limpeza da rua; por que a gente observou e viu que aquilo é um foco de doença, aquilo ali não é correto; vamo conscientizar as pessoas a colocar o lixo no lixo’. Aí fizeram todo a pesquisa do lixo, o que o lixo causa, o que eles poderiam fazer com isso dentro da comunidade, principalmente fizeram lá o trabalho, uma palestra. Fizeram e acabaram limpando a rua, sabe? Colocando latões de lixo lá, tal pra comunidade saber que o lixo tem que tá no lixo. É uma questão realmente de educação. Isso foi um reflexo do trabalho do CDI. Por que nas discussões, que a gente tem... Eles vão vendo, vão como direi, eles vão saindo da escuridão... Saindo da caverna praticamente, eles vão enxergando que muitas vezes aquilo que é normal, não é o certo, seria isso. (ENTREVISTA FCO. SILVA).

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Com efeito, o trabalho conjunto de educadores e educandos, a despeito das inúmeras adversidades pessoais, ambientais, institucionais e sociais, resulta em um ganho incontestável de *cidadania viva*. Esta se expressa principalmente em: incorporações de *novos conceitos e atitudes* ante o desafio do cotidiano, *fortalecimento de laços culturais e vivências cidadãs*, como visto no desenvolvimento de habilidades em *pesquisa histórica, levantamento de dados*, realização de *entrevistas* com lideranças da comunidade, *organização de demandas e reivindicação de direitos* por meio de ofícios, entre outros.

Obviamente, há ainda muitos outros “ganhos cidadãos” não comentados com a profundidade devida. É que alguns destes dividendos ou são demasiado subjetivos e de mensuração difícil (caso da *autoconfiança* e *autoestima*), ou por nossa incapacidade como pesquisador em dispor da sensibilidade etnográfica necessária para tanto.

#### 4.3 Educandos: de contempladores a colhedores

Outro elemento-chave no âmbito analítico da dinâmica atuante das EICs são os educandos, pois estes são a razão de ser da instituição e sua preocupação básica é justamente proporcionar o acesso consciente destas massas de excluídos digitais a todas aquelas promessas latentes no universo digital e informático.

Nossa aproximação com o mundo dos educandos, auxiliado pela delimitação metodológica da faixa etária dos jovens, permitiu a compreensão de várias temáticas referentes a esta verdadeira matéria-prima dos jardineiros-educadores. Nesta parte do trabalho, enfatizamos o esforço conjunto de educadores, administração do CDI e educandos, no sentido de transformação destes últimos de meros contempladores do mundo digital (“analfabites”, excluídos ou autoexcluídos digitalmente, perplexos de mudanças tecnológicas) em colhedores e beneficiários dos bons elementos da rosa digital.

Neste decurso de transformação, podemos identificar etapas ou graus pelos quais a metodologia, as temáticas e uma nova posição diante do mundo, associada a uma nova *Weltanschauung*<sup>99</sup>, vai se desenvolvendo na medida em que estes agentes sociais se desprendem da exclusão digital e ingressam num novo universo de potencialidades cidadãs.

Nesta caminhada, a informática se apresenta como um mundo parcialmente desconhecido, mas sumamente desejado e necessário. Quando perguntado sobre o que mais o

atraía ao computador, o educando João Carlos (16 anos) enfatizou o seu fascínio pela máquina, além das imagens que povoavam seu imaginário.

O que mais me chamou atenção foi como num objeto tão pequeno, a gente pode ver coisas de outros países, cidades, tão rapidamente; notícias, fotos. É isso aí. E também esse negócio de ter vergonha, de não saber mexer, meus amigos tudo mexia e eu ficava olhando. Eu aprendi quase tudo olhando, viu. Tudo o que sei, aqui também, né? Aí meus amigos mandavam mexer, tinha vergonha porque não sabia nada. Isso mesmo... Eu gostava muito de mexer e ver notícias de outros países, músicas, algumas fotos famosas, tudo isso que interessava. Jogar, não. Eu não vejo... Eu jogo, certo, só que eu não vejo muito a possibilidade de jogar assim. É uma, é uma coisa que vicia, eu não, eu falo mais por *e-mail* assim... Eu não tenho nada assim... Eu falo com os meus amigos, eles me dá, aí eu falo com meus amigos de fora. Só isso mesmo. (ENTREVISTA JOÃO CARLOS)

Mesmo sem revelar expressamente seu fascínio por jogos eletrônicos via computador, percebemos que os jovens das turmas que acompanhamos no CDI têm forte atração por este tipo de atividade recreativa, a qual não revelam por vergonha ou medo de repreensão. Particularmente presenciamos o próprio entrevistado junto a Davi, seu colega de turma, visitando *sites* de jogos durante o tempo livre que lhes é concedido antes de cada aula. Além disso, em conversas entre os alunos, mesmo antes das aulas, eram comuns relatos sobre filmes e jogos conseguidos pela *internet* e reproduzidos livremente entre os amigos.

O que pode expressar vergonha nos educandos, entretanto, pode ser utilizado como um sintoma positivo. É que por meio de jogos educativos é possível aproximar os jovens, tão afeitos ao universo digital e naturalmente seduzidos pela linguagem lúdica e dinâmica dos *games*, tanto do mundo digital, aumentando habilidades de manuseio, como daquele “real” e suas demandas de aprendizagem formal: idiomas, Matemática, História etc.

Este fascínio com o mundo digital, contudo, é mais profícuo em seus efeitos se o jovem conta com o apoio dos familiares, aspecto determinante para a chegada dos educandos a uma sala de EIC

(...) tem pais por aí que não deixam seu filho escolher o que quer; O meu pai, por exemplo, ele, tudo o que eu quero, ele me incentiva. Fala que eu sou capaz, se num der certo, pula pra outra coisa, faz... Em educação, meu pai me incentivava muito, me dá conselho. E é isso, essa questão de computador também, por exemplo, quando eu saí daqui, for mexer num computador mais avançado, quase, quase tudo diferente mas, como eu já tinha mais conhecimento com ele, né, pude desenrolar mais o computador. Por que esse computador aqui, é mais antigo, né? Hoje em dia é mais evoluído, sente mais dificuldade de mexer nele, certo? (Entrevista João)

A luta, porém, no início de sua caminhada pela cidadania digital, conta também com algumas adversidades reais, como ilustra o diálogo a seguir:

Renato: E como é a família de vocês? Quais são os principais problemas que vocês tem lá na comunidade?

Ricardo: A desigualdade.

Renato: A desigualdade?

Ricardo: A desigualdade; Como assim, Ricardo? Pelo fato de morar num canto pobre, aquela pessoa que tá lá fora, escuta boatos de pessoas que, por exemplo: São dez, vamos dizer assim, dez; são dez pessoas que fazem o mal, que roubam, que fazem isso, isso, isso e aquilo, vende e... entendeu? Mas, na comunidade, são muitas pessoas honestas, dedicadas, trabalhadoras, entende? Então dez pessoas fazem o mal e acaba, é limitando, prejudicando aquelas pessoas que ficam, trabalham humildemente, honestamente, entendeu?

Deste modo

Acho que é aquela coisa que ficam 'alugando', por que a gente mora num bairro pobre, fica julgando: Não, por que às vezes, ele pode ser um ladrão. Tem, tem preconceito, por que a gente numa coisa, numa coisa pobre, né? Ai fica, fica é...Preconceito... Fica... Além dele se prejudicar, fica, prejudica a gente mesmo, né?  
(ENTREVISTA JOÃO CARLOS)

Esta ponderação do jovem educando já reflete alguns elementos do trabalho feito em sala sobre o combate aos estereótipos sociais e a todas as classes de preconceitos e prenoções. Presenciamos vários momentos em sala específicos neste sentido. O principal deles foi na aplicação de uma dinâmica de aula na qual os jovens deveriam escolher que sobreviventes de um conflito nuclear deveriam estar em um abrigo imaginário dentre uma lista de pessoas, cada uma com características estigmatizantes. Normalmente essa dinâmica atinge o interesse dos educandos imediatamente e o diálogo se torna mais fluído, assim como as temáticas desejadas pelo monitor. O resultado foi a participação massiva dos jovens, uma integração ímpar, até o momento na sala de aula, e a “conscientização” sobre doenças, condições e estigmas sociais, tabus e preconceitos. Os educandos acreditam que este fator “preconceito”, expresso em críticas nas quais se ressaltam os estereótipos, são um verdadeiro estigma social obstaculizador da expressão de sua dignidade e autoestima.

O preconceito prejudica, entendeu? Por quê? Eles não deixam eu me reerguer, me... Eu subir. Então eu fico abalado, eu fico... Ah, eu não vou fazer isso; eu não vou... Fico chateado, fica nas ruas, entendeu? Então, são poucas as pessoas que incentivam a outras a crescer. E é isso que eu vô tentar passar pra aquelas pessoas que eu vô ensinar: Que cresçam que não se deixem abater. Acreditem em si mesmos... A informática, ela pode penetrar dentro, fazer perguntas, enquête e saber o que a população quer, necessita. ou se tem pessoas que são boas e que podem influir para a própria comunidade a que ele tá dentro, entendeu. Pode sim, utilizando o computador pra fazer isso. É... indo... Como é que se diz, instituições; sei lá, indo atrás, perguntando, exigindo do governo, se lá. E utilizando o computador.  
(ENTREVISTA RICARDO)

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

Por este motivo, o incentivo, não somente dos componentes familiares (como relatado anteriormente por João Carlos), mas também dos educadores e metodologia da EIC, é compreendido como decisivo para transpor uma situação de vulnerabilidade social concreta. A importância do incentivo dos educadores é

Demais! Por que você tem que dar incentivo àquela pessoa pra continuar naquilo que ela quer. Se você ensina totalmente, sem democratização, sem a sociedade. Como é, sociedade é? Como é? Você não tá dando aquele incentivo, num tá dando aquela... Aquele pensamento: “- Ah, eu vô continuar que eu gostei, por que o professor me incentivou; Por que eu tenho uma meta e eu quero conseguir!” Entendeu? E é por isso que eu digo pras pessoas, fulano vai em frente, siga, entendeu? Não desista, não pare não e não pense muito, **pense agindo**, entendeu? O que é melhor pra você. Tanto pra você, como pros teus amigos, entendeu? Isso faça o que você gosta. Acredite, acredite em você mesmo, entendeu. Assim como eu acredito em mim e eu sou capaz. Agora, tem que, tem que, como é que se diz? Só depende de você. Como eu tinha dito pra você antes, se você cair a ficha e dizer assim: Ah, eu tenho que fazer isso, por que vai me beneficiar, vai é... (Entrevista Ricardo)

Neste trecho, percebemos a incorporação da ideia de **ação consciente**, não apenas uma reflexão sobre a condição vulnerável, mas uma ação reflexiva. O **Pense agindo** é a expressão de uma ideia forte por meio de um relato casual: a noção de que é preciso pensar e logo agir, refletir sobre a condição precária, mas vencendo a inércia e praticando a transformação da conduta necessária para romper os grilhões sociais da exclusão, seja esta social ou digital, uma vez que ambas estão interligadas intimamente.

A escolha de estudar informática é essencial e lógica para quem não está ainda dentro do circuito de trabalho

Por que no futuro vai servir pra gente, né? Os empregos hoje em dia tá pedindo muito curso de informática, aqui é mais perto de casa, não precisa se deslocar pra outro lugar longe, por isso. Moro pertinho aqui rápido, rápido eu chego aqui... É que minha, minha tia que falou pra mim. Eu já tinha ido atrás de outros, lá onde ele estuda. No tempo lá, não tinha. Aí nós viemos aqui, se inscrevemo, aí nós tamo vindo aqui. Uma verdade existe: A gente não pode ter medo do computador. A gente tem que ... é! A gente confiar nele né. A gente não... Por que a gente que tem medo dele, com medo de mexer, dá algum problema, tudo mais. Aprendi a mexer mesmo. (ENTREVISTA JOÃO CARLOS).

Para os educandos, porém, um dos principais diferenciais do CDI ante as demais escolas de informática que conhecem é justamente a questão do incentivo à ação, a superação de adversidades enfrentadas pelos educandos. Além da qualificação técnica existe algo mais:

Tem dois pontos, a questão dos computadores, certo que é essencial você tá atualizado, pra quê, pra ensinar as pessoas bem, pra que elas vão para casa e tem

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

computador em casa, não se ache estranho com o seu próprio computador, entendeu. Por que não adianta você aprender aqui, ter, ter conhecimento desse computador sendo, que o da sua casa é muito mais avançado e você não vai saber mexer, não vai saber procurar em outros programas, onde é e onde não é. Outro ponto, outro ponto foi o quê, foi a questão lá, ser muito mais eu ter a máquina, entendeu. Não tentar transmitir coisas de incentivo, como eu tava te dizendo, sei lá, cidadania ou democratização, entendeu. Lá é menos, aqui se torna mais, ou seja, é o diferencial. Há uma contradição. (ENTREVISTA RICARDO).

De qualquer maneira, o ganho destes jovens é intenso em vários termos. Desenvolvem novas formas de perceberem a si mesmos e a comunidade, recebem noções de participação, condutas democráticas (como a prática do diálogo), ação na própria comunidade, ação dentro das escolas, família, e um ganho significativo na autopercepção e autoconfiança, como se vê no diálogo a seguir:

Renato: Você sentiu mais autoconfiança depois desse curso?

João: Muita.

Renato: Muita?

João: Muita, porque o resultado, você sabe, né? hoje em dia, ter confiança na gente... Tem gente que diz: Não, faça isso que é melhor. A gente tem que fazer o que gosta, né? Pra mim... É, mudou pra mim, foi só, é... O conhecimento. Eu, eu tinha vontade de aprender. Só o conhecimento mesmo que mudou pra mim. Que como eu já falei (risos), tenho vergonha. Só o conhecimento de mexer. Aquela curiosidade de saber pra quê que o computador servia, que não era só pra jogar, só ver besteira mesmo. Eu espero né, arranjar mais empregos né? Que o que eu aprendi vai me ajudar lá fora né? (Risos)

#### 4.4 Elementos para uma cidadania digital inclusiva

Toda a problemática que envolve a cidadania digital passa necessariamente por outra questão não menos complexa, a inclusão/exclusão digital. Este binômio está sempre ligado, pois vemos esta realidade como indissociável. Na mesma proporção que não se promova a inclusão digital, na mesma medida, a exclusão digital é nossa realidade inelutável.

Um dos problemas principais radica na imprecisão do conceito de inclusão digital, o que muitas vezes se restringe somente ao *acesso* às novas tecnologias, à *qualificação* técnica mínima para seu uso etc. É recorrente ver em vários projetos governamentais, e mesmo da iniciativa privada, que a inclusão se reduz a elementos técnicos, desprezando o aspecto humano e suas dimensões políticas, democráticas. Além disso não é novidade o fato de que a inclusão/exclusão digital está intimamente ligada com a inclusão ou exclusão social, podendo ser desta um de seus substratos.

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

A incapacidade do Estado em assegurar os direitos civis e sociais básicos tem, como conseqüência, a marcante e crescente desigualdade social, a exclusão e a insegurança que assolam a sociedade brasileira. O déficit institucional é resultado de um processo histórico de construção nacional. (BRASIL - Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2003).

Em uma sociedade historicamente marcada por desigualdades e dívidas sociais intensas, as novas condições mundiais e as novas estratégias inclusivas se veem associadas inevitavelmente às novas tecnologias, como plataformas de fluxo de informações tão necessárias à qualificação, comunicação, participação e mesmo entretenimento social das massas.

Assim,

O estudo das estatísticas mostra que as maiores densidades de acesso ao ciberespaço e de uso das tecnologias digitais coincidem com os principais núcleos mundiais de pesquisa científica, de atividade econômica e de transações financeiras. O efeito espontâneo da expansão do ciberespaço é aumentar as capacidades de controle estratégico dos centros de poder tradicionais sobre as redes tecnológicas, econômicas e humanas cada vez mais vastas e dispersas. Ainda assim, uma política voluntarista da parte dos poderes públicos, de coletividades locais, de associações de cidadãos e de grupos de empresários pode colocar o ciberespaço a serviço do desenvolvimento de regiões desfavorecidas, explorando ao máximo seu potencial de inteligência coletiva. (LÉVY, 2000:185).

É inegável a importância da inclusão digital para a conquista de uma sociedade mais equilibrada em termos de oportunidades e preparada para avanços nos níveis educacionais e econômicos. Já não é novidade que as chamadas novas tecnologias podem condicionar ocasiões para o desenvolvimento do que Lévy chamou de “inteligência coletiva”, o que significa um avanço sem precedentes nos níveis de conhecimento e livre fluxo deste por toda a humanidade. O que obstaculiza este avanço é a também conhecida *exclusão digital*, fenômeno que se difunde em variadas matizes, percorrendo áreas ligadas à Economia, Pedagogia, Política, Urbanismo, Cultura etc.

Segundo Costa (2006), pode-se definir exclusão digital como “a falta de capacidade técnica, social, cultural, intelectual e econômica de acesso às novas tecnologias e aos desafios da sociedade da informação”. Neste sentido, o que se encontra em projetos de “inclusão digital” como o dos telecentros, garagem digital e até mesmo o próprio CDI *não* podem ser enquadrados como tal, se é que verdadeiramente queremos usar a adição *inclusão digital* com o rigor atribuído ao conhecimento técnico-científico da Academia.

Por CDI e EICs deve-se entender exatamente o que seu nome supõe: um centro que contribui para a *democratização* da informática., compreendendo por “democratização” a facilidade de acesso aos *recursos básicos* que estão no mundo da informática, e aos *saberes*

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

*técnico-operacionais* elementares à mínima qualificação referentes à manipulação e manutenção de computadores com o sistema operacional mais conhecido do mercado.

Além disso, deve-se incluir no conceito de democratização da informática a facilitação do acesso dos recursos ligados ao mundo dos computadores, levando-se em consideração todos os grupos ou minorias étnicas, econômicas, culturais, como indígenas e quilombolas, pessoas com algum grau de deficiência física, mental etc. Falamos de grupos de cegos, portadores de síndrome de *Down*, “cadeirantes” e todos aqueles que de uma forma leve ou moderada podem ser classificados como PNE (pessoas com necessidades especiais), assim como pessoas em situação de vulnerabilidade social, idosos, portadores de doenças infecto-contagiosas graves (como aidéticos). (SCHLÜZEN: 2005:195).

Assim, ao se falar de democratização digital devemos considerar, teoricamente, uma instituição que estivesse preparada para lidar com toda esta variedade de grupos e tendências, e fazê-lo com a adequação temática, pedagógica, estrutural e arquitetônica.

Além disto, devemos deixar claro que uma coisa é *democratização da informática* no sentido de que o CDI e suas EICs incorporam para dar vida às suas ações sociais. Outra bem diferente é tudo aquilo que se relaciona com o conceito que Lévy chama de “*democracia eletrônica*” a qual,

(...) não se trata de fazer votar instantaneamente uma massa de pessoas *separadas*<sup>100</sup> quanto a proposições simples que lhe seriam submetidas por algum demagogo telegênico, mas sim de incitar a colaboração coletiva e contínua dos problemas e sua solução cooperativa, concreta, o mais próximo possível dos grupos envolvidos. (LÉVY,2000:195).

Somos cômicos de que o projeto do CDI poderia apontar para uma colaboração contínua e coletiva para a solução de problemas da comunidade centrados na ação política articulada e usando o computador como uma ferramenta de apoio. A efetivação de uma cidadania digital e de uma democracia virtual ainda está, entretanto, muito distante da realidade concreta da unidade estudada.

Com isso enfatizamos, primeiramente, que “democratizar” e “incluir” não são conceitos sinônimos como poderia pensar o leigo. Mesmo que o termo “democratizar”, ele mesmo, já seja usado sem profundidade, pois exacerbadamente empregado tanto pela linguagem popular como pela inconsequente verborreia politqueira, podemos atribuí-lo ou associa-lo à atividade feita pelas EICs (senão por todas, ao menos pela unidade que estudamos

neste trabalho). O mesmo não se pode afirmar sobre a inclusão digital em seu sentido mais profundo e exato.

Em segundo lugar, tomemos em conta o fato de que o termo inclusão digital é erroneamente utilizado por várias instituições. Devemos ter em mente que os vocábulos utilizados pelos *experts* em publicidade e propaganda costumam exagerar em conceitos vagos do senso comum e prescindir de definições precisas e cientificamente embasadas.

Pode-se compreender a *inclusão digital* como um processo de várias frentes. Segundo a definição do IBCT/MCT, Inclusão Digital ou infoinclusão é

(...) a democratização do acesso às tecnologias da Informação, de forma a permitir a inserção de todos na sociedade da informação. Entre as estratégias inclusivas estão projetos e ações que facilitam o acesso de pessoas de baixa renda às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). A inclusão digital volta-se também para o desenvolvimento de tecnologias que ampliem a acessibilidade para usuários com deficiência. (MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA *on line*)

Já para Costa

(...) os discursos sobre a inclusão digital podem ser vistos sob esses três aspectos: técnico, cognitivo, e econômico. São diferentes falas sobre os diversos processos atuais que reúnem as novas tecnologias em confronto com a sociedade da informação, num processo que pode ser caracterizado como as diferentes semânticas da inclusão digital. (COSTA, 2006)

**Tabela 4.2**

<b>Inclusão digital: habilidades</b>		
<i>Técnica</i>	<i>Cognitiva</i>	<i>Econômica</i>
Destreza no manuseio do computador, dos principais <i>softwares</i> e do acesso à Internet. Estímulo do capital técnico.	Autonomia e independência no uso complexo das TICs. Visão crítica dos meios, estímulo dos capitais cultural, social e intelectual. Prática social transformadora e consciente. Capacidade de compreender os desafios da sociedade contemporânea.	Capacidade financeira em adquirir e manter computadores e custeio para acesso à rede e <i>softwares</i> básicos. Reforço dos quatro capitais (técnico, social, cultural, intelectual).

Fonte: adaptado de Lemos e Costa 2005

A *técnica* se traduz na qualificação para o uso do computador, no acesso aos programas necessários ao seu funcionamento e à Internet. O aspecto *cognitivo* relaciona as habilidades no uso aprofundado do que o autor chama de Tecnologias de Informação e Comunicação, o que aponta para uma prática social transformadora passível de encontrar

**pdfMachine**  
**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**  
 Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.  
 Get yours now!

respostas para os problemas sociais da atualidade e em sintonia com o que há de mais promissor na sociedade da informação. Por fim o aspecto econômico, referente à base financeira capaz de sustentar os inúmeros custos daquilo que envolve os computadores como programas, periféricos e mídias, assim como lidar com a conhecida obsolescência programada de todos os recursos informáticos, aquilo que faz com que aquela tecnologia que é nova permaneça inovadora por muito pouco tempo. É possível compreender melhor este conceito na leitura da tabela 4.2.

Além disso, poderíamos ampliar a análise para o que significa incluir digitalmente levando em conta os saberes e conhecimentos digitais. Neste sentido, a inclusão digital como conceito mais amplo se desdobrar em a) *uso da máquina*, operações básicas e habituação com a linguagem própria do computador; b) *cognitiva*, resolução de uma situação concreta pela inserção desta dentro do computador no processo de digitalização e c) *transferência de saber* - o saber aprendido em um contexto pode ser utilizado em outro contexto fora do inicial aprendido. Neste ponto, a inclusão digital se torna mais efetiva e plena, pois é no momento em que o indivíduo trafega livremente entre os mundos real e virtual que ele pode se tornar autônomo e propriamente incluído. Então perguntamos: o que devemos buscar em termos de inclusão digital? Para Lemos,

Busca-se (...) evitar o mero determinismo tecnológico que está em marcha nos trabalhos de urbanistas, arquitetos e políticos da comunicação. O modelo visa colocar em sinergia capitais, evitando pensar que a mera inclusão de uma rede técnica poderá criar processos de inteligência coletiva. Podemos mostrar, com o modelo, que, por exemplo, a mera implantação de computadores nas escolas (investindo no capital técnico) não irá resolver as mazelas da educação. Devemos assim ter uma visão complexa e colocar o capital técnico em sinergia com os capitais social, cultural e intelectual. (LEMOS, 2004).

Além disto é importante ressaltar que todo este processo deve ser administrado no sentido de suscitar o desenvolvimento humano em todos os níveis por meio da autossustentabilidade, autoconhecimento, capacidade de mobilização e ação articulada em prol de si mesmo, do grupo ou comunidade a que pertence e da sociedade de maneira geral. Sendo assim, seria instigante perguntar: quem pode ser considerado atualmente como um indivíduo efetivamente incluído digitalmente? Quem de nós engloba satisfatoriamente todos os elementos retrocitados? Quem de nós é capaz de utilizar o computador de forma responsável em termos intelectuais, culturais, políticos, econômicos, laborais, morais, e fazê-

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

lo de forma intensa, apropriando-se do máximo que pode esta ferramenta oferecer para si e para os demais?

Uma resposta após uma reflexão rigorosa e profunda, poderia ser desanimadora, pois a resposta é e sempre foi o ser humano. Todas as ferramentas tecnológicas existentes não podem fazer, de *per se*, o homem avançar em termos ontológicos. Pensemos no automóvel. Ser capaz de fabricar, comercializar, dirigir e manter um carro não faz do homem um ser mais consciente ou melhor. Na medida em que cria o carro o homem abre inúmeras possibilidades, oportunidades e ameaças. Com ele nascem novas dimensões de tempo social, regras de trânsito, imperativos pessoais, facilidades, crimes e dilemas morais. Sendo motorista, podemos usar nosso carro onde e quando quisermos se somos movido apenas por nossas vontades pessoais. Conhecer a lei que determina ser ilegal consumir bebidas alcoólicas antes de dirigir não nos impede de fazê-lo porque a norma neste exemplo está no nível meramente mental e não foi compreendida no pleno mais profundo ligado à dimensão da autonomia, muito além da anomia e heteronomia.

De forma semelhante, podemos possuir um computador e usá-lo para os mais variados fins: trabalho, diversão, educação, pornografia, criminalidade, criação de vírus etc. Democratizar de maneira irrestrita e não criteriosa é semelhante a colocar armas nas mãos de todos os cidadãos, sem se preocupar com o uso que dela farão. É necessário, então, criar meios mais eficazes de inclusão, respeitando critérios conceituais mais abrangentes e profundos. Não se pode assegurar que quem tem acesso ao computador vá fazer uso responsável desta máquina, assim como não se pode garantir que aquele que é alfabetizado faça bom uso desta habilidade, ou mesmo que aquele que tem direito ao voto político dê a este a atenção e a seriedade devidas.

É nossa preocupação, entretanto, que existam meios capazes de mitigar as mazelas do uso irresponsável ou criminoso da informática em desenvolvimento amplo, não só em organizações não governamentais mas, fundamentalmente, nas escolas regulares do País. Neste passo, a regulação social das organizações que se arrogam o direito de praticar a inclusão digital, a reformulação e a constante evolução dos conceitos, técnicas educativas e inclusivas, se verifica como tarefa fundamental e urgente, talvez até mais importante do que o incremento da democratização. Quando um veículo está desgovernado em alta velocidade, não se pode prever *onde e como* vai parar. É então que entram em cena as tentativas de reduzir a velocidade ou de assumir o controle. Nesta metáfora, não é possível reverter o processo que nos trouxe até o mundo digital e, muito menos, diminuir a velocidade com a

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

tarefa hercúlea de regulamentar, dirigir, criar análises que favoreçam o florescimento de uma *rosa digital* e de suas benesses, dentre as quais se destacam a democratização do conhecimento e a inteligência coletiva como projeto viável. Esta tarefa de incluir, democratizar responsabilmente, é tão grande como a própria sociedade e deve envolver governos, escolas, instituições, ONGs, universidades e pesquisadores etc. Ao cidadão comum, um bom passo seria repensar suas atitudes, criar o hábito da auto-observação, para fazer do computador uma ferramenta efetivamente produtora e da Internet um ambiente menos anárquico.

Um dos elementos mais fundamentais da expressão da cidadania digital é a liberdade, pois, sem esta virtude, inexiste qualquer forma de cidadania ou democracia que seja realmente integral. Se, entretanto, o homem depende da máquina, não pode se desvencilhar dela e alguns até adoecem e criam terríveis vícios e *adições* pelo mundo virtual, onde está a liberdade? Como falar de cidadania sem se referir a liberdade? Liberdade para não usar ou não depender do universo informático de maneira tão pungente e avassaladora. Liberdade para usar a plataforma que quisermos, livres das restrições do mercado.

Quando o homem desenvolveu a tecnologia da escrita, sua capacidade de armazenar informações, relatos e histórias orais não decaíram drasticamente? Quando a calculadora foi popularizada em meados do século XX, não decaiu a capacidade *social*<sup>101</sup> de se fazer cálculos “de cabeça”? Os telefones celulares não ajudaram a acomodar a mente do homem moderno a não memorizar nomes e números de telefone agora dispostos nas agendas eletrônicas? Que diremos do computador, então? Não seria capaz de embotar algum tipo de habilidade ou capacidade humana?

Dirão alguns: sobrarão mais *tempo livre* ou então mais *espaço na memória* humana para que este se ocupe de tarefas mais importantes. Nada mais falso. Segundo Barber,

A maioria dos novos *gadgets* tecnológicos, que deveriam nos ‘libertar’ do escritório, na verdade nos aprisionam em uma esfera de trabalho em constante expansão. À guisa de autonomia, o fax, os celulares e outros *modems* para computadores pessoais não nos entregam, de pés e mãos atados, aos tentáculos eletrônicos do trabalho em toda parte e em todo o tempo? (BARBER, 2004:52)

Além disto, o autor destaca a prevalência do mercado, da incitação a novas e variadas formas de consumo que a publicidade e a tecnologia proporcionam juntas. Assim, além de ocupar mais o tempo, assoberbando em excesso várias pessoas em postos de trabalho

---

<sup>101</sup> Não nos referimos às capacidades que alguns indivíduos têm de fazer cálculos, mas à habilidade social, ou

diferentes (pois com o avanço tecnológico informático, telemático, mecatrônico etc. poucos trabalham, produzindo muito, e muitos perdem acesso ao mundo laboral), estes *gadgets* contribuem mais para a criação de consumidores e trabalhadores sobrecarregados do que de verdadeiros cidadãos.

A questão, entretanto, não se resume a “demonizar” a tecnologia. Não usar o computador é simples (há até alguns saudosistas que resistem aos PCs modernos resgatando as suas pitorescas *Olivetti* para escrever). Usar o computador em excesso também não é complicado, já que proliferam os cursos de informática básica e as *lan-houses*, com variados preços e que podem fornecer o mínimo necessário para transitar no mundo digital/virtual. Além disso, na primeira década do século XXI, é preciso muita habilidade para não entrar em contato com a informática, o que ajuda as pessoas a sentirem uma certa familiaridade com ela. Percebemos isto na sala da EIC. Os jovens, mesmo com saberes incipientes, estão mais afeitos ao manuseio do computador do que os alunos com um pouco mais de idade, fato já comprovado pelo artigo de Prensky sobre a diferença entre nativos e imigrantes digitais. Para Prensky, há maior familiaridade daqueles que já nasceram em contato com todo o aparato tecnológico do final do século XX. Os alunos de hoje, mesmo os que não têm acesso formal às novas tecnologias, desenvolvem-se facilmente em ambiente digital. Além disso, nos Estados Unidos, estudantes de uma escola média tem de gastar menos do que cinco mil horas, mas despendem cerca de dez mil horas de vídeo *games* sem mencionar as vinte mil horas de televisão (2001b). O autor assevera que o cérebro dos estudantes mudou em decorrência desta incursão massiva da tecnologia digital, o que respalda a criação de padrões cognitivos radicalmente diferentes dos chamados imigrantes digitais (aqueles que aderiram às novas tecnologias sem ter nascido em um mundo já tomado por ela). Os jovens da atualidade desenvolvem, então, linhas de raciocínio fragmentadas e descontínuas, diferente da forma de pensar e da metodologia de seus professores (imigrantes), o que pode causar tensões em todo o processo pedagógico.

Muito longe de defendermos o fim da tecnologia informática (ou a restrição de acesso às massas) ou de sermos seu ingênuo entusiasta, destacamos que o difícil é *saber usar* a tecnologia; tirar proveito responsável de tudo o que há nos computadores, dando subsídios a mudanças e resoluções de problemas reais do mundo cotidiano, hodierno e futuro; aproveitá-la integralmente; usá-la sem ser por ela ser usados; sermos senhores destas máquinas e não seus escravos de luxo.

Como, no entanto, usar mais de 10% das possibilidades de um computador e de seus

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

10% de nosso próprio cérebro? Não são gigantescos os livros sobre *redes neurais* onde se buscam compreender e adaptar os padrões de raciocínio humano aos processamentos dos computadores? Difícil, pois, não é nem usar em excesso nem simplesmente não usar. Difícil e urgente seria usar o computador, assim como todas as outras tecnologias digitais, e ainda assim continuar sendo livre, consciente e autônomo. Mais do que um consumidor de programas pirateados e de peças feitas por operários asiáticos em condições de trabalho *toyoticamente* degradantes; mais do que reprodutores de uma cultura informacional individualista e a-politizada, lúdico-hedonista, fortuita, instrumentalizada e hipnótica, precisamos ser acima de tudo cidadãos. Sendo menos consumidores, quiçá sejamos um pouco mais cidadãos. Para tanto, não é indicado esperar pelo próximo, façamos nós mesmos agora mesmo. Nunca foi tão urgente a criação efetiva da cidadania digital e o florescimento desta tal Rosa digital.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos o processo de pesquisa para a formulação deste ensaio, contávamos com um arcabouço teórico sobre a temática que, com o aprofundamento das leituras, pesquisas de campo e entrevistas, se mostrou incipiente e limitado. É que a temática da inclusão digital é muito mais complexa, muito mais cheia de significados, tendências, perspectivas e ações possíveis do que supúnhamos e, além disso, percebemos que os conceitos sobre esta temática – inclusão/exclusão digital, democratização, cidadania digital – ainda não estão bem delimitados. Existe uma miríade de interpretações do que sejam estes conceitos, muitos dos quais ligados ao senso comum e fracamente desenvolvidos de forma mais consistente, exata e profunda.

Não que inexista produção acadêmica sobre estes temas, mas quando eles existem não raro contam com uma abordagem múltipla em termos de nomenclatura, o que dificulta sua análise. O que temos certeza, porém, é de que todos os elementos teóricos e elucubrações intelectuais sobre a temática da inclusão digital, assim como os projetos e propostas que estudamos, estão muito acima, em altas nuvens, bem além do que de fato acontece no solo das relações precárias dos ambientes cercados pela vulnerabilidade social. Obviamente, se a Internet e o computador fossem inequivocamente positivos em termos políticos e educacionais, os resultados de sua inclusão nas escolas e *lan-houses* seriam sempre expressivos e producentes, o que nem sempre se verifica.

Notamos intensa ruptura entre o programa estabelecido pela central da ONG em relação aos desdobramentos que ocorrem no percurso que vai da sede até os ouvidos dos educandos. Isto ocorre não somente pela capacidade de filtrar e ressignificar as informações dos jovens, mas também pelos inúmeros ruídos existentes entre os polos do processo. Não vemos tal fato como necessariamente um demérito para a instituição, porque é previsível e até natural que os conceitos e dinâmicas de sala sejam reconstituídos e reaplicados no cotidiano dos jovens, ao sabor de suas percepções da realidade e dentro de seus anseios.

Percebemos que o trabalho desenvolvido pela EIC ACF, dentro daquilo que prega o CDI, depende de muitos fatores para que venha a ter resultados positivos e ostensivos: entre estes, destacam-se a ação do educador e sua história pessoal, inclinações ideológicas, proximidade social com os educandos, ou algo equivalente que ajude a minimizar as barreiras existentes na eterna tensão professor estudante. Como acentuamos anteriormente, a superação dos inúmeros gargalos que entravam uma inclusão mais integral no trabalho da EIC

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

dependeria de uma *mútua adequação* de fatores dentre os quais se destacam a sensibilização dos educandos (seduzidos por interesses muito particulares) e a condução criativa, sinérgica e também personalista de alguns educadores. Da mesma forma que Ulisses tapou os ouvidos dos argonautas e mandou que o amarrassem para evitar o canto hipnótico das sereias, os jovens incautos devem dispor de mordças simbólicas feitas por eles próprios para enfrentar sem vacilar as inúmeras *sereias virtuais*. Neste sentido, o trabalho dos monitores é essencial.

Nosso trabalho aqui não consistiu em avaliar propriamente o trabalho dos educadores ou das EICs, mas principalmente em investigar a maneira pela qual os conceitos políticos contidos em sua metodologia seriam incorporados ou ressignificados pelos jovens educandos em situação de vulnerabilidade e pelos próprios educadores sociais. Desse modo, não buscamos “bater o martelo” sobre a condição pedagógica e institucional da ONG. Não justificamos nem rechaçamos o seu trabalho, mas buscamos compreender esta elaboração coletiva de conceitos.

Restou claro foi que o computador e as aulas da EIC são assimilados como um elemento de ascensão em termos de *status* pelos jovens do curso. A busca imediata não está naquilo que chamamos de cidadania (nem no conceito da Ciência Política em termos rigorosos, nem na concepção que desta faz o próprio CDI). Embora que entre as conversas de alguns jovens tenhamos ouvido falar de jogos, músicas “baixadas da Internet”, Orkut, *e-mails* etc., e que para alguns deles o diferencial do CDI é o preço, não a metodologia, percebemos uma modificação da conduta do educando que traduz a razão de ser desta ONG. Referimo-nos ao aproveitamento da informática não somente para elevar a posição de *status* perante os seus, imediatamente, e diante dos possíveis empregadores para quem buscam apresentar um suposto acréscimo de capital cultural, secundária e instrumentalmente.

Referimo-nos às mudanças de atitude que se verificaram na escola, na família, nas ruas da comunidade, com o desenvolvimento de grupos de discussão, fóruns de cidadania, elaboração de folhetos preventivos, desenvolvimento de pesquisas históricas e socioeconômicas sobre as próprias comunidades em que vivem, produção de cordéis com temas sociais etc. Isto significa que o método do CDI tem, a despeito de inúmeras adversidades, logrado êxito em proporcionar oportunidades de mudanças no comportamento de jovens, usando o computador como ferramenta de apoio na incorporação de *novos conceitos e atitudes* em relação ao desafio do cotidiano e no *fortalecimento de laços culturais e vivências cidadãs*.

Os principais pontos positivos encontrados foram a dedicação dos agentes da

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

com o rigor necessário para evitar os desvios de orientação. Sua preocupação nos pareceu não de crescer a qualquer custo, mas com critério. Faltam ainda um maior cuidado na adequação da apostila à realidade cultural dos alunos, assim como maior preocupação com o desinteresse destes em relação a adquirir o do material de sala.

Sobre os monitores também se ressalta a dedicação de alguns, assumindo o papel que lhes é cobrado na qualidade de educadores sociais, o que se potencializa muitíssimo se os jovens já têm uma tendência pro ativa e se o histórico de qualificação dos monitores é favorável.

Outros pontos positivos são a empatia e a interação de certos monitores com seu público-alvo (expressos pelo uso de uma linguagem específica para os jovens), sua capacidade de lidar com a heterogeneidade das turmas, a constante qualificação exigida por meio de cursos fornecidos pelo próprio CDI, a criatividade para usar ao máximo as potencialidades que o método empregado no CDI fornece.

Há, entretanto, vários registros negativos, como a volátil relação entre as EICs e seus monitores (que podem, muitas vezes, optar por trabalhos mais vantajosos fora da ONG), e a dificuldade de alguns monitores em incorporarem o método do CDI com real profundidade. Isto se verifica principalmente naqueles que têm dificuldade em compreender e se aprofundar em conceitos-chave como os cidadania e democracia. Seria necessário neste campo maior atenção e esforço para melhorar a utilização dos conceitos sociológicos e políticos com maior exatidão e critério.

Com relação aos educandos, parte de seus maiores êxitos já foram relatados aqui, como a modificação de alguns com relação à atitude de atuação política em termos bem abrangentes, aumento nas participações em atividades não somente em favor de si próprios mas da comunidade em que vivem, assim como uma certa autonomia em frente aos aparelhos ordinários do poder estatal; ou seja, existem várias sementes promissoras com relação à mudança de atitude, de espectador a cidadão ativo, que não engrossa a fila dos que de tudo reclamam e nada fazem, imputando toda culpa aos Governos federal, distrital, estaduais e municipais.

É notória ainda a facilidade com que estes alunos conseguem desenvolver as habilidades de manuseio em informática, o que se expressa tão mais rapidamente quanto menor é a idade do aluno.

Dos aspectos que mais entravam o desenvolvimento das EICs com relação aos alunos, os principais por nós percebidos foram: a heterogeneidade das turmas (a qual diminui o ritmo

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

da escola, o acesso restrito à apostila e a falta do hábito de copiar as matérias (muitos só copiavam quando o educador mandava), assim como a fragilidade e vaguidão com a qual se apropriam intelectualmente dos conceitos sociopolíticos aplicados nas aulas. Isto, em parte, pode estar associado a uma falha anterior na qualificação dos monitores, mas não é um elemento decisivo, já que de forma efetiva é possível, como comprovado, a assimilação e incorporação da ideia política e pô-la em prática, mesmo sem um conhecimento profundo sobre os cânones da Ciência Política ou Sociologia.

O prazer em aprender está ligado ao compromisso de devolver para o seu local de origem o que se aprendeu em sala, numa tentativa de reproduzir uma moral comunal em que os bens, sejam estes materiais ou simbólicos, devam ser compartilhados. Na prática, porém, até onde pudemos observar, a transição não se expressa de forma linear. Muitas vezes sentimos nos depoimentos colhidos junto aos alunos que eles falavam aquilo que achavam que esperávamos ouvir, como se houvesse o “certo” ou “errado” em suas respostas às questões das entrevistas. Nesse *ethos* do subordinado, usado como meio de sobrevivência ante o inóspito ambiente social em que vivem, busca-se aceitação constante do que se fala, assim como atesta, sutilmente, a grande repetição nas entrevistas e conversas informais da expressão corriqueira “não é” apocopada em “né” e seguida de uma interrogação. Muitas vezes tivemos de abandonar os discursos e nos concentrar nas expressões corporais e nas atitudes dos entrevistados quando em condição de aula, onde expressavam quase que livremente sua preocupação com o que para eles a informática mais podia oferecer.

Assim, acentuamos que agora já temos máquinas suficientemente avançadas capazes de deixar rubra a face da “terceira onda” de Toffler; já temos infraestrutura de telecomunicações capazes de dar suporte a verdadeiras revoluções sociais (ou do capital) sem o custo de sangue ou de vidas; já contamos com certa boa vontade de políticos e de entidades da sociedade civil (alguns dos quais, entretanto, com interesses claramente mercadológicos) para enfrentar a mazela da exclusão digital das minorias sociais; já contamos ainda com o barateamento progressivo de certos elementos do mundo digital, como telefones celulares, computadores, *pendrives*, CDs graváveis etc.; já temos avanços políticos nas áreas democráticas e participativas refletidas em inúmeras políticas públicas (e não só estatais) inclusivas e ações afirmativas; já temos *softwares* de excelente qualidade no apoio a diversas áreas educativas e inclusivas.

Enfim, já contamos com a infraestrutura mínima em termos de máquinas e políticas. Agora nos faltam *pessoas* - Pessoas realmente dispostas a aprender e a ensinar; líderes,

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

técnica, conceitual e humana necessária para romper os gargalos que ainda entravam a entrada do Brasil em uma nova era de desenvolvimento sustentável do ponto de vista ambiental, econômico e social.

Não é somente com pessoas e grandes doses de voluntarismo, entretanto, que se poderá solver cabalmente o problema da exclusão digital e social. Claro está que há questões objetivas que transcendem as disposições pessoais. Além disso, mesmo que variadas opções existam no terceiro setor é preciso afirmar que ainda prescindimos de políticas públicas mais consolidadas na área de inclusão digital. Para isso é mister desenvolver melhor os conceitos básicos de inclusão, exclusão, democratização e democracia por meio do computador, cidadania e cidadania digital, assim como aprimorar a infraestrutura informática do País e as formas pedagógicas do *approach* a pessoas com vulnerabilidades sociais e digitais. De toda forma, contudo, já há coletores perdendo o medo de retirar desta rosa digital o que ela tem de melhor a oferecer. A palavra chave é *oportunidade*.

**pdfMachine**

**Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!**

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

## Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena W. **Cenas juvenis. Punks e Darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

ABRAMOVAY, M. e PINHEIRO, Leonardo Castro. “**Violência e Vulnerabilidade Social**”. In: FRAERMAN, Alicia (Ed.). *Inclusión Social y Desarrollo: Presente y futuro de La Comunidad IberoAmericana*. Madri: Comunica. 2003.

\_\_\_\_\_. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. UNESCO. BID Brasília: 2002

\_\_\_\_\_. e RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília. UNESCO, 2002

\_\_\_\_\_. e CASTRO, Mary Garcia. **Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências**. In: *Cadernos de Pesquisa*, n°16, p.143-176, julho/2002.

AFONSO, Carlos A. **Internet no Brasil: Acesso para Todos é Possível?**. Disponível em: <[http://federativo.bndes.gov.br/destaques/egov/egov\\_inclusao.htm](http://federativo.bndes.gov.br/destaques/egov/egov_inclusao.htm)>. 2000. Acesso em Agosto de 2006.

ALVES, Humberto Prates da Fonseca. **Vulnerabilidade socioambiental na metrópole paulistana: uma análise sociodemográfica das situações de sobreposição espacial de problemas e riscos sociais e ambientais**. *Rev. bras. estud. popul.*, Jan./June 2006, vol.23, no.1, p.43-59.

ANDRADE, Pedro de. **Navegações no cibertempo: viagens virtuais e virtualidades da ciberviagem**, Atalaia, (3). 1997

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

BAGGIO, Rodrigo. A sociedade da Informação e a infoexclusão. *Ciência da informação*, Brasília, v.29, n.2, p16-21, maio/ago. 2000.

BARBER, Benjamin R.. «¿**Hasta qué punto son democráticas las nuevas tecnologías de telecomunicación?**». In: “Segundo Congreso sobre Internet, derecho y política: análisis y prospectiva”. IDP. *Revista de Internet, Derecho y Política*. N.º 3. UOC.2006

\_\_\_\_\_. **Cultura McWorld**. *Manière de Voir/ Le Monde Diplomatique*, n°52, julho-agosto de 2000, pp.28-31. in MORAES, Denis. *Por uma nova comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder*. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

BAUDELLOT, Christian; ESTABLET, Roger. **L'école capitaliste en France**. Paris: Maspero, 1971.

BECK, Ulrich, **Risk Society: Toward a New Modernity**, London, Sage. 1992

BENEVIDES, M.V.de M. **A cidadania ativa: referendo, plebiscito e iniciativa popular**. São Paulo: Ática, 1991.

BOBBIO, Norberto. **Futuro da Democracia**. Uma defesa das regras do jogo, São Paulo, Paz e Terra, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Oeiras: Ed. Celta, 1998.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

~~Pierre Bourdieu: Sociologia~~, ORTIZ, Renato (ORG.) São Paulo: Ática, 1982

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento. De Gutemberg a Diderot.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

BRASIL/MEC/CNE. Lei 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BRUYNE, P. et al. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais.** 5ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1991.

CAILLÉ, Alain. “Nem holismo nem individualismo metodológico: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 13, nº 38, Outubro 1998, pp. 05-37

CARDOSO, Ruth. **A aventura antropológica – Teoria e pesquisa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil: O Longo Caminho.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CARNOY, M. **Globalização e reforma educacional.: o que os planejadores precisam saber?** Brasília: UNESCO, 1999.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras –** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

\_\_\_\_\_. *“La relación ente internet y la construcción de una nueva sociedad, la sociedad red.” Conferencia ministrada durante el acto de presentación del doctorado interdisciplinar sobre Sociedad de la información y Conocimiento de la Universidad Oberta de Catalunya – UOC, Barcelona: UOC, 2000 (online) [www.uoc.es/web/esp/articles/castels](http://www.uoc.es/web/esp/articles/castels). <acesso em agosto de 2006>*

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede.** A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

\_\_\_\_\_. **A questão urbana.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a.

\_\_\_\_\_. **Estado, cultura y sociedad: las nuevas tendencias históricas.** Madrid: Ministerio de Cultura, 1983b.

CDI. **Cidadania Digital – como o CDI utiliza a informática e a educação para promover a inclusão e transformar vidas.** Rio de Janeiro: Ediouro publicações, 2005a.

\_\_\_\_\_. Proposta Política Pedagógica do CDI - reconstruindo nossas práticas: 2005b.

\_\_\_\_\_. **Comitê para a democratização da informática.** Disponível em: <<http://www.cdi.org.br>> Acesso em Agosto de 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração de empresas.** Uma abordagem contingencial. 3ed. São Paulo: Makron Boocks, 1994.

CLASSEN C, HOWES D, SYNNOTT A. **Aroma: a história cultural dos odores.** Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar; 1996.

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil**. Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil – TIC DOMICÍLIOS e TIC EMPRESAS. 2005

CORDEIRO, Celeste. “**Democratas Compulsivos**”. Jornal O Povo, 13.03.1996.

COSTA, Leonardo Figueiredo. **Inclusão Digital: conceitos, modelo e semânticas**. Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação UnB, 2006.

DE MASI, Domenico. **O ócio Criativo**. Ed. Sextante. Rio de Janeiro. 2000.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Maria C. S. Minayo (org.) 20 ed Petrópolis, RJ: Vozes,1994.

DICK, Philip K. **Do Androids Dream of Electric Sheep?** New York: Ballantine, 1968.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: Gangues, galeras e movimento hip hop**.

DOWBOR, Ladislau. **A reprodução social**. Vol. I – Tecnologia, globalização e governabilidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DUPAS, Gilberto. **Ética e poder na Sociedade da Informação**. 2 ed. São Paulo: UNESP, 2001.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. 2ª.ed. São Paulo: Global, 1988.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Os Nuer**: uma descrição do modo de substância e das instituições políticas de um Povo Nilota. São Paulo: Perspectiva, 1978

FEENBEG, **Critical Theory of Technology** .New York: Oxford University Press, 1991.

FERNANDES, Florestan. **Organização social dos Tupinambá**. 2ed. Difusão européia do livro. 1963.

FREIRE, Paulo. **Concientizacion**. Buenos Aires, Ediciones Busqueda, 1974.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 29ª.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,2006.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17ª.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GEE, James Paul. **What Video Games Have to Teach Us About Learning and Literacy**. New York: Palgrave MacMillan. 2003

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GELLNER. Ernest. **Reason and culture**. Oxford: Blackwell, 1992.

\_\_\_\_\_. **Naciones y nacionalismo**. Versión española de Javier Setó. Alianza Editorial/ Madrid Buenos Aires:1991.

\_\_\_\_\_. **Nacionalismo e Democracia**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981. (Cadernos UNB)

\_\_\_\_\_. **Thought and Change**. London, Weidenfeld and Nicolson, 1964.

GIDDENS, Anthony. **Em defesa da sociologia**. Ensaios, interpretações e réplicas. São Paulo: Editora UNESP,2001.

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

\_\_\_\_\_. **Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

\_\_\_\_\_. (b) **As Conseqüências da Modernidade,** Oeiras, Celta Editora, 2000.

GRUZINSKI, Serge. **A guerra das imagens. De Colombo a Blade Runner (1492-2019)** .São Paulo: Companhia das letras, 2006.

GODBOUT, Jacques T. **O espírito da dádiva.** Colaboração Alain Caillé, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

\_\_\_\_\_. “Introdução à dádiva”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 13, nº 38, Outubro 1998, pp. 39-51.

GODELIER, Maurice. **O enigma do dom.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOHN, Maria da Gloria. **História dos movimentos e lutas sociais.** A construção da cidadania dos brasileiros. SP. Edições Loyola, 2001.

GONDIM, Linda Maria de Pontes (Org.). **Pesquisa em Ciências Sociais: o projeto da dissertação de mestrado.** Linda Maria de Pontes Gondim (Organizadora) Fortaleza: EUFC, 1999.

GUBA E, LINCOLN, Y. **Competing paradigms in qualitative research.** In: Denzin NK, Lincoln YS (eds.). *Handbook of Qualitative Research.* Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1994. 105-117.

GUERREIRO, Evandro Prestes. **Cidade Digital: infoinclusão social e tecnologia em rede –** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade.** Lisboa: Publicações Don Quixote, 1990.

\_\_\_\_\_. **Técnica e ciência como “ideologia”.** Lisboa: Edições 70, 1994.

\_\_\_\_\_. **“A nova intransparência – A crise do Estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas”** in *Novos Estudos.* CEBRAP, nº 18, 1987.

\_\_\_\_\_. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1980.

HAGUETTE, Teresa Maria Forta. **O mito das estratégias de sobrevivência.** Um estudo sobre o trabalhador urbano e sua família. Fortaleza, Edições UFC, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna,** São Paulo. Ed. Loyola, 1992.

HERZ, J.C. Joystick. **Nation: How Computer Games Ate Our Quarters, Won Our Hearts and Rewired Our Minds.** Little, Brown, 1997.

HEWITT, Hugh. **Blog – Entenda a revolução que vai mudar a seu mundo.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos - o breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das letras, 1995.

IMBERT, Francis. **A questão ética no campo educativo.** Petrópolis: Vozes, 2001.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface – como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

KLINKSBERG, Bernardo. **Falácias e mitos do desenvolvimento social**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.1997.

LAPLANTINE, François. **A descrição etnográfica**. São Paulo:Terceira Margem, 2004.

\_\_\_\_\_. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LESBAUPIN, Ivo. **Poder local x exclusão social**. A experiência das prefeituras democráticas no Brasil – Petrópolis: Vozes.2000.

LEVI, G.; SCHMITT, J. (orgs.) Introdução. **História dos jovens**. São Paulo: Companhia das letras, 1996, vol.1.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_.**A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_.**A reencarnação do saber: o ciberespaço não é um mundo frio, mas o lugar de uma fervilhante população**. Folha de São Paulo, 22 fev 1998b. Caderno 5, p.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. 2ª. edição (6ª. reimpressão - 2007) São Paulo: Editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_. **Conexão Planetária. O mercado, o ciberespaço e a consciência**. São Paulo: editora 34, 2003.

LEMOS, André.; COSTA, Leonardo. **Um modelo de inclusão digital: o caso da cidade de Salvador**. In: Eptic Online. Vol. VII, n. VI, Sep. a Dic. 2005.

\_\_\_\_\_. **Cibercidade**. Um modelo de inteligência coletiva. In: LEMOS, André (org).Cibercidade: as cidades na cibercultura . Rio de Janeiro: Editora E-Papers Serviços Editoriais,2004.

MANCE, Euclides André. **A revolução das redes: a colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual**. Petrópolis, RJ:Vozes,1999.

MAPA da exclusão digital / Coordenação Marcelo Côrtes Neri. - Rio de Janeiro: FGV / IBRE, CPS, 2003. [143] p.

MARCUSE, H. **A ideologia na sociedade industrial: O homem unidimensional** – Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982. [238]p.

MARICONDA, P., LACEY, H. (2001): “**A águia e os estorninhos. Galileo e a autonomia da ciência**”. Tempo Social, v. 13, n°1, pp. 49-65.

MARTINEZ, Vinício Carrilho. **O cidadão de silício**. – Marília: Unesp: Faculdade de Filosofia e Ciências, 1997.

MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo. Global: 1983.

\_\_\_\_\_. **O Capital**. Trad. por. Reginaldo Sant´ana. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1968.

MATZA, David. **As tradições ocultas da juventude**. In Sociologia da juventude III. Org. Sulamita de Brito. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MAUSS, Marcel. “**Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades**

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

\_\_\_\_\_. **“Dom, Contrato, Troca”**. In: Ensaio de Sociologia. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2ª edição, 1999.

MEAD, Margaret. **Adolescência y cultura en Samoa**. Buenos Aires: Paidós, 1967.

MÉTRAUX, Alfred. **The revolution of the AX**. In Diogenes, n25.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. **Secretaria de Gestão. Gestão Pública para um Brasil de Todos: um plano de gestão para o governo Lula**. Brasília: MP, SEGES, 2003.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, Renato Ângelo de Almeida. **A.A.: o desafio da serenidade no coração de um mundo conturbado** – Um estudo sobre o problema do alcoolismo e o trabalho de Alcoólicos Anônimos. Monografia de Bacharelado, Universidade Estadual do Ceará - UECE, Curso de Ciências Sociais, 1999.

MOSER, C. **The asset vulnerability framework: reassessing urban poverty reduction strategies**. World Development, New York, v.26, n.1, 1998.

NEVES, Ricardo. **O novo mundo digital – Você está nele: oportunidades e mudanças que estamos vivendo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Ética e racionalidade moderna**. São Paulo: Loyola, 1993 (coleção filosófica: 28)

OSBORNE, David. **Reinventando o governo; como o espírito empreendedor está transformando o setor público**. 2ª ed. Brasília, MH Comunicação, 1994.

PELLANDA, Nize Maria Campos. **O sentido profundo da solidariedade**. In Inclusão Digital: tecendo redes afetivas/cognitivas. Pellanda, Nize M. C. (*et alli*) Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PERALVA, A. **O jovem como modelo cultural**. In PERALVA, Angelina; SPOSITO, Marília Ponts (orgs.) Juventude e Contemporaneidade. Revista brasileira de educação (5-6 especial). Associação Nacional de Pós-Graduação de Pesquisa em Educação (ANPED). 1997.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre. Artes Médicas Sul. 2000.

\_\_\_\_\_. **Escola e cidadania: o papel da escola na formação para a democracia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PRENSKY, Mark. **Digital Game-Based Learning**. The McGraw-Hill Companies, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Digital Natives, Digital Immigrants in the Horizon** MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October, 2001b.

RHEINHOLD, Howard. **La comunidad virtual**. Una sociedad sin fronteras. Barcelona: Gedisa editora, 1996.

RITS, **“Internet access and effective use by third sector organizations in Brazil”** in <http://www.rits.org.br>, acesso em Outubro de 2004.

RODRIGUES, José Carlos. **Antropologia e comunicação: princípios radicais** – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

ROSSI, P. **O nascimento da ciência moderna na Europa**. São Paulo: EDUSC, 2001.

pdfMachine

Is a pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, if you can print from a windows application you can use pdfMachine.

Get yours now!

- SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento incluyente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade** 4 ed. – São Paulo: Cortez, 1997.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal**. 13ª.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SCHAFF, Adam. **A sociedade informática: as conseqüências sociais da Segunda revolução industrial**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade Paulista: Brasiliense,1995.
- SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos sociais: Um ensaio de interpretação sociológica**. Florianópolis: ed. da UFSC,1989 – 3ª edição
- SCHLÜZEN, Elisa Tomoe Moriya. **A tecnologia para inclusão de Pessoas com Necessidades Especiais (PNE) in Inclusão Digital: tecendo redes afetivas/cognitivas**. Pellanda, Nize M. C. (*et alli*) Rio de Janeiro: DP&A,2005.
- SIMMEL, Georg. George. **Sociologia**, Evaristo Filho. (org.) São Paulo: Ática, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Sociologia** 1. Estúdios sobre lãs formas de socialización. Bilbioteca de la revista del Occidente. Madrid: General mola, 1977.
- \_\_\_\_\_. “**A metrópole e a vida mental**” in VELHO, Otávio G. (org) “O fenômeno urbano” Zahar ed. Rio,1973.
- \_\_\_\_\_. In WOLFF. Kurt H. **The sociology of Georg Simmel**. 4ª printing. The free press: New York, 1969.
- SOCIEDADE da informação no Brasil: **livro verde** / (org) Tadao Takahashi. – Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.
- SORJ, Bernardo. GUEDES, Luís Eduardo. **Exclusão digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas**. Novos estudos. - CEBRAP, July 2005, no.72, p.101-117.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa ação**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 7 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- VIGNOLI, J.R. **Vulnerabilidad y grupos vulnerables: un marco de referencia conceptual mirando a los jóvenes**. Serie Población y Desarrollo nº 17. Santiago de Chile: CEPAL, (2001)
- VIRILIO, P. **A bomba informática**. São Paulo, Estação Liberdade, 1999.
- ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso**. São Paulo: Ed. Escuta; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.